OUTROS ROMANCES HISTÓRICOS DE ASSIS BRASIL PUBLICADOS PELA RIO FUNDO

Desde a escolha do subtítulo, **Sangue e Amor nos Trópicos (Nassau)**, Assis Brasil procura imprimir ao seu romance a atmosfera dos velhos folhetins. Num país acostumado a relegar ao esquecimento fatos históricos ocorridos há menos de cinqüenta anos, o novo livro de A. B. deve ser saudado – ao lado de **Boca do Inferno**, de Ana Miranda – como uma luz no fim do túnel.
Renato Aizeman (RJ)

Nassau, Sangue e Amor nos Trópicos adentrou-me o espírito, iluminou-me a alma. Urdiu os fios da História na trama romanesca, Assis Brasil construiu um romance de indiscutível valor. Em suma, é uma obra escrita por um verdadeiro romancista.
Nereu Correa (SC)

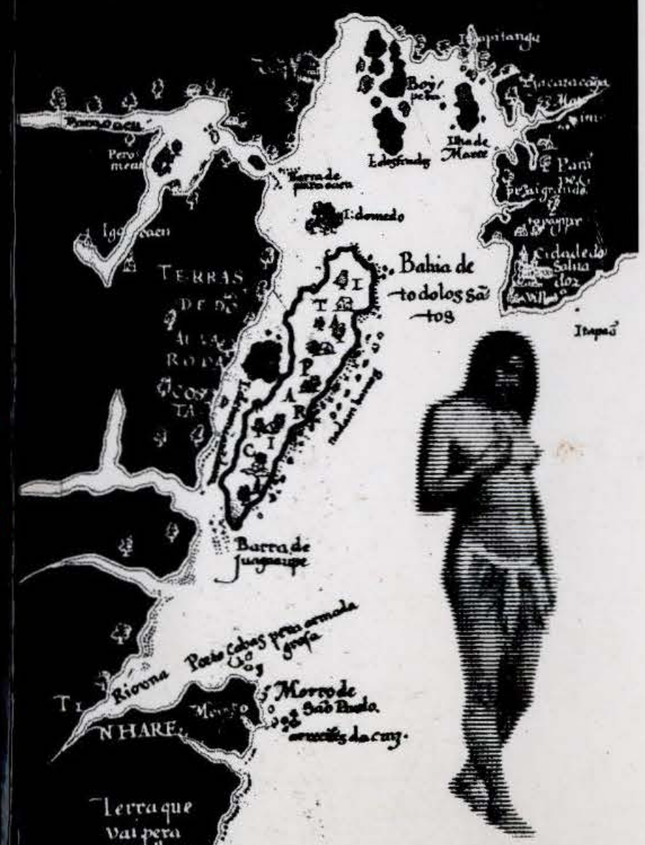
Estupendo o **Villegagnon, Paixão e Guerra na Guanabara**. Uma obra-prima de bem fazer bem-feito: claro, belo, muito bem escrito.
Herberto Sales (RJ)

Há um nostálgico toque de romantismo neste livro de Assis Brasil, **Villegagnon, Paixão e Guerra na Guanabara**, que reconstrói um Rio de Janeiro do século XVI com sua privilegiada visão de ficcionista, como cenário ideal para que todo um processo de incestos, infidelidades e lances de heroísmo possam ocorrer.
Ubiratan Teixeira (MA)

Villegagnon, Paixão e Guerra na Guanabara é um romance de leitura fascinante, que prende o leitor da primeira à última página, a par de seu sentido didático de interesse, sem dúvida, para estudantes e professores.
J. Carlos (AL)

ISBN 85-85297-77-8

Assis Brasil
Paraguaçu & Caramuru
Paixão e Morte da Nação Tupinambá



RIO FUNDO EDITORA
NASCENTE DE UM LIVRO MELHOR
9 788585 297770

RIO FUNDO EDITORA

O escritor piauiense Assis Brasil, no seu quinto romance histórico, reescreve mais uma dramática e patética página da História do Brasil. Através da aventura de Diogo Álvares, o Caramuru, e de sua bela mulher, a princesa das selvas, Paraguaçu - o pano de fundo do amor primitivo e galante -, o romancista faz todo um levantamento, histórico e romanesco do nascimento da nação brasileira.

A chegada de Caramuru à Bahia, a sua luta para conquistar Paraguaçu, a reconstituição do descobrimento do Brasil, os donatários, os governadores, os piratas, duelos, o verdadeiro sentido da antropofagia, fazem deste Paraguaçu e Caramuru - Paixão e Morte da Nação Tupinambá um dos mais bem elaborados e empolgantes romances de Assis Brasil.

Privilegiando a imaginação em detrimento do pragmatismo histórico, temos a saga por inteiro da vida aventureira de Diogo Álvares, desde mesmo uma Europa da sanguinária Inquisição, quando ele, idealista, procura por aquele lugar utópico citado nas crônicas de navegadores e historiadores do começo do século XVI.

Numa paráfrase criativa, e bem romance pós-moderno, entre a vida de Ulisses, da Odisséia de Homero, a vida do jovem Diogo, o autor mostra as estranhas coincidências do destino humano: o naufrágio, a "ilha encantada", a princesa, o país da utopia, a nostalgia do lar distante, mas é no lugar até então paradisíaco que Caramuru encontra a sua Penélope e vivem um grande amor e testemunham o controvertido nascimento de uma nação.

Assis Brasil mostra o dilema maior de Diogo, à proporção que a "ilha" vai sendo invadida por aventureiros, criminosos, piratas, e os que se diziam "donos" do lugar.

Paraguaçu e Caramuru

Paixão e Morte da Nação Tupinambá

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

RIO FUNDO EDITORA

Fundada em
15 de agosto de 1989

Editor: José Celso de Macedo
Soares Guimarães

ASSIS BRASIL

Romance

Paraguaçu
e
Caramuru

Paixão e Morte
da Nação Tupinambá

Renato Nicolai

A saga de Caramuru. O amor imortal de Paraguaçu. Uma história de amor. O sanguinário Tomé de Sousa.Origens obscuras da Bahia. Antecedentes da tragédia. A morte da utopia

RIO FUNDO EDITORA
1995

© *Copyright 1995 by* Assis Brasil

Capa: André Provedel

Revisão: Renato de Carvalho e Alberto Fernando de Araújo

Editoração Eletrônica: BAW — Editoração Eletrônica

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
1995

CIP — BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

B841p

Brasil, Assis, 1932-
Paraguaçu e Caramuru: paixão e morte da Nação Tupinambá: romance/Assis Brasil. — Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora., 1995
308p. — (Romance histórico)

ISBN 85-85297-77-8

1. Romance brasileiro. I. Título. II. Série.

95-1386. CDD 869.93

CDU 869.0(81)-3

Direitos desta edição reservados à

Rio Fundo Editora Ltda.

Av. Nilo Peçanha, 50 — Grupo 2018
CEP 20020-100- Centro
Tel./Fax. (021) 220-3193 — 284-6891
Rio de Janeiro-RJ

Como toda epopéia, *o Caramuru* situa-se no plano da super-história, que é o da verdade mítica, mais necessária para a existência e sobrevivência das nacionalidades que a simples verdade factual.

Wilson Martins

Como, então, construir os mitos nacionais em um país que desde sua ocupação pelos portugueses camufla sua história, parecendo nunca gerir seu próprio destino?

Idemburgo P. Frazão Félix

Despertar a história significa adquirir consciência de nossa singularidade.

Octávio Paz

SUMÁRIO

História, ficção e verdade 9

Preâmbulo 11

1 — A princesa da selva 13
2 — Os capitães dos mares 21
3 — O apóstolo guerreiro 25
4 — A carta do rei 27
5 — Ritual macabro 33

Primeira Parte: Antecedentes da tragédia 45

1 — Os piratas 47
2 — O príncipe navegador 49
3 — Abismos infernais 51
4 — O vil comércio 53
5 — Casa dos escravos 55
6 — Nasce um bravo 57
7 — A grande conquista 60
8 — Guerra não declarada 62
9 — A ponte comercial 66
10 — Gente a salvar 68
11 — Os cantores tostados 83
12 — O ovo de Colombo 92
13 — Os três amigos 98
14 — Os profissionais 103
15 — Fome e calmaria 112
16 — A multiplicação dos peixes 121
17 — O naufrágio 127

Segunda Parte: O dragão do mar **137**

1 — Caramuru-açu 139
2 — As promessas 151
3 — Encontro com Taparica 160
4 — Volta à *Bristol* 169
5 — Operação salvamento 173
6 — O tiro do espanto 178
7 — Volta à aldeia 186
8 — A caça mortal 195

Terceira Parte: Casamento tupinambá **205**

1 — O duelo 207
2 — O tronco 215
3 — As tataíras 224
4 — O enigma 233
5 — A cerimônia 238

Quarta Parte: O almirante bastardo **247**

1 — Os usurpadores 249
2 — A morte de Moema 255
3 — A morte de Staden 261
4 — A deglutição do donatário 270
5 — A armada do Brasil 279
6 — A deglutição do bispo 286
7 — A morte de Caramuru 292
8 — A morte da utopia 297

Outros romances históricos de Assis Brasil **303**

HISTÓRIA, FICÇÃO E VERDADE

> Enquanto obras de imaginação, não diferem os trabalhos do historiador e do novelista. Diferem enquanto a imaginação do historiador pretende ser verdadeira.
>
> *Collingwood*

> Será que não vê que a arte maior, seja do poeta ou do pintor, sempre à procura do *verdadeiro* abomina o real, que deve olhar a natureza como senhor e nunca como escravo?
>
> *Edward Bulwer Lytton*

Meus romances históricos têm sido publicados sempre com uma introdução sobre a Arte e a Verdade, sobre a História e a Ficção ou sobre os modelos e níveis da Realidade. No livro *Nassau, sangue e amor nos trópicos* destacamos o pensamento de Nelson Goodmann (*Ways of worldmaking*), que se referindo às "versões" do mundo criadas por cientistas e escritores, dá o mesmo valor às suas duas categorias, salientando que a "versão" de Newton ou de Einstein não é superior à de Homero, Shakespeare, James Joyce ou Camões.

No meu segundo romance histórico, *Villegagnon, paixão e guerra na Guanabara*, nos referimos aos contrapassos e infidelidades da História, partindo do fato de que dois historiadores da época do vice-almirante e que conviveram com ele, deixaram livros com versões diferentes dos acontecimentos da então França Antártica, André Thevet e Jean de Léry. O primeiro defende, o outro acusa, e o suposto lado "científico", a que sempre quer se atrelar a História, desaparece por causa da paixão pessoal. Citamos ainda o Hermann Hesse de *O jogo das contas de vidro*, que chegou a esta conclusão: "A realidade nunca atinge a perfeição porque há, encobrindo-a, sempre uma realidade transitória".

No terceiro romance, *Tiradentes, poder oculto o livrou da forca*, privilegiamos o pensamento de Heidegger, para quem "a obra de arte é o lugar de operação da verdade", e elegemos Stringberg como epígrafe do livro: "Sobre a frágil base da realidade, a imaginação tece novas formas." E no quarto romance, *Jovita, missão trágica no Paraguai*, mostramos, através do prólogo, que a própria pesquisa histórica tem por vezes lances tão inverossímeis, que chegamos a confundir a História ou a própria realidade empírica com a ficção mais delirante.

Então o quê? As tentativas de filósofos e críticos da cultura de deslindar as diferenças epistemológicas entre narrativa histórica e narrativa ficcional e demarcar as fronteiras entre História e Ficção, vêm de muito longe. A dificuldade ou o escolho é que a História quer se apresentar como científica, lógica, pragmática, impondo uma suposta oposição às narrativas inventadas ou subjetivas. Alguns chegaram a falar em História-arte e História-ciência, ou seja, haveria um historiador escritor e um historiador pesquisador. Mas ambos têm as atividades humanas como alvo e por isso mesmo as suas linguagens se aproximam e por vezes se confundem. Enquanto modelos da realidade, não se distingue a História da Ficção.

São muitos os filósofos e críticos da cultura que entraram na área, como Platão, Kant, Barthes, Descartes, Hegel, Fuerbach, Bachelard, Whitehead. "O conhecimento é sempre a reforma de uma ilusão", disse Bachelard, mas o que nos interessa aqui é o pensamento de Descartes, que reconhece que todo o conhecimento humano acaba se dissolvendo em ficção. Mesmo na maior claridade, somos induzidos ao engano, pois a vigília pode ser, simplesmente, outra forma de sonho. "E se a certeza subjetiva, sustentada pela evidência, não corresponder à verdade?"

Descartes leva a dúvida às últimas conseqüências. Penso, logo existo enquanto penso meus enganos... Haveria diferenças ou fronteiras entre a Ciência e a Ficção se "o falso sob a aparência de verdadeiro" nos assoberba a todo instante? O que faz a História? Arma um simulacro de narrativa romanceada: um "quase-enredo", um "quase-personagem" e um "quase-acontecimento". Então a Ficção é mais verossímil, pois faz do enredo, do personagem e do acontecimento a fatura da criação. E a História e a Ficção acabam se aproximando como formas de linguagem.

A. B.

PREÂMBULO

Não bastava descobrir a América, era preciso também aprender a viver aqui.

Antoine Maillet

Colombo precisou partir com alguns loucos para descobrir a América.

André Breton

Quem somos nós? Não somos europeus, nem índios. Somos uma espécie intermediária.

Bolívar

Poderíamos ser melhores.

1

A PRINCESA DA SELVA

Eram os primórdios da civilização brasileira. Mas, junto aos índios e homens como Diogo Álvares Correia, o Caramuru, João Ramalho e outros já expressavam a capacidade de adaptação do português ao novo ambiente que o acolhia.

Sérgio Buarque de Holanda

1510

Fim do ano.

Depois que Diogo Álvares Correia foi recolhido pela bela princesa índia Paraguaçu, nos baixios de Mairagiquiig, na Bahia de Todos os Santos, junto com outros náufragos da nau *Bristol*, do capitão Du Plessis, acabaram amarrados pelos morubixabas Gurupeva e Jaguara, chefes de guerra. A caminhada até a aldeia tupinambá, a taba da Pluma Grande, foi longa e sofrida.

Diogo e Fred Staden ficaram perto um do outro, arrastados por cordas de embira pelo pescoço por guerreiros jovens, enquanto as mulheres que estavam com Paraguaçu na praia os seguiam de perto, curiosas, excitadas com a presença dos estrangeiros.

Gurupeva dava as suas ordens, impondo a sua autoridade, enquanto Paraguaçu, filha do tuxaua Taparica, o Principal da aldeia da Pluma Grande, parecia muito preocupada com o jovem Diogo, que chamava de Caramuru-açu. Os náufragos estavam praticamente despidos, roupa em trapos, o que não assustava os nativos inteiramente desnudos.

De vez em quando, durante a árdua caminhada — já perto da aldeia os náufragos eram insultados por curumins e cunhãs — Paraguaçu dava de beber a Diogo uma bebida amarga mas

reconfortante para a sede e o estômago. E olhava para ele com um olhar lânguido e faceiro.

— Tarubá — dizia ela quando se aproximava com uma coité cheia do líquido amarelado. — Tarubá, Caramûru-açu — e sorria resplandecente e bela, os longos cabelos negros sobre os ombros desnudos.

Diogo apontava para o amigo Staden como a indicar que ele deveria também beber, e Paraguaçu obedecia. Seu velho tapir, que espantara tanto os náufragos quando Paraguaçu lhes apareceu montada nele como uma estranha amazona, seguia a seu lado e de vez em quando recebia o carinho quente e acolhedor das longas pernas da princesa.

Diogo e Staden só viam ao longe, naquela estirada pela densa floresta — cheia de pequenos macacos e pássaros cantores — alguns companheiros náufragos, que também eram arrastados por cordas e em meio a insultos. Às vezes os silvícolas seguiam uma trilha estreita e era preciso que se desviassem de arbustos cheios de espinhos.

Os dois não podiam localizar os amigos Pedro Sanches e Juniparã, este um estranho mestiço (tinha o aspecto de um mouro ou indiano), que eles haviam conhecido no embarque da *Bristol* em Lyon. Juniparã lhes fizera grandes revelações sobre as viagens marítimas e as novas terras descobertas, que dizia conhecer em excursões com Américo Vespúcio e André Gonçalves.

Para o primeiro navegador, tinha sempre elogios:

— Vespúcio conhece a Terra dos Papagaios de Norte a Sul e foi quem levou Fernão de Noronha, primeiro arrendatário daquela ilha. E ainda me ensinou a língua-geral daqueles nativos.

Naquela viagem da *Bristol*, cheia de atropelos, fome e desespero, e por fim o naufrágio, os dois iriam aprender muito com Juniparã, coisas do mar e da navegação, e informes vários sobre os costumes dos silvícolas.

— Eles vão nos levar para a aldeia principal, onde seremos bem tratados e depois devorados — diz de vez em quando Staden para Diogo. — E Paraguaçu e suas companheiras já estão tratando da nossa engorda.

— Não acredito, amigo Fred, que após tantos sofrimentos no mar, tenhamos de acabar assim — diz Diogo. — Devorados como caça silvestre.

— Não se lembra do que nos contou Juniparã? Todo aquele ritual macabro dos tupinambás... cevando os estrangeiros e inimigos para um grande banquete. Bem, ainda vejo algo positivo em tudo isso.

— O que quer dizer, Fred?

— Estamos muito magros, sofridos, abatidos com a extrema dieta da viagem. Não gosto nem de lembrar. Aqueles dias e dias de fome atroz. Então teremos, por causa disso, da nossa magreza, uma perspectiva maior de vida. O tempo será nosso aliado. Talvez apareça por aqui outra nau e se tivermos sorte... escaparemos da antropofagia para uma morte mais civilizada: espada ou arma de fogo.

— Não brinque assim com a nossa vida, Fred, a coisa é séria. O que temos a fazer é lutar pela sobrevivência de qualquer maneira.

— De que maneira? Não temos uma arma sequer. Se pudéssemos voltar à nau *Bristol*... Talvez o casco esteja encalhado em algum banco de areia. Bem, amigo Diogo, por outro lado, anime-se. A seu lado está uma bela espécime da floresta. Não notou? Paraguaçu o escolheu para a engorda...

— Ora, Fred. Embora Juniparã nos tenha contado aqueles horrores dos costumes tupinambás, não acredito que o nosso destino seja esse. Algo tem que acontecer. Vai acontecer, sinto isso.

— Se acreditamos em milagres... Se acreditamos em alguma coisa, Diogo, só nos resta rezar. Ao pai Netuno ou ao pai supremo.

No pernoite daquela árdua caminhada — os índios iam devagar por causa das condições dos náufragos, que mal levantavam os pés do chão — Paraguaçu ficou próxima do seu Caramuru-açu. Ela estava sempre acompanhada, de perto, por duas outras belas nativas, como se fossem suas aias, e que acabaram dizendo seus nomes para os estrangeiros: Enorê e Moema.

Às vezes, furtivamente, havia uma disputa entre elas, embora preponderasse a atitude sempre firme de Paraguaçu: é que, ao levarem alguma coisa para os prisioneiros, pareciam ter predileção pelo jovem Caramuru-açu.

Diogo e o companheiro beberam de novo o tarubá trazido pelas mulheres. Estavam numa clareira aberta na floresta. Os índios ficaram em grupos de três e quatro, mas não eram muitos.

Havia o chefe de guerra Gurupeva e seu lugar-tenente Jaguara, e mais alguns jovens guerreiros que tinham descido até a praia para a proteção de Paraguaçu e suas companheiras — a filha do tuxaua Taparica sempre fazia essas incursões ao litoral próximo, como uma espécie de recreação.

Os silvícolas acenderam fogueiras para espantar a umidade e o escuro da mata. A noite caiu rápida, e o céu se enfeitou de estrelas. Por mais que tentassem, Diogo e Staden não localizavam os outros companheiros náufragos da *Bristol*.

"Talvez já tenham sido devorados, ou mortos e abandonados na praia", pensa o alemão.

Derreados num robusto tronco de árvore, os dois se sentiam muito cansados, mas despertos, como se aquela beberagem dos índios os reanimasse. Paraguaçu se livrou de Enorê e Moema e se sentou próximo a Caramuru e pôs-se a falar — um belo fio de voz "de timbre prateado", como diria mais tarde Diogo Álvares.

Durante a viagem de meses na *Bristol* do capitão Du Plessis, Staden e o amigo aprenderam muita coisa da experiência de Juniparã, e assimilaram até os rudimentos de uma estranha língua, que o mestiço dizia ser a língua-geral dos habitantes da Grande Ilha do Atlântico.

— Em qualquer trecho de praia, de Norte a Sul, os nativos estavam sempre lá, gesticulando e gritando na sua sonora língua — dissera Juniparã. — Com os contatos desde Cabral, Vespúcio e André Gonçalves, acabamos aprendendo alguma coisa.

O certo era que os dois começavam a compreender, agora, que aquela convivência com Juniparã durante a tormentosa viagem estava rendendo os seus frutos. Espantados com tudo o que acontecia, eles se alegraram um pouco porque compreendiam alguma coisa do que Paraguaçu falava.

O alemão Fred Staden, um poliglota, que falava espanhol e francês, havia assimilado com mais desenvoltura as expressões e nuanças da língua dos tupinambás. A voz de Paraguaçu era doce, de sonoridade clara. Parecia que ela havia se preparado para aquela noite, talvez especial e cheia de segredos para a princesa.

Ela se apresentou aos náufragos com os longos cabelos negros trançados com cordéis de algodão pintados com urucum.

Uma tatuagem de tabatinga e jenipapo descia-lhe por entre os seios empinados, e enfeites de penas de aves, de variadas cores, formavam colar e braçadeiras — sobrancelhas e pêlo pubiano raspados. Noutras mulheres a coisa poderia ficar feia, mas em Paraguaçu realçava-lhe a beleza incomum. Para complemento, ela ostentava nas faces a pintura de duas rodelas vermelhas.

Paraguaçu, como toda mulher, observava Staden, era vaidosa, mas por estranho que pudesse parecer, era até discreta no seu embelezar, pois outras mulheres nativas penduravam nas orelhas grandes pedaços de taboca e exageravam nas tatuagens. A princesa usava, ainda, no tornozelo direito, uma fina corda de algodão, e fez questão de mostrá-la para Diogo.

— Paraguaçu é virgem, nunca se casou — observa Staden.

— Tupinambá é o melhor fazedor de arco-preto — diz a princesa índia ao se aproximar deles. — O melhor atirador de flechas da floresta. Também faz canoa de casca de jatobá, rede pra gente dormir e flauta jakuí.

Os tupinambás "manejavam com grande habilidade suas armas de caça e de guerra: tacapes, arcos, flechas, escudos, machados de pedra polida". Diogo Álvares quer saber que bebida é aquela que estão tomando e lhes dando tanto ânimo, embora sejam náufragos e com destino incerto, e a silvícola explica, contando uma história.

— Ymãne, Caramuru-açu (Antigamente, Caramuru-açu), tudo era de outra forma.

O náufrago sente-se estranho chamado daquele jeito, mas cada vez mais aprecia a beleza serena de Paraguaçu, os túmidos seios morenos empinados sobre o busto bronzeado. E se deixa embalar pela sua voz, como se estivesse sorvendo muitas cuias de tarubá.

— Juniparã nos disse que os silvícolas são grandes palradores — observa Fred Staden, encantado também com as formas harmoniosas da princesa da selva.

— Esendúb (Ouve), Caramuru-açu — continua Paraguaçu. — Ymãne os bichos se misturavam com os tupinambás e falavam a sua língua — ela abre os braços, como se quisesse abarcar todo o sertão: — Ba ymãne (Sim antigamente) tudo era de outra forma — repete. — Bicho e gente até se casavam. Bem, o chefe (tuxaua) das onças tinha uma filha, muito bonita, mas ain-

da não tinha se casado porque seu pai comia todos os pretendentes.

"O sapo Ó-oc, que gostava da moça, disse um dia a sua avó que ia pedir Iveroi, nome dela, a Auiató-pót, nome do pai dela, para ser a sua companheira. Iveroi tinha belos soby-uasú (olhos verdes).

A velha disse ao neto:

— Não vá, Ó-oc, que o tuxaua das onças te come. Já comeu todos os que foram pedir sua linda filha.

— Ora, minha avozinha — disse o sapo. — Eu gosto de Iveroi e quero ser o seu companheiro.

— Mas o Auiató-pót é muito poderoso e muito ladino — disse a velha.

— Ladino eu também sou, avozinha, e conheço feitiço que pode enganar e vencer o velho onça."

Nessa altura da narrativa de Paraguaçu, "faceira e encantada", como lembra Diogo, o amigo Staden teve dificuldade em traduzir as palavras iguara e mosã. O sapo queria dizer que a ele *pertenciam* os *remédios*, termos compreendidos mais tarde pelos náufragos.

Paraguaçu continua:

— Então, meu neto, se Ó-oc é mosã-iguara, guardião dos remédios, vá e tome cuidado — disse a avó do sapo.

"O pai de Iveroi morava por cima da porta da casa e estava sempre vigiando a entrada. O sapo sabia disso e não foi logo entrando na maloca. Falou do meio do caminho, bem de longe:

— Auiató-pót, eu vim pedir a tua filha para ser minha mulher.

— Entra, meu sobrinho — disse o jaguar (onça). — Ela está na sala esperando os pretendentes.

O sapo não era besta nem nada e não entrou.

— Não quero entrar ainda, Auiató-pót — disse. — Fico aqui onde estou. Como é, Iveroi, quer ser minha esposa?

Foi o onça que respondeu:

— Ela pode ser. Vá buscar minha filha lá dentro.

O sapo então pediu ao Vento que levantasse a palha que cobria a casa. O Vento, que era amigo de Ó-óc, suspendeu a palha da maloca e cobriu assim a visão do onça. O sapo aproveitou e saltou do caminho para o meio da sala onde estava Iveroi, linda curumimirim."

— Estou com muita fome — queixou-se Staden, interrompendo a narrativa de Paraguaçu, que encantava Diogo.

— Caramuru-açu também tem fome — disse o português e bateu no peito e depois indicando a boca para a índia.

Paraguaçu descruzou graciosamente as longas pernas e se levantou. Os dois vêem a bela estátua de bronze se afastar e desaparecer atrás da grande árvore, onde existia uma fogueira.

— Por que ela nos conta essa história, Fred?

O alemão levanta os ombros:

— Não sei, amigo Diogo. Talvez... É uma história de amor, não é? As mulheres, desde a mãe Eva, sabem exatamente o que querem.

— Gostaria de dormir um pouco, mas meu estômago ainda está revolvido pela fome e dieta da nossa famigerada viagem.

— Sim, Diogo, se ao menos comêssemos algo sólido...

— Não quero nem pensar no que eles poderiam nos dar...

Os dois gargalham sofridamente, os lábios ressequidos e partidos, a pele do rosto tostada e a barba crescida.

A nau capitânia naufraga em Fernando de Noronha e o florentino (Américo Vespúcio), com mais um navio, chega à Bahia e da Bahia faz-se de vela para o Rio de Janeiro.

Eduardo Tourinho

Paraguaçu logo estava de volta e a acompanhava Moema, cada qual com uma cuia grande nas mãos.

— Não tarubá de novo! — grita Staden. — Já não agüento... Já não agüento... Será que estão nos dopando para o ritual da morte?

— Chibé, chibé — diz Paraguaçu e, sem desamarrar os braços dos prisioneiros, dá a bebida na boca de Diogo, fazendo Moema o mesmo com Staden.

Eles sentem que se trata de algo mais substancioso, como se fosse uma massa, meio amarga também, mas gostosa e que parecia logo saciar a fome e amenizar o buraco do estômago.

Satisfeitos, arfando, quase sem fôlego, Moema se afasta levando as duas cuias vazias. "Ela era tão bela quanto Para-

guaçu", lembraria Staden, "mas talvez não tão amorosa. Difícil admitir que elas cuidavam da gente para depois satisfazerem seus apetites canibalescos."

Paraguaçu quer continuar a sua história do sapo Ó-oc e Iveroi, mas foi interrompida pelo chefe de guerra Gurupeva, que parecia ter surgido de repente do escuro da floresta gritando:

— Che roák! Che roák! (Meus prisioneiros! Meus prisioneiros!).

Paraguaçu se afasta em silêncio, enquanto Gurupeva, ostentando seus símbolos de masculinidade (lábio inferior atravessado por um osso e colar de dentes dos inimigos) fala e se aproxima de alguns jovens guerreiros:

— Tijerobiák apó oé ári. (Temos orgulho deles.)

O chefe de guerra volta-se para os prisioneiros e indaga:

— Mokáp? Mokáp?

— O que Gurupeva, este índio encrenqueiro, está perguntando, amigo Staden?

— Acho que mokáp é toda espécie de arma de fogo. Sim, eles com certeza já ouviram o troar dos canhões de algumas naus aqui na Bahia de Todos os Santos. Quem sabe se não já levaram alguns tiros de espingarda?

— Diga a Gurupeva que precisamos voltar ao que restou da nau *Bristol*. Apanharemos presentes para eles, nosso capitão Du Plessis tinha um baú cheio de coisas. Possivelmente traremos também mokáp.

Após a fala do alemão, Gurupeva, interessado, torna a interrogar:

— Ererúpe itá-kysé amó?

— Veja só, Diogo, Gurupeva pergunta se trouxemos facas e facões. Com certeza Vespúcio esteve por aqui, e também Gaspar Coelho.

A pergunta seguinte de Gurupeva foi ainda mais reveladora:

— Arú itá-yapê? (Trouxe espada de ferro?)

Os náufragos bateram com a cabeça afirmativamente.

— Pajé-uasú reminonã? (Foram feitas pelo Pajé Grande?) — volta a indagar Gurupeva.

Staden diz ao chefe de guerra que se a taba da Pluma Grande não fosse muito longe, poderiam voltar à praia para apanhar presentes, facas, espadas de ferro, armas de fogo, tudo guardado no casco do navio naufragado que eles tinham visto da praia.

Gurupeva fica por instantes pensativo — provavelmente vira ao longe o casco da *Bristol* adernado num banco de areia: esta era a idéia que os dois amigos tinham de como ficara o seu navio.

O chefe de guerra não diz mais nada, mas parece satisfeito, e se afasta e desaparece por trás da grande fogueira. Logo estavam de volta Paraguaçu e Moema — Enorê estranhamente à distância — que acomodam os prisioneiros para dormir, acendendo pequena fogueira perto deles.

Paraguaçu, voz suave e olhar terno, corpo cheirando a excitante erva silvestre, indaga de Diogo:

— Mbaépe amô? (Mais alguma coisa?)

O náufrago suspira e diz em português:

— Quero dormir no teu regaço, linda princesa da floresta. Só assim morreria tranqüilo.

Staden sorri, e Paraguaçu responde, como se houvesse entendido o sentido daquelas palavras:

— Neín. (Pois sim) — afasta-se e volta a falar, já distante: — Koromô, Caramuru-açu. (Daqui a pouco, Dragão do Mar.)

— Mulher extraordinária — sussurra Diogo.

— As mulheres são mais práticas e inteligentes do que os homens, amigo — comenta Staden.

2

OS CAPITÃES DOS MARES

Ao aportar na região (frota portuguesa), foi recebida por Diogo Álvares Correia, o Caramuru. Náufrago de um navio francês, possuía sólidas raízes na região e intermediava os negócios dos brasileiros.

Mário Maestri

1526

Depois que as especiarias começaram a ser substituídas pelo pau-de-tinta (ibirapitinga) do Brasil, arrebanhado aos mon-

tes nas praias virgens por toda sorte de pirata e especulador, muitos portos europeus se movimentaram para incursões mais próximas e lucrativas.

Não mais as Índias longínquas e problemáticas, mas a Terra dos Papagaios, onde habitavam os brasis. Lisboa, que de repente reconheceu o logro em que caíra, no seu "legítimo" direito de comerciar aquela madeira, estava sendo suplantada por Sevilha, Cádiz, Bordéus, Nantes, Dieppe, Saint-Malo, Amsterdã, Bristol, Liverpool. Era um verdadeiro cerco de aves de rapina às florestas exuberantes — os futuros engenhos de açúcar irão consumir o restante da Mata Atlântica.

Os franceses, por outro lado, já tinham as suas próprias companhias de comércio do pau-brasil. Os armadores de Honfleur eram os mais entusiasmados com as possibilidades daquela matéria-prima do Novo Mundo e desafiavam abertamente o reino português, alegando que os mares não tinham dono.

Então o "país das especiarias", para D. João III, agora, é só despesas com funcionários e feitorias instalados ali, sem falar nos soldados de várias tropas. E tomando atitude mais prática, desde mesmo 1516 Cristóvão Jacques exerceria, para D. João III, uma espécie de mandato de guarda-costas das terras novas — atacava e afundava navios que não fossem portugueses e que estivessem em contato com os silvícolas para o escambo com o pau-de-tinta. O navegador, misto de pirata e capitão do mar, levou a sério a expressão guarda-costas, pois jamais adentrou o território brasileiro, preocupando-se apenas em varrer do litoral as naus contrabandistas.

Uma frota de três naus, sob o seu comando, era de fato uma "expedição militar" e visava acabar, no primeiro momento, com os corsários franceses. Cristóvão Jacques corria o litoral das proximidades de Pernambuco à Bahia de Todos os Santos e Cabo Frio, onde os normandos já tinham construído uma feitoria. Mas o seu combate maior foi travado nas águas da Bahia, e assistido pelos tupinambás, Diogo Álvares e Paraguaçu. O branco conhecido como Caramuru, escapo de ser comido pelos nativos, por razão de um estratagema oportuno, já se integrara à comunidade silvícola.

As naus da Bretanha, em número de três, bem equipadas em armas e homens, se abasteciam de madeira nos baixios de Mairagiquiig, próximo onde Diogo Álvares foi encontrado por

Paraguaçu. Tanto o tuxaua Taparica quanto Caramuru já tinham advertido os índios e os retirado do litoral temendo o pior. Alguns nativos rebeldes, fascinados com os presentes dos marinheiros, acabaram perecendo no ataque.

As caravelas de Cristóvão Jacques atacaram sem piedade e sem trégua os franceses. Vendo o capitão que tinha molestado muitos indígenas, ao destruir os navios franceses, se fez ao largo. A Portugal, regressou levando seus troféus de guerra: espadas, lanças e muitos prisioneiros, que iriam padecer e morrer nos calabouços portugueses.

O depoimento é de um historiador:

"A notícia do combate naval travado em águas da Bahia estourou na França como uma bomba, irritando o rei Francisco I, que imediatamente enviou uma embaixada a Portugal, protestando contra os atos de Cristóvão Jacques e reclamando justiça do monarca português."

Por outro lado, o rei francês era o primeiro a incentivar os seus capitães dos mares a atacar as caravelas portuguesas. Insulado no seu ducado da Bretanha, no mesmo passo com que reclamava da coroa portuguesa pelos "desmandos no mar", preparava em Marselha a nau La Pelerine, capitaneada pelo flibusteiro Jean Duperret. A idéia de Francisco I era estabelecer uma colônia francesa no Atlântico, possivelmente em Pernambuco, a terra mais saliente a Oeste da Europa.

O pirata francês fez grandes estragos nas costas brasileiras, destruindo e saqueando as naus portuguesas que carregavam o pau-de-tinta, e acabou, sob o fogo dos canhões e dos seus milhares de arcabuzeiros, instalando uma feitoria em Pernambuco, misto de fortificação e posto de trocas. Mas os franceses não iriam se demorar muito por ali.

D. João III se inquieta com a conquista de Duperret, mas em vez de preparar uma expedição punitiva para ir em cima do corsário francês, resolve enviar uma frota colonizadora. Não era ainda o estabelecimento definitivo na terra, mas Martim Afonso de Sousa, capitão da frota e conselheiro da Coroa, limpa Pernambuco e funda pela costa pequenas vilas, onde instala degredados e mercenários.

O aparato do capitão do mar é grande, padres, fidalgos, soldados, "trabalhadores de várias profissões formaram o grupo de quatrocentas pessoas", incluindo navegadores como seu irmão Pero Lopes de Sousa, e mais Pero Lobo Pinheiro, Diogo Leite e Baltazar Fernandes. Os dois últimos vão no rumo do Maranhão, enquanto Martim Afonso aporta na Bahia de Todos os Santos e faz contato com Caramuru.

Depois de dar presentes aos tupinambás, deixa com Caramuru sementes e mudas, e ouve deste que ali mesmo, quase à beira-mar, os silvícolas já desenvolviam uma florescente agricultura, com milho, inhame e batata. Mas o que espantou Caramuru foi a indagação de Martim Afonso:

— Senhor Diogo Álvares, é certo que o nobre português esteve na França, em visita ao soberano Francisco I?

— Sim, Excelência, um capricho do capitão Jacques Cartier, descobridor do Canadá, e do meu amigo castalhano que vivia por aqui, Rodrigo de Acuña. Mas o que eles queriam mesmo mostrar na Europa era a minha bela Paraguaçu.

— El-Rei D. João III ficou seriamente enciumado, senhor Álvares — diz Martim Afonso.

— Sim, Excelência, mas por pouco tempo, sei. Em Paris encontrei-me com o Dr. Diogo de Gouvêa, amigo de João III, e mandei-lhe um pedido para colonizar o Brasil, "praticamente abandonado desde o descobrimento por Cabral". E agora o senhor capitão está por aqui com essa intenção...

— Sim, é verdade. Não mais deixaremos o Brasil ao léu.

— Fiz contato também, Excelência, com D. Pero Fernandes Sardinha... E por falar no assunto, capitão, temos nós aqui, no continente, uma pendenga com os tupinambás de Ilhéus e da Ilha Grande. Um dos morubixabas, de nome Gurupeva, há anos vem mantendo aqueles silvícolas em pé de guerra. Se Vossa Excelência permitir, gostaria de usar armamentos e soldados mais destros para uma incursão punitiva naqueles territórios.

Embora não quisesse se envolver diretamente, é certo que Martim Afonso deixa também com Caramuru alguns soldados-colonos e dois fidalgos para comandá-los, Paulo Dias Adorno e Custódio Rodrigues, que acabam casando com as filhas mais velhas de Caramuru, Felipa e Ana.

3

O APÓSTOLO GUERREIRO

A terra parecendo faltar para as conquistas pacíficas dos jesuítas, o mundo de Colombo ofereceu ampla seara aos operários do Evangelho; e até o nosso Brasil, que a Providência revelara a Cabral, recebia os companheiros de Nóbrega.

Cônego Fernandes Pinheiro

1534

Seis jovens soldados, com espadas longas à cinta e armadura de malha, parecendo cavaleiros medievais, entram na igreja de Montmartre e se dirigem a uma capela subterrânea, onde, já ajoelhados, oram com fervor por São Dionísio, que fora decapitado naquele mesmo local — há ainda, ali, no assoalho corroído pelo tempo, manchas indeléveis de sangue do mártir, conservadas como santa relíquia.

Os soldados estão acompanhados por outro jovem, este de bata franciscana. Seu nome, Lefevre, e se encontra ali para receber dos soldados um juramento solene: daquele momento em diante viverão eles sempre unidos, na amargura e na alegria, seguindo os preceitos da pobreza, da castidade e da obediência.

O primeiro a se desfazer da espada e arrancar os botões dourados do dólmã militar foi o mais jovem, de nome Ignácio de Loyola, logo seguido pelos outros. Entre eles, Francisco Xavier, que seria designado para a evangelização nas Índias. Inicialmente em Moçambique, região inóspita e conhecida por isso mesmo como "o túmulo dos portugueses", Xavier exerceria o seu duro ministério como "médico do corpo e das almas". A curiosidade histórica é que a sua catequese é mais dirigida aos portugueses católicos, que haviam apostatado por "excessivo amor ao ouro". Quanto aos "idólatras", ouviam docilmente "as santas práticas" do Apóstolo das Índias.

O certo é que Ignácio de Loyola e seus jovens companheiros vão enfrentar toda uma Europa apóstata com a sua Compa-

nhia de Jesus, que seria aprovada pelo Papa Paulo III através da bula *Regimini Militantis Ecclesia*. Conhecido como o Apóstolo Guerreiro, Ignácio depõe a espada e se transforma num jesuíta — ele e seus companheiros ficarão conhecidos como "os mais valentes soldados da Igreja". Com a Alemanha, a Inglaterra e a França se afastando "da comunhão romana", o catolicismo periclitante estava precisando de novos apóstolos.

É nesse momento que D. João III, soberano de uma "das nações mais ortodoxas" do mundo (a outra era a Espanha, e ambas armarão os cadafalsos sanguinários e as fogueiras da Inquisição), preocupado em cristianizar as suas colônias nas terras recém-descobertas, pede, com fervor religioso, missionários a Roma. E logo Ignácio de Loyola é convocado para enviar os seus "soldados" ao Novo Mundo.

Assim é que os "heróicos filhos de Loyola" já estavam sendo espalhados pela Etiópia, Egito, Angola, Congo, Abissínia, sem falar nas regiões mais longínquas como a China e o Japão. O que todos eles achavam, "soldados" e "generais" da Igreja: que as Índias e a América eram campos propícios para "os novos apóstolos do catolicismo". Loyola está satisfeito, pois "seu sangue regava a frondosa árvore da fé".

Após o fracasso dos arrendatários e donatários do Brasil, vem um governador-geral, Tomé de Sousa, e com ele o padre jesuíta Manuel da Nóbrega, liderando pequeno grupo de religiosos. Evangelização e catequese depois do escambo exploratório da terra e dos indígenas, com a perspectiva da criação de "feudos econômicos" — a cultura da cana, escravagista, vai começar, ao lado da construção de igrejas nas próprias aldeias dos tupinambás, que nada compreendiam do que estava acontecendo.

Horrorizados diante do costume dos índios de comerem carne humana, o que os missionários de Loyola conseguiam (até a prática ser considerada "ilegal" pelos portugueses), em princípio, era batizar as vítimas dos banquetes antropofágicos antes do sacrifício do tacape, "o que quase equivalia a salvarem-lhes as vidas". Mas os silvícolas acabaram achando que a água benta, espargida no corpo dos prisioneiros, não era um "molho" de bom sabor, e até tirava o gosto da carne natural.

Como disse Júlio José Chiavenato, "oficialmente, os missionários vieram para converter os índios. Na verdade chegaram para ajudar a conter a invasão de outros países europeus, disputando com Portugal a posse e o saque do Brasil".

Mas o "fidalgo militar" Ignácio de Loyola, convertido em 1521, em plena batalha no cerco de Pamplona, estava satisfeito com a sua auto-afirmada Sociedade de Jesus.

4

A CARTA DO REI

As lutas entre colonos e indígenas levaria ao fracasso da capitania. O próprio donatário da Bahia (Francisco Pereira Coutinho) morreu trucidado pelos tupinambás.

A. Souto Maior

1549

Ali, onde o Tejo banha férteis várzeas e as paisagens primaveris se abrem belas para o retiro de verão do rei D. João III, o escrivão do Paço de Almerim, toda a Corte reunida, acaba de escrever um documento importante. Levantando um pouco mais alto a sua dourada pena-de-pato, Jerônimo Correia dá a entender ao rei e a seu séquito que tudo está feito, conforme as orientações de Sua Majestade.

Trata-se de um Regimento oficial, composto de 48 artigos, criando um governo-geral no Brasil, o que iria completar e harmonizar o sistema de capitanias hereditárias, com apenas duas exceções não fracassadas. Segundo um historiador, tal documento era a Primeira Constituição do Brasil e designava Tomé de Sousa como o Primeiro Governador-Geral do Novo Mundo e estabelecia regras para a construção da primeira cidade portuguesa da América.

Achando o governo português que a conquista e dominação daquele território seriam fáceis, concedeu a Tomé de Sousa poderes para distribuir sesmarias e para organizar a defesa da região, e ainda estabelecendo um comércio regular. E para isso o governador contava com os 600 degredados de sua comitiva e com o apoio religioso de seis jesuítas liderados pelo padre Manuel da Nóbrega.

D. João III se levanta de seu coxim de veludo negro — não usava trono no retiro de Almerim — e faz um sinal para que se aproxime dele um nobre elegantemente trajado de farda militar — barba negra cerrada, espada à cinta e alamares dourados da vestimenta que envergaria como capitão dos mares.

O rei pede a seu súdito a sua própria espada e a levanta sobre a cabeça de Tomé de Sousa, dizendo com certa pompa:

— Nomeio-o, neste 7 de janeiro de 1549, Governador-Geral do Brasil, com a incumbência de também construir a cidade do Salvador. Como disse o nobre Martim Afonso de Sousa, "cada vez mais lhe vou achando mais qualidades boas, tendo sobretudo a de ser sisudo".

Alguns áulicos da Corte esboçaram discreto sorriso, e uma das damas de companhia da rainha Catarina, a jovem Helena, sente os olhos marejados de lágrimas. Era a filha de Tomé de Sousa que há muito estava sob a guarda da rainha, desde mesmo quando seu pai empreendeu cruenta guerra em Angola e na Índia. Numa incursão ao Marrocos, Tomé de Sousa destaca-se pela sua bravura militar.

Todo o plano da construção da cidade do Salvador havia sido imaginado pelo ministro confidente do rei, D. Antônio de Ataíde, conde de Castanheira, "um modelo de tino governativo". Junto com o Regimento de sua designação, Tomé de Sousa recebeu uma carta endereçada ao português Diogo Álvares Correia, o Caramuru, missiva esta redigida por Bartolomeu Fernandes.

O já envelhecido mas ativo colono recebe com orgulho a carta de D. João III, levada por precursor da chegada de Tomé de Sousa. Ele a lê para seus familiares, os dez filhos, genros e noras, e Paraguaçu. A filha do falecido tuxaua Taparica (substituído no comando tupinambá pelo primo Matarapuá e este por Tukã-açu) estava um pouco mais gorda e ligeiramente diferente da vestal que Diogo Álvares havia conhecido alguns anos antes, mas ainda bela na sua madureza. Os longos cabelos, agora raiados de fios prateados, pareciam dar ao seu rosto de linhas suaves e harmoniosas um quê de seriedade e introspecção.

— Não visitamos em Portugal o rei D. João em 1526, mas ele sabe de nossa existência.

— É claro, pai, que ele não ficaria com ciúmes, pois João Ramalho e sua esposa, dois anos antes, também visitaram a França — lembra Gaspar, o filho mais velho de Caramuru.

Diogo Álvares lê a carta do rei:

"Eu, el-rei, vos envio muito saudar. Eu ora mando Tomé de Sousa, fidalgo da minha casa, a essa Bahia de Todos os Santos, por capitão e governador dela, para na dita capitania, e mais outras desse Estado do Brasil, prover de justiça dela e do mais que ao meu serviço cumprir; e mando que na dita Bahia faça uma povoação e assento grande e outras coisas do meu serviço, e porque sou informado, pela muita prática e experiência que tendes dessas terras e da gente e costume delas, e sabereis bem ajudar e conciliar, vos mando que tanto o dito Tomé de Sousa lá chegar; vos vades para ele, e o ajudeis no que lhe deveis cumprir e vós ele encarregar, porque fareis nisso muito serviço e porque o cumprimento e tempo de sua chegada ache abastada de mantimentos da terra, para provimento da gente que com ele vai, escrevo sobre isso a Paulo Dias, vosso genro, procure se haverem, e os vá buscar pelos portos dessa capitania de Jorge de Figueiredo, sendo necessário vossa companhia e ajuda, encomendo-os que os ajudeis, no que virdes que cumpre, como creio que o fareis."

— Sou ainda um súdito de Portugal — diz Diogo Álvares para os seus, o jovem tuxaua Tukã-açu perto dele, sempre fiel ao Caramuru como fora o sábio Taparica, e aliado no combate ao rebelde Gurupeva, o matador de Francisco Pereira Coutinho.

A intenção política e administrativa de D. João III era submeter a Tomé de Sousa todas as capitanias hereditárias, dando ao Estado uma unidade que ainda não conseguira. Quanto aos nativos, as ordens eram rígidas, registradas no Regimento de Almerim: guerrear os índios rebeldes, castigando-os exemplarmente.

Para tanto, a cidade recém-criada tinha que ser fortificada, como os demais núcleos populacionais das outras capitanias. Os tupinambás dissidentes, que haviam feito a guerra contra Taparica e contra Matarapuá, deviam ser eliminados da Ilha Grande (Itaparica) e Ilhéus. Além disso, os silvícolas tinham que ser convertidos ao cristianismo, o que estaria ao cargo de Manuel da Nóbrega, João Aspilcueta Navarro, Leonardo Nunes, Antônio Pires, Diogo Jácome e Vicente Rodrigues, todos jesuítas da Companhia de Jesus.

Nada de armas aos nativos, advertia o rei pelo Regimento, e a distribuição de terras (as terras dos índios) seria feita para colonos, "sesmarias a quem as pedisse". Tais terras reverteriam

ao Estado quando não fossem bem aproveitadas — quanto a guerras... "não permitir guerras sem licença".

> É certo que com essas caçadas de índios em plena selva — atos injustamente censurados — levavam a civilização a lugares onde de outro modo nunca haveria chegado.
>
> *Enrique Gandia*

Caramuru e Paraguaçu e seus familiares, mais o jovem tuxaua da aldeia da Pluma Grande, Tukã-açu, e centenas de silvícolas tupinambás receberam Tomé de Sousa com reservada alegria. Para eles, um novo mundo se descortinava, longe de saberem — alguns nativos já o sabiam por instinto ou primitiva sabedoria — que passariam por duras provações e dissabores. Também presentes, os estrangeiros residentes na terra e genros de Caramuru, e mais o espanhol Rodrigo de Acuña ao lado de sua mulher tupinambá, Enorê.

O espanto foi dos dois lados, o capitão-mor deslumbrado com a paisagem da colônia e com o aspecto "edênico" dos nativos, e estes e o próprio Diogo Álvares Correia curiosos quanto às espécies de pessoas que vinham do além-mar: fidalgos enfatuados com espadas e servos arrastando malas cheias de sedas e veludos, centenas de militares ostentando calções avermelhados, operários de vários misteres, gente ralé e degredada, e funcionários nomeados e já recebendo salário.

"Os brasis receberam novamente os europeus de braços abertos", embora os contrastes do estranho séquito de Tomé de Sousa. O desembarque das três naus, das duas caravelas e de um bergantim se deu em ordem militar. "Era, enfim, Portugal que vinha para o Brasil." Cavalos e burros, alguns já adubando a estranha terra, completaram para os naturais o perfil de civilidade que vinha da Europa.

Logo após o desembarque, Tomé de Sousa chama Caramuru, seus filhos mais velhos, o tuxaua Tukã-açu e os silvícolas que pareciam formar uma espécie de guarda nativa de Diogo Álvares, e lhes diz que quer dar uma demonstração de força e ensinar aos nativos rebeldes a que tinha vindo.

— Senhores, quero saber se aquele morubixaba encrenqueiro, Gurupeva, ainda vive — pede o governador.

— Temos uma notícia fresca da Ilha, Excelência — diz Caramuru. — É certo que Gurupeva foi morto em luta feroz com jaguar negra. Para um guerreiro... é como ter morrido na rede. Deixou o filho Tatuaçu como tuxaua da aldeia Itaparica e de Ilhéus. Ele é mais rebelde, muito mais danado do que o próprio pai. Temos aqui alguns prisioneiros temiminós.

— Tenho ordens de meu rei para acabar com aquele foco de rebeldia — explica Tomé de Souza com veemência. — Mas, antes, daremos uma lição exemplar aos silvícolas, do continente e das ilhas. Quanto aos prisioneiros, senhor Caramuru?

— Sim, Excelência, temos três prisioneiros. Eles tinham vindo da Ilha Grande atrás de nossas mulheres.

— Ótimo, ótimo. Vamos castigá-los.

— Excelência... com vossa permissão, seria isso aconselhável agora? Embora inimigos... são nativos, nasceram aqui.

— Tenho minhas ordens, senhor Diogo Álvares — diz secamente o governador e acrescenta a famosa frase que passou à História: "São tantos os selvagens que nunca conseguiremos terminar com todos eles, nem mesmo que tenhamos que cortá-los em matadouros."

Caramuru sente um gosto amargo na boca, mas, observando aqueles inúmeros soldados armados, muitos mercenários de índole ruim, acha que um confronto bélico com os tupinambás resultaria em terrível carnificina. E resolve desistir de qualquer ação belicosa, embora conhecesse de perto a valentia dos guerreiros de sua aldeia. Vivia ali há muitos anos com a sua Paraguaçu e seus filhos, mas ainda lhe corria sangue português nas veias. Sente-se num dilema.

Por que não se adaptar ao novo estado de coisas? O próprio velho Taparica e o sábio avô de sua mulher, Djaê, um dia lhe haviam dito que a conquista do branco e o declínio de sua cultura estavam anunciados na fala dos ancestrais, antes mesmo de Caramuru chegar à praia de Mairagiqiig. Hoje, o tuxaua Tukã-açu era da mesma opinião, mas não ficaria ali inerme. É que os índios mais espertos, reconhecia Diogo Álvares, sabiam que era bem melhor adaptar-se do que perecer em sistemática carnificina.

Com o negro barrete de veludo na cabeça, botas e calções escuros, a indumentária de Tomé de Sousa parecia pressagiar tempos ruins para os nativos da Bahia de Todos os Santos, observa Caramuru e escuta o capitão-mor dar as suas ordens.

— Tragam os canhões e... — volta-se para Diogo — os três prisioneiros de guerra.

Tomé de Sousa lembrava-se muito bem das palavras de D. João:

— "Se os tupinambás que vivem perto da Bahia o incomodarem, puna-os até que implorem por piedade. Depois que tiverem ido até o meu capitão implorar a paz, será uma boa idéia levar alguns dos chefes responsáveis de volta para as clareiras e enforcá-los em frente às suas malocas."

Os três prisioneiros são trazidos à presença do governador pelo genro de Caramuru, Paulo Dias Adorno, marido da primeira filha de Diogo, a bela Felipa (nome cristão) que Paraguaçu chamava de Jaceí-tatá-açu (Estrela da Manhã).

Um dos três prisioneiros temiminós é velho e alquebrado e parece doente — costelas à mostra, tosse sem cessar. Dois soldados da guarda de Tomé de Sousa os empurram para baixo, para que se ajoelhem perante o capitão-mor.

— Eles confessaram os seus crimes? — indaga o governador.

Caramuru se conserva calado ao lado do tuxaua Tukã-açu. Paraguaçu se retira com seus filhos. Quem responde é Paulo Dias:

— Confessaram, Excelência. Estupro e antropofagia.

Tomé de Sousa levanta os braços para os assistentes como em tom de desculpa e diz:

— Então... eles próprios se condenaram.

— Tereikuáp nde rekorã — balbucia o prisioneiro mais velho, olhar altivo para o carrasco chefe.

Diogo Álvares encontra a expressão de interrogação do governador e traduz com voz trêmula:

— Espero que saiba como será sua vida.

Tomé de Sousa sorri com certo ar de prepotência e faz um sinal para o lanceiro chefe de sua escolta. O soldado, ajudado por mais dois, leva os silvícolas para os três canhões de boca larga que estavam postados ao lado daquele tribunal improvisado.

Caramuru olha significativamente para o padre Manuel da Nóbrega, que a tudo assiste em silêncio comprometedor com seus companheiros jesuítas.

Diogo murmura:

— Matar na guerra é uma coisa... mas matar assim... a

sangue frio... Deus misericordioso — e fala mais alto: — Excelência, os pagãos não merecem uma palavra, um sinal de conforto? Os jesuítas não estão aqui?

Nóbrega afasta-se e se posta ao lado de Tomé de Sousa, como se esperasse alguma fala do governador, que apenas completa as suas sinistras ordens:

— Na boca dos canhões... com estes assassinos!

Os canhoneiros já tinham preparado tudo, como se já soubessem o que ia acontecer: pegam os três silvícolas, agora apavorados, de olhos esbugalhados, e os amarram nos canhões, "braços e pernas ao longo do cano, peito e diafragma pressionados contra a boca daquela arma de fogo".

O chefe dos canhoneiros olha para Tomé de Sousa, que observa os arredores, soldados, autoridades militares e eclesiásticas, colonos, gente assassina do Reino, jesuítas discípulos de Cristo. Ele sente o temor nos olhos dos nativos, que mantêm seus arcos e flechas abaixados — Caramuru e Tukã-açu sussurram ordens para os guerreiros mais jovens e que poderiam reagir, embora se tratasse da morte de inimigos.

Depois de olhar os arredores da mata e respirar o ar puro que vem da praia, Tomé de Sousa faz um sinal afirmativo com a cabeça e tira o chapéu de veludo negro.

O chefe dos canhoneiros grita!

— Fogo!

Os silvícolas, que estavam em volta, recuam temerosos. Tomé de Sousa fica impassível. Nóbrega e seu grupo cristão olham para os confins do mar, alguns apertando o crucifixo que lhes desce sobre o peito, enquanto "os tupinambás foram rasgados em pedaços, voando pelos ares".

5

RITUAL MACABRO

A lei que lhes hão de dar é defender-lhes de comer carne humana e guerrear sem licença do Governador; fazer-lhes ter uma

só mulher e vestirem-se, pois têm muito algodão, ao menos depois de cristãos.

Padre Manuel da Nóbrega

1510

O amanhecer dos prisioneiros Fred Staden e Diogo Álvares seria o início de um pesadelo, amenizado um pouco, horas antes, pela história pitoresca de Paraguaçu sobre o sapo Ó-oc e o chefe das onças Auiató-pót.

Depois de beberem novamente o chibé, eles são arrastados para o interior da floresta, Gurupeva exaltado dando as suas ordens. Paraguaçu lhes diz que a aldeia do pai Taparica está próxima.

A princesa da selva está montada no seu manso tapir, que às vezes chama estranhamente de che ñyã (minha alma). Trôpegos, sentindo-se cada vez mais fracos, embora aquela beberagem, Diogo e Staden caminham, e se sentem embalados pela voz doce de Paraguaçu, que retoma a sua história do dia anterior: com uma indagação inicial curiosa e com um trejeito faceiro:

— Acham que o sapo Ó-oc dormiu com a linda Iveroi?

— Quando vai consolar meus restos mortais, linda princesa? — indaga Diogo em tom de desafio.

Ela continua:

— Quando o Auiató-pót viu o sapo com sua filha na sala, perguntou admirado:

"— Como foi que entrou em casa, meu sobrinho?

— Ora, pela porta.

— E como foi que não vi?

— O onça velho não vê nada e nem tem forças contra mim — disse o sapo esperto. — As minhas mágicas são mais fortes do que as suas. Posso ir aonde quiser.

E o sapo Ó-oc dormiu com a linda Iveroi."

— Está compreendendo tudo, amigo Diogo? — indaga Staden.

— Sim... e sonhando com ela...

— No dia seguinte o sapo Ó-oc pediu ao Vento que soprasse e levantasse a palha da cobertura da casa.

E foi o que o Vento fez. O sapo pulou do meio da sala para o caminho, defronte da porta onde estava o velho onça, que perguntou:

"— Como foi que saiu da sala, meu filho, que eu nem vi?

— Saí pela porta, ora. O onça velho não vê nada e nem tem forças contra mim. As minhas mágicas são mais fortes do que as suas. Posso ir aonde quiser — disse o sapo.

— Então vá buscar peixe pra mim, estou com muita fome — disse o onça.

O sapo Ó-oc foi. Colocou o cesto na água e esperou. Quando tirou o puçá estava cheio de peixes. Voltou e do meio do caminho jogou os peixes, defronte da porta da casa.

O pai da linda Iveroi devorou todos os peixes com grande fome e disse assim:

— Ah, meu filho, ainda estou com fome. Quero ver se você, seu sapo esperto, é bom de mágica. Tem uns pássaros aí comendo as minhas frutas. Quero comer todos eles, já, já. Todos."

Diogo Álvares se lamenta:

— Staden, Fred... como é que se diz tenho fome? Meu estômago voltou a ter aquele buraco ardente. Não é com essa dieta que vão nos cevar, é?

— Acho que não... — sorri Staden. — Nesta pequena incursão de recreio com a filha do tuxaua Taparica, os tupinambás não caçarão.

— Não desconverse, amigo Staden... Como é que se diz na língua deles tenho fome?

— Che ambyasy. É isso, che ambyasy — diz o alemão.

— E tenho sede? Mas sede de água e não desse chibé repugnante — insiste Diogo.

— Che y séi.

Com tais expressões, os dois imploram a Paraguaçu, que continua a sua narrativa tranqüilamente, como se não tivesse ouvido coisa alguma. Montada no gordo tapir, longas e belas pernas escanchadas no dorso reluzente do animal, compridos cabelos ao vento, a sua voz parece se infiltrar pela mata e cobrir toda a estreita trilha por onde se arrastavam os prisioneiros. Praticamente caminhando em fila — Staden e Diogo não conseguem ver quem vai à vanguarda — Paraguaçu um pouco à frente deles, de vez em quando se volta para explicar-lhes faceiramente as peripécias do casamento entre o sapo e a filha de Auiató-pót.

— O sapo Ó-oc foi e desconfiou que o velho onça vinha atrás dele. Ele quer me pegar quando eu estiver trepado em alguma árvore, pensou. Então pediu aos passarinhos que dessem o aviso quando o onça se aproximasse.

"O sapo foi e desconfiou que o onça vinha atrás mesmo. Subiu numa grande palmeira e quebrou um pedaço de galho. Soprou nele e o pau virou um papagaio. Um passarinho de repente avisou: piri-ri-ri-piri-rim.

Era o velho onça Auiató-pót que estava debaixo da árvore.

— Já pegou algum pássaro? — perguntou ao sapo.

— Já peguei um passarinho — disse Ó-oc. — Espera um pouco que vou jogar aí pra baixo.

O sapo soprou noutro pedaço de pau e fez um breu forte, pegajoso. E disse assim:

— Apare o papagaiozinho, velho onça. Ele está vivo. E aperte pra ele não fugir.

Quando o Auiató-pót pegou naquilo, ficando com as mãos presas uma na outra, o sapo aproveitou para fugir da palmeira. Assim que se viu sem o breu, o onça velho correu atrás de Ó-oc. No meio do caminho o sapo se encontrou com um bando de mulheres e pediu a uma delas que o escondesse.

Aí o sapo Ó-oc se escondeu no cangote da mulher e lhe disse que o onça velho estava bem perto e ia chegar ali muito feroz."

— Paraguaçu é uma criança inocente — murmura Diogo.

— Não acredito nisso, amigo. Ela o que está fazendo é aliciá-lo para o seu próprio casamento.

— Será, Fred?

A princesa da selva continua sem se perturbar:

— E o Auiató-pót foi chegando perto das mulheres e ameaçando:

"— Eu quero o sapo Ó-oc logo, logo. Se não disserem onde ele está, vou comer todas vocês, mulheres ruins.

O sapo falou baixo pra mulher, pregado ali no seu cangote:

— Quando o onça velho se aproximar, vocês esquentam no fogo uma pedra (vomita uma pedra) e quando ele disser que vai comer vocês todas, vocês perguntam: Com que boca, Auiató-pót?

Ele vai dizer:

— Com esta minha boca aqui. Como todo mundo.

Então vocês pedem pra ele abrir bem a boca. E quando abrir, joguem lá dentro a pedra quente.

E foi o que aconteceu..."

— Che ambyasy! — gritou Diogo com mais força. — Che ambyasy! Staden, já não agüento mais, vou desmaiar.

— Estamos chegando à aldeia do tuxaua Taparica, meu pai, chefe da taba da Pluma Grande — diz Paraguaçu, saltando da sua original montaria. Perto dos prisioneiros, parados, para a ligeira trégua naquele andar incessante, ela acrescenta sabiamente: — História que conto pra Caramuru e Barba Ruiva alimenta a imaginação.

— Mulher esperta — diz o alemão. — E até já me deu um nome.

Paraguaçu continua, após retomarem a caminhada:

— O velho onça se aproximou, dizendo que ia comer todo mundo, com aquela fome sem tamanho, como falava.

"— Minha fome não tem tamanho — repetia. — Como todo mundo. Como todo mundo, já disse.

— Com que boca, velho onça? — perguntou uma das mulheres.

— Com esta aqui — disse o onça e escancarou a bocona.

A mulher jogou lá dentro a pedra queimando de quente.

Auiató-pót engoliu a pedra quente e morreu, estrebuchou e morreu de vez. O sapo Ó-oc então levou o corpo do velho onça para o rio e ele virou jacaré. E o jacaré, desde aquele dia, começou a comer gente, tupinambá ou estrangeiro. Sua fome não tinha fim.

Aí o sapo esperto voltou a se encontrar com a linda Iveroi. Ela, quando soube da história, pediu pra ir ao rio ver como o pai tinha ficado. O sapo não achou bom aquilo e lhe disse que não fosse.

A mulher teimou e foi. E quando chegou na beira do rio, encontrou os tios dela, que eram feiticeiros maus. Iveroi disse que ia dançar para eles e os tios ficaram alegres. Mas logo ela ficou enfeitiçada com as flechas dos tios e caiu morta.

Então, do corpo da linda Iveroi nasceu uma planta, de onde os seus tios tiraram as raízes e lhe deram o nome de maniva (mandioca). Com a maniva fizeram muitas coisas: tapioca, beiju e a bebida tarubá, além do chibé. Depois os tios de Iveroi começa-

ram a beber tarubá sem parar e foram tendo visões, sonhos, e assim foi que, da imaginação deles, nasceram todos os bichos da terra."

Paraguaçu parou de falar e saltou do dorso do seu tapir e se aproximou de Diogo Álvares, que se sentia estropiado e famélico, embora embalado pela doce visão da princesa da selva.

— Bonita história, linda Paraguaçu — ele disse. — Só que meio complicada e ela não tirou a minha fome.

— As coisas da natureza são assim mesmo — disse a índia. — São sempre cheias de mistérios, a natureza é um grande mistério, o que não quer dizer que não sejam verdadeiras, a minha história e a natureza.

Gurupeva de repente se aproxima e manda, com a sua voz de trovão, desamarrar os pulsos dos prisioneiros e anuncia:

— Estamos entrando na aldeia da Pluma Grande, do sábio Taparica. Os estrangeiros, que vieram do grande mar, são meus prisioneiros.

Fred Staden, também exausto daquela caminhada, tentando ouvir a história de Paraguaçu, a fim de passar o tempo e a angústia da incerteza, comenta para o companheiro:

— Veremos agora, amigo Diogo, se vamos para a engorda ou se o nosso destino é a destruição sumária pelo tacape da morte.

> E retalhando o corpo em mil pedaços,
> Vai cada um famélico trazendo,
> Qual um pé, qual a mão, qual outro os braços; Outros na crua carne iam comendo; Tanto na infame gula eram devassos: Tais há, que as assam nos ardentes fossos,
> Alguns torrando estão na chama os ossos.
>
> *Santa Rita Durão*

Fred Staden e Diogo vão para duas pequenas palhoças próximas uma da outra. Há na aldeia pelo menos umas seis malocas grandes, que formam uma espécie de círculo com um pátio central. Eles não vêem mais Paraguaçu ou Moema, mas ouvem os gritos de comando do morubixaba Gurupeva (Jaguara sempre o

acompanhando de perto). De passagem para a sua prisão, Staden localiza um boucã (moquém) ao lado da maloca mais comprida, provavelmente a maloca do tuxaua Taparica e seus familiares.

Finalmente a comida sólida que os estrangeiros tanto esperavam, trazida pelas mulheres que eles já conheciam, incluindo agora Enorê, que ficara um tanto afastada durante o percurso da praia à aldeia. Alguidares de cerâmica com frutas e uma vasilha especial com peixe moqueado e beiju. Diogo e Staden devoram aquilo com sofreguidão.

— É isso, companheiro, o que eu temia... — diz Staden. — Vamos para a engorda e depois o tacape. Se algo de extraordinário não acontecer, seremos devorados com tripas e ossos.

— Ainda esperando por um milagre...

Ambos sentem o cheiro de queimado, que vem de mais distante. "Devem estar também se alimentando os selvagens", pensa o alemão. As três mulheres parecem se divertir com a fome deles, sorriem, trocam comentários e gritinhos. Elas são bonitas, desenvoltas, elegantes na sua nudez, mas Paraguaçu destaca-se entre as belas.

Entre sorrisos e comentários que os dois não conseguem entender, de repente a filha de Taparica se aproxima de Diogo e lhe apalpa os músculos dos braços e das pernas, enquanto Enorê faz a mesma coisa com Staden. Moema parece querer se aproximar do Caramuru, mas recua, como se temesse alguma coisa por parte de Paraguaçu.

— Estamos muito magros ainda, gentis senhoritas — fala Staden em espanhol, como se não se importasse com o que aquilo queria dizer.

Diogo, numa atitude intempestiva, recusa-se a ser apalpado, um misto de revolta e medo, e Moema parece reprovar Paraguaçu por aquilo. Afastando-se com as outras mulheres, a princesa sussurra para Caramuru:

— Che aruãi. (Estou alegre.)

Diogo responde:

— Che kaarú asy. (Estou triste.)

Depois de saciados, bebem um pouco de água fresca nas coités. Do centro da aldeia começa a vir uma espécie de alarido, falas entrecortadas e interjeições.

— Decidem nosso destino — murmura Diogo.

Curumins passam correndo em frente às suas palhoças, algumas mulheres gritam — de repente por entre as grades de

finos esteios, Staden e Diogo vêem os enormes Gurupeva e seu lugar-tenente Jaguara arrastando por cordas dois homens.

— Alguém que conhecemos, amigo Fred?

— Sim... São Pedro Sanches e Juniparã.

— Meu Deus... Eles estão em péssimo estado, como nós — diz Diogo. — Será que ficarão presos aqui?

— Não... não, amigo. Gurupeva vai nos mostrar o que acontece com os intrusos estrangeiros e seus inimigos.

— Um banquete antropofágico.

— Sim. Pensam que somos todos portugueses — diz Staden. — Quanto a Juniparã, com aquela pele escura e o brinco de ouro nas orelhas, devem tê-lo tomado por um caraíba inimigo.

Em frente às palhoças de Staden e Diogo, aquele estranho e barulhento séquito parou. Gurupeva gesticulava e gritava, palavras rápidas e confusas que os prisioneiros não puderam compreender.

Mulheres e curumins dançavam em torno das palhoças, jogando terra nos estrangeiros, que mal levantavam a cabeça, amarrados que estavam pelo pescoço, os braços atados para trás.

— Aquela corda é chamada de muçurana e só é usada naqueles que vão morrer — diz Staden.

— E que vão ser comidos — completa Diogo.

Gurupeva brandia o imenso tacape, pintado e enfeitado de penas. Seus músculos pareciam querer saltar dos braços robustos. Staden consegue traduzir as palavras do morubixaba, agora mais próximo deles.

— Venham, venham todos e ajudem a comer os nossos inimigos.

Gurupeva estava cumprindo todos os passos do estranho ritual. Uma mulher velha se aproxima dele e lhe entrega uma cuia com uma espécie de cinza. O morubixaba, com gestos solenes, unta o tacape (ibirapema).

— Aquela cinza é feita das cascas dos ovos do pássaro macaguá — diz Staden, que sabia também daquilo por via dos ensinamentos de Juniparã. — Tal pássaro é considerado sagrado.

Três índias velhas, mulheres do pajé Djaê, garatujam alguma coisa em cima do tacape. As danças e cantos continuam. Uma outra se aproxima de Sanches e Juniparã e lhes pinta o

rosto. Agora, mais perto, Staden e Diogo mal reconhecem o jovem espanhol Pedro Sanches, tão transfigurado ele está.

— Espero que acabem logo com o sofrimento deles — diz Diogo. — Será que vamos passar pelo mesmo martírio?

— Estão dando bebida para os prisioneiros — observa Staden. — Deve ser uma bebida mais forte, talvez o kauín. É para que eles fiquem embriagados e não se apavorem com o que está acontecendo.

— Coisa mais cruel...

— Mas é o costume dos tupinambás e... nós aqui somos os intrusos — diz o alemão. — Antes do declínio total, a vingança. Gurupeva sabe, os outros chefes de guerra, o velho tuxaua Taparica, os pajés, que a chegada dos brancos é um mau agouro e que eles, tupinambás, os donos da floresta, mais cedo ou mais tarde estarão irremediavelmente perdidos.

— É... Quem tem igaras (naus) tão grandes e armas de fogo tão potentes, será no fim o vencedor.

— E nós, amigo Diogo, estamos bem no meio da tragédia que passará à História como grande conquista.

> Até então nenhum outro povo fora tão longe granjear culturas, instalar indústrias, enraizar-se num país remoto e desconhecido: a terra de Santa Cruz pouco sabia.
>
> *Pedro Calmon*

— Estão agora tirando a muçurana do pescoço deles — observa Staden. — E as amarram no corpo, ficando duas pontas longas de cada lado. Veja, Diogo, mulheres e crianças puxam as pontas das cordas, como se quisessem espremer os homens. Sim, esperam que eles lutem pela sua vida... num simulacro de guerra.

— E como Sanches e Juniparã farão isso? — indaga Diogo. — Eles já estão dopados com o kauín.

— Sim, mas terão que reagir, para que a coisa não seja a sangue frio.

— Eu lutaria... — diz Diogo com certo desalento.

Uma grande fogueira é acesa nas proximidades. Mulheres entregam a Pedro Sanches e Juniparã algumas pedras, para que eles as atirem no morubixaba Gurupeva, que já está de tacape

em punho na frente dos prisioneiros. Os dois, meio ébrios com o efeito do kauín, meio indiferentes a tudo aquilo, nada fazem.

Gurupeva grita e se dirige a Juniparã:

— Aqui estou eu, sim, quero matar-te, pois tua gente também matou e comeu muitos dos meus amigos.

— Gurupeva pensa que Juniparã é um silvícola — diz Staden. — Vindo ele não sabe de onde, mas de qualquer forma é um estrangeiro.

— E o outro, Pedro Sanches, um português — fala Diogo. — Já é sabido, a essa altura, que os tupinambás odeiam os portugueses. Gonçalo Coelho, Américo Vespúcio já estiveram por aqui fazendo das suas, e em naus perôs.

Novamente espicaçado por Gurupeva, os dois amigos conseguem, estarrecidos, ouvir a fala de Juniparã:

— Quando eu estiver morto, valente Gurupeva, terei ainda muitos amigos que saberão vingar-me e não se esconderão por detrás das mulheres.

Gritos e mais danças, a ynybí-á ressoando, o auge da pantomima e do exorcismo macabro.

Gurupeva golpeia Juniparã bem na nuca, matando-o imediatamente. A pancada foi tão forte, tão violenta, que os olhos e parte dos miolos da vítima voaram longe. Logo em seguida as mulheres mais velhas arrastam o corpo para o boucã, que fora armado por cima da grande fogueira.

Jaguara, o outro morubixaba da aldeia, mata da mesma maneira Pedro Sanches. Já esquentando os corpos por cima daquela grelha enorme, as mulheres raspam todos os pêlos dos cadáveres, com mestria incomum, e tapam-lhes o ânus com um pedaço de pau, para que nada se perca daquela iguaria.

Depois de apenas esquentados no boucã, um guerreiro bem jovem, talvez o último que tenha passado pelo "rito de iniciação", corta as pernas, acima dos joelhos, e os braços dos mortos. Os quatro membros vão servir como ritual propiciatório, para que os corpos tenham carne tenra e saborosa: as mulheres velhas levam os membros por toda a aldeia tupinambá, como sinal de grande conquista de Gurupeva.

— E o pai de Paraguaçu, o tuxaua Taparica, onde se esconde? — indaga Diogo, achando que Gurupeva era o dono absoluto da situação.

— Assiste à distância, como se reprovasse tudo isso — diz o alemão. — Não o vemos, mas deve estar por aí. Ele sabe,

no fundo de sua sabedoria, que as represálias virão, mais cedo ou mais tarde.

Depois as costas dos cadáveres são cortadas, a carne já mais tenra é assada, juntamente com as nádegas. E começa a partilha, muitos pedaços ainda sanguinolentos, principalmente os cortados mais fundo na carne. As tripas, cheias de excrementos, são dadas às mulheres, que serão fervidas numa espécie de tacho de barro, daí resultando um caldo grosso, que elas tomam com os curumins da aldeia. "Os homens comiam as partes mais nobres das vítimas" e "as crianças contentavam-se com a cabeça ou com um *mingau* feito com as vísceras e outras sobras." Os jovens guerreiros recebiam a língua e os miolos, para que herdassem dos mortos a boa fala e a inteligência. Os mais velhos ficavam com a pele da cabeça e algumas mulheres, provavelmente as solteiras, ganhavam os órgãos sexuais. Se a aldeia estivesse recebendo visitantes ilustres, "porções nobres" eram dadas a eles. Por fim saciados, cada membro da tribo ainda leva para sua casa algum pedaço de carne.

Fred Staden e Diogo Álvares assistem a tudo aquilo como se estivessem mergulhados num horrível pesadelo. Como haviam comido há pouco tempo, aquele peixe moqueado de bom sabor, começam a ficar enjoados e terminam por vomitar tudo quanto haviam engolido pelas mãos de Paraguaçu e Moema.

— Esta foi a maior tortura que fizeram com a gente — diz Staden.

— Odeio Paraguaçu por isso... — murmura Diogo.

— Não, ela não tem culpa, amigo. Trouxe-nos alimento e talvez nem soubesse que haveria tal banquete... nauseabundo. Não vimos Paraguaçu participando... nem Moema, vimos?

— Talvez estejam comendo escondidas. Lembro-me agora de algumas palavras de Juniparã em relação aos tupinambás. As mulheres serviam, alimentavam e até dormiam com os prisioneiros. E depois, "ela também o comia". Não viu como Paraguaçu se interessou pela carne de meus braços e pernas?

— Ora, Diogo, temos que pensar no melhor para nós. Sei, sinto, que Paraguaçu será o nosso meio de salvação.

— Como, eu não sei, amigo Fred. É certo que também já andei pensando nisso...

Eles continuam exaustos e estarrecidos com o que acabaram de presenciar, um quadro que terá por testemunhas poucos

homens brancos, situação que um historiador chamou de "costume macabro" e outro de "um fator de construção e realização da personalidade tupinambá".

PRIMEIRA PARTE

ANTECEDENTES DA TRAGÉDIA

João Ramalho e Diogo Álvares, o Caramuru, foram apenas os dois europeus americanizados mais famosos da história do Brasil. Com o começo da colonização, esses lusitanos foram praticamente arrastados, sobretudo pelos jesuítas, de volta ao convívio com os colonizadores.

Mário Maestri

À feição daquela Donzela de Orleans, Paraguaçu conduziu também o nosso povo ao triunfo completo das suas aspirações; foi o seu grande símbolo, o seu melhor estímulo.

Pedro Calmon

Se não fosse a Companhia de Jesus, o colono português teria dizimado completamente as tribos indígenas.

A. Souto Maior

1

OS PIRATAS

O assombro espiritual dos indígenas foi sobretudo a resposta, lógica e compreensível, ao desafio da chegada de um mundo tecnológico inusitado.

Guillermo Giucci

1415

Os portugueses não eram marinheiros de longo curso, mas hábeis pescadores de baleia, atum e sardinha, e chegavam por vezes a ir ao mar alto à procura de bacalhau. E por via de tal comércio sempre promissor, a indústria naval vai se desenvolver.

Segundo alguns historiadores, à época Portugal estava num dilema, diante do mar-oceano e da expansionista e "voraz Espanha". Então as viagens marítimas, mais longas e arriscadas, foram o seu passo natural, já que se desenvolvia uma burguesia mercantil pesqueira economicamente estimulante para o Estado.

As cidades portuárias portuguesas, como Lisboa, Porto, Setúbal e Lagos, acolhiam marinheiros de toda a Europa, mercenários, fugitivos, judeus espanhóis. Era uma turba de explosiva mescla étnica, como genoveses, marselheses, venezianos, catalães. Aventureiros alemães e holandeses também procuravam pegar alguma nau para o desconhecido e a fortuna, quer nos portos portugueses ou espanhóis, e em menor escala nos portos franceses, que ainda não haviam acordado para a vocação do mar.

Então para Portugal um objetivo político e econômico se entremostrou mais objetivamente naquele ano: a África, e mais especificamente a cidade de Ceuta, rico entreposto comercial de troca de produtos europeus, asiáticos e africanos, bem diante do

estreito de Gibraltar. A cidade florescia com típicos bazares da terra, mas seus donos eram genoveses, flamengos, ingleses e aragoneses. Em 1704, os ingleses se instalariam ali do outro lado, na extremidade meridional da Espanha, estabelecendo uma base naval e mais tarde aeronaval. O rochedo de Gibraltar (Espanha) com rochedo similar em Ceuta (África) formam as colunas de Hércules — o estreito entre a Espanha e Marrocos une o mar Mediterrâneo ao Atlântico.

— A riqueza está em Ceuta! — exclama o rei de Portugal, D. João I.

Ele havia recebido a informação de que aquela cidade tinha abastecimento incessante de caravanas árabes, que traziam do Oriente especiarias, ouro e escravos através das longínquas rotas do deserto do Saara.

Mas onde há ouro e comércio florescente há a rapinagem, a pirataria, e ela surgiu em Ceuta por meio dos muçulmanos liderados pelo sagaz Ben Amir Barca, misto de pirata e escravagista. Com mão de ferro, ele vai controlar todo o estreito de Gibraltar, cuja passagem estava também nos planos comerciais de Portugal.

— Ben Barca fechou as colunas de Hércules — diz o rei para o seu mais famoso almirante à época, o capitão Gonçalo Nunes.

— Tomando Ceuta, majestade, teremos à mão Gibraltar e Ben Barca — responde incontinenti o capitão.

— Sim, capitão — volta a falar o rei. — Com a expansão muçulmana na África e na nossa Península, acabaremos perdendo o total domínio da nossa própria pátria.

— O tempo urge, majestade. Dê-me 30 mil homens e 200 navios e as colunas de Hércules serão nossas.

D. João I estava mais do que convencido de que precisava conquistar Ceuta, única saída para desenvolver o comércio e as viagens marítimas. E partiu para a luta com os seus capitães dos mares e chegou a achar modesto o pedido de Gonçalo Nunes para tamanho empreendimento: em vez de 30 mil homens e 200 navios, entregou a ele uma poderosa frota de 240 naus e 50 mil marinheiros e soldados. O rei D. João estava com uma obsessão àquela altura:

— Sim, a conquista de Ceuta é importante, mas não o suficiente. Devemos também neutralizar a ação do pirata Ben Barca, se possível com o seu extermínio.

Todos estavam de olho grande nessa empreitada, governo português, comerciantes, as mulheres dos nobres que sonhavam com os ricos colares de ouro e braceletes trazidos pelas caravanas árabes. "Aceita-se essa data como o início da expansão marítima lusitana."

Ben Barca tinha a sua própria frota, não tão pequena, mas não poderia enfrentar aquela armada portuguesa. D. João I desenvolveu uma estratégia digna de um militar moderno: enquanto despachava três espiões mercenários, numa tentativa de assassinar o famoso árabe num entreposto mouro, nas costas espanholas, entregava ao capitão Gonçalo Nunes a poderosa frota. Ou seja, eliminar a cabeça da cobra e seus feitos. A ordem do rei era específica:

— A tomada de Ceuta a qualquer custo.

É claro que não foi difícil conquistar aquela cidade africana, que ficou arrasada e saqueada. Instalados os portugueses no que seria o início das suas conquistas na África, surgiu de imediato uma reação de ordem política e econômica: aparentemente as operações militares em Ceuta fizeram os comerciantes africanos desviar as suas caravanas para outros entrepostos da costa do continente negro.

Mas o rei e o capitão dos mares sabem do que se passa:

— Isso quer dizer, alteza, que Ben Barca continua vivo e a sua liderança inabalável — diz Gonçalo Nunes.

— E aqueles espiões que enviei? Não há de ser nada, capitão — fala D. João I. — Temos Ceuta, uma base, e poderemos demandar agora o chamado Atlântico africano, única maneira de interromper o monopólio muçulmano.

Mas aquela cidade africana só iria dar prejuízos à Coroa portuguesa, sendo um verdadeiro sorvedouro de vidas, pois a ação militar na área não tinha trégua. Daí que Ceuta "apresentou magros resultados" e se transformou num "centro de custosos e intermináveis combates".

2

O PRÍNCIPE NAVEGADOR

Os guerreiros indígenas tiveram papel decisivo na empreitada de "segurar" as fron-

teiras contra holandeses, franceses, ingleses, espanhóis.

Décio Freitas

1419

O que o capitão Gonçalo Nunes nunca dirá ao seu rei é que o pirata Ben Barca deixou-lhe de presente, bem na praça central de Ceuta, aqueles três espiões mercenários que D. João mandara-lhe no encalço. Lá estavam eles crucificados, já mortos e corpos putrefatos, numa dupla ironia do muçulmano, uma de sentido religioso e outra de desafio ao poder português.

O filho de D. João I, D. Henrique, desde que nomeado governador do Algarve, não parou de explorar economicamente o litoral africano. Mas ele queria mais, desenvolver as viagens marítimas com capitães treinados e navios modernos. Daí que passaria à História como o Príncipe Navegador, após a fundação, em Sagres, em seu próprio castelo residencial, de um centro de estudos náuticos.

Sem preconceito algum de ordem racial, reuniu ali famosos cartógrafos, cosmógrafos e geógrafos de todo o mundo. A principal meta: estudarem a viabilidade de navegação pelo mar-oceano desconhecido. Ao contrário dos mares fechados, como o Mediterrâneo, a imensidão atlântica exigia barcos de bordos altos e tonelagem mais robusta. Embora a caravela fosse a nau ideal à época, não era muito afeita às tempestades e aos mares convulsos, mas será por meio delas que a expansão marítima de Portugal toma o seu primeiro impulso.

Muitas caravelas irão para o fundo do mar com as suas inteiras tripulações. Algumas desapareciam sem deixar rastros, o que levava muitos marinheiros a acreditar na existência de monstros marinhos que devoravam por inteiro os navios.

Mas D. Henrique vai em frente, assessorado pela sabedoria náutica de Jehuda Cresques e Abraham Zacut, entre outros. Eles insistem no uso da frágil mas versátil caravela.

— A pequena caravela, alteza, é fácil de manobrar e pode navegar contra o vento — insistia neste ponto Jehuda Cresques.

E Abraham Zacut acrescentava:

— A grande novidade da caravela é esta, meu senhor. Com as suas velas giratórias, pode ela navegar em ziguezague quando os ventos forem contrários ao curso da nau. E com a vantagem de seu calado pequeno, podendo se aproximar das costas sem contratempos.

Quanto aos problemas técnicos da navegação profunda, D. Henrique contava em seu centro com conhecedores, pois de fato Jehuda Cresques e Abraham Zacut tinham inventado as velas mistas, ou seja, redondas e triangulares, que facilitavam a navegação em qualquer direção.

Os primeiros frutos dos navegadores portugueses, naquele ano de 1419, são colhidos, pois chegaram à ilha da Madeira. Embora bem em frente a Portugal, mais a Ocidente, os barcos lusitanos passam a devassar as costas africanas, ou a África Atlântica, expressão cunhada por eles. E a partir mesmo de 1421, até o final dos anos vinte, os marinheiros saídos de Portugal, com uma mescla de aventureiros europeus, chegavam ao arquipélago dos Açores.

A essa altura, as viagens quase incessantes tinham alguns objetivos obscuros: comércio com entrepostos instalados na costa africana ou a descoberta e exploração de terras desconhecidas? No entanto, para as almas mais sensíveis, havia no horizonte um apelo aterrorizante: a compra e venda de homens, como mão-de-obra escrava. Como disse Mário Maestri, "a captura, a compra, o transporte e a venda de homens garantiram grandes ganhos à Coroa, aos nobres e aos burgueses lusitanos endinheirados que arriscaram capitais no comércio africano".

Nos anos trinta, a atividade portuguesa na África Atlântica vai se acentuar ainda mais. Em princípio, parece que D. Henrique estava mais interessado na Espanha (seus capitães atacaram as costas de Granada) e na periferia Norte da África. Mas o desenvolvimento náutico de Sagres vai levar seus comandantes a aventuras mais ousadas.

3

ABISMOS INFERNAIS

Efetuou-se este desembarque o melhor que se pôde e em sossego e saltou a gente com tal arte e disciplina militar que muito im-

pressionou o ânimo dos bárbaros que se espantaram de ver a majestade com que se entrou e ficou.

Teodoro Sampaio

1436

Precisamente neste ano chegam os portugueses ao cabo Bojador (costa ocidental africana), limite das viagens até então conhecidas. Enfrentando lendas cheias de monstros marinhos, climas e abismos infernais, os portugueses vão em frente.

As histórias dos marinheiros supersticiosos são as mais incríveis. Alguns mais viajados e com conhecimento da mitologia grega, misturada com as narrativas de Homero, afirmam a existência nas "grandes águas" do imortal Polifemo, o gigante de um olho só e filho de Netuno.

— Polifemo ainda quer se vingar das artimanhas do grego Ulisses — conta um velho marinheiro nos momentos aterradores da calmaria.

O estranho é que esse "velho marinheiro" está presente em quase todas as naus que demandam as "águas profundas" e desconhecidas. Ele fala em sereias de níveos seios e nos Cíclopes, aparentados de Polifemo. E descreve estranha viagem que fizera, sua nau levada por ventos adversos para uma ilha, onde vivia um gigante apascentando as suas cabras. O gigante evitava contato com os homens, quer aparecessem por terra ou pelo mar, mas os marinheiros de longo curso tinham que se abastecer de água e víveres.

Temerosos, descem na ilha desconhecida e logo o gigante de um olho só interpela áspero:

"Ó estrangeiros, quem sois? Donde viestes, navegando pelos líquidos caminhos? Vindes tratar de algum negócio, ou cruzais o mar à toa, como piratas que andam errantes, com perigo de suas vidas, só para fazerem mal a gentes estranhas?"

E detalhes cruéis e violentos aparecem nas histórias do mar, fazendo com que os marinheiros, principalmente os mais jovens, desejem voltar para casa, desistir da aventura ao desconhecido.

— "Levantando-se o gigante com ímpeto, estendeu as mãos para os meus companheiros e agarrou dois, que atirou contra o

solo, como se fossem dois cachorros; e os miolos derramaram-se sobre o chão e molharam a terra. Depois retalhou-os membro a membro e, preparada com eles a sua ceia, pôs-se a comê-los, semelhante ao leão, filho das selvas, não deixando nada, nem vísceras, nem carnes, nem os medulosos ossos."

Muitos capitães de naus interrompiam tais narrativas, temendo os motins a bordo, que afinal eram constantes. Gil Eanes de Zurara, que ultrapassou o Sul do cabo Bojador, esclarece em crônica que vencendo "as ímpias superstições e sortilégios de broncos marinheiros", cumpriam a intenção de D. Henrique, que não era bem encontrar um caminho para as Índias.

A exploração do Atlântico africano continuava a ser, pelo menos nas intenções superficiais, para se saber o que se passava além daquele cabo e como agiam os muçulmanos nessa região ignota, além, é claro, "para este reino trazer muitas mercadorias".

Logo o navegador Afonso Gonçalves Baldaia estava conseguindo a proeza de adentrar o oceano numa distância Sul de mais de 50 léguas além do cabo Bojador. As embarcações portuguesas à época já eram um misto de naus mercantes e barcos piratas, devido principalmente à sua tripulação de etnia mista e aos capitães-comandantes de tendência aventureira. Isso, de fato, vai caracterizar quase toda esquadra (inglesa, francesa, holandesa) que demandava "as terras de ninguém". No "mar tenebroso" valia tudo, as bandeiras não tinham cores nem pátria. E descobrir novas terras "era apenas um ato complementar".

Um acontecimento político-militar, que vai ainda mais jogar os portugueses para as costas africanas, foi a tomada de Constantinopla pelos turcos, o que fechava para Lisboa a rota do Mediterrâneo. Assim, a ligação entre Ocidente e Oriente vai se tornar ainda mais complexa e custosa. Estamos, segundo muitos historiadores, no final da Idade Média.

4

O VIL COMÉRCIO

A primeira coisa que pretendiam adquirir são escravos, e se uma pessoa chega na terra a alcançar dois pares ou meia dúzia de-

les logo tem remédio (índio) para poder honradamente sustentar sua família: pois que um lhe pesca, o outro lhe caça.

Pero de Magalhães Gandavo

1460

Desde a década de quarenta, os portugueses tinham lucro com o triste e trágico comércio de escravos africanos (e vão tentar fazer o mesmo com os silvícolas do Novo Mundo), abrindo uma linha de frente que seria tradição rendosa e sanguinária nas suas futuras colônias da própria África e do Brasil. Em relação aos índios brasileiros, destaque para os "comandos da morte" dos bandeirantes paulistas.

No ano de 44, segundo alguns historiadores, num verdadeiro "salto de qualidade", os portugueses importaram 200 escravos entre homens e mulheres. "Os lucros da expedição comoveriam às lágrimas os mais incrédulos críticos das navegações henriquinas."

No continente negro, alguns chefes tribais facilitavam esse negócio vil e inumano desde mesmo o tempo das incursões das caravanas árabes pelo seu território. Eles vendiam os "inimigos", os desafetos e as próprias mulheres e filhas por bagatela ou apenas para se livrarem dos encargos familiares e sociais. Este é um aspecto obscuro da História que precisa ser aprofundado em relação ao escravismo do lado do perdedor.

O pioneiro português na compra e venda da carne humana, no entanto, tem nome conhecido e foi um sanguinário contrabandista tipo Ben Barca, audacioso e sem escrúpulos. Chamava-se Nuno Tristão e, dizem alguns pesquisadores no intuito de amenizar tal triste pioneirismo, ele despertaria para o filão de vender o próprio semelhante quando, em incursão pirata no golfo de Arguim, quase que por acaso capturou 30 africanos. Assim é que, quase por "acidente", abriria as rotas para o interior da África negra, muito além dos entrepostos e entrelobos costeiros.

Quando D. Henrique morre em 1460, os portugueses já haviam palmilhado cerca de quatro mil quilômetros da costa

africana. Serra Leoa, Golfo da Guiné, carne humana, ouro e alguma especiaria. Outras nações se inquietavam com a movimentação das naus portuguesas e punham em discussão as bulas papais que davam exclusividade aos lusitanos de navegarem naquela área.

Os papas, por eleição misteriosa e tácita dos monarcas cristãos, eram os árbitros todo-poderosos de possíveis partilhas dos mundos desconhecidos. Portugual estava tão cônscio de seus direitos que chegou a arrendar parte do monopólio do tráfico africano ao comerciante Fernão Gomes. Apoiados pelas bulas papais desde mesmo praticamente o nascimento do próprio Reino, os portugueses validavam, assim, as suas posses.

As bulas eram "a confirmação político-diplomática das conquistas realizadas". Cada vez que os portugueses adentravam os espaços atlânticos, "correspondia um novo documento da diplomacia vaticana", tais como as bulas *Sane Charissimus, Rex Regum, Etsi Suscepti, Inter Coetera, Arternis Regis Clementia, Orthodoxas Fidei*.

Esta última bula, de 1486, já ao tempo do rei D. João II, mexeu com os brios de Fernão de Aragão e Isabel de Castela (os reis católicos da Espanha, quando se instalou a cruel Inquisição no país), que trataram de influir na eleição do próximo pontífice, ou seja, o aragonês Rodrigo de Bórgia, que teria o nome papal de Alexandre VI.

Tal eleição do papa foi até propícia, naquele mês de agosto de 1492, para a partida de um desconhecido navegante para as Índias, o ítalo-espanhol Cristóvão Colombo, sob as bênçãos e as finanças dos reis católicos.

5

CASA DOS ESCRAVOS

Chegados ao mar os que escaparam com vida (os índios), logo os dividem entre si (os caçadores), cada um leva o seu quinhão para suas fazendas, uns cem, uns duzentos, todos de acordo com a parcela de investimento.

Fernão Cardim

1481

Sempre em questionamento o monopólio dos escusos negócios dos mares, os portugueses, através de alguns pilotos experimentados, começam a pensar em algo importante e revolucionário para a época: a circunavegação da costa africana, com a intenção de alcançar a Índia.

Mas um cosmógrafo florentino, Paolo dal Pozzo Toscanelli, que já estivera em Portugal, ao tempo de D. Afonso V, tendo entrado em contato com seu filho João, então à frente dos negócios africanos, achava que a travessia Lisboa — Ásia, via Atlântico, era bem menor do que navegar pela costa africana.

Um dia em Palos, na Espanha, ele repete seu ponto de vista para capitães, corsários e marinheiros, mostrando-lhes detalhados mapas do Atlântico (ele tinha a fama de desenhar mapas de regiões ainda desconhecidas):

— Ora, senhores, por que circunavegar a longa costa africana? O percurso atlântico seria mais rápido e mais lógico para alguma nau chegar às Índias.

E mostra o mapa em que estivera trabalhando por meses, indicando o caminho mais curto entre a Europa e "a terra das especiarias". E chegou a detalhes surpreendentes, ou seja, para ele a distância entre a Europa e a Ásia era de apenas nove mil e poucos quilômetros.

Um jovem marinheiro, presente àquela reunião, se interessa em especial pelo mapa de Paolo dal Pozzo. Chamava-se Cristóvão Colombo (e possivelmente já estivera em Portugal e saído de lá com as mãos abanando em relação ao seu projeto de uma viagem seguindo esse itinerário).

— A única dificuldade são os marinheiros broncos e supersticiosos — teria dito Colombo. — Mas se estou disposto a enfrentar o desconhecido, posso também enfrentar qualquer motim a bordo.

Da África, à falta de outras mercadorias mais rendosas, os portugueses continuavam a trazer levas e levas de escravos negros, separando mulheres de maridos e filhos de pais. Era a mão-de-obra barata para as lavouras de açúcar ou para futuras exportações para mercados americanos.

D. João II, que subira ao trono em 1481, mandou construir fortificações e feitorias na costa africana para garantir tal

comércio. E chegou ao requinte de construir uma espécie de castelo-entreposto no golfo da Guiné (castelo de São Jorge da Mina), que acabou ficando conhecido como a Casa dos Escravos, centro de controle da contabilidade do comércio das "peças negras", cada vez mais valorizadas.

Um outro árabe contrabandista e escravagista, Ben Algazarra, foi o introdutor de uma invenção ainda mais diabólica: o comércio com as "peças negras" menores e de pequeno valor, ou seja, crianças e mulheres velhas. De certa feita, trabalhando para os comerciantes portugueses de Ceuta, levou para a cidade toda uma aldeia de nativos africanos. As crianças de peito, subnutridas, eram separadas das mães para não atrapalhar o negócio, e simplesmente jogadas no monturo (que os escravagistas chamavam de geena) e logo morriam.

Embora todo o fervor mercantilista dos escravos, as especiarias das Índias continuavam a ter o seu atrativo para o comércio europeu. É que toda a comida perecível do continente se beneficiava delas, quer na conservação ou no gosto: com um bom punhado de pimenta, a carne já meio apodrecida ganhava em sabor e resistência e podia ser consumida sem asco. Mas tal comércio, embora o esforço pirata dos portugueses, continuava ainda sob o controle dos árabes muçulmanos.

6

NASCE UM BRAVO

...enquanto os gentios ficaram na confusa admiração do que viam e muito temor do que parece lhes prognosticavam aqueles alevantados estandartes.

Jaboatão

1487

D. João II, intrigado com a permanência dos contrabandistas e piratas árabes, que dispunham de naus de combate, arti-

lharia e marinhagem mercenária (desde Ben Barca os portugueses só tinham vitórias sumárias e aparentes), manda espiões para observarem os mercados do oceano Índico.

De volta a Lisboa, tais espiões confirmaram as riquezas existentes por lá, "capazes de sustentar todo um reino". Mas D. João se exaspera:

— Co'os diabos! Esta informação já temos nós em todo o Portugal. Quero notícias frescas, novas, que possam mudar o rumo das nossas expedições e do comércio marítimo.

O rei chama então um de seus mais experimentados navegadores, também uma mistura de pirata e espião, que já tinha servido ao governo e nunca se conformara com aquele simulacro de vitória em Ceuta, que não adiantara nada a Portugal.

Pero de Covilhã adentra o palácio real com a segurança dos seus 25 anos de idade, já tendo atrás de si a proeza da primeira incursão ao Extremo Oriente, onde fora à procura do lendário Preste João, imperador da Etiópia. Viajara também ao lado do capitão Bartolomeu Dias, que esteve no ponto extremo da África, confirmando a passagem entre o Atlântico e o Índico.

Agora D. João quer mais de Pero de Covilhã, ou seja, as tais "notícias frescas, novas, que possam mudar o rumo das nossas expedições e do comércio marítimo". O contato com Preste João já não era tão importante, mas Covilhã esteve em Nápoles, Florença, Rodes, Alexandria, Cairo, Aden, Cananor e Calecute. Ele não tinha encontrato Preste João, mas trouxe a boa-nova para D. João II:

— Alteza, posso afirmar e reafirmar agora, e com segurança, que existe uma passagem entre os oceanos Atlântico e Índico. Com o capitão Bartolomeu Dias apenas havíamos tocado o ponto extremo da África, embora o comandante tivesse certeza daquela passagem. A Índia está praticamente aos vossos pés, majestade.

O soberano português arregala os olhos e passa as mãos nervosas e cheias de anéis pela barba negra:

— Sim, a Índia... — murmura. — A inteira Índia sonhada aos nossos pés, capitão.

Dada a grande notícia ao seu rei e senhor, Pero de Covilhã volta novamente ao Oriente, pois não desistira de encontrar o misterioso Preste João. Sabia que era importante uma missão diplomática portuguesa junto àquele imperador, para abrir as

relações políticas e comerciais de Lisboa com aquela parte ignota do mundo.

Algum tempo depois, marujos chegados a Lisboa deram vagas notícias sobre Covilhã, que havia desaparecido: ele teria, via Mediterrâneo, estado no Egito, farejando as pegadas de Preste João, que viajava em caravana árabe na direção de Meca. Ele chegara mesmo a freqüentar a famosa mesquita, mas ali perdera a pista do imperador da Etiópia. Consta que Pero de Covilhã foi morto, após prisão torturante, na Abissínia.

Mas D. João II já estava de posse da grande notícia, o anúncio tão esperado da passagem entre os oceanos Atlântico e Índico. Sendo ainda um precavido passo de espera política, na ambição expansionista dos portugueses, a atuação lusa agora tinha que ser jogada com mão de mestre.

É nesse ano que provavelmente nasce Diogo Álvares Correia na pequena província portuguesa de Viana do Minho, filho pobre da baixa nobreza dos Correias. Os primeiros anos de sua vida são obscuros para a História, mas sabe-se que seu pai, João de Barros Correia, quando o pequeno Diogo estava entre os seus cinco e oito anos de idade, entusiasmado com as notícias das viagens de Américo Vespúcio e Cristóvão Colombo, deixa a família em busca de aventura e fortuna.

— Estou farto dessa pasmaceira de vida, dessa rotina de trabalhar de sol a sol sem grande proveito — teria dito à mulher, que se debulha em lágrimas com a perspectiva de perder o marido.

Ele levava a firme intenção de embarcar, em Lisboa ou em algum porto da Espanha, num daqueles barcos que estavam constantemente se largando para o desconhecido e para as rotas marinhas mais ousadas. É certo que convidara alguns amigos para a "aventura de viver", mas acabara se afastando da terrinha natal sozinho.

O pequeno Diogo, com os constantes e prolongados lamentos de sua mãe, D. Eleutina, cresceria marcado sob o impacto da ausência de seu pai. Ela, após algum tempo e "um sonho de aviso" — como espalhara para a vizinhança —, passara a se vestir de negro, certa de que enviuvara.

— Ora, minha mãe, a senhora não pode ter certeza de nada — às vezes lhe dizia Diogo.

Ele, após o tempo cicatrizar as lembranças do pai e se habituar com as lamúrias da mãe, pensa em seguir os passos aventureiros de João de Barros. É que cedo também descobrira que a província não lhe dava boas perspectivas de crescer como homem ilustre e alcançar a fidalguia.

7

A GRANDE CONQUISTA

Colombo procurando terras judias, não encontrou nenhuma; contudo, foram descobertos dois continentes que têm servido ao longo dos séculos como um novo lar para os sem-pátria e para os perseguidos.

Simon Wiesenthal

1493

No mês de março, Cristóvão Colombo, numa nau desgarrada, aporta em Lisboa e causa certa celeuma: seus imediatos e ele próprio, depois de dizerem que estavam de passagem para a Espanha, anunciam ter chegado à costa oriental da Ásia.

Imediatamente os áulicos de D. João II dão a notícia ao rei, que manda convocar Colombo à sua presença, sendo recepcionado então como um verdadeiro estadista. O monarca deu ordens para que o navegador (que ainda não havia dado a grande notícia de sua descoberta aos reis da Espanha) fosse apresentado em palácio "coberto e sentado em sua real presença", o que era raro privilégio para um mortal português ou estrangeiro.

O rei ficou entusiasmado com as novas de Cristóvão Colombo, mas lhe disse sem pestanejar:

— Senhor Colombo, muito me apraz tal notícia e que comprova a vossa pertinaz astúcia e audácia (o rei sabia do empenho do navegador, anos atrás em Portugal, tentando arranjar apoio e dinheiro para a sua viagem), mas esta grande conquista

de vossa mercê me pertence de direito e pertence ao reino português.

Colombo chega a gargalhar, num frouxo de riso há muito contido, pois já esperava que isso acontecesse, e diz ao rei:

— Peço desculpas, majestade... não pude me conter. Sei que Portugal e Espanha lutam pelos mesmos ideais de conquistas... só que os reis de Aragão e Castela foram mais previdentes. Mesmo que quisesse apoiá-lo em vossos supostos direitos... Então, peço vênia para uma ligeira discordância de ordem geográfica, majestade. Eu e meus marujos não navegamos em mares africanos.

O rei se espanta e coça a barba negra que já ia sendo pincelada por alguns fios grisalhos, os olhos ligeiramente sangüíneos.

— Excelência... Majestade — insiste Colombo "coberto e sentado" diante do rei, da "real presença". — Lembro ao poderoso D. João II a bula de Alexandre VI...

O rei se levanta num ímpeto brusco, dá meia-volta pelo salão atapetado e torna a se sentar, quando Colombo já fazia menção de se levantar.

— Sim, sim... — diz D. João. — Aquele papa aragonês... que deu aos espanhóis, de mão beijada, praticamente todo o Novo Mundo "ainda por descobrir".

— Pela bula papal, acreditada de todos — diz Colombo —, Castela ficaria, excelência, com "todas as ilhas e terras firmes achadas e por achar, descobertas e por descobrir, para o Ocidente e Meio-Dia".

D. João sabe os teores daquela bula de cor e salteado, e com um aceno de enfado quase enxota Colombo de sua "real presença". Mas o navegador, já quase arrastado pelos áulicos da Corte, ainda tem tempo de dizer:

— Lembro a Vossa Alteza que estive primeiro em Portugal oferecendo os meus préstimos e o meu conhecimento de navegador e cosmógrafo. Foi aqui onde primeiro expus meus planos para a vossa Junta Real, que desacreditou dos meus projetos. Foi então que pedi aquele ovo de galinha e lhes fiz uma demonstração... que sei ficará na História como no mínimo curiosa.

O rei não quer mais ouvi-lo e sente que agora, sim, Portugal está a um passo da guerra. O alvo principal de suas preocu-

pações políticas e econômicas, a Espanha. Ele teme que, com a descoberta de Colombo, o maná da rota africana, com escravos e especiarias, fosse interrompido, pois sabe que aquele país vizinho está construindo mais navios e armamentos. .

8

GUERRA NÃO DECLARADA

> Os índios se banham continuamente e são polígamos muito zelosos. Não se lhes pode chamar de mouros ou judeus; não lhes vimos praticar nenhum sacrifício e tampouco possuem casas de oração.
>
> *Américo Vespúcio*

1494

A guerra não foi declarada em terra, é claro, porque nos mares já valia tudo, pirataria e saques, tripulações inteiras jogadas para os tubarões, e isso vinha de longe, desde Afonso V, conhecido como o Africano, da linhagem dinástica de Borgonha, chamada Afonsina.

O décimo-segundo rei de Portugal tinha a quem puxar, pois seu avô, Afonso IV, o Bravo, aliado ao rei de Castela, havia derrotado os árabes e espalhado entre eles o terror. Afonso V lutou pessoalmente na África (Arzila, Tânger, Alcácer Ceguer) e foi o primeiro rei português a querer unir o seu reino ao da Espanha. Invadiu aquele país, mas foi derrotado.

A família tem um dado literário curioso. Seu avô passaria à imortalidade no poema de Camões, *Os Lusíadas*, pois foi ele quem mandou assassinar Inês de Castro. Ela estava casada secretamente com o seu filho, o infante D. Pedro, que logo após a morte do pai reuniu toda a Corte para reverenciar e beijar o cadáver insepulto e apodrecido da bela Inês.

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
o nome que no peito escrito tinhas.
/Tais contra Inês os brutos matadores
No colo de alabastro, que sustinha
As obras com que Amor matou de amores
Aquele que depois a fez Rainha.

Naquela rota sinistra africana das especiarias, começaram também a ser jogadas no mar outras cargas humanas, além das tripulações de barcos derrotados: os negros escravos doentes, feridos ou muito velhos, o que dava um outro "sabor" aos vorazes tubarões que se enfileiravam atrás das naus, sabendo que mais cedo ou mais tarde teriam um bom petisco.

As ordens de Afonso V quanto ao morticínio são registradas por um historiador, destacando ele "que as tripulações de navios estrangeiros aprisionados naquelas paragens eram simplesmente jogadas no mar".

E veio o obscuro Tratado das Tordesilhas, para amainar os ânimos dos reis de Portugal e Espanha. D. João II invoca a bula do Papa Xisto IV e reivindica as novas terras descobertas para Portugal. Fernão de Aragão e Isabel, reis espanhóis, tendo a seu lado o Papa Alexandre VI, também espanhol, ganham outra bula, que "lhes garante a posse das terras e mares que fiquem para além de 100 léguas da ilha dos Açores".

D. João, já convencido de que a guerra com a Espanha seria política e financeiramente pior, propõe dividir a Terra através de uma linha imaginária paralela ao Equador.

— Portugal fica com o Sul — diz o rei. — E a Espanha com o Norte — e abre os braços pomposamente: — Nada mais simples, afinal somos as nações mais capazes de levar pelo cabresto regiões ignotas ou já conhecidas. A divisão por uma linha paralela ao Equador é a mais simples.

Discussões, batalhas diplomáticas, a Igreja de Roma pelo meio, e afinal vem a partilha das terras a serem descobertas com a demarcação de um meridiano a 370 léguas de Cabo Verde. Esta

foi a proposta da Espanha e Portugal acabou cedendo, mas não gratuitamente, pois de qualquer maneira garantiria os caminhos do Sul no sentido do contorno da África que levaria às Índias. A Espanha, por sua vez, quer chegar também àquele território, mas pelo Ocidente.

— Deve haver terras ao Sul das terras descobertas por Cristóvão Colombo — pensam os reis espanhóis.

Assim, Portugal desiste da divisão Norte-Sul e a Espanha reivindica o tal meridiano a 370 léguas de Cabo Verde. E o tratado foi feito "por certidão e corroboração do qual assinamos esta nossa carta do nosso sinal e a mandamos selar do nosso selo de chumbo e fios de sedas de cores". O documento, assinado a chumbo e fios de seda, está no Arquivo das Índias de Sevilha.

Estava feito. A utopia dos silvícolas da América está a um passo do começo de sua extinção.

O primeiro país a estrebuchar com o Tratado de Tordesilhas foi a França, já afeita aos mares e à pirataria. Quando o rei Francisco I recebe a notíca, que lhe foi dada pelo ilustre vice-almirante da Bretanha, Nicolau Durand de Villegagnon, exclama revoltado:

— Gostaria que me mostrassem o artigo do testamento de Adão, que partilhou o Novo Mundo entre os meus primos Carlos V e o rei de Portugal, excluindo impiedosamente a França.

De qualquer maneira, com discordâncias internacionais ou não, mas com apoio papal, Portugal tem garantido, por estranhas vias, "o caminho africano das Índias". Só falta agora preparar uma grande frota para que o domínio da rota se efetive por meio da força.

Nasce Paraguaçù, único filho do tuxaua Taparica, que esperava um filho macho para herdar o seu comando entre os tupinambás. Decepção. Achando-se velho e perto da morte, o chefe da aldeia da Pluma Grande faz de Paraguaçu o "guerreiro-memória" da tribo. Ela será instruída e guiada pelo pajé Djaê, a quem chama de avô, que alia a função guerreira também de morubixaba, ao lado de Gurupeva e Jaguara.

Diogo Álvares está com sete anos de idade e já trabalha nas vinhas do pai em Viana do Minho, e sonha com viagens impossíveis levado pela nostalgia da ausência de João de Barros. Dió, como lhe chama a mãe Eleutéria, quer ocupar o filho no

trabalho duro desde cedo para que ele não queira seguir as pegadas do "ingrato esposo". Além disso, um dia entrega ao menino a responsabilidade do pastoreio de um rebanho de ovelhas, para testar "a sua fibra dos Correias".

Mas o menino é um sonhador cheio de manhas e teimosia, e valente reconhece a mãe, pois enxotara sozinho uma matilha de lobos famintos de perto do redil dos animais. Embora tente ver alguma coisa no horizonte, seu olhar é direto e brilhante, e gosta de sair cedo para o campo, ainda bem não aparecendo "a madrugadora aurora de róseos dedos". O pequeno Dió "acende o lume e ordena o buliçoso rebanho, deixando a cada mãe a respectiva cria".

Teias de um estranho destino se tecem para o encontro de Paraguaçu e Diogo.

9

A PONTE COMERCIAL

Como qualquer mercador da escola antiga, D. Manuel estabeleceu a residência no local de seu comércio. A mercadoria desembarcava para os armazéns pertencentes à Casa da Índia.

J. Lúcio de Azevedo

1497

À época já "imperava o venturosíssimo rei D. Manuel, tão amado entre os portugueses". Ele está decidido a resolver os últimos problemas náuticos e políticos para chegar às Índias com os seus próprios meios, não dependendo de intermediários para o acesso direto ao rico filão das especiarias. Mesmo o comércio dos negros escravos sofre altas e baixas, e de vez em quando mexe com os escrúpulos sentimentais de alguma autoridade.

O reino português age agora em silêncio. O feito audaz de Cristóvão Colombo continua solitário, mas D. Manuel, sem o saber ainda, tem um bom trunfo na figura de um navegador português.

Enquanto manda preparar uma grande frota, o rei ouve seus áulicos e de vez em quando reafirma:

— Se o genovês Colombo teve tanto sucesso com apenas três caravelas, podemos nós portugueses assombrar o mundo com uma frota moderna.

Pronta a esquadra, D. Manuel começa a ouvir seus cortesãos, ministros e padres, que são unânimes em apontar um nome:

— Vasco da Gama, alteza, é o nosso mais experiente navegador.

O rei quer falar pessoalmente com o capitão, e praticamente impõe os seus termos para a missão:

— Senhor Vasco da Gama, quero estabelecer bases comerciais e feitorias nas Índias, assim como já as temos na África. Além de os portugueses, com a graça de Deus, propagarem a fé católica.

Embora não fosse ainda a grande armada preparada em 1500, as três caravelas e um barco de transporte de Vasco da Gama tinham recebido petrechos mais modernos de navegação, como a bússola magnética em vez da bússola giroscópica, e os bordos das naus eram altos com a torre do castelo recuada, o que dava maior estabilidade.

Vasco da Gama está com 28 anos de idade e não teve muito tempo para arranjar voluntários para as suas embarcações. Ele precisava de no mínimo 160 homens e disse isso ao rei.

— Evitarei levar a ralé, majestade, que sempre cria transtornos — disse o navegador.

De dia e de noite desfilaram pela foz do Tejo dezenas de marinheiros europeus, veteranos e novatos, gente de toda espécie, nas docas cheias de vagabundos que não tinham nem condições físicas de embarcar. A seleção da marinhagem, feita pelo imediato de Vasco da Gama, um pirata caolho de nome Enrico Tersi, de nacionalidade obscura, foi a mais precária, tanto é que logo nos primeiros dias de viagem, o navegador comandante da frota estava às voltas com um motim.

Todos sabiam dos grandes riscos que corriam, mas o motim teve como causa primária a idéia de três espanhóis que queriam se apoderar, não tanto da inteira frota, mas da nau-capitânia. O próprio pirata caolho, Tersi, como reconhecendo o seu erro na seleção, lutou como um tigre ao lado do próprio Vasco da Gama, e ambos debelaram a rebelião.

A nau-capitânia ficou à deriva por algum tempo. Mas ainda não era o fim daquela refrega. Quando os marinheiros fiéis ao capitão e ao imediato jogavam pela amurada do navio mortos e feridos, um irmão de um dos espanhóis tenta matar Vasco da Gama, que é salvo por Enrico Tersi com o sacrifício da própria vida, ao se meter entre os dois e receber cutilada mortal no peito.

A primeira viagem marítima da Europa à Ásia estava sendo um sucesso do ponto de vista náutico e a perda de alguns homens não era tão importante assim. E já no dia 2 de março de 1498, Vasco da Gama estava atingindo Moçambique depois de enfrentar dura tempestade.

Em Melinde conseguiu um piloto árabe que conhecia o oceano Índico e em 27 de abril chegava às portas de Calicute. Os mantimentos das naus são poucos e muitos marinheiros começam a ser atacados pelo escorbuto, o que queria dizer mais comida para os tubarões. O fato é que o caminho marítimo para as Índias estava se fazendo com o sacrifício da quase inteira tripulação de Vasco da Gama.

Além dos contratempos a bordo, o comandante teve que enfrentar e botar a pique dois galeões espanhóis, perdendo com isso mais homens. Senhores do monopólio das especiarias, os comerciantes árabes tentam afastar Vasco da Gama de seu caminho, mas ele os vai derrotando um a um. "Um grande e ousado capitão dos mares", dizem todos.

Resultado de todas as escaramuças, num empenho decidido do navegador, foi que regressou a Lisboa, dois anos mais tarde, com apenas 55 marinheiros dos 160 que levara inicialmente. Mas a viagem fora um sucesso, recebendo Vasco da Gama de D. Manuel o cobiçado título de almirante-mor das Índias, com uma renda de trezentos mil-réis. Será ainda governador e vice-rei da Índia e sobreviverá a Pedro Álvares Cabral, cujo feito foi inspirado na sua grande viagem. Morrerá em Cochim em 1524.

Não somente para o jovem Cabral, mas para Portugal e os portugueses, e principalmente para aqueles que vagavam pelos portos à espera de oportunidade para embarcar, a viagem de Vasco da Gama foi um incentivo para novas incursões pelo Atlântico e Índico.

Disse um historiador:

— Sua viagem significou o estabelecimento de uma ponte comercial para a compra direta de especiarias: o caminho marítimo para as Índias estava conquistado. — E o domínio da rota, finalmente, assegurado para os portugueses.

10

GENTE A SALVAR

> Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.
>
> *Pero Vaz de Caminha*

1500

D. Manuel entusiasma-se com o feito de Vasco da Gama e manda raspar os cofres do reino para o preparo de uma esquadra. Ele diz que quer assombrar o mundo com um feito ainda maior do que o do seu almirante-mor. Depois de consultar cortesãos e ministros, o escolhido para chefiar a esquadra foi "um bom soldado, cristão, leal e capaz de entender os seus projetos políticos e comerciais": Pedro Álvares Cabral.

Cabral vinha de uma ilustre linhagem de navegadores e soldados, como Álvaro Gil Cabral, que apoiou a dinastia de Avis desde os primeiros e incertos momentos, ou como os comandantes de tropa Luís Álvares Cabral e Fernão Álvares Cabral, que participaram da tomada de Ceuta. Há ainda um Fernão Cabral, que esteve nas vitórias de Alcácer e Argila com Afonso V. Eles empunhavam um belo estandarte com brasão curioso, em destaque duas cabras de úberes enormes.

Oriundo da Beira Baixa, o filho de Dona Isabel de Gouveia tinha um pai cujo apelido era Gigante da Beira, por ser Dom

Fernão Cabral um homem corpulento e decidido. Segundo testemunhos de seus conterrâneos, ele tinha também, além da bravura e "nobreza de seus antepassados", um "talento de guerreiro e habilidade de administrador".

Pedro Álvares viveu no castelo de Belmonte ao lado de dez irmãos e, como Diogo Álvares Correia, passou a infância e a adolescência ouvindo histórias sobre as grandes viagens e descobertas marítimas. Como era de praxe, somente com a morte do primogênito da família, ele recebeu o sobrenome Cabral, e já com 11 anos de idade freqüentava a corte de Afonso V. Além de desenvolver seu lado intelectual, aprendeu a manejar as armas da época, como a espada, o mosquetão e a lança. Aos poucos a Corte já não lhe tinha segredos, sempre respeitado pela sua descendência de linhagem ilustre.

Aos 16 anos, época do rei D. João II, as histórias de feitos heróicos e viagens fantásticas mar adentro o deixam cheio de entusiasmo e curiosidade pelo desconhecido. As rotas obscuras dos caminhos para as Índias e a conquista da África são assunto de todos os dias. Aos 33 anos de idade, culto e inteligente, Cabral estuda também a fundo os problemas náuticos de sua época e se sente pronto para comandar a sua própria esquadra.

— O Senhor Pedro Álvares Cabral tem as qualificações de diplomata e líder militar.

Esta foi a recomendação ao rei D. Manuel I feita pelo bispo de Ceuta, Dom Diogo de Ortiz, que celebrará a missa, acompanhada de longo sermão, na Capela de Nossa Senhora de Belém, homenagem de despedida ao capitão Pedro Álvares Cabral.

A solenidade para a partida da grande armada portuguesa foi a mais solene, a mais pomposa, em frente à praia do Restelo, com a assistência entusiasta dos castelães. Naquele dia claro de 8 de março há cânticos e luzes, tendo sido a Capela devidamente perfumada com incenso, que valia também como esconjuro para eventuais estropícios durante a longa viagem de Cabral. Uma curiosidade: todos estão trajados de negro, luto em sinal de tristeza pela partida, as naus já engalanadas com a bandeira das armas reais. "Tratava-se da mais poderosa armada jamais enviada para regiões distantes."

As despesas de D. Manuel com a esquadra foram grandes, a tirar pelo que levava a nau-capitânia de Cabral: mais de mil quintais de biscoitos, outro tanto de arrobas de carne, sardinhas,

pescadas secas, lentilhas, mel, açúcar, mostarda, alho, cebolas, amêndoas, ameixas, azeite, vinagre, água potável, além de 115 pipas de vinho. E mais: "presentes para os soberanos asiáticos". O papa, pessoalmente, manda um presente para Cabral, a Cruz da Ordem de Cristo, que é entregue ao navegador momentos antes da partida pelo próprio rei D. Manuel.

Após a solene missa na Capela de Nossa Senhora e o longo sermão do bispo Dom Diogo de Ortiz, toda a comitiva acompanha Cabral e seus imediatos, pilotos experimentados, à praia, com alguns tripulantes mais categorizados. Cabral espanta-se com tantas homenagens, como se de fato fosse aquilo o prenúncio de uma grande conquista. Ele sente os olhos arderem quando ouve solenes flautas e tambores, acompanhados por trombetas.

Cabral, comovido, se despede do rei com seus capitães e embarcam num grande bote todo ornado de flores, que vai direto no rumo da esquadra ancorada na foz do rio Tejo. O vozerio e as aclamações vão ficando para trás, sentindo o navegador, numa certa confusão emocional, que aquela viagem estava marcada com um destino incomum.

Já na segunda-feira, dia seguinte, a esquadra se dirige para a barra, e o capitão-mor sente no rosto e nas mãos de punhos rendados, o frescor de ventos propícios à navegação de suas 13 naus que carregam 1.200 homens dispostos a tudo.

Cada caravela leva um experimentado comandante, como Sancho de Tovar, imediato de Cabral, e Bartolomeu Dias, que chegara ao cabo da Boa Esperança, e mais alguns navegadores que tinham viajado com Vasco da Gama na sua primeira viagem à Ásia, como Diogo Dias, Nicolau Coelho e Pero de Escobar.

Cabral, que sofria de enxaquecas periódicas, leva o seu próprio físico, o cirurgião conhecido por Mestre João, que olharia também pela grande e mesclada tripulação das 13 naus, cada uma com perto de 120 homens. A Igreja estava presente ali na figura veneranda do frei Henrique de Coimbra, que leva pequeno grupo de franciscanos. Viaja ainda com Cabral um escrivão do rei, Pero Vaz de Caminha, que se dirigia para a feitoria de Calicute na Índia.

O comandante da esquadra, algo preocupado com os piratas do mar ou com alguma escaramuça a bordo, está sempre ao lado do seu armeiro-chefe, de nome Januário Telmude, de nacionalidade obscura e que fala português, espanhol e italiano. Ele se apresentara a Cabral como especialista em armas e arcabuzeiro por profissão. O capitão-mor quer, principalmente, que os canhões da esquadra estejam prontos para o disparo a qualquer momento.

— Não comandamos uma frota de guerra, senhor Telmude — diz Cabral. — Mas no mar-oceano temos que estar preparados para qualquer surpresa. Há muitos anos há uma guerra não declarada por aqui.

— Compreendo, meu capitão — diz Telmude. — As armas portuguesas são da melhor qualidade e estou certo de que não teremos problemas. Que venham as naus dos flibusteiros.

> Vê-se, portanto, que, se pelo calendário juliano foi a descoberta do Brasil em 22 de abril de 1500, é também certo que, reduzindo essa data à correção gregoriana, não erraram aqueles que a colocam no dia 3 de maio.
>
> *Miguel Lemos*

Cinco dias de viagem num mar relativamente tranqüilo, ventos propícios, e a esquadra de Cabral alcança as ilhas Canárias e mais tarde costeia as ilhas de Cabo Verde. Era ponto pacífico entre os navegadores de que deveriam, a essa altura da viagem, afastar-se das costas africanas, adentrando o Atlântico ocidental. Somente à altura do cabo da Boa Esperança retornariam para o Oriente. Assim é que os capitães da frota estão recebendo ordens da nau-capitânia para rumar para o Ocidente.

E logo surgem murmúrios entre alguns tripulantes e entre uns poucos capitães que temem um afastamento demasiado longo.

— Por que o nosso capitão-general-comandante se afasta tanto da rota original? — é a pergunta generalizada em toda a frota. — Por que ele se afasta da costa africana, que conhecemos tão bem?

O fato é que as caravelas da época não ousavam muito o distanciamento do litoral, pois muitas vezes barcos se perdiam ou se extraviavam, como ainda dessa vez, depois de Cabo Verde, ter desaparecido o navio de Vasco de Ataíde.

— Não há razão alguma para o capitão Ataíde ter desaparecido — comenta Cabral com seus imediatos. — Não temos ventos fortes, não tivemos tempestades.

Um dos pilotos de Cabral, Afonso Lopes, homem supersticioso, embora veterano do mar, chamado a dar sua opinião, não deixa por menos.

— Sereias das águas, meu comandante — diz com convicção. — Já estamos no reino profundo de Netuno.

Estranho e inexplicável... mas a nau de Vasco de Ataíde nunca mais apareceu. Desapareceu sem deixar rastro algum. Com tal fato, e ainda a armada se afastando a Ocidente, crescem as indagações em todos os barcos. Os capitães Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correia e Sancho de Tovar pedem uma audiência com Cabral na nau-capitânia.

O capitão-mor diz serenamente:

— Senhores, recebi ordens explícitas do nosso rei, D. Manuel I, que quer notícias sobre a nossa parte do mar-oceano referente ao Tratado de Tordesilhas.

Até então, de tal desvio para o Ocidente, "pilotos e navegadores não tiveram noção da amplitude", mas Aires Correia quer saber se o navegador Vasco da Gama recomendara alguma manobra náutica a Cabral.

— Claro que recomendou, senhores. Estou acatando também instruções do almirante. Afastando-me para o Ocidente, evito as calmarias e depois de volta ao Oriente posso com tranqüilidade dobrar o cabo da Boa Esperança.

De repente preocupado, Cabral quer saber de seus imediatos e capitães de outras naus se há perigo de motim, se os homens ainda dispõem de alimento e vinho.

— Nenhum movimento que possa redundar num motim, comandante — informa Simão de Miranda. — Há certa inquietação quanto ao rumo que tomou a frota, mas o vinho e um pouco de rum estão desviando a mente da tripulação para os tesouros escondidos das ilhas do Atlântico.

Finalmente a 21 de abril sinais de terra, sargaços, algas, pedaços de madeira, longínquas garças brancas voando na curva do horizonte. Mas o grumete da torre da gávea ainda não avista terra. Todos, exultantes com os sinais, estão mais calmos.

Tarde já caída e escura, era preciso esperar o dia seguinte, que veio meio nublado, as águas ligeiramente encrespadas.

Todos estão de olho no marinheiro trepado no mastro mais alto da nau-capitânia. As pipas de vinho já estão vazias. Expectativa e frustração quando os grumetes começam a acender os candeeiros e lampiões de óleo no convés das naus. Um dia inteiro sem atividades, mas exaustivo de ansiedade, os barcos de Cabral com velas a meia nau.

Somente a 23 de abril, dia claro e resplandecente, a terra se entremostra por via de um monte, que Cabral chama de monte Pascoal. Os marinheiros dão vivas e alguns capitães se interrogam querendo saber das razões que levaram Cabral a se aprofundar cada vez mais para o Ocidente.

Mais próximos à praia, a foz de um rio mistura as águas verdes do mar às águas prateadas e limpas da região nova. Estranhos homens desnudos são avistados na fímbria branca emoldurada por palmeiras.

— Gente bronzeada e armada de arco e flecha — diz Sancho de Tovar.

— Indianos? — indagam alguns.— Muçulmanos?

— Mouros ou judeus?

— Com certeza judeus das tribos perdidas de Israel — afirma Afonso Lopes.

— Senhores, quero falar com essa gente — diz Cabral para os imediatos. — Com o líder deles ou representante.

> A esquadra aproximou-se da costa no dia imediato, o capitão-mor mandou um batel à terra; o qual, remando para uma praia, em que havia muita gente, tentou comunicar com ela.
>
> *Varnhagen*

Um escaler é mandado à praia sob o comando de Nicolau Coelho, com cinco arcabuzeiros armados e intérpretes de línguas orientais. Ao se aproximarem da foz do rio, descobrem que o grupo daqueles homens "pardos" é constituído de mais de vinte guerreiros armados de lanças e flechas. Nicolau Coelho mostra-lhes os presentes que trazia, em sinal de paz, e os nativos baixam as armas.

Eles recebem barretes vermelhos e chapéus pretos, colares de contas e miçangas, e dão de volta cocares de longas penas

multicoloridas e colares de conchas brancas e dentes de onça. "Assim, o primeiro trato com aquela gente se reduziu a algumas dádivas ou escambos feitos de parte a parte, e mediante as costumadas prevenções."

Por mais que o grupo de Nicolau Coelho tentasse se comunicar com os nativos, convidando dois dos "pardos" para uma visita à nau-capitânia, não conseguia se fazer entender. Os intérpretes de línguas africanas e asiáticas estão espantados com aquela "fala" sintética e de bela sonoridade. Um marinheiro ainda tenta a comunicação com os seus rudimentos de hebraico e grego e nada consegue.

— Não são judeus nem muçulmanos. — diz Nicolau Coelho.

Feita a troca de presentes, os silvícolas se afastam, e o navegador resolve regressar à frota.

A noite foi de tormenta, fortes ventos, interrogações sobre aquela terra e aquela estranha gente. Temendo que a armada fosse jogada em algum banco de areia ou arrecifes, Cabral dá ordens para arribarem âncora.

— Procuremos um porto mais seguro — diz o capitão-mor. — Onde possamos abrigar toda a armada.

E viajam mais dez léguas, subindo a costa durante o dia inteiro. De repente aquela espécie de baía, "um arrecife com um porto dentro, muito bom e muito seguro".

Agora é o próprio piloto de Cabral, Afonso Lopes, quem vai à terra, recebendo as ordens de seu capitão:

— Quero saber, senhor Lopes, se a enseada é propícia e se o porto é seguro em caso de tormentas. À primeira vista parece-me um belo abrigo natural para as naus de Sua Majestade D. Manuel.

Cabral recomenda ainda a Afonso Lopes, que leva guarda armada de apoio, contatos com os naturais da terra, insistindo naquele ponto: convite a uma comissão de nativos a serem homenageados na nau-capitânia. Como "língua", Lopes prefere levar um marinheiro mouro, que aprendera a falar por gestos com habitantes da Índia. Ali mesmo, a bordo do barco de Cabral, viajavam alguns "índios da Ásia".

E em breve o grumete do cesto da gávea está alertando:

— Barco a bombordo, capitão. Parece que traz nativos com o piloto Afonso Lopes.

Debruçam-se no convés da nau-capitânia, Cabral, frei Henrique de Coimbra, seu auxiliar frei Francisco da Cruz, o escrivão Pero Vaz de Caminha e mais uns poucos imediatos.

— Espero que essa estranha gente venha desarmada — diz frei Henrique. — Estou a notar, desde agora, a sua nudez pecaminosa.

— Parecem-me "mancebos e de bons corpos" — diz Caminha.

A tarde está escurecendo rapidamente naquele dia 24 de abril e Cabral pede tochas para iluminar a subida à nau dos seus tripulantes e da comitiva de nativos. O capitão-mor está bem vestido e se dando ar de grande autoridade naqueles primeiros e excitantes momentos de contato com habitantes da estranha terra.

Como documenta Pero Vaz de Caminha, "logo vieram todos os capitães das naus a esta nau do capitão-mor".

> Dois deles foram conduzidos à presença de Cabral que os recebeu a bordo enfeitado com seu colar de ouro e imponentemente sentado, repousando os pés numa alcatifa.
>
> *A. Souto Maior*

Era como se todos esperassem se defrontar com embaixadores políticos e estadistas. Caminha registra: "O capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés uma alcatifa por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro, muito grande, ao pescoço. E Sancho de Tovar, e Simão de Miranda, e Nicolau Coelho, e Aires Gomes, e nós outros que aqui na nau com eles íamos, sentados no chão, nessa alcatifa. Acenderam-se tochas."

Os nativos, entre espanto, exaltação e gritos (dizem que os índios falam alto com alguém quando têm medo) se acercaram do capitão-mor. "Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de querer falar ao capitão: nem a alguém. Todavia um deles fitou o colar do capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisessem dizer-nos que havia ouro na terra."

O intérprete mouro lhes mostra um papagaio e os nativos também apontam para a praia. Diante de um carneiro, "não fizeram caso dele", mas alguém murmura com certa satisfação:

— Não estamos na ilha do gigante Polifemo.

Quando foi mostrada aos visitantes uma galinha, eles tiveram medo e muito a custo passaram as mãos sobre ela.

— Tragam vinho e comida — ordena Cabral. — É mais fácil conquistar pela boca do que pelos olhos.

Como as pipas já estavam vazias, foi trazida a bebida de reserva particular do capitão-mor. Frutas secas, "peixe cozido, confeitos, fartéis, mel", nada quiseram os nativos e quando provavam alguma coisa, "logo a lançavam fora".

O mesmo aconteceu com o vinho e a água potável apenas lhes serviu para lavarem a boca. Como já fosse noite e o mar estivesse encapelado, os dois silvícolas procuraram se acomodar por ali mesmo e "estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir sem procurar maneiras de encobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas; e as cabeleiras delas estavam bem rapadas e feitas".

Cabral e seus oficiais se divertem com aquilo. Os jesuítas se persignam. Diz o capitão-mor:

— São almas inocentes, puras, a civilização ainda não chegou por aqui — volta-se para o frei Henrique de Coimbra:
— São ovelhas desgarradas que precisam de um pastor.

O capitão-comandante ordena que lhes seja dado o maior conforto naquela noite fria e seus próprios coxins de veludo vão servir de travesseiros, além de terem deitado "um manto por cima deles. E consentindo, aconchegaram-se e adormeceram".

No dia seguinte, um sábado, manhã radiosa, contraste do mar muito azul no encontro com a fímbria verde dos coqueiros, todas as naus entraram na enseada, "ancoradouro que é tão grande e tão formoso de dentro, e tão seguro que podem ficar nele mais de duzentos navios e naus".

— Bartolomeu Dias e Nicolau Coelho podem levar à terra estes dois nativos — diz Cabral. — Dêem para eles camisas e carapuças. O senhor Vaz de Caminha pode acompanhar meus capitães.

O que espantou mesmo o escrivão, quando em terra, foram as belas mulheres índias, "novinhas e gentis", as "suas vergonhas" "tão limpas das cabeleiras". Mulheres bem-feitas de corpo, salienta Caminha, algumas pintadas por toda a pele, e uma delas, naturalmente olhada mais de perto, era "tão graciosa

que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela".

À tardinha, Cabral embarca num batel para ele próprio vistoriar a baía, juntamente com seus capitães e pilotos. Não desembarcam, no entanto, e não vêem mais nenhum nativo. Próximos a um ilhéu grande, alguns marinheiros remadores do escaler tentam a pesca com chinchorro (rede) "e mataram peixe miúdo, não muito. E depois volvemo-nos às naus, já bem noite".

Vinte e seis de abril, "domingo de Pascoela", Cabral quer ouvir missa e sermão em terra firme. "E mandou a todos os capitães que se arranjassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou armar um pavilhão naquele ilhéu, e dentro levantar um altar mui bem arranjado." E frei Henrique de Coimbra reza a missa, todo paramentado como manda a Igreja, "em voz entoada", e que "foi ouvida por todos com muito prazer e devoção".

A bandeira de Cristo (da Ordem de Cavalaria) tremulava ao vento, a copa das árvores farfalhando, em cujos galhos altos poderiam ser vistos alguns silvícolas, e outros estavam na praia, alguns armados de arco e flecha, curiosos e murmurantes. Por entre as folhas vislumbram aquela imponente cruz, marco da "sacrossanta primeira missa que se ouviu no Brasil; lá mais adiante no mar as igaraçus poderosas".

Frei Henrique faz o seu sermão, "uma solene e proveitosa pregação da história evangélica". O religioso fala ainda a todos que viajaram, descobriram a terra e estão sob a égide da Cruz, "sob cuja obediência viemos, lembrança que veio muito a propósito, e fez muita devoção".

Terminado o sermão "proveitoso", Cabral cumprimenta Coimbra e os demais jesuítas, seguido de seus capitães, e os índios parecem compreender que ali se realizara importante cerimônia, tanto é que alguns deles "tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e dançar um pedaço". E depois foram se retirando quando Cabral e os seus se encaminharam para os escaleres. Os silvícolas tinham a sua própria embarcação ligeira, que Caminha chama de almadias, que eram canoas cada qual escavada num tronco, ou pirogas — verdadeiras esculturas feitas na árvore viva e depois "descascadas" por inteiro através de tições em brasa.

Costeando o litoral, os navegadores acabaram sendo convidados pelos indígenas para uma refeição, numa espécie de

aldeamento que tinham nas proximidades. Um deles, possivelmente o líder do grupo, o *principal* ou tuxaua, ou um morubixaba, chefe de guerra, todo enfeitado de penas, cocar vermelho e amarelo na cabeça, se fez entender pelo "língua" mouro através de muitos gestos e gritos.

Cabral achou aquilo simpático por parte dos nativos e aceita o convite e os batéis embicam novamente para a praia.

Frei Henrique estava apreensivo, temendo o pior.

— Capitão... não tivemos notícias de gente antropófaga por paragens remotas do mar-oceano? Que ilhas serão estas? O que estes gentios têm a nos oferecer?

> O alimento de que se sustentavam era sem composição, logrando a simples bondade dos frutos, das caças e dos pescados.
>
> *Rocha Pitta*

Alguns capitães desvestem suas ricas capas de seda e se sentam na relva fresca, Cabral deslumbrado com o panorama. Eles estão numa parte elevada do terreno, vendo-se a praia de ondas calmas lá embaixo, não muito distante de onde ficara "o padrão da sagrada Cruz".

Foram trazidos, em limpos alguidares de barro, saborosos camarões, "que em nenhum tempo o vi tamanho", escreve Caminha. Os índios fizeram questão de provar primeiro a iguaria, de todas as terrinas, para tirar dos estrangeiros qualquer dúvida quanto à sua pureza.

O morubixaba, ou chefe de guerra daquele grupo, se faz ainda entender pelo marinheiro mouro, de nome Acatu, que muitas aldeias de seu povo existiam em toda a orla marítima e que poderiam visitá-las e trocar presentes. Insiste no nome Tupinambás e bate repetidas vezes no peito, e o mouro responde Portugueses com o mesmo gesto.

Cabral agradece a gentileza da refeição, levanta-se e é logo acompanhado de todo o seu séquito, e pede ao "língua" mouro que diga ao morubixaba que outras igaraçus, muitas delas, voltarão a visitá-los. "E depois de termos comido vieram logo todos os capitães a esta nau, por ordem do capitão-mor."

— Poucos mortais já tiveram esta regalia de uma refeição nativa em terra ignota — observa Cabral. — Como vê, frei

Henrique, nossos anfitriões, a despeito da nudez e da incultura, comem tão bem quanto os europeus.

— Na verdade, capitão, nunca havia provado coisa tão deliciosa. Este camarão com molho de ervas tão cheirosas não lembra as especiarias mais requintadas? Sem dúvida estamos nas Índias.

— Camarões... e não coxas chamuscadas de inimigos... — murmura Bartolomeu Dias.

Cabral volta-se para os seus capitães e indaga:

— Não acham os senhores que devemos dar conta logo ao nosso rei "do achamento desta terra"? Podemos mandar de volta a Lisboa a nau de mantimentos. Abasteceremos as demais caravelas com água potável e frutos aqui da região. Os nativos são por demais hospitaleiros e não teremos dificuldade em fazer isso.

Já a bordo da nau-capitânia, em seu camarote, Caminha se prepara para escrever ao rei D. Manuel e o faz preocupando-se em cristianizar "aquela gente" logo, "visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências". E a aparência daquela gente, para Caminha, é "de bela simplicidade". E assim, "se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual preza o Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade".

Caminha roga ao rei que "deve cuidar da salvação deles. E praza a Deus que com pouco trabalho seja assim". Mal poderia imaginar o escrivão da Calicute o quanto de fé e violência seria empurrado de goela a baixo dos indígenas.

Um chefe morubixaba, naquela solene missa de 1º de maio, chega a compreender o que se passa nas suas terras, mas sem ainda o alcance da hipocrisia das "descobertas", e aponta para o altar de frei Henrique e "acenou com o dedo para o alto, e depois mostrou com o dedo o Céu". Caminha exultou com aquilo: "Ora veja Vossa Alteza quem em tal inocência vive se se converterá ou não, se lhe ensinarem o que pertence à sua salvação."

Entre muitos degredados e aventureiros que iam a bordo da nau-capitânia, possivelmente para serem deixados na África ou na Índia, Cabral escolhe dois jovens para se estabelecerem na terra e passarem a conviver com os nativos.

— O nosso "língua" mouro, senhor Acatu, se quiser se juntar a eles, ora muito bem... Não lhe será difícil aprender a fala dessa gente — diz Cabral.

Mas logo o capitão fica sabendo da fuga de dois grumetes, que à noite passada tinham roubado um batel e se lançado no rumo da terra. Esses homens nunca mais serão vistos. Os indígenas, por outro lado, começarão a sofrer o "efeito" descobrimento de suas terras por séculos e séculos, e nunca mais serão os mesmos com a presença devastadora dos ditos brancos: navegadores, náufragos, clericos, aventureiros, colonos, bandeirantes.

A "inocência desta gente" que diante "da de Adão não seria maior — com respeito ao pudor", será conspurcada e a sua utopia de governo e de vida destruída.

Despede-se Caminha na sua carta de "achamento" pedindo um favor ao rei, para que intercedesse na transferência de um genro... e depois "beijo as mãos de Vossa Alteza". Assina a carta de Porto Seguro, "da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro de maio de 1500".

A carta de Vaz de Caminha, que é o documento por excelência da descoberta, não é explícita e não diz quem levou a notícia a Portugal.

João Ribeiro

Cabral já tem pressa em retomar o caminho para as Índias (seu suposto objetivo inicial) e ordena que Gaspar de Lemos leve as boas-novas a D. Manuel. O "malote" do descobrimento carrega cartas do próprio capitão-mor e mais as do físico mestre João e Pero Vaz de Caminha. O navio carrega ainda alguns exemplares de papagaios e toras de madeira, em especial o pau-brasil (ibirapitinga) e mais utensílios indígenas, como arcos e flechas, cocares e braceletes de penas furta-cores.

— Mandamos para Portugal as provas sobejas da existência da nova terra — diz Cabral. — E só esperamos que o Reino saiba tirar bom proveito dela. Cumprimos o nosso dever.

E frei Henrique de Coimbra arremata:

— E com a Cruz fincada em Porto Seguro, por certo esta será a maior nação católica do mundo.

Onze dias ao largo, de volta ao Oriente e às costas africanas, a frota de Cabral é presa de violenta tempestade e perde quatro embarcações. Por ironia do destino, já próximos ao cabo da Boa Esperança (cabo Tormentoso), Bartolomeu Dias, que o havia descoberto, afunda com a sua caravela e toda a tripulação.

— Uma lamentável perda — murmura Cabral.

Ao aportar em Moçambique, o capitão-mor recebe a notícia da perda de mais uma nau (extravio ou fundo do mar), a do capitão Diogo Dias. A frota segue até Angediva. A viagem é longa e cheia de contratempos. Quando Cabral já avista Calicute, faz cálculos com seus pilotos e concluem:

— Três meses da ilha de Vera Cruz à Índia.

Em Calicute, Cabral tem que se transformar num verdadeiro guerreiro do mar, ao se defrontar com os piratas muçulmanos ancorados no porto. O capitão perde 30 homens logo nas primeiras escaramuças, mas acaba por saquear e incendiar as embarcações árabes. Por outro lado, os nativos indianos não se sentem seguros com a presença dos portugueses e passam a hostilizá-los. Cabral volta à luta e bombardeia a cidade durante dois dias seguidos. Afinal a paz a muito custo e o estabelecimento de um forte-feitoria no local. Pero Vaz de Caminha assume o seu emprego.

As naus restantes da esquadra já se abastecem de especiarias, o alvo inicial ou secundário da grande viagem. Cabral apanha mais carga preciosa em Cananor e comenta com seus capitães:

— Nunca uma esquadra de Portugal foi tão bem-sucedida. Terras novas para o Reino e especiarias para os armazéns de nosso rei.

Já estamos em janeiro de 1501.

Cabral resolve voltar a Portugal. Ainda perde uma embarcação e despacha outra para explorações (escravos e especiarias) em Sofala. O capitão-mor olha meio entristecido para a sua esquadra, embora os sucessos comerciais e de achamento da sua viagem. É que a inicial soberba frota está reduzida a quatro caravelas. E ainda recebe de Afonso Lopes a advertência sumária:

— Meu capitão, precisamos aportar em Moçambique para reparos urgentes nas embarcações.

E é o que faz Cabral e segue viagem já saindo do Índico. À altura do cabo da Boa Esperança, Diogo Dias e o capitão que

fora a Sofala se juntam à agora pequena esquadra. E é com apenas seis naus que Cabral adentra a foz do Tejo.

— Perdemos sete caravelas e muitas vidas — medita o capitão — Terá valido a pena tanto sacrifício? Temos as especiarias, sim... mas o que nos reservará no futuro aquela ignota terra?

O rei D. Manuel exulta quando sabe que as caravelas restantes da grande esquadra de 13 naus estão abarrotadas de especiarias, tecidos, porcelanas e finas sedas de São Lourenço (Madagáscar), estas trazidas por Diogo Dias.

— Graças ao nosso bom Deus as despesas de vossa viagem serão todas cobertas com o rico cabedal — diz o rei ao seu capitão-general.

E escreve reticentemente aos reis da Espanha, dando a entender que a descoberta de Cabral não passava de uma pequena ilha do Atlântico. Certo ou não do valor político ou econômico da ilha de Vera Cruz, D. Manuel adota para si próprio novos títulos, como Rei de Portugal e dos Algarves, de Aquém e de Além-Mar em África, Senhor da Guiné, da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia.

No ano seguinte, 1502, D. Manuel quer novamente Cabral na rota milionária, ou seja, Índia e ilha de Vera Cruz. É preciso reforçar as feitorias e estabelecer algumas no novo território, pois os grumetes desertores e os dois degredados deixados pelo capitão não são confiáveis como um "sinal" ou "gesto" de posse.

Chamado para a nova empresa, Cabral não concorda que seu posto de comandante da frota seja repartido com Vicente Sodré, para ele um inexperiente navegador, e renuncia à viagem. D. Manuel não se incomoda muito com a atitude do capitão, pois já tinha na manga de punhos rendados um excelente trunfo, Vasco da Gama, que é imediatamente convocado. "Esse incidente encerrou a carreira marítima de Pedro Álvares Cabral. Nunca mais D. Manuel o chamou para qualquer missão oficial."

Na Corte houve alguns mornos protestos, um tardio de Afonso de Albuquerque, governador da Índia. E talvez o rei não tenha gostado de Albuquerque ter atribuído o equívoco a ambos, Cabral e D. Manuel.

O jovem Diogo Álvares Correia está com 15 anos de idade e já perturba a mãe querendo se largar pelo mundo, longínqua nostalgia "do ingrato" pai, que nunca mais dera notícias. "Talvez morto ou comido pelos hereges", às vezes comentavam os amigos e Dona Eleutina já aceitava pacificamente esta idéia.

Diogo não se interessa pelas vinhas da família, pelas criações, nem tem olhos para uma bela cachopa que vive a assediá-lo. "Se me caso com Ana, jamais sairei de Viana do Minho", ele pensava. Diogo olha sempre para o horizonte e as nuvens ligeiras do céu o fazem imaginar as naus e caravelas que demandam o Atlântico desconhecido, as terras novas. Um dia... quem sabe?

Por outro lado, a bela Ana é um forte apelo sentimental para deitar raízes em sua terra natal, ainda mais que a mãe vive a querer lhe incutir isso na cabeça:

— Ora, meu filho, a bela Ana é iletrada, mas tem inteligência clara e percepção aguda. Nada há quem lhe desabone a honestidade. Em tudo, meu Diogo, esta cachopa é moderada.

— Ora, minha mãe... — era sempre tudo o que o rapaz tinha a dizer.

11

OS CANTORES TOSTADOS

A-mer-ik é todo o espaço, toda a região banhada pelo grande mar e pelos mil rios de prata. A-mer-ik quer dizer Toda Cercada pelo Mar.

Binot Namoá

1503

De Terra dos Papagaios a ilha de Vera Cruz, passando por Terra de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz e Santa Cruz, os descobridores apalpavam uma idéia, um nome para a designação da nova terra. Os nativos foram logo chamados de índios, como o eram os habitantes das Índias, abrindo o primeiro equívoco historiográfico.

Um dia, alguns marinheiros portugueses e franceses, contrabandistas do pau-de-tinta (chamado ibirapitinga pelos

silvícolas) ouviram os nativos, quando mais pressionados a trabalhar para os aventureiros, bater nos peitos gritando:

— Be-ra-zil! — e repetiam a estranha palavra e o gesto: — Be-ra-zil!

O que eles queriam dizer com aquilo? Que aquela árvore, cujos troncos carregavam nos ombros para os batéis dos contrabandistas, se chamava Be-ra-zil? Piratas e degredados acharam que sim, aquela madeira era o pau-brasil, da ilha do pau-brasil, do Brasil.

Como a árvore ibirapitinga era cor de brasa, havia identidade visual com a pele dos nativos, e as designações foram se sucedendo, "a terra do pau-brasil" ou "a terra dos brasis". Historiadores modernos não se referem a índios e sim a brasis, o que os fazem estar mais perto da verdade.

Há documentos medievais franceses com o termo *brezil* para o corante. Os alemães, quando queriam se referir ao "vermelho do fogo" o faziam com a expressão *brasilen* ou *braezelen*.

O viajante Marco Polo fala em *Berzin*, ilha remota, provavelmente do mar da China, "onde viviam povos antigos". E o mais incrível é que já em 1367 o nome Brasil, assim com esta grafia, aparece nos mapas do cartógrafo Pizigani, para designar uma "oculta ilha do meio do Atlântico". Talvez o continente desaparecido Atlântida... e os nomes Be-ra-zil e A-mer-ik teriam vindo de lá no estranho êxodo de todo um povo.

Então os silvícolas encontrados pelos europeus, com aquela expressão Be-ra-zil, não estavam designando o pau-de-tinta, que tinha o seu próprio nome nativo, mas a eles mesmos, no seu orgulho de gente já espoliada, como se quisessem dizer:

— Somos os Be-ra-zil, gente nobre, Os Cantores Tostados.

Ou ainda:

— Esta terra é o Domínio dos Cantores Tostados.

Ao contrário do que pensam alguns historiadores, como João Ribeiro que disse que "era o Brasil habitado por uma gente da mais ínfima civilização", os ameríndios eram grandes apreciadores da música, tocando uma variedade de flautas e cantando belos cantos em suas cerimônias. Pesquisadores alemães chegaram a registrar seus rudimentos de verdadeiros poemas. Excelentes ceramistas, domesticavam animais para o uso de sua bela arte plumária. Animistas, vivendo em função dos mistérios

da natureza, davam um valor especial a objetos e à sua própria atividade, como a caça e a pesca, que tinham preparo cerimonial. Dançarinos, oradores e... ritualisticamente também comedores de carne humana. Mas até nesse costume não estavam longe dos ditos civilizados, como observa muito bem Mário Maestri nesta passagem do seu *Terra do Brasil — A conquista lusitana e o genocídio tupinambá:* "Já em junho de 1496, durante o regresso à Europa da segunda expedição colombina, exasperados pela falta de alimentos, marinheiros teriam sugerido insistentemente que fossem devorados os índios que viajavam como cativos."

— Somos os Be-ra-zil...

O erro crasso tem sido repetido pela maioria dos historiadores, bem como também a origem do nome América, muitos o atribuindo ao navegador Américo Vespúcio. De vez em quando a coisa é lembrada para lamentarem o esquecimento do nome de Cristóvão Colombo, que teria "batizado" apenas uma pequena porção de terra, "nação mofina do Novo Mundo".

Quando os silvícolas falavam em A-mer-ik estavam se referindo à região Toda Cercada pelo Mar. E mais, tal palavra teria sido cunhada muitos séculos atrás, talvez mesmo no ignoto país originário dos brasis. Ao falar Platão de um continente desaparecido, Atlântida — para alguns etnólogos, os ameríndios teriam vindo de lá, quando um sacerdote anunciou grande calamidade, um terrível dilúvio —, deixa entender que em sumeriano a palavra A-mer-ik se refere ao continente desaparecido. Assim, os atlântidas teriam levado o nome A-mer-ik para a sua terra de adoção, após um fantástico êxodo.

Na tradição dos tupinambás, que habitavam a mata atlântica no tempo dos descobrimentos, o povo de designação mais antiga, diziam os pajés velhos que eles tinham vindo de muito longe, de outro mar-oceano, possivelmente o Pacífico. Teriam sofrido fome e morte na "travessia", mas haviam escapado dos males de Anhangá, o espírito ruim.

A especulação procede: havia entre o oceano Pacífico e o Ártico uma passagem, um estreito, de nome Behring, e por ali teriam passado muitos povos asiáticos — os gestos, as feições "mongólicas", a língua sintética e rudimentos de arte "egípcia", indicam a origem oriental dos ameríndios.

Ou, por outro lado, como admitem alguns historiadores, existira de fato um continente intermediário, que ligava pelo

oceano Atlântico as novas terras com a África e a Europa. E por alguma razão, calamidade, cataclismo ou êxodo voluntário, houve uma migração em massa. O povo trouxe os nomes ancestrais, Be-ra-zil e A-mer-ik.

Quanto à designação de América, derivado do nome de Vespúcio, é bom lembrar que ele se chamava Amerigo, nome italiano, e nome comum no mundo românico. Em espanhol é Eimerico e em francês Aymeri. O fato é que o nome América é anterior ao navegador Vespúcio e está gravado em alguns lugares da região.

Alguns eruditos, gente pesquisadora e curiosa, que não se conformam com as coisas fáceis e óbvias, atribuem a origem do nome Brasil não a uma árvore ou a um povo, mas simplesmente a um general muçulmano, que esteve na península ibérica quando da invasão dos árabes. Ele se chamava Bralj-ibn. Historiadores identificaram uma sua assinatura como Brajile. Na antiga Espanha, Andaluzia, o nome do general era famoso.

E o que dizem os arqueólogos e historiadores brasileiros? Eles já disseram muita coisa que não consta dos compêndios dos colégios como, por exemplo, terem encontrado inscrições rupestres muito antigas em monumentos magalíticos e cavernas no Brasil. Peregrino Vital localizou uma gruta em Minas Gerais, na serra de Itaquatiá, cheia de desenhos e inscrições.

Ele declarou:

— A inscrição nos declara que a identidade da América com a Atlântida dos antigos é um fato.

O mais incrível é que lá na velha gruta mineira estão gravados os nomes A-mer-ik e Be-ra-zil. E tais inscrições datam de época pré-cabralina. A curiosidade é que na Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro, existem gravações similares, algumas atribuídas aos marinheiros fenícios que estiveram por aqui numa primeira tentativa de colonização.

Peregrino Vital insiste nessa semelhança:

— A inscrição de Itaquatiá é a mais perfeita que possuímos da nossa pré-história: é perfeita correspondência à descrição de Platão sobre a Atlântida.

Os nomes das tribos indígenas do Brasil são outro equívoco dos historiadores, nativos ou estrangeiros. Havia um único tronco na região litorânea (de 1 milhão a 5 milhões de indivíduos), daí a língua geral que falavam e que também iria se modificar com a dissensão de grupos. Os navegadores e descobridores batizaram-nos de guaranis (os espanhóis) e tupis (os portugueses). Mas o fato é que todos os silvícolas nessa faixa eram tupinambás, o tronco principal, ou guerreiros tupis.

Possivelmente teriam vindo, há 3 mil anos, de região amazônica. Alcançando a foz do Amazonas, derivaram para o Sul, espalhando-se pela costa até São Paulo. Por isso era fácil qualquer navegador, aportando por aqui, encontrar logo alguns silvícolas.

E as outras designações das inúmeras tribos? Quando havia dissidência entre os índios, o núcleo que detinha a tradição (tupinambá) chamava os "inimigos" de tupinaens, ou seja, os tupis maus. Quando apareciam alguns grupos novos, migrantes (eram todos nômades e mudavam suas aldeias de tempos em tempos, ou voltavam aos mesmos lugares), os tupinambás chamavam-nos de termiminós (no caso os que se instalaram na ilha de Itaparica e Ilhéus). Os vizinhos, considerados amigos e parentes, eram os tupiniquins, e conviviam com o grupo principal. A designação tamoio (os silvícolas da região sudeste) era curiosa: eles próprios se haviam autonomeado e se consideravam os "legítimos" tupinambás, os "velhos". Às vezes os grupos mudavam de nome, como no caso os termiminós: quando o morubixaba Gurupeva (no tempo de Caramuru) decidiu romper com Taparica e se unir aos termiminós, os tupinambás passaram a chamá-los de tupinaens (os tupis maus) ou margaiás. Quando um grupo atacava, mais feroz, em busca de mulheres e armas, eram chamados de maracajás, os gatos selvagens. Os estrangeiros de modo geral, não pertencentes à nação tupinambá, eram os tapuias ou caraíbas.

Embora os preconceitos generalizados em relação aos nativos do Novo Mundo, apontados sempre como "gente inferior", alguns historiadores modernos reconhecem a importância social e antropológica dos habitantes da América, como Mário Maestri, que assim situa os tupinambás: "Os primeiros europeus que visitaram as costas brasílicas ficavam impressionados com a profunda harmonia e civilidade que reinava em uma aldeia tupinambá."

De qualquer maneira, com equívocos históricos, designações erradas e pontos de vista etnológicos preconceituosos, des-

de mesmo o "alvorecer" da nova terra, ela era "conveniente e necessária à navegação à Índia, porque ali Cabral corrigiu as suas naus e tomou água", como disse o próprio rei de Portugal.

Então a terra dos brasis seria apenas uma "rota de passagem para o refresco de tripulações e naus" e ainda "devido aos problemas de navegação atlântica, era usada como eventual escala pelos navios que seguiam para a África ou para as Índias."

Américo Vespúcio e André Gonçalves estão reconhecendo as costas brasileiras, e mais Gonçalo Coelho. Vespúcio faria quatro viagens à América, deixando relato de suas aventuras, com o detalhe da descoberta das redes de dormir usadas pelos silvícolas, mais arejadas e confortáveis do que as sebentas camas cheias de percevejos da Europa.

O espanto maior do navegador:

— Os índios se banham continuamente e são polígamos muito zelosos.— E mais: — Não se lhes pode chamar de mouros ou judeus; não lhes vimos praticar nenhum sacrifício e tampouco possuem casas de oração."

Américo Vespúcio, de certa feita de suas viagens exploradoras, ao entrar por uma bela enseada, cheia de baleias azuis e golfinhos, litoral de verdes coqueirais, a batizou de Bahia de Todos os Santos. Esta baía será o ponto de referência, desde então, para o encontro de naus desgarradas, "o ponto de concentração, marcado ou determinado".

Mas Américo Vespúcio não quis se aproximar dos silvícolas de Mairagiquiig, que por vezes acenavam para as naus mostrando robustos troncos de madeira, como se já houvessem escambado com outros estrangeiros. Eles pareceram ao navegador "muito hostis e cheios de truques", mas foi desembarcar mais para sudoeste numa região "de bom porto", que chamou de Cabo Frio. Necessitando de víveres e água potável, resolve mandar batel à terra e faz contato com pequeno grupo de silvícolas. Observa que há grande quantidade de pau-de-tinta na região e, pensando em futuras negociações com os nativos, constrói um posto avançado, uma feitoria.

"A espada do Estado e a Cruz de Cristo" e mais "o dinheiro dos mercadores" vão dar início à cristianização mercantil e descaracterização dos povos considerados bárbaros. Já tocamos no ponto, mas é bom repetir: o preconceito dos historiadores, que se consideram cultos e civilizados, é estarrecedor, e

até hoje não tomaram conhecimento das teses de Claude Lévi-Strauss, para quem magia e ciência são duas formas de conhecimento paralelas, a primeira não antecede a outra nem lhe é inferior.

Embora reconhecendo que em algum momento, no Brasil, "a espada cedera lugar à pena" (no caso dos jesuítas), o ilustrado cônego Fernandes Pinheiro afirma que "a nossa religião era superior ao grosseiro culto de Tupã" e a sua virtuosa caridade foi o que mais impressionou "aos bárbaros e que lhes fez crer na origem divina da nossa crença".

Rocha Pitta chama os índios de gentios, um termo mais suave para selvagens, mas quando se refere às proezas de Diogo Álvares Correia, o Caramuru, residente na Bahia, diz que ele era dotado de "algumas prendas" e que tais dotes "sabem avaliar os bárbaros". E todo o vasto território descoberto estava "habitado de inculta gentilidade".

A curiosidade é que todos os descobridores, navegadores e historiadores achavam ser ponto pacífico que os colonos portugueses fossem os "donos" do lugar e os índios uns reles intrusos numa rota de colizão com a grande civilização européia onde praticamente ninguém tomava banho... daí o espanto de Vespúcio.

Donos da terra alheia... e Rocha Pitta chega a se espantar com o fato de os portugueses terem encontrado "tão cruel resistência e tão áspera porfia". João Ribeiro lamenta que os colonos tenham "derramado muito sangue e perderam muitas vidas", e reconhece que a "propriedade" do Brasil se exerceu pela "ocupação e uso" da terra. Então "as capitanias feudais" eram a melhor indicação para os "bugres e selvagens".

Novas cruzadas aprontam-se para o desafio e em breve o Brasil, o Domínio dos Cantores Tostados, começará a entoar outro tipo de música, não mais a inúbia ou os flautins, os coros solenes de exaltação às caçadas ou pescarias, mas o fragor dos canhões e os cantos sacros das igrejas e capelas que pontilharão o "território virgem".

O pau-de-tinta, já escasseando no litoral — em poucos anos será a maior devastação ecológica ao lado do genocídio indígena —, era carregado no lombo de alguns silvícolas sumissos de 15 a 20 léguas de distância (a mata atlântica tinha perto de 200 quilômetros da costa para o interior), para atender às "atividades comerciais ultramarinas" e sustentar "o monopólio real" ou "o monopólio da Coroa".

Mas o rei D. Manuel não estava satisfeito. Colocando na balança as especiarias e a madeira, achava ele o comércio das sacrificadas árvores muito fraco, "sem ganho substancial".

— Vou passar essa Terra dos Papagaios e de selvagens adiante — diz o soberano para os seus ministros e cortesãos.

— Não vai Vossa Alteza passá-la de mão beijada aos reis da Espanha, pois não? — indaga-lhe um abastado comerciante, um cristão-novo, sócio de empresa comercial da qual participavam alguns italianos.

Fernão de Loronha ou Noronha freqüentava o palácio e tinha acesso às audiências com o rei. Consta que teria custeado parte das despesas com a frota de Cabral. Ele espera a resposta de D. Manuel, mas já tem algumas idéias na cabeça.

— Pensando bem... — vacila o rei. — Não vou dar a Terra dos Papagaios nem vendê-la. Quero arrendá-la, uma experiência comercial de teor avançado. Se bem-sucedido o arrendatário...

Fernão de Noronha não deixa D. Manuel terminar e se propõe a ser, imediatamente, o arrendatário do Brasil. Embora a empresa dos judeus explore a região de 1502 a 1511, a coisa não vai dar certo. Dono da "possessão americana", Noronha tinha a obrigação de encher seis naus de pau-brasil por ano, desembarcando-as em Portugal, além do dever de construir um fortim em regiões estratégicas da costa. Estes barcos, às vezes em número de oito, eram sistematicamente abordados por piratas, saqueados e destruídos. À época, até mesmo os prósperos armeiros e comerciantes de Dieppe e Saint-Malo se sentiam no direito de espoliar o Brasil, com arrendatário oficial ou não.

Mas a espoliação por excelência estava sendo feita pelo próprio Fernão de Noronha, sem escrúpulo algum em relação à terra e seus habitantes. Já no final de seu mandato, temos notícia da nau *Bretoa* que levou para a Europa 35 silvícolas entre homens e mulheres, "nativos americanos escravizados", cinco mil toras do pau-de-tinta pesando cada uma cerca de 25 quilos, além de inúmeros sagüis, papagaios, macacos, preguiças. Noronha teve ainda navios naufragados, um deles nas proximidades da ilha que leva hoje o seu famigerado nome.

Todo mundo queria meter a mão. Havia na época um notório pirata francês, de nome Mondragon que, depois de agir por anos nas costas africanas, resolve passar para o continente

fronteiriço. Ele nunca ia à terra, esperava em alto-mar os navios abarrotados de mercadorias e os atacava com a maior eficiência.

O pirata Mondragon?, muitos indagavam com temor. É que ninguém escapava dele, uma vez sendo o seu alvo escolhido. Era preciso neutralizá-lo, pensam as autoridades portuguesas num meio para isso. Mas tal só se realizará quando da desistência do arrendatário do Brasil. Fernão de Noronha acaba saindo de bolsos vazios da empresa.

Em 1503, Diogo Álvares Correia chega aos 18 anos de idade. Está pronto para deixar a terra natal. Anos sem se interessar pelos negócios de sua família, sente que está na hora de se largar pelo mundo, vasto mundo. O apelo é insistente e forte. Ao perder a mãe, resolve vender as propriedades de Viana do Minho, que já não valiam grande coisa.

Sentindo-se agora inteiramente livre, sem as lamúrias da mãe e sem vínculo sentimental mais forte com a cachopa Ana, viaja para Lisboa. Não esperava encontrar o velho pai, já quase esquecido, num daqueles barcos mercantes ou piratas, mas em se atirar, ele próprio, à grande aventura do mar.

A despedida da pequena namorada é pungente e patética pelo lado da rapariga, mas fria e calculista por parte de Diogo.

— Quem viaja para as lonjuras do mar-oceano, Dioguinho, não volta nunca mais de lá. Veja o vosso pai... — diz-lhe Ana.

— Ora, minha pequena, rapariguinha sonhadora, sou um homem e tenho cá meus ideais. Não posso sacrificar a minha vida em Viana do Minho. Aqui tudo está morto.

— Nem por mim, Dioguinho, que o ama muito? Não seria um sacrifício... Um lar feliz, não é o que todo homem deseja?

— Toda moça, talvez.

— Sei que o vosso coração é bondoso, terno, um rapaz ideal para qualquer rapariga.

— Não é esse o ponto, minha pequena Ana. Desculpe... Não estou a pensar nisso... nessas coisas corriqueiras que, sei, amansam um homem. Mas ainda por agora sou um cavalo chucro. Há uma força mais forte que me impele para a aventura e o desconhecido. Viajar... Nada mais a ver com a partida de meu pai. Agora é coisa inteiramente minha, Ana. Como se o meu destino me esperasse nas lonjuras do mar-oceano, como diz.

Ana baixa a cabeça e Diogo se afasta, sem mais uma única palavra. Ia, de fato, ao encontro de seu destino, a milhas e mi-

lhas de distância de sua pequena e pacata terra natal e dos olhos lacrimejantes da pequena cachopa.

12

O OVO DE COLOMBO

Deus me fez mensageiro do novo Céu e da nova Terra. Mostrou-me onde encontrá-la.

Cristóvão Colombo

1506

Morre em Valladolid o famoso navegador, no mesmo ano em que saem de casa para a aventura no mar desconhecido três jovens audaciosos de diferentes procedências, o alemão Fred Staden, o português Diogo Álvares Correia e o espanhol Pedro Sanches. Como Colombo, que estava próximo dos seus 25 anos numa Lisboa agitada de alguns anos atrás, eles percorrerão a Europa à procura de um barco que tenha como meta as Índias ou as terras recém-descobertas.

Colombo se diz mercenário e que já lutara contra frota genovesa. Saíra vitorioso, mas "ferido no flanco esquerdo por espada sarracena". Parece que diante dos reis da Espanha, ele vai distorcer um pouco a sua origem italiana e, falando espanhol correntemente, dará a entender que vem de Maiorca, o que mais tarde será comprovado por Giovanni de Borromei.

O certo é que àquela altura em Lisboa, jovem, idealista, cheio de planos e profundos conhecimentos náuticos e humanistas (citava a Bíblia e os clássicos gregos e latinos), Colombo admite ter naufragado nas cercanias de Portugal, razão de um incêndio criminoso em sua nau normanda, cujo capitão, de estranho nome Manuel Uranga, faz toda a tripulação saltar ao mar, ficando ele próprio em sacrifício com o seu barco.

— O capitão Manuel Uranga não foi o último a se salvar...

Talvez as histórias mirabolantes que Cristóvão Colombo conta para a Junta Real de Lisboa (homens doutos que decidiam

quais projetos marítimos seriam exeqüíveis para a Coroa) tenham feito os portugueses deixarem para segundo plano a invectiva veemente do navegador de que havia terras para o Ocidente — "el levante por el poniente" era uma verdadeira heresia marítima na consideração daquela Junta Real, e por isso mesmo Portugal vai perder a grande oportunidade de ser o descobridor da inteira América.

Em Lisboa, a que diz ter chegado a nado, Colombo se encontra numa encruzilhada, num ponto conflitante onde pode vislumbrar dois rumos: o casamento com a bela e rica Felipa Moniz e o assédio insistente à Junta Real, difícil de encarar e engolir. E os dois caminhos acabam tendo final, senão triste, pelo menos negativo.

Felipa morre cedo, de estranha doença, após dizer ao jovem Colombo que um dia ele se recordaria dela como uma longínqua sereia do mar.

— Por que estás a dizer tal coisa, querida Felipa?

— Vejo meu amado em meio a tormentas e ilhas estranhas, cheias de sereias desnudas.

Enquanto arquiteta o noivado e o futuro casamento, o navegador espera pela decisão final da Junta do rei e isso demora anos. Na última reunião com doutos fidalgos, cartógrafos e navegadores da Coroa portuguesa, Colombo lhes faz uma estranha revelação, entre muitas outras curiosidades, demonstrando grande conhecimento de causa e cultura.

— Senhores, pelas anotações de Pierre d'Aelly no seu *De Imagine Mundi*, existe toda uma vasta terra no Ocidente a ser conquistada. Não somente Aristóteles como Pitágoras crêem que a terra é redonda, mas tal idéia e tal afirmação vêm de muito mais distante, da própria Bíblia Sagrada, que diz que a esfera terrestre se sustenta no espaço. O filósofo Platão, no *Timeus*, é da mesma opinião. Então, senhores, o que esperamos? Vivemos numa casca de noz apenas um pouco maior do que a Europa. Marco Polo atingiu facilmente o hiperbóreo.

— Somos ainda de opinião, senhor Cristóvão Colombo — diz o fidalgo, misto de espadachim e comerciante, Nuno Esproncela —, de que o restante de terras do mar-oceano são apenas ilhas insignificantes, autênticos fragmentos do continente submerso, a Atlântida. O nosso citado Platão descreve tal imenso continente que não mais existe.

— Excelências... Senhores... E por que não explorar essas ilhas? — insiste Colombo. — Tenho notícias frescas, oriundas de vários marinheiros acreditados, de que pelo menos uma ilha fabulosa está lá à nossa espera. Eles a chamam de Antilha e alguns cartógrafos já a registram. A África, que sabemos hoje ser um grande continente, é isolada de outras terras, e os fenícios até já sabiam que havia uma exceção nesse isolamento, ou seja, do lado Norte ela se liga ao Egito.

— Senhor Cristóvão Colombo — volta a falar Esproncela, dedilhando a longa barba negra. — Viagens nunca feitas antes são puro palpites de aventureiros e de quem não tem cabedais para os expor e perder. Portugal já tem as ricas especiarias das Índias aos seus pés e belas feitorias na África. Mas o que nunca foi feito antes...

— Pode ser feito, Excelência — interrompe Colombo, que mete rápido a mão direita no bolso do seu dólmã de veludo verde e retira, para espanto de toda a Junta Real, um ovo de galinha. — Senhores... lanço um desafio... com a devida vênia de vossas mercês. Qual dos doutos senhores, aqui presentes, colocaria este ovo de galinha em pé? Assim como tento fazer, equilibrando-o...

Ar de amuo de todos, achando os fidalgos e cavalheiros que aquele marinheiro de obscura origem chegara ao máximo de sua petulância. Entre sussurros e gestos de descaso dos ilustres, Colombo apóia o ovo na mesa, onde se dava a reunião, e pressiona ligeiramente a casca para baixo, fazendo-o fixar-se em posição ereta e firme.

Alguns riem e levantam as mãos, os ombros, e um "ora..." de enfado perpassa por todos os lábios, como se todos achassem agora muito fácil colocar um ovo em pé. Mas não atribuíam à novidade o óbvio da situação que Colombo queria ilustrar com o seu gesto desafiador.

— Senhores... Excelências... Agora os doutos cavalheiros acham fácil fazer o que fiz. Nunca fora feito antes... Assim são as coisas novas a serem descobertas. Até o feito ser realizado, tudo parece ignoto, obscuro e inverossímil.

— Terras entre a África e a Ásia... — sussurra enigmaticamente Esproncela, e muitos ao seu lado balançam negativamente a cabeça.

Volta Colombo a falar com veemência:

— Se a douta Junta Real portuguesa me der os meios, com certeza o Reino se engrandecerá e passará à História, não fossem já desde agora os lusitanos chamados de "os cavaleiros do oceano".

Talvez aquela história do ovo de Colombo tenha até agravado a antipatia e fastio com que o navegador foi ouvido em Lisboa.

— O caminho, senhor Colombo, será o feito agora por Bartolomeu Dias, contornando o Cabo das Tormentas — ainda lhe diz Esproncela, como numa definitiva decisão da Junta.

Desesperado, Felipa à distância na saudade sentida (se ele tivesse se casado em Portugal, provavelmente teria sido companheiro de Cabral no descobrimento do Brasil?), Colombo vai para a Espanha. Na viagem por mar, num bergantim costeiro, ao lado do irmão Bartolomeu Colombo, pede a este que vá à Inglaterra avistar-se com o rei Henrique VII e lhe fale em seu nome sobre os projetos marítimos.

— Tentarei a sorte também na França, irmão Cristóvão — diz Bartolomeu.

Recolhido ao seu camarote, Colombo comenta com o irmão o expediente do ovo de galinha e ambos acham muita graça de seu feito diante da pomposa Junta Real de Lisboa. Ao apalpar no dia seguinte o seu dólmã de veludo verde, com o qual se apresentara às autoridades portuguesas, encontra ainda no bolso direito o rastro pegajoso do ovo partido, o que é motivo de novo comentário com seu irmão Bartolomeu:

— Tenho que pensar num novo expediente para apresentar à rainha Isabel de Castela.

— Ou ao Papa Alexandre VI — diz o irmão.

— Talvez lhe fale na corrente Sul do Oriente... que facilitará qualquer viagem neste rumo.

Na Espanha, Colombo recebe indicações de que tem que se avistar primeiro com gente importante do Monastério de La Rabida.

Fernão era um rei de muitas ambições. Junto com Isabel, queria unificar a Espanha e depois incorporar a Itália ao Império Espanhol — já era rei da Sicília e da Sardenha — e em seguida a França.

Simon Wiesenthal

Não se sabe quem o introduziu, mas é certo que já nos começos de 1492, Colombo se encontra com Fernão de Aragão e Isabel, que ficaram reticentes e interrogativos, a princípio, quanto ao financiamento de "uma ignota e talvez insensata viagem". Mas quando sabem que o rei de Portugal e seus ministros, e mais a Junta Real, sistematicamente durante anos deram as costas a Colombo, resolvem patrocinar a sua viagem, com a condição de que fosse curta e não muito dispendiosa.

— Ainda estamos às voltas, senhor Colombo, com essa praga de árabes e judeus — diz o rei. — Ambos estão deixando quistos irremovíveis na nossa Espanha.

Mais prática e indo diretamente ao assunto, indaga Isabel:

— Senhor Cristóvão Colombo, que credenciais o podem abonar perante o nosso Reino?

— Ora, Altezas, desde os 14 anos de idade estou no mar — explica o navegador. — Venho de uma linhagem de tecelões de Savona, é bem verdade, mas o meu destino sempre foi o mar-oceano. Conheço a manufatura dos tecidos de lã, mas também conheço cartografia e sei me orientar por astrolábios e bússolas. E falo, como é do observar de Vossas Altezas, espanhol e mais português e italiano. Sou versado em história e geografia, e sei, opinião que partilho com outros navegadores, que ocupamos só parte diminuta deste nosso planeta.

— Planeta, senhor Colombo? — espanta-se Isabel.

— Sim, Alteza, Pitágoras, filósofo e matemático, já falava na harmonia das esferas no espaço. Vivemos em pequenos planetas, quero dizer, a humanidade vive neste aqui, a Terra... Platão chega a admitir que existem outras humanidades no... universo.

— Pitágoras... — murmura o rei.

— Sim, Alteza, ele criou o sistema decimal e a teoria do quadrado da hipotenusa, o que tem muito ajudado nos cálculos marítimos.

— Hipotenusa... — fala Isabel com ar interrogativo. — Parece-me o nome de uma deusa grega...

— É apenas algo simples e prático, Alteza — diz Colombo, achando que já dominava a conversa. — Trata-se do lado oposto ao ângulo reto de um triângulo retângulo.

Sem dúvida, os reis da Espanha ficam impressionados com a verve do jovem navegador. Isabel volta a indagar:

— De onde tirou tanta sabedoria, senhor Colombo? Esteve por acaso... Passou a vida em algum monastério?

— Não, Alteza, venho de aprender e saber algo das minhas constantes viagens. Tenho aproveitado bem os meus anos de marinheiro. Sei hoje, por exemplo, que é mais fácil navegar vindo de Leste... porque temos a favor a corrente de sentido Sul... A corrente Sul do Oriente. Sei também, Altezas Reais, que em menos de um século a área conhecida do mundo crescerá e se duplicará, pois a Terra é grande e em algum lugar... haveremos de encontrar o Paraíso perdido...

— Muito bem, senhor Cristóvão Colombo — fala Fernão. — Eu e a rainha consultaremos o Papa Alexandre VI — ele olha para Isabel que bate afirmativamente com a cabeça.

— Só mais um ponto, senhor Colombo — pede Isabel. — O senhor é de ascendência ligurina... embora tenha a linhagem dos tecelões de Savona?

— Sou, Alteza. Nasci em Maiorca.

É certo que Fernão e Isabel ainda consultam o Papa Alexandre VI, o aragonês, não só sobre a viagem de Colombo como sobre o próprio aventureiro. O papa, que estava prestes a dividir o mundo com o Tratado que seria assinado na pequena cidade espanhola de Tordesilhas, apóia os reis católicos e ainda vai citar Colombo em bula como "homem honrado, especialmente confiável para conduzir uma empreitada tão importante".

Então Fernão e Isabel partem para extorquir dinheiro dos judeus, alguns comprando a sua própria condição de ir e vir e escapar da Inquisição. Não somente na Espanha como em Portugal vai se desenvolver uma situação esdrúxula em relação aos judeus, ortodoxos ou cristãos novos, não importava muito, perseguidos, torturados, queimados na fogueira e muitos, ao mesmo tempo, financiadores de viagens mirabolantes.

Circulava na Europa de então a idéia de que as tribos perdidas de Israel tinham se refugiado em algum lugar naquelas ilhas fragmentárias do Atlântico e por isso há interesse por parte dos judeus de que se descubra a verdade. Assim, entre a perspectiva de derramamento de sangue e o desembolso de dinheiro, os judeus de posse escolheram o financiamento com poucas possibilidades de volta. Mas era uma estratégia de vida ou morte. E Cristóvão Colombo teve as suas naus, *Niña*, *Santa Maria* e *Pinta*, com mantimentos e tripulação adequados.

Em 1992, a atenção do mundo moderno estava voltada para os 500 anos de descobrimento da América por Colombo. A sua já longínqua "aterragem" mais uma vez criou polêmicas e conjecturas, com a perspectiva temporal miúda da História.

Para alguns, Colombo nada mais fez do que "desencadear uma onda de mortes no Caribe". Como disse John Carew, de 1500 a 1520 "toda a população das Bahamas, provavelmente de uns 20 mil lacaios, foi levada à força" para trabalhar como escrava nas "minas de ouro espanholas na Hispaníola". Mais tarde os ingleses, escorraçados dos Estados Unidos pela guerra de independência, "descobrem" novamente aquelas ilhas e se instalam lá com as suas plantações, mantendo os poucos nativos como escravos.

Alguns anos mais tarde do "passamento" de Cristóvão Colombo, morre também esquecido, em Santarém, Pedro Álvares Cabral, deixando atrás de si o sortilégio dos massacres dos silvícolas da América, que seriam retomados pelos portugueses e jesuítas.

Se os jesuítas, a Milícia de Jesus, de Ignácio de Loyola, não participaram diretamente do genocídio, pelo menos foram coniventes ou fizeram vista grossa em relação aos desmandos dos déspotas da civilização. Como disse Mário Maestri, "treinados para o combate da intransigência de um calvinista ou de um maometano monoteísta, tropeçavam (os jesuítas) no tupinambá mágico-animista que se batizava por simples sentimento de civilidade para com seu hóspede ou por um pequeno presente".

13

OS TRÊS AMIGOS

> Da época de Jesus até os nossos dias o mundo tem sido cheio de violência e depredação. Os cristãos têm derramado mais sangue que todos os outros povos e, em sua moralidade, são tão depravados quanto os outros.
>
> *Moisé ben Nachman*

A Europa estava empolgada ainda com os descobrimentos de novas terras por Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral. A essa altura não se tinha mais dúvidas de que os dois capitães dos mares haviam chegado a um continente "intermediário" e não à Índia, mas os orgulhosos tupinambás, no Brasil e demais regiões que tinham outras orgulhosas nações e culturas diferentes, especiais, passaram inapelavelmente a serem chamados de índios ou indígenas.

Comerciantes, armadores, aventureiros, mercenários e bandidos, transitavam pelos portos da Espanha, França e Portugal. Era dali que estavam saindo as naus para o Eldorado. E todos querem se beneficiar com os novos achados e as novas perspectivas de ganhar muito dinheiro, a mola do mundo. Uns querem, cegamente, embarcar em navios piratas ou mercantes, e outros se satisfazem em financiar as viagens.

Em meio a tudo, vida atribulada e confusa, os judeus pobres, sem recursos para a barganha e a corrupção, estão sendo escorraçados da Espanha e Portugal, e também se interessam em deixar aqueles países. Assim é que portos e até entrelobos (locais escondidos de contrabandistas) se enchem de jovens à espera de uma oportunidade. Não sabem o alvo a alcançar, talvez a riqueza, a fama, a simples aventura: o escopo principal deles é o espírito de desafio.

Em Sevilha, três desses jovens se encontram numa taberna do porto, depois de terem estado em Córdoba, subindo os 600 quilômetros do Guadalquivir numa pequena embarcação de pescadores. Desde então não mais se separam, identificados pelo mesmo ideal: viajar. Os três, sem o saberem ainda, vão passar juntos por dura e estranha experiência. Na casa dos 20 anos de idade, o alemão Fred Staden, o português Diogo Álvares Correia e o espanhol Pedro Sanches estão estarrecidos com as notícias que têm sobre as crueldades "cristãs" da Inquisição.

As perseguições aos judeus e marranos (judeus convertidos) não têm trégua com o grão-inquisidor Tomás de Torquemada no auge de sua ação sanguinolenta. Ele, sempre ameaçado de retaliação, odiado, perseguido às escondidas, desfilava pelas ruas de Sevilha com uma escolta de 200 soldados de infantaria. Os três jovens um dia — sentiam que deveriam ficar sempre juntos,

pois assim mais fortes — assistem ao grande espetáculo de ostentação, pompa e despotismo.

— Dizem que até na mesa das refeições o grão-inquisidor Torquemada mantém um chifre de unicórnio contra estropícios e envenenamento — fala o espanhol Pedro Sanches, ele próprio já tendo passado por amarga experiência. — Este Demônio tem medo de ser morto, com tantos crimes hediondos a expiar. A sua culpa de sangue não tem tamanho. Se escapar dos homens... em algum lugar pagará a sua dívida para com a humanidade.

Em Sevilha, os três jovens estão à procura de um estranho e controvertido personagem, que passou à História com a feição dupla de inquisidor e protetor dos pobres e desvalidos, judeus ou não-judeus: o prior Hojeda, do monastério dominicano de San Pablo, confessor da rainha Isabel e tido como contrário aos massacres da Inquisição na Espanha e em Portugal. Tal posição, segundo alguns, se devia a ser o prior inimigo mortal de Torquemada. Ambicionaria o seu posto? — muitos se perguntavam.

Os três querem apanhar com o prior Hojeda uma espécie de salvo-conduto para poderem embarcar num dos navios que se dirigiam às Índias ou a outro lugar recém-descoberto, a Ilha de Vera Cruz ou a Terra dos Brasis. Mas por que o prior Hojeda? É que havia fiscalização rígida na Espanha quanto aos que embarcavam nos seus portos, preferindo as autoridades, em conluio com os católicos, banir de seu território, preferencialmente, os judeus pobres. Eles tinham a prioridade para o "exílio", mas era sabido que o confessor da rainha fazia vista grossa para com os não-judeus, no caso Diogo Álvares e Fred Staden.

A coisa toda era meio contraditória e até confusa, como tudo o mais na Espanha naqueles começos dos anos quinhentos. Fernão de Aragão e Isabel de Castela, na sua ambição de unificar a Espanha e depois partir para incorporar ao seu território a Itália e mais a França, contavam com o dinheiro de judeus e marranos e até de alguns mouros que com seus bazares haviam se adaptado ao novo país, o que indicava que de fato o dinheiro não tem cor ou pátria. É claro que muitos judeus pagaram grandes quantias, não para a equipagem de frotas, mas para ficarem imunes às perseguições de Torquemada e de seus prepostos e sucessores.

Em San Pablo, o prior Hojeda recebeu os três jovens aventureiros e se admira de terem eles deixado o conforto da casa

paterna tão cedo, "largando-se por um mundo desconhecido e hostil". Depois de ficar conhecendo a origem dos três, lhes recomenda que devem embarcar num porto qualquer da Gália, "sem espiões ou restrições quanto aos marinheiros ou inexperientes grumetes de qualquer nação".

— Talvez Lyon, meus caros aventureiros — diz Hojeda, que arrasta a perna direita quando anda e ostenta enorme crucifixo no peito por sobre o peitilho negro.

Ele acrescenta obscuramente:

— Meus jovens... Assim tão jovens... Por ora nada posso fazer, estou de pés e mãos atados. Devem sair de Sevilha, sabem o que se passa por aqui.

Diogo Álvares fala, como num desafio ao prior em relação ao estado de coisas reinante na Espanha naquele momento, já demonstrando o seu gênio impetuoso e temerário:

— Senhor prior... somos em princípio católicos, por tradição de nossas famílias... Vossa Excelência fecha os olhos quanto ao que está acontecendo por aqui?

— Acabo de falar... A rainha Isabel está de viagem à França... como disse, por enquanto estou de pés e mãos atados. Não devo intervir.

— Senhor prior, como se justifica isso? — indaga Diogo. — Torquemada apóia a mortandade que espalha pela Espanha citando o Evangelho de São João. Como a Igreja...

— É, meu jovem, eu sei disso, todos nós sabemos — interrompe o religioso e cita a Bíblia: "Se alguém não permanece em mim é lançado fora, como o ramo, e seca; tais ramos são recolhidos, lançados ao fogo e se queimam."

— Um grande impostor, um grande hipócrita este Torquemada — diz Staden.

— Um santo da Igreja, prior... Santo Agostinho também justifica e intolerância católica citando a Bíblia, a Palavra de Deus — fala Pedro Sanches.

O prior sorri e diz com mansidão:

— Vejo que os jovens aventureiros já leram o Grande Livro e... sentem que as suas interpretações dúbias e obscuras são próprias dos criminosos. Sabemos que a apostasia surge logo no primeiro século e Jesus previu isso. Sei que os jovens têm pressa...

E Hojeda volta ao assunto das viagens:

— Lyon, sim... O capitão Du Plessis tem uma nau no Ródano. Sei que o capitão está arrebanhando gente para a sua próxima viagem. Ele é o comandante da nau *Bristol*, um belo barco. Prefere sair pelo Mediterrâneo...

— E quanto à seleção prévia dos tripulantes, prior Hojeda? — indaga Staden. — Sabemos, afinal, que muitos capitães dos mares, à falta de homens, recolhem toda sorte de gente das prisões ou recebem degredados do seu governo ou mercenários. Isso fora da Espanha.

— Sim, fora da Espanha... Por isso lhes recomendei a Gália. Du Plessis tem os seus próprios critérios de escolha dos homens. Primeiro treina os voluntários... e dizem que com rigor exagerado. Como costuma dizer, não leva "carga morta para o mar".

— Temos que alugar cavalos para essa viagem — murmura Sanches.

Hojeda, como se não o tivesse escutado, continua:

— Bem, o capitão precisa de marinheiros e não tem preconceitos morais ou raciais. Ele quer homens valentes, capazes. Felizmente o cristianismo autêntico está ali desde o século II e Du Plessis não tem por que se preocupar com "limpiezas de sangre". Os fanáticos ainda não chegaram a Lyon. Hoje tudo é muito confuso, meus jovens, e até os invejo por quererem se afastar. Judaísmo, cristianismo, maometismo... Sei que passarei à História como perseguidor implacável dos judeus.

— É certo que muitos judeus já deixaram a Espanha, Excelência? — pergunta Diogo.

— Sim, é certo. A maior perseguição hoje na Espanha é em cima dos marranos. E até deles se exige "limpiezas de sangre". Sabem que os convertidos não podem viajar para as Índias?

— E como escapar do documento exigido de "limpieza de sangre", prior Hojeda? — indaga Staden.

— O capitão Du Plessis, como já disse, os acolherá, sem querer saber se o senhor Sanches... Sei que a família dele, infelizmente... Vão, meus caros, para Lyon e que Deus os acompanhe.

Hospedados perto do porto, na Taverna Cave Canis, os três amigos planejam a viagem à França e o assunto Torquemada

e Inquisição ainda estava no ar e suscitou a narrativa de uma trágica história de Pedro Sanches, o espanhol.

Quando o alemão Staden indaga se não seria possível alguém matar Torquemada, Sanches conta:

— Um grão-inquisidor, aqui na Espanha, já foi assassinado. D. Pedro de Arbués. Mas a reação da Igreja foi fulminante e aterradora. Muitos conversos de prestígio de Saragoça armaram toda a trama e entre eles, o que era incrível, gente chegada aos reis Fernão e Isabel, como D. Sancho de Paternoy, grão-tesoureiro de Aragão, e o vice-chanceler Alfonzo de la Caballeria.

— E como foi feita a coisa? — indaga Diogo. — Cortaram sumariamente a cabeça da serpente?

— Escolheram dois jovens audaciosos para a ação final — diz Sanches. — Juan de Esperandeu e Vidal Durango, filhos de ilustres famílias. Então... D. Pedro de Arbués, no silêncio da noite, após a celebração de uma missa, foi atacado a punhal na igreja metropolitana de La Seo. Gravemente ferido, o grão-inquisidor morre dois dias depois. A espera foi crucial e a caça aos marranos, por ordem da rainha, não teve mais trégua.

— E os jovens assassinos? — indaga Diogo.

— Ora, acabam presos. Juan de Esperandeu e Vidal Durango simplesmente foram esquartejados em praça pública e depois queimados os corpos. O primeiro ainda teve que assistir à morte do próprio pai na fogueira. Antes de ser morto Juan, a aplicação de um requinte bárbaro da Inquisição: teve ambas as mãos decepadas. Julgados como adeptos do judaísmo, os demais envolvidos, mandantes ou não, também tiveram as mãos decepadas e foram queimados. Até o vigário-geral da arquidiocese de Saragoça não escapou à fogueira.

14

OS PROFISSIONAIS

Depois das primeiras explorações as terras do Brasil tornaram-se constante teatro da pirataria universal. Especuladores franceses, alemães, judeus e espanhóis aqui aportam, comerciam com o gentio ou

asselvajam-se e com ele convivem em igual barbaria.

João Ribeiro

1509

Fim do ano.

A veterana e conservada caravela *Bristol*, do capitão Du Plessis, tinha um porte altaneiro e estava, naquela manhã clara de Lyon, recebendo, no topo da escadaria de corda que dava para o convés, os seus futuros tripulantes. Calado baixo, podia navegar pelo Ródono atá o golfo sem contratempo.

Como sempre naquelas circunstâncias, uma mescla de homens, alguns rejeitados sumariamente pelo próprio comandante, devido aos trajes andrajosos e sinais de embriaguez. Du Plessis, um homem robusto, ombros largos e ainda jovem, provavelmente na casa dos 40 anos, estava ao lado de seu imediato, o piloto e cosmógrafo Anatole Curry.

Um entrevero entre dois homens meio embriagados, dois vagabundos das docas de Marselha, foi resolvido pelo capitão e seu imediato com rapidez e eficiência: os dois tiveram a carótida cortada a afiada adaga e os corpos expostos nas enxárcias da proa da *Bristol*. Um exemplo a ser respeitado por qualquer valentão.

Os três jovens aventureiros, Staden, Sanches e Diogo Álvares, haviam chegado a Lyon na véspera e, na longa fila à espera de embarque num batel que iria levá-los à nau do capitão Du Plessis, respiravam o ar leve e claro daquela manhã. Há gaivotas brancas bailando no espaço e o cheiro de peixe é quase insuportável.

A viagem de Sevilha até Lyon foi cheia de peripécias e perigos, viajando por estradas a cavalo, caminhos ermos e cheios de saltimbancos. Ainda na Espanha, Staden, que parecia dos três o que mais tinha posses, não só comprou os cavalos como boas armas, espadas de afiado gume e arcabuzes, estes as primeiras armas de fogo portáteis, "próprias para cavaleiros", como disse o alemão.

— Se for certo o que nos disse o prior Hojeda, treinaremos na Academia de Guerra do capitão Du Plessis — acrescentara Diogo, que tinha paixão pelas armas de fogo.

Eles haviam viajado com relativa rapidez, de Oeste para o Sul, por região dos Pirineus, enfrentando densas e escuras florestas de carvalho. O clima, mediterrâneo, até facilitara o desenvolvimento da viagem, mas tiveram de enfrentar três salteadores de estrada, ciganos de origem basca. Homens violentos e sem escrúpulos, queriam os cavalos e os pertences dos viajantes, mas os deixariam vivos caso concordassem ou não reagissem.

Um deles gargalhava mostrando os dentes podres, como se estivesse prelibando uma vitória fácil. Armados apenas de longas adagas, que brilhavam como estranhas línguas de fogo, instintivamente os três amigos acharam que suas espadas teriam melhor alcance e eficiência. O primeiro a reagir foi Pedro Sanches, o que parecia mais calmo e ponderado, mas "sob as cinzas do vulcão se escondem as lavas incandescentes", como diria mais tarde Staden.

O espanhol salta do cavalo e abate, sem pestanejar, o primeiro saltimbanco, o que o atacara de peito aberto, golpe rápido de espada no flanco esquerdo, em operação mais do que profissional. Diogo e Staden, também desmontados (os bandidos estavam a pé, possivelmente acampados nas proximidades), não vacilam e o português decepa a mão do homem que gargalhava e em seguida o trespassa. O alemão teve mais dificuldade com o seu contendor, que conseguira derrubá-lo com uma rasteira, razão de Staden ter vacilado na hora do golpe mortal. Sanches quer intervir na luta do amigo, mas Diogo o detém, murmurando:

— Se passamos pelo mesmo perigo, deixemos que Staden saia desta.

— Não preciso de ajuda! — grita o alemão, como se tivesse ouvido os dois companheiros.

As armas se entrecruzam no ar e há barulho de metais, até que Staden consegue o golpe mortal, deixando-se ferir ligeiramente no braço direito e na mão.

Os três se juntam enfim e pegam seus cavalos, que haviam se conservado nas proximidades.

— O perigo agora é sermos emboscados por outros — diz o alemão. — Partamos o mais depressa, amigos.

Olhando para os corpos dos bandidos, Sanches observa:

— Devemos enterrá-los... ou não somos cristãos?

— Já estamos montados, Sanches, partamos... — murmura Diogo. — Estes homens naturalmente não estão sozinhos. Escapamos... tivemos muita sorte.

— Diogo tem razão — diz Staden.

— É claro que somos cristãos — fala o português. — Mas não da estirpe de Torquemada ou do grão-inquisidor D. Pedro de Arbués.

Sanches desmonta e começa a arrastar os corpos dos homens para uma espécie de ravina na beira da estrada. Vendo aquilo, os dois amigos também desmontam e vão ajudá-lo.

— Engraçado — comenta Staden. — Vejam o que é a natureza humana. Há pouco éramos pacatos cidadãos, jovens idealistas e aventureiros, e agora somos assassinos.

— Noblesse oblige — diz Sanches ao apalpar os bolsos do casaco de um bandido, encontrando ali algumas moedas de ouro.

O tilintar delas fez os outros dois saquearem os outros ciganos.

— Eles estão mortos, não estão? — indaga Staden em tom de velada desculpa. — Apenas completamos a nossa ação belicosa...

— Podemos, mas não queremos justificar isso, não é, amigos? — diz Sanches enigmaticamente.

Diogo Álvares está mais reticente, ainda não de todo recuperado daquilo, meio mudo e trêmulo, e sente algo por dentro, ainda com os olhos fixos nos três cadáveres que agora descem de ravina abaixo.

Staden o observa e comenta:

— Eles simplesmente atacaram as pessoas erradas. Afinal... Por que não justificar a nossa decidida ação, Sanches? Foi a nossa disposição e o nosso empenho pela vida... o que nos fizeram agir assim, como veteranos, como homens experientes. Tivemos e demos a nossa primeira lição de sobrevivência, amigos.

— Sim, somos veteranos agora — diz Sanches. — A idéia era enterrar estes desgraçados, mas aqui ficarão bem, por sob esta relva macia. Descansarão em paz...

— E os companheiros deles não os acharão tão cedo e não partirão em nossa perseguição — diz Staden.

— Admira-me que estivessem tão mal armados — observa Sanches. — Se com arcabuzes ou pistolas, dificilmente teríamos escapado.

O resto do caminho foi feito com mais vagar e com maiores cuidados. Não era sempre que poderiam ter tanta sorte.

— Foi realmente o que tivemos — diz o alemão. — Sorte. Muita sorte.

Quando já se aproximavam da fronteira da Gália, a paisagem dos carvalhos foi substituída por belas alamedas de faias, embora a temperatura estivesse mais baixa. E numa semana de viagem, sem mais tropeços, alcançaram Lyon e puderam apreciar a bela colina de Fourvière onde estava encravada a ex-colônia romana de Lugdunum.

Na fila de marinheiros e de outras espécies de amadores e profissionais, que esperavam a vez de serem registrados para a tripulação da nau *Bristol*, os três amigos encontraram, bem à frente de Sanches, um estranho homem de cor. Não tão negro quanto um africano da Guiné, e não tão claro quanto um árabe ou muçulmano.

Espantaram-se os três quando o tipo mestiço, falante, desenvolto, lhes dirigiu a palavra em espanhol. Disse que se chamava Juniparã e que tinha vindo de Portugal.

— O Porto está reunindo toda a ralé do mundo — adiantou.

Estava ali como os demais, para embarcar para o Novo Mundo ou para as Índias se fosse o caso. Aprendera com os ancestrais da Guiné a arte de lidar com a lança e o chuço, e sabia manejar também armas de fogo, da pederneira ao canhão.

— Estou pronto para o capitão Du Plessis — afirmou.

— Africano? — indaga Staden, que também falava o espanhol.

Juniparã balança a cabeça negativamente:

— Não... e sim, amigos — diz ele com um meio sorriso. — Sou filho do califa Abd al-Rahman, descendente do conquistador da Espanha. Nasci na Guiné, é verdade, quando meu pai ia à procura de escravos... Minha mãe, Anair al-Rahman, era africana, uma princesa... sou de descendência ilustre. Bem... tudo isso agora não tem importância, estou pronto para o capitão Du Plessis. E os amigos?

— O que quer saber? — indaga Sanches. — Se nos encontramos aqui... também estamos prontos para o capitão Du Plessis.

Os três amigos viram logo que o estranho Juniparã era cheio de verve e simpático como companhia, e só se vangloriava daquilo, deixando em segundo lugar até o califa Abd al-Rahman: conhecia armas e as sabia manejar muito bem. Mas Staden e os companheiros ficaram ainda mais espantados quando Juniparã lhes revelou que já tinha viajado com os capitães dos mares Gonçalo Coelho e Américo Vespúcio, e que aprendera com eles e com outros marinheiros a língua geral dos tupis.

Chegados perto do capitão Du Plessis, trajado com um dólmã azul-marinho cheio de rendas e calções fofos vermelhos cujas pernas se desdobravam sobre as botas de cano longo, Juniparã é chamado a apresentar-se. Du Plessis e o piloto Anatole Curry não demoram muito a ouvir e avaliar as qualidades do mestiço. E logo o estavam entregando a dois grumetes jovens, que iriam anotar o seu nome, como faziam com os demais, e depois passá-lo para as mãos de um tipo esquisito, roupa vistosa cheia de alamares e dragonas douradas. Para completar a figura, um tapa-olho negro lhe cobria quase todo o lado direito d o rosto.

— Um autêntico pirata normando — sussurra Staden.

Chega a vez do alemão ser examinado. Juniparã pára à distância, antes de desaparecer no alto do convés da *Bristol*, e fica observando a inspeção dos três amigos, por quem já se afeiçoara. Igualmente são aprovados por Du Plessis e seu imediato.

Assinados os documentos, os três se juntam a Juniparã e vão com aquele homem de tapa-olho para o porão do navio, onde são alimentados com sardinha e uma caneca de vinho. O porão da *Bristol*, enorme e alto, abrigava naquele instante muitos homens de falas diferenciadas e com as vestimentas as mais estranhas. Desde a do tipo fidalgo, com jaquetas e calções justos, às batas e toucados de variadas procedências, árabes, indianas, africanas.

O homem de tapa-olho se apresenta:

— Sou Juonato Beradi e já viajo com o capitão Du Plessis desde antes de Cristóvão Colombo chegar ao Novo Mundo e Vasco da Gama contornar a África. Se querem saber mais, sou um aristocrata do povo judeu, pois descendo, em linha materna, dos espanhóis. Recebi ferimentos vários em refregas no mar, mas este ferimento no meu rosto foi especial... Feito pelo próprio capitão Du Plessis nos seus treinamentos na Academia... Bem, todos estamos aqui para servir ao capitão-mor, não é verdade?

Houve um sussurro reticente entre os homens. De repente Juonato Beradi levanta os dois braços, punhos cerrados e grita:

— A glória ou a morte!

Repete e espera que os homens ali presentes, entre desconfiados e temerosos, gritem o seu estranho refrão. Há, de fato, vozes esparsas repetindo aquelas palavras, tímidos esgares de escondida valentia — no fundo, todos estavam prontos para o que desse e viesse.

— A glória ou a morte! — grita mais uma vez o pirata.

— A glória ou a morte... — as palavras são mais audíveis agora.

— Sei que todos aqui sabem manejar algum tipo de arma, mas para viajar com o capitão Du Plessis precisamos saber mais do que um simples manejo de arma, de fogo ou branca. Precisamos ser profissionais. Sabem o que é isso? Matadores implacáveis, a sangue frio ou na dura refrega. Suponho que alguns dos que estão aqui já tenham passado pela experiência do gosto do frio aço de matar alguém...

— Ele me dá arrepios — murmura Diogo.

— E me dá asco — diz Staden.

Juonato Beradi continua com toda a sua empáfia:

— Suponho também que todos os homens aqui já conheçam o mar-oceano e estejam aptos a viajar. Confiamos, eu e o capitão Du Plessis, em princípio na vossa palavra. Haverá treinos em terra e nos mares. Para os que tiverem escondido sua condição de marinheiros de primeira viagem... um aviso: uma vez com o capitão... todo aquele que enjoar em viagem ou se refrear na luta, será lançado incontinenti aos tubarões.

O estranho pirata tapa-olho tinha dado o seu recado. Agora era seguir as suas instruções.

Depois da preleção a bordo da nau *Bristol*, todos os futuros tripulantes do capitão Du Plessis foram levados por Juonato Beradi para um edifício na imediações de Lyon, local retirado e calmo, uma espécie de armazém de víveres e quartel, pois ali se misturavam sacos de cebolas e batatas a uma variedade de lanças, espadas e espingardas.

Ali receberam roupas limpas, tomaram banho e se alimentaram mais uma vez, e novamente vinho e peixe salgado.

— Eles já estão testando o nosso paladar — diz Staden.

Ao cair da noite, naquele mesmo dia, chega ao quartel o capitão dos mares, roupa mais simples, blusão e jaqueta escuros e calções brancos fofos, e com a sua indefectível bota de cano longo. Ele está acompanhado de três homens, incluindo o piloto Anatole Curry.

Desde a inspeção e triagem dos homens em Lyon, Staden, Sanches e Diogo Álvares não mais se afastaram de Juniparã, que passa a fazer parte do pequeno grupo de amigos. Ele tem muito o que ensinar aos europeus, principalmente em relação às viagens que já tinha feito ao dito Novo Mundo. E quanto a isto é que o alemão quer "explorá-lo", como diz para os companheiros, pois poderão aportar a alguma ilha ou lance de terra cheios de selvagens.

— Nunca se sabe... Numa viagem como esta tudo pode acontecer — diz Staden.

O treinamento militar era duro e severo naquela Academia de Guerra improvisada e muitos desistirão de seguir o capitão Du Plessis. Ali, naquele estranho quartel, que parecia agora ao grupo de amigos um misto de mosteiro e cidadela medieval, os homens vão passar pelas mais estranhas experiências.

Juonato, uma mistura de sargentão dos tempos modernos e cavaleiro de justas castelãs, tinha um nome curioso para aquela Academia, chamada assim pelo capitão Du Plessis: era a Casa das Donzelas. Queria, assim, atingir os homens mais moles e que por vezes custavam a sair da cama pelas madrugadas frias para os exercícios — a tripulação de Du Plessis vai se demorar ali por três longos meses, com "um saldo positivo para a valentia e o desprendimento", como comenta afinal o capitão.

O alemão Fred Staden se apega às "bocas de fogo", os canhões, preferindo mais a artilharia de mar, mas também, junto com os companheiros mais chegados, se adestra na espada e no arcabuz. Na verdade, ninguém batia Juniparã no arremesso da lança e ele ainda iria se revelar um excelente besteiro. Sanches e Diogo gostam do manejo da espada e recebem instruções de outro ajudante do capitão Du Plessis. Trata-se do normando-italiano Santini. Espadachim exaltado, orgulhava-se de já ter batido, em duelo simulado, o próprio Du Plessis.

Assim é que o grupo — alguns foram "deixados à deriva", como muito bem dizia Juonato — vai tomando coesão e

sentimento de equipe. O capitão Du Plessis, embora sempre por perto, apreciando os exercícios dos homens, chega um momento em que os reúne no pátio da Academia para uma preleção de ordem autobiográfica e histórica: é que ele achava que os homens que se encontravam ali já estavam aptos a segui-lo pelos mares afora.

Está pomposamente vestido, dragonas, alamares, rico talim sustentando a longa espada:

— Como todos já sabem, sou Du Plessis, capitão dos mares, veterano de guerra, em terra e no mar-oceano — diz ele. — Sou nascido, e bem-nascido em La Forêt-sur-Sèvre, região montanhosa e bela, e muito rica em vinhedos. Tenho no sangue as cores da pátria e dos Sèvre.

O capitão fala de cima de uma espécie de púlpito militar, onde se destaca, na parede da frente, um brasão com cruz e espada e mais as cores nacionais da França. Ao seu lado estão Juonato, Curry, Santini e outros imediatos e instrutores da Academia.

Du Plessis continua:

— Já aprendemos muito com os capitães Cristóvão Colombo, Pedro Álvares Cabral, Vasco da Gama, Bartolomeu Dias, André Gonçalves, Américo Vespúcio, homens fortes, de têmpera de ferro. De Vespúcio li todas as cartas, desde a *Fragmentária* passando pela *Mundus Novus* e chegando até a *Lettera*, esta de 1504. E o que nos diz de importante o navegador toscano? Que temos, nós navegadores, todo um mundo a ser explorado, um vasto mundo, e faremos isso, os mais capazes, e o exploraremos para o nosso rei e para a nossa fé católica.

Os homens da academia, os fortes que tinham agüentado os duros exercícios, e os menos aptos porém aceitos da Casa das Donzelas, já sentiam uma grande atração pelo capitão Du Plessis. Seu tom de voz, suas palavras eram mais do que convincentes. E muitos chegaram a sussurrar que iriam com ele até para o Inferno.

— O grande Vespúcio confirma que existem vastas terras a cinco graus de latitude astral — continua o capitão. — Já confirmei isso, mas agora iremos ao continente novo, intermediário para Ocidente. Na verdade trata-se de um inteiro continente e não de ilhas salpicadas no Atlântico. Temos planos definidos para o escambo produtivo com os nativos daquela região, o pau-

de-tinta, talvez especiarias, animais exóticos para os príncipes europeus. E isso nos levará à permanência na terra e posse, com a construção de feitorias e fortalezas.

— Portugueses e espanhóis não vão gostar — murmura Staden.

— Os portugueses têm deixado ao acaso a colonização da Terra dos Papagaios, que alguns estão chamando de Brasil — continua Du Plessis. — E por que não preencher as lacunas deixadas por um soberano retraído e medroso? Carlos VIII, com as guerras contra a Itália, tem comprometido os cofres da nossa França, e o nosso rei atual, Luís XII, envereda pelo mesmo caminho. Então, nós patriotas sinceros, mostraremos aos fidalgos e ao soberano que os caminhos da conquista e da fortuna trilham hoje, no alvorecer dos anos quinhentos, as veredas do mar-oceano. A nossa nau *Bristol*, veterana e ousada gaivota dos mares, navega por conta própria, não recebeu subvenção alguma do governo. Viajamos com os nossos recursos e com a ajuda de alguns armadores de Lyon, uns judeus comerciantes fugidos da Espanha, outros simples patriotas. Sairemos daqui pelo estreito de Gibraltar.

O capitão Du Plessis faz uma pausa e, sentindo que as suas palavras repercutiram bem entre os homens, levanta os braços e brada como Juonato Beradi havia feito antes:

— A glória ou a morte!

— A glória ou a morte!

A invectiva de guerra e aventura é agora repetida com mais entusiasmo pelos marinheiros, todos dispostos a partilhar a fama e a fortuna com o capitão Du Plessis.

15

FOME E CALMARIA

> Tivemos que cozinhar camundongos na água do mar, com intestinos e tripas, e dava-se a essas vísceras maior apreço do que ordinariamente damos em terra a lombos de carneiro.
>
> *Jean de Léry*

A nau *Bristol* deixa Lyon pelos meados do ano.

São 150 homens bem treinados, entre os imediatos e pilotos do capitão Du Plessis, todos aguerridos marinheiros e soldados. O comandante leva ainda o físico e cirurgião Xénomanés, médico que acabará se transformando em personagem de peça de Rabelais. Há grande expectativa por parte de Staden, Sanches, Diogo e Juniparã. Os únicos que ainda não tinham a experiência do mar alto eram Diogo e Sanches, mas haviam resistido bem durante os exercícios na caravela de treinamento de Du Plessis no golfo de Lyon.

Juniparã, durante todo o período de adestramento, contou para os amigos europeus muitas histórias sobre as novas terras e lhes ensinou os rudimentos daquela bela língua dos silvícolas do Brasil. Tanto é que às vezes se dirigiam uns aos outros falando o idioma dos tupinambás.

— Agora só nos falta um treinamento ao vivo — diz de vez em quando o alemão.

O capitão Du Plessis, que até então não dera mostras de ser católico praticante, anuncia que antes da partida da *Bristol*, um sacerdote, de nome espanhol, Étole Ramirez, virá a bordo para celebrar a santa missa. E assim foi feito, todos em circunspecto respeito e silêncio.

Os amigos europeus, incluindo agora no grupo o mestiço Juniparã, ficaram satisfeitos com o treinamento e práticas de guerra, quer no rio, pelas cercanias de Lyon, quer na Casa das Donzelas. Na realidade não havia donzela alguma naquele grande grupo de prospectivos ou veteranos aventureiros. Sentem-se bem dispostos, amadurecidos embora sonhadores.

— Agora, de fato, estamos prontos para o capitão Du Plessis — diz Diogo ao ver a *Bristol* deixar lentamente a foz do Rodano.

O comandante havia se confessado e comungado com o padre Ramirez, fazendo o mesmo os mestres militares da Academia e o piloto Anatole Curry. Estranha o capitão e comenta isso com Curry, que nenhum dos homens a bordo tenha querido se confessar com o padre.

— Muitos aqui são judeus... e alguns católicos já se desiludiram com o seu cristianismo — comenta o piloto.

A inspeção dos víveres da nau foi feita pelo próprio Du Plessis, que os tinha anotado numa folha de papel com os seus respectivos preços. Carne salgada, biscoitos, peixe seco, manteiga, cebolas e, além dos tonéis de vinho, algo mais refinado para o paladar, ou seja, compotas de frutas, mais açúcar e mel, e uma boa porção de passas. Energéticas, as coisas doces dariam mais vigor aos marujos. As maçãs, ainda não muito maduras, enchem muitos barris, pois elas, à falta de cítricos como laranjas e limões, seriam responsáveis pelo afastamento do escorbuto a bordo.

A bandeira da França está arvorada no mastro principal da *Bristol*, junto com o brasão d'armas do capitão Du Plessis. O céu está limpo e azul naquela manhã, as gaivotas brancas piam como num sinal de adeus nas docas. No tombadilho, na torre de comando, o capitão interroga Anatole Curry:

— Acha, senhor piloto, que temos de fato bons homens aqui? Todos eles estão bem treinados para essa empreitada?

— Sim, capitão Du Plessis, sem dúvida. Juonato Beradi e os outros os treinaram muito bem, são todos eficientes e valentes. Quero chamar a atenção do capitão para um pequeno grupo especial de homens, todos muito ligados entre si, amigos. Eles se destacaram sempre nos treinamentos na Casa das Donzelas... quero dizer, na Academia de Guerra, e também a bordo nas galés. E eles têm certa cultura, não são desprezíveis flibusteiros. Aquele mestiço, por exemplo, que se juntou aos europeus, de nome Juniparã, além de bom soldado, fala a língua geral dos silvícolas do Novo Mundo. E também é curandeiro, entende de raízes e mezinhas.

— Sim, piloto Curry, eu já os tinha observado. Eles talvez nos sejam úteis em alguma circunstância especial da viagem. Nunca se sabe. Juonato Beradi já me tinha alertado para eles. Quero os três... bem, os quatro por perto do meu comando. Devem se exercitar também no manejo da nau e não precisam pegar trabalhos subalternos.

— Sim, capitão, vossas ordens serão cumpridas.

— Sei que o tal Juniparã se gaba de ser filho do califa Abd al-Rahman. Devemos ficar de olhos nele. Notei também, piloto Curry, que esse pequeno grupo exerce uma espécie de liderança sobre os demais homens da tripulação. O que é um perigo em caso de motim.

— Sei o que quer dizer, capitão Du Plessis. Mas, sem querer contrariar o meu capitão, eles me parecem homens de boa índole.

— Sim... mas nunca se sabe, Anatole Curry, nunca se sabe. Vigilância... e até poderão nos ser úteis, no caso de ficarem do nosso lado. Pretendo conversar com eles.

Depois de passarem à vista das costas portuguesas e espanholas, entre as colunas de Hércules, rota de muita embarcação francesa, o capitão Du Plessis e seus comandados adentraram o mar-oceano à procura das Canárias e depois a costa africana. Mais adiante o desvio para o Ocidente.

Na altura de Cabo Verde, a nau *Bristol* enfrenta grande tempestade, pondo à prova os marinheiros neófitos. Staden trata de proteger a artilharia de bordo, recuando os canhões e vedando as escotilhas de tiro, enquanto Juniparã, junto com Diogo, por ordem expressa do capitão, limpam os arcabuzes, lanças e espadas, recolhendo-os a caixas especiais no porão. Pedro Sanches toma conta das velas, com a ajuda de outros: ele fica responsável pela manobra da bujarrona a cada desvio repentino da *Bristol*. Cedo ele aprendera que é a bujarrona que demarca a direção das outras velas.

Tudo sob controle, o capitão fica satisfeito com a desenvoltura dos seus homens. O sossego, naquele dia de amplos presságios, só vem pela madrugada, todos esgotados, esfalfados: os novatos do mar, como Diogo e Sanches, tiveram o seu batismo de fogo, e os veteranos, como Juniparã e Staden, contavam com mais uma excitante experiência.

No final de tudo, o alemão estava preocupado.

— Não acredito que a nau *Bristol* agüente tempestade mais forte — diz. — Amigos... temo ter ouvido seus gemidos e estertores pré-agônicos.

— Nada de exagero ou pessimismo, Staden — fala Diogo. — O capitão não sairia por aí com um barco qualquer.

Du Plessis, como um futuro e destacado vice-almirante da Bretanha, Nicolau Durand de Villegagnon, gostava de exibir, a cada dia, uma vistosa vestimenta. Após aquela tempestade, o capitão, por alguma razão misteriosa, passou a se vestir ainda mais pomposamente. Um gibão de veludo negro contrastava agora com os calções algo apertados de cor escarlate, tudo arrematado pelo belo chapéu de aba larga, de veludo verde, cheio de pompons e

penas de faisão. O boldrié não cai mais da cintura, mas está trespassado no ombro direito, de onde desce a afiada espada de gume largo.

— Um verdadeiro espetáculo de pantomima — comenta Staden com os amigos. — O que o capitão Du Plessis quer ser? Um vice-rei das Índias ou um potentado das arábias?

Depois de um vento benfazejo pelas costas da Guiné, um pouco antes da parte mais saliente da costa africana, Du Plessis e seus marinheiros vão enfrentar o que todo homem do mar teme. Não as sereias misteriosas com o seu canto erótico ou os abismos infernais onde as águas do mar-oceano são derramadas, como de um pires gigante no "fundo do mundo", mas as calmarias.

O grumete, gajeiro da gávea, olha os longínquos horizontes do mar à procura de algum sinal de terra, aonde poderiam ser levados por alguma correnteza. Por vezes, por ordens do capitão, Staden e Diogo Álvares iam até o cesto do mastro da mezena, à ré da *Bristol*, com o mesmo objetivo.

— Não é possível que tenhamos de enfrentar uma calmaria tão cedo — lamenta-se Du Plessis.

A *Bristol* está praticamente parada no meio do oceano, as velas murchas, os homens cabisbaixos e preocupados. Um silêncio aterrador só é quebrado pela batida monótona das ondas no casco da nau. As velas triangulares, menores, são mantidas na sua posição.

À noite, com exceção dos marujos-sentinelas que se conservam nos seus postos e os pilotos que substituem por vezes Anatole Curry, os demais homens se recolhem aos seus catres duros na parte norte do porão. Por uma deferência toda especial, que muitos não compreendem, Du Plessis já mandara reservar um camarote, perto do seu, para aqueles amigos inseparáveis, marinheiros que já tinham demonstrado tirocínio e iniciativa. É ali que mais o mestiço Juniparã, como se estivesse adivinhando o futuro, dá aulas de tupi para os seus atentos alunos.

Quem mais rapidamente assimila a bela e estranha língua é o alemão Staden, habituado com outros falares estrangeiros.

— Pela síntese e emprego de conectivos, a língua dos tupinambás tem claramente raízes orientais — observa Staden. — Decididamente não o hebraico, mas talvez o sumeriano...

Diogo Álvares e por vezes Pedro Sanches se aborreciam com aquela insistência lingüística de Juniparã, lembrando-lhes

a toda hora, mesmo quando em atividade no trabalho de limpeza da nau — o capitão Du Plessis primava pela higiene, pois tinha horror a ratos — vocábulos e expressões dos silvícolas. É que eles, não habituados às longas e por vezes monótonas viagens por mar, já estavam enfadados e preguiçosos.

Na faxina do convés, porão e demais partes do navio, enxárcias sempre polidas e prontas para o manejo, Staden, com a sua indefectível ironia, não perdia ocasião de brincar com os companheiros.

— Temo que, aqui na *Bristol*, quando precisarmos de ratos, não os encontraremos nem para remédio.

Alguns gargalhavam, mas os pilotos e marinheiros mais velhos ficavam sérios e pensativos, e olhavam longamente para as velas murchas, para o mar sereno como um espelho.

— O que poderíamos comer... nessas circunstâncias... sem os providenciais ratos de bordo, amigo Staden? — indaga Diogo.

— Ora, não me pergunte isso, pergunte a Juniparã. Ele deve saber de um variado cardápio.

Uma pequena e suave brisa leva a *Bristol* até as proximidades de S. Tomé. O percurso, por menor que seja, é enervante e vagaroso. O capitão Du Plessis sabe, com seus pilotos, que já é hora de se afastar mais das costas africanas, adentrando o mar-oceano na direção do Ocidente. Mas a calmaria volta a recrudescer e agora parece que de forma definitiva.

Já quase dois meses no mar, o capitão teme pela falta de víveres a bordo. Com a inércia, os homens parecem comer mais. Alguns se embriagam de forma perigosa para a segurança da nau. Assim é que o vinho foi a primeira coisa a se acabar, embora certo racionamento imposto pelos imediatos. Em seguida começa a faltar carne-seca e peixe.

Du Plessis chama seus pilotos e oficiais mais graduados para estabelecerem uma rígida dieta entre a tripulação, pois temia o pior: calmaria prolongada — de velas murchas, âncoras levantadas, a nau *Bristol* às vezes era arrastada pelas correntezas — esgares de revolta entre os homens mais medrosos.

Conversando um dia com Du Plessis, Staden e seus amigos ouvem algo inquietante do capitão:

— Acho que estamos sendo arrastados, não para Ocidente, mas para as proximidades do cabo da Boa Esperança. Anatole Curry também teme isso. O fato é que não queremos as Índias, não é mesmo?

— Capitão... se formos para a extremidade Sul do continente africano, será um grande desvio — diz Staden.

— Sim, senhor Staden, sabemos disso. Só temos é que rezar e pedir a Deus ajuda.

Já sozinho com os companheiros, o alemão volta às suas costumeiras e irreverentes brincadeiras:

— Sim, amigos, sem terra próxima, em breve teremos de comer a sola das nossas botas, depois de consumirmos os ratos de bordo, se é que existe algum. O capitão não deveria ser tão limpo assim...

Staden sorri, mas sente que os companheiros estão sérios e preocupados, incluindo Juniparã, que diz ter passado por coisa semelhante.

— Meu estômago já experimentou de tudo, amigos — diz o mestiço.— Os ratos ainda são a melhor iguaria a bordo, à falta de víveres. É carne, não é? Não estando os ratos doentes... Como Staden, só lamento por essa fraqueza do capitão.

À noite, de mais um dia de morna calmaria, no camarote especial, conversam os amigos e ouvem estranha história de Juniparã:

— Contam os velhos marinheiros. Vou falar, não para apavorar os meus amigos, mas como um alerta. A calmaria, a fome em seguida... Mas o pior mesmo é a fraqueza dos homens, que logo não poderão mais manobrar a nau. Então temos a seguinte experiência: o que comer primeiro, em caso de esgotamento total dos víveres?

Silêncio e espanto interrogativo na face dos homens.

— Já estamos sob regime de dieta dura e a água doce está no fim — continua Juniparã. — Até os ratos da *Bristol*, se é que existe algum, sabem disso e o capitão também...

— Onde quer chegar, Juniparã? — indaga Diogo. — O capitão, todos sabemos disso.

— Onde quero chegar? Sim, e depois? — indaga o mestiço como querendo experimentar os amigos. — E depois? Alguém se atreve a sugerir?

— Depois de comermos algum rato... — murmura Sanches. — Os últimos ou os poucos, suponho que passemos a algo de couro cru, sapatos, boldriés, os chavelhos das lanternas.

— Não, não, amigos — diz Juniparã. — Depois dos ratos, carne até muito saborosa para quem já experimentou, vêm as

velas de sebo. Temos inúmeras na *Bristol*, cuja luz, como sabemos, se completa com a das lanternas a óleo de peixe.

— Sim, o óleo de peixe! — exclama Diogo.

— Nada de óleo — diz Juniparã e acrescenta algo objetivo: — Não seria melhor, amigos, fazermos logo o nosso farnel preventivo? A saída daqueles velhos marinheiros...

Staden gargalha, algo divertido, e Juniparã diz sabiamente:

— Não podemos prender algum rato, sob pena de termos de alimentá-lo. Os sobreviventes... eles mesmos se apresentarão a nós quando estiverem famintos.

Pedro Sanches tenta desviar o assunto para algo misterioso, até então não levado em conta pelos marinheiros:

— Pelo que ouvi falar das viagens de Colombo e Vespúcio, esta região, se é que estamos ao Sul da costa africana, não tem calmaria e sim grandes tempestades.

— Bem, Juniparã, o que mais comeríamos, após os ratos e as velas de sebo? — indaga Staden sem dar atenção às observações de Sanches.

— Comeríamos as gravatas dos fidalgos de bordo... que são de pura seda e gordas...

— E seda é alimento? — pergunta espantado Diogo.

— Sim, do bicho-de-seda, uma teia comestível — diz Juniparã. — Segundo os velhos marinheiros, a seda conserva a saliva comestível dos bichos que a tecem.

— Ora, vejam... — sorri o alemão. — Então teremos que começar pela florida e exuberante gravata do nosso capitão Du Plessis.

Ninguém consegue segurar a gargalhada, esgar meio nervoso, estranha manifestação em tão estranho momento.

— Se o nosso capitão carregasse com ele papagaios e micos, como alguns que conheci... — fala Juniparã — teríamos a iguaria primeira, muito melhor do que os ratos.

— Pensando bem... — sorri Staden, ainda divertido — temos as coberturas dos baús de couro, que são mais tenras.

Depois de três semanas de calmaria, aconteceu o primeiro horror a bordo da *Bristol*, já sem alimento algum para a tripulação: dois marinheiros foram atacados pela hidrofobia do mar. Alguns disseram que eles tinham comido excrementos de ratos e os vermes que haviam sobrado no paiol de biscoitos e pão. O físico Xénomanés não pôde fazer nada e apenas constatou que os homens tinham enlouquecido.

Como se adivinhassem o que se passava na *Bristol*, alguns tubarões já seguiam a nau, desde que os cadáveres dos marujos hidrófobos haviam sido lançados ao mar. Quando as correntes também paravam, num mar de plácida serenidade, aqueles bichos vorazes das profundezas ficavam lentamente arrodeando o barco.

Por fim alguns ratos e ratazanas, também famintos, começaram a aparecer no convés e camarotes, o que foi até fácil para Juniparã, um hábil caçador. Ele os pegava a laço, feito dos cadarços dos borzeguins de alguns marinheiros de vestimentás mais simples.

Os ratos, tratando da própria sobrevivência, pulavam e corriam por toda parte, aparecendo até nos escuros corredores da nau, o que queria dizer que a obrigatória faxina do capitão Du Plessis falhara em algum lugar, como observou sarcástico o alemão Staden.

— Rato de navio é como prostituta de cais, ninguém acaba com eles.

— O que pode parecer um desapontamento para o capitão, para nós, simples mortais, é até uma bênção — diz Sanches.

Os bichos, magros, quase esqueléticos, eram assados no calor das lanternas a óleo, umas poucas que ainda tinham combustível. As velas de sebo, as mais robustas, já haviam sido guardadas preventivamente por Juniparã. Pedro Sanches a princípio repudiou aquilo. A cada pedaço de carne de rato consumido, ele acabava vomitando. Mas um dia segurou a comida no estômago, até se divertindo com o dito do mestiço, pois segundo Juniparã, se os ratos não estiverem doentes, "doente a gente não fica".

O próprio capitão Du Plessis, para animar a turba faminta, dizia que agüentar a carne de rato, algo doce e salgada "como o salmão", era apenas uma questão de técnica no engolir: tiras de carne finas, enroladas como carretéis de linha, "na língua tátil e escorregadia para o estômago".

— Não é preciso tomar gosto, homens — dizia. — É assim que aprendemos a comer ostras cruas. O importante é que o alimento vá para dentro.

Anatole Curry, sempre muito dedicado ao capitão, que continuava elegantemente trajado, mas já sem o peso do boldriê e espada, preparava-lhe uma espécie de sopa às vezes, feita dos

farelos que ainda encontrava nos alojamentos de comida. Como sói acontecer com uma sopa, tudo misturado, coisas identificáveis e outras não. Um verdadeiro milagre da faminta culinária de bordo.

16

A MULTIPLICAÇÃO DOS PEIXES

> Ao avistar o peixe os tupis fisgavam-no com flechas atiradas do arco. Se o peixe era ferido, o que sempre acontecia, mergulhavam na água e colhiam-no.
>
> *Estêvão Pinto*

1510

Dias quentes pelo final de novembro.

De repente, numa bela manhã de sol, céu muito azul, as velas da *Bristol*, inertes como num cartão-postal, começaram a dar sinais de agitação. Du Plessis, capitão dos mares experimentado, refreou os marinheiros que, exaltados, queriam logo puxar cordames e polias na ânsia de a nau tomar impulso.

Ele gritou com o restante de suas forças de marinheiro faminto:

— Não façam isso, homens! Onde está Curry, os outros pilotos? Isso pode ser o começo de grande tempestade. Conservem as velas enroladas nos mastros. Quero o leme firme. Amarrem o que estiver solto no convés.

— Vocês ouviram o capitão! — grita Curry, como se de repente tivesse saído do marasmo geral ou de um pesadelo.

Staden, ainda não de todo abatido com a dieta dos ratos e das velas de sebo, olha para o capitão e lamenta em tom de ironia:

— Com todos os mil demônios, ainda não pudemos comer a bela gravata do capitão Du Plessis.

De fato, grande tempestade se abateu sobre a *Bristol*, empurrando-a ainda mais para o Sul. As três âncoras continuaram

levantadas por ordem do capitão. Os homens, enfraquecidos, trabalhavam nas bombas d'água sem parar, à procura de tirar a água do convés e dos camarotes mais altos. Sôfregos, refrescaram os corpos e saciaram a sede.

A *Bristol* balançava como uma casca de noz e rangia, os estertores que já ouvira Staden agora mais altos e lancinantes. Os ânimos, embora o esforço da luta para manterem a nau navegando, foram revigorados com a água da chuva e a esperança de que chegariam logo a algum porto africano.

— Jamais chegaremos à terra do pau-de-tinta — diz Juniparã. — Nesse passo acho que estamos indo na direção das especiarias, as Índias.

O capitão Du Plessis aproveitou a tempestade para mandar encher alguns tonéis com água potável e fresca. A tormenta vai amainando aos poucos, mas os homens estão exaustos, exauridos pela subnutrição e pelo trabalho forçado na *Bristol*.

— O peixe é abundante no cabo da Boa Esperança, capitão Du Plessis — lembra Juniparã, que já pescara, segundo ele, naquela região em também dura viagem anterior.

— Talvez a Providência, com as minhas preces, esteja nos levando, depois da calmaria, para um belo reservatório de peixes — diz o capitão. — Sabemos que peixes pequenos são escassos no mar alto e, sem petrechos adequados, é uma ironia que não possamos comer um tubarão, quando eles por vezes se empanturram com a nossa gente.

— Então teremos mesmo de nos aproximar da costa africana e recorrer à pesca — diz o físico Xénomanés, que pouco ou nada interferia no comando do capitão. Mas ele também está magro e precisa comer...

— Cada vez mais distantes das terras do Brasil... — parece lamentar Diogo Álvares.

— Se estivermos, de fato, perto do cabo da Boa Esperança, capitão Du Plessis, então aproveitemos a oportunidade e nos larguemos para as Índias — diz Staden. — Nessa rota, para Vasco da Gama foi fácil chegar até lá. As especiarias em vez... do improvável pau-de-tinta.

— Não, não, companheiros — fala o capitão. — O nosso destino, sem hora marcada, é a terra de Cabral. Aquilo está ao abandono... Até hoje os portugueses não tomaram posse definitiva da região. Temos agora a grande oportunidade de reivindicar a região para a França.

Tempestade amainada de todo, leve brisa sopra de Leste. A bujarrona, içada por Pedro Sanches, paneja direcionando as outras velas. O traquete, que quase se rompe com a tempestade, volta ao seu rumo e prumo. O capitão grita que quer homens no toldo do carbasso, na popa. E na proa, Du Plessis ao lado de Staden, Curry e Diogo Álvares, perscrutam os horizontes do mar, a linha ovalada que parece a tampa de uma chaleira.

O capitão e seus imediatos sabem que não podem se aproximar muito da costa, sob pena de se afastarem cada vez mais do destino final da *Bristol*, "por cima de tormentas ou calmarias", lembra Du Plessis. Famintos, os tripulantes esperam pelo momento da pesca, pois definitivamente o capitão não tocará a África.

Quando alguns golfinhos surgem acompanhando a nau, todos se alegram, pois é sinal de que existe algum cardume de sardinhas nas proximidades. Os entendidos sabem disso, incluindo Juniparã, mas como proceder à pesca, ele próprio se pergunta.

— Se existissem peixes maiores... eu os fisgaria com a minha lança, mas sardinhas?...

Pescar com algum tipo de isca?, se interrogam todos, pois tudo o que podia ser ou parecer comida, para bichos ou homens, fora consumido a bordo da *Bristol*.

O capitão Du Plessis manda Curry chamar os amigos europeus e mais Juniparã e lhes diz:

— Sei que vós todos têm bons expedientes de sobrevivência. Eu os observei durante aquela dramática caçada aos ratos. Quanto às velas de sebo, senhor Juniparã, nunca havia experimentado algo igual... e agora vou recomendá-las a outros capitães dos mares.

Parecendo um pouco restabelecidos com a grande quantidade de água doce que haviam ingerido, os que estavam por perto do capitão se divertiram com aquilo. Sem mais ratos a bordo, sem mais velas de sebo, e com a perspectiva dura de começarem a chupar pedaços de couro, Du Plessis lança o desafio aos amigos:

— Espero agora que inventem algo para nos servir de isca.

Temos fome e... isso se faz urgente, se de fato quisermos alcançar as terras do pau-brasil.

Os homens se entreolham, Anatole Curry sorri de lado, achando que aquilo seria impossível.

Juonato Beradi e o físico Xénomanés falam quase em coro:

— Não há saída para isso, capitão. A não ser que se corte o dedo de algum marinheiro.

— Estava pensando exatamente nisso, capitão... — diz Juniparã e todos ficam sérios de repente.

O silêncio expectante é cortado por Staden:

— Vejo que é a única saída. O difícil é... o voluntário.

— Amigos, acho que tenho a solução — diz Diogo Álvares, enquanto olha para algumas gaivotas que circundavam a nau aos gritos, a *Bristol* célere em busca das águas costeiras da África.

— As gaivotas... — murmura Sanches. — Temos pólvora para as armas de fogo... e ainda temos a lança certeira de Juniparã.

— Quero ver como farão isso — desafia o capitão que, vendo águas serenas, boas para a pescaria, manda fundear o barco.

— Daqui, capitão, é voltar para o Ocidente — diz Curry.

— Precisamos de pelo menos uma refeição de peixes ou... gaivotas — diz Du Plessis.

Staden prepara um arcabuz e ele mesmo daria o primeiro tiro, pois o alemão e Diogo tinham sido os campeões de tiro ao alvo na Academia de Lyon.

— Tenho que acertar uma gaivota, de tal maneira que ela caia bem aqui aos nossos pés.

Depois era só tirar as tripas da gaivota e usá-las como isca. Para todos aquilo parecia razoável, em tal situação de aperto. O primeiro tiro de Staden reboou no ar e a ave simplesmente se estraçalhou no espaço, caindo os restos, penas e sangue, nas águas do mar. Os marinheiros, famintos, olhos esbugalhados, tiveram um momento de desalento.

Era a vez de Juniparã.

— Só tenho três lanças — diz o mestiço. — E não posso perder nenhuma delas, pois não sei o que nos aguarda em terra. As lanças do capitão não são próprias para matar gaivotas...

Atirada a primeira lança, com bastante cuidado, esta se perde nas lonjuras e profundezas do mar. Foi então que Juonato Beradi se lembrou do exímio besteiro Streicher, que às vezes conversava em alemão com Staden e nunca fizera alarde de sua perícia com tal arma. Mas Juonato o havia observado na Academia de Guerra.

Chamado Streicher, que parecia estar com um começo de escorbuto, feridas aparecendo em torno da boca, ele diz temer também perder as suas flechas, pois o alvo móvel das gaivotas não era o seu forte.

— Temos que tentar, senhor Streicher! — grita o capitão já meio impaciente. — Temos que tentar!

O alemão apruma a besta na altura dos olhos e fica procurando o seu alvo. Vacila, toma fôlego, ele quer estar certo, pára a respiração e atira.

— Ainda nem sabemos se os peixes desta região gostam de tripa de gaivota — faz blague Staden.

— Mas são tantos homens a alimentar... — murmura Diogo, sentindo-se cada vez mais enfraquecido.

— Acho que tivemos muitas deserções quando estávamos nas proximidades de Cabo Verde e S. Tomé — sussurra Juniparã para os amigos. — Anatole Curry me disse em segredo que deu por falta de alguns batéis. Ele não contou isso para o capitão.

O primeiro tiro de Streicher é certeiro, caindo a gaivota bem aos pés do capitão Du Plessis, que aplaude a façanha do besteiro. Trespassada a ave na altura do peito, o alemão retira a flecha e a coloca novamente na sua arma. Agora dispara com mais segurança e outra gaivota cai no tombadilho. Satisfação dos homens que acompanham de perto a manobra de sobrevivência — inúmeros marinheiros já não tinham coragem de se afastar de seus beliches.

Juniparã, com a sua adaga afiada, um misto de faca e punhal, destripa a ave com perícia incomum, quando surge outro problema até então não lembrado: anzóis para a pescaria. E anzóis pequenos, pois ninguém ali teria força suficiente para arrastar para bordo algum peixe maior do que uma sardinha.

Nos baús de bugingangas do capitão foram encontrados muitos anzóis, grandes e pequenos. O próprio Du Plessis indaga:

— Será que temos algum sal para conservarmos peixes ou... gaivotas? Não vamos comer tudo o que conseguirmos, não é

mesmo? Temos que fazer alguma reserva, pois ainda vamos atravessar o Atlântico.

Vasculhados porões e despensas, foi encontrado um pequeno saco de sal, a única coisa que havia escapado da estranha comilança a bordo da *Bristol*.

— Se sei da existência deste sal... bem que poderia ter salgado um pouco as minhas velas de sebo... — diz Staden e todos sorriem.

Streicher, sempre certeiro, já tinha abatido outras gaivotas. Um escaler, por sugestão de Diogo e Sanches, foi baixado no costados da nau, para que a pescaria improvisada se tornasse mais fácil dali. Junto com os anzóis, também havia cordéis finos de algodão e agulhas de coser sacos. Os cordéis foram trançados para que se tornassem mais resistentes.

Juniparã e Staden fisgaram as primeiras sardinhas, grandes, gordas, e mais uns peixes redondos e brilhantes, que alguns marinheiros disseram tratar-se de peixe-galo. Tudo foi logo consumido, cru, pelos mais famintos, o que queria dizer todos os tripulantes da *Bristol*, incluindo o capitão, que aplicou nos peixes a mesma técnica de cortar os camundongos: tiras finas de carne e o engolir automático do "petisco".

A sorte é que o barco estava parado bem em cima de um cardume de famintas sardinhas: no atropelo para devorar as iscas, muitas saltaram para dentro do escaler. Os golfinhos, de vez em quando, atacavam os pequenos peixes, mas os tripulantes da *Bristol* acabaram fazendo uma boa pescaria.

Saídos do jejum de vários dias por meio do inusitado menu de peixes e gaivotas, logo o capitão da *Bristol* retoma a rota para o Ocidente. Achava que não devia perder tempo atracando nas costas africanas e por isso voltava ao rumo original.

Já a bordo, Juniparã e Staden improvisam uma grelha para assar alguns peixes, pois todos estavam saciados de peixe cru e sem sal, e precisavam mudar um pouco o paladar. Observando que o capitão não perdera tempo em retroceder a Oeste para atravessar o Atlântico, Staden diz que acha aquilo temerário, na situação em que estavam: velas rotas, homens inermes, e a repetição monótona de uma magra dieta de peixes pequenos.

— Poderíamos dobrar o cabo da Boa Esperança e aportar em Moçambique, capitão — sugere Staden, apoiado pelos três amigos. — Lá abasteceremos a *Bristol* de víveres e água potável, e retrocederemos então.

— Sim, capitão! — diz Sanches. — A nau poderia também sofrer alguns reparos, velas, casco... E teríamos melhor segurança na travessia do Atlântico.

— Não, não, senhores... Agradeço a preocupação — diz Du Plessis. — Tenho as minhas ordens... e o meu destino traçado. A Terra dos Papagaios ou nada. Aquilo está abandonado, temos a nossa chance. Na altura em que estamos, abordaremos a terra nova a Sudoeste, talvez nas proximidades de Cabo Frio ou Rio de Janeiro. Tenho aqui o mapa e as indicações de Vespúcio. Segundo meus cálculos e os de Anatole Curry, estamos na direção correta. A ida a Moçambique e a volta seriam uma manobra ainda mais temerária.

E assim será feito, só que de maneira inesperada e trágica.

As velas bojudas da *Bristol*, algumas consertadas de improviso, estão cheias e impulsionam a contento a nau. Estranha o capitão Du Plessis que ainda não tenham encontrado nenhum barco, pirata ou mercantil, o que dava no mesmo. No fundo da sua mente aventureira bem que ele queria que isso acontecesse nas circunstâncias em que estavam a *Bristol* e os seus homens: necessitados de víveres variados e de até uma porção boa de vinho. Sem dúvida teria atacado o que quer que lhe surgisse à frente, exceção de algum bergantim da Gália.

17

O NAUFRÁGIO

Aqui, onde as mulheres andam nuas e não se sabem negar a ninguém, antes elas mesmas acometem e importunam os homens, lançando-se com eles nas redes, porque têm por honra dormir com os cristãos.

José de Anchieta

Pelos finais de dezembro.

A *Bristol* navegou durante algumas semanas para o Ocidente, cada vez mais se aprofundando no Atlântico, os homens de sua tripulação ainda na dieta de sardinhas cruas e fritas.

Então os primeiros casos, mais graves, de escorbuto, apareceram, marinheiros feridentos, boca sangrando, dentes caindo, caquexia generalizada, o médico Xénomanés sem saber o que fazer.

Se a morte havia rondado a nau desde a calmaria e a tempestade, agora "a indesejável das gentes" se fazia mais presente. Todos os dias cadáveres, enrolados em lençóis, eram atirados ao mar, após uma breve prece do capitão Du Plessis:

"— Escuta minhas preces, ó Senhor!
Já soa a hora de eu adormecer.
Envia os teus anjos, teu amor
Para que venham aqui nos proteger..."

Embora os corpos dos mortos estivessem enrolados, "pacotes para a última viagem", como dizia Juniparã, tubarões disputavam à vista aqueles macabros despojos. O fato é que os últimos mortos, causa principal o escorbuto, pela fraqueza dos homens, eram atirados pelo tombadilho sem mais nenhuma preparação ou cerimônia.

Sanches e Staden, assim como o capitão e Curry, estavam muito magros, mas ainda não haviam contraído o escorbuto. Já não comiam direito as sardinhas apanhadas por Juniparã, o que se mostrava mais disposto e sempre dizia sabiamente:

— Ânimo, amigos! Enfarados ou não com tal dieta, temos que conservar nossas forças.

Diogo Álvares tinha estranhos pesadelos: encontrava-se numa praia paradisíaca, entre silvícolas que, todos desnudos, preparavam estranho festim. Chegava a sentir o cheiro de carne assada e o longínquo cheiro do vinho da terra natal. Por vezes acordava agitado, gritando por comida, e Juniparã lhe dava uma espécie de sopa de sardinha frita, pedaços pequenos diluídos na água que haviam apanhado da chuva. "Os demais permaneciam do mesmo jeito após aquele simulacro de alimento."

Por pensar que Diogo estivesse com a hidrofobia do mar, Staden e Sanches não saíam de perto dele. Enquanto isso, o

escorbuto continuava a matar a tripulação da *Bristol*. Como já estava acontecendo com os navios negreiros, a rota da nau do capitão Du Plessis estava sendo demarcada por vorazes tubarões, que a qualquer momento poderiam se regalar com mais um corpo lançado pela amurada do convés.

Por fim, o gajeiro do cesto da gávea grita, ou tenta gritar, num quase arfar de agonia de moribundo:

— Terra... Terra à vista, capitão...

Todos perscrutam os horizontes, o capitão Du Plessis, meio desnorteado, não sabe para onde olhar, sem muita ajuda das mãos em concha sobre os olhos.

— A estibordo, capitão! — consegue gritar Juonato Beradi.

Perto do timão, astrolábio dando o rumo certo, Du Plessis indaga ao seu piloto:

— Cabo Frio, Curry?

— Estamos mais ao Norte, capitão. Talvez à altura da Bahia de Todos os Santos, a Bahia de Américo Vespúcio.

— É... só espero que Vespúcio tenha tratado bem os nativos desta região — volta a falar o capitão.

— A pergunta é se os nativos da Bahia já conheceram os piratas mercenários do mar... ou se estariam de acordo em fazer escambo com a nossa gente — diz o capitão.

— Se já fizeram contatos com os portugueses... vamos ter alguma dificuldade — fala Staden.

Reunidos no castelo da proa estão, além do capitão Du Plessis e Anatole Curry, Juonato Beradi, Staden, Diogo e Juniparã. Pedro Sanches estava no seu catre, bastante enfraquecido.

"O sol se pôs e um vento muito forte começou a soprar. As nuvens, que até então eram densas, foram levadas em direção ao oeste. Sobre a linha do horizonte, surgiu um pedaço de céu claro, pálido, com matizes esverdeados, coroado por nuvens de contornos irregulares que tingiam o céu de um vermelho intenso."

— Nunca vi o firmamento desta maneira — diz Staden. — A noite se aproxima, capitão, e não me agrada o seu aspecto. Fundear aqui ou ir de encontro à terra?

— Com ameaça de tempestade ou não, estamos mais seguros na *Bristol* — diz Du Plessis. — Se a coisa ficar feia, usaremos os batéis e seja o que Deus quiser.

Ele olha de lado, com ar preocupado e indaga a esmo:

— Com quantos homens poderíamos contar...?

Quem se aproxima do capitão é o físico Xénomanés, que diz algo estarrecedor, a que nenhum dos presentes tinha prestado atenção ou pensado no assunto:

— Estamos reduzidos a menos de cinqüenta homens, capitão.

Juonato confirma:

— Exato, capitão Du Plessis. Fiz uma vistoria. Além das doenças... desde mesmo Cabo e S. Tomé, como sabemos... têm havido deserções. A *Bristol* está sem muitos batéis.

— Homem válidos! — grita o capitão. — Quero saber sobre os homens válidos, que ainda possam lutar!

— Temos alguns que ainda podem pegar em armas e... — diz evasivamente Juonato Beradi. — E o suficiente para o escambo com os silvícolas.

Du Plessis manda soltar as âncoras, resolvido a ficar "à vista da terra", e recolher as velas às suas amarras. Há movimento e sussurros entre alguns marinheiros que ainda podiam andar.

— Alguns querem desembarcar logo, capitão — anuncia Curry.

— Ninguém arreda pé daqui! — grita Du Plessis. — Ou querem ser devorados pelos nativos? Pela manhã, bem cedinho, desembarcaremos com os presentes... e teremos muito pau-de-tinta para levar para a França.

Acalmados os homens, mesmo porque ninguém ali teria forças para levantar um motim, as lanternas a óleo e as restantes velas de sebo são acesas, o mar começando a se encrespar.

— Não é possível que tenhamos de passar por isso novamente — lamenta-se Staden.

— Se eu fosse supersticioso... — diz Diogo — poderia atribuir a nossa falta de sorte a algum estrupício... um olho mau que nos observa — ele encarou Juniparã e pela primeira vez sentiu estranho preconceito e incompatibilidade em relação ao amigo.

O mestiço, como se pudesse ler o pensamento de Diogo por trás de suas palavras, fala em tupi:

— Che kaarú asy aikó tevê (Estou triste e incomodado).

Staden, compreendendo o que se passava, pede-lhe desculpas:

— Aikó meoã.

Ventos fortes e uivantes, a tempestade novamente se abate sobre a *Bristol*. Os homens mais válidos se aprontam com baldes para a retirada da água do mar e da chuva, que já começa a inundar o barco. Como da vez anterior, não há braços que cheguem. A turbulência parece ser mais violenta do que a primeira que enfrentaram.

— Não é possível que isso esteja acontecendo bem às cosas do Eldorado — diz Pedro Sanches, ainda em seu beliche, fraco e febril.

Diogo e Staden tinham ido até o camarote para pedir-lhe que se amarrasse no catre, pois a *Bristol* iria jogar muito. Sanches ainda tenta se levantar para ajudar com os baldes, mas cai sem forças na cama.

— Se a coisa ficar preta lá por cima, Sanches, viremos buscá-lo — diz Staden. — Caso a *Bristol* vá para o fundo... teremos mais chances de nos salvar saltando do tombadilho.

— Já poderia desde agora, amigos, ficar amarrado no mastro da mezena — fala Sanches temeroso.

Juniparã aparece de repente no camarote e diz que é melhor mesmo levarem Sanches para cima, pois acha que a *Bristol* não vai agüentar por muito tempo.

— Seria uma temeridade baixarmos algum escaler nessa altura — diz Diogo. — Ele iria logo ao fundo. Talvez um pedaço de madeira, uma tábua fosse o mais indicado.

Juniparã, o mais forte e resistente entre os quatro amigos, pega Sanches pelos braços e o leva para cima, como se estivesse carregando uma criança. Diogo e Staden voltam logo aos baldes, junto com os demais tripulantes válidos.

No castelo da proa, o capitão Du Plessis e Curry avaliam a gravidade da situação.

— Estamos perto da costa, senhor — diz o imediato. — Baixemos os batéis e fujamos deste inferno líquido. Se ficarmos aqui, todos nós iremos para o fundo com a *Bristol*.

— Ainda é cedo para isso, Curry. Mesmo os batéis neste mar encapelado... Os tubarões devem ainda estar nos rondando.

Ao ver Staden se aproximar deles, o capitão pergunta:

— O que acha de desembarcarmos agora, senhor Staden?

— Seria uma temeridade, capitão. Os batéis... Bem, como seríamos recebidos pelos nativos? Eles são muito supersticiosos

e... nos veriam como demônios maus saindo do mar ou do fundo escuro da noite.

— Então vamos esperar que amanheça — diz Du Plessis.

Sanches, cada vez mais enfraquecido pela febre — Juniparã já acha que ele está com escorbuto —, é amarrado no mastro da mezena, na parte traseira da nau, enquanto, em meio ao barulho e a fúria da intempérie, a voz do capitão reboa algo tênue:

— Marinheiros, homens do mar, sairemos desta mais uma vez. Não deixem que a nossa valente *Bristol* afunde com o peso das águas.

Neste instante, horrorizados, Staden e Diogo (o alemão tinha deixado o castelo da proa e voltara aos baldes) vêem uma das lanternas acesas — o capitão acabara de pedir que fossem apagadas — cair perto da escada do tombadilho que dava para o porão onde estavam os barris de pólvora dos canhões. Não houve tempo para nada. A lanterna a óleo salta os degraus e a explosão é imediata.

O castelo da proa, onde estavam o capitão e os imediatos Joanato e Curry, é arremessado por inteiro à distância sobre as ondas revoltas. Agora tudo é escuridão, lamentos e ranger de polias e vergas encharcadas. Alguns homens, no desespero, desamarram dois batéis e os jogam no mar, mas nenhum fica por muito tempo na superfície.

Há gritos e gemidos, um barulho surdo em mistura com os lamentos lancinantes da tempestade. Alguns homens se atiram ou são atirados fora da *Bristol*, que já perdeu mastros, velas, cordames. Um simulacro de nau com poucos ratos-homens, sonâmbulos e ébrios pelo tombadilho.

A *Bristol* empina e é arrastada por forte correnteza.

Os quatro amigos tentam se conservar juntos, decidindo o que fazer ou não pensando em nada, simplesmente agüentando aquilo. Sanches já tinha sido desamarrado do mastro da mezena.

— Estamos indo em direção à terra — diz Juniparã, que aperta grande crucifixo no peito: ele, sempre estranho, nunca mostrara ser um crente cristão.

A nau de repente irrompe por sobre uma espécie de rochedo ou banco de areia, que emerge das águas escuras. A tempestade parece ter amainado um pouco, mas tudo em redor é o negrume da noite lamentosa. Os quatro amigos, sendo Sanches quase arrastado, saltam da nau quando a *Bristol* aderna totalmente e é encoberta pelas ondas.

— Fiquemos sempre juntos, amigos! — grita Staden, pegando um pedaço de madeira que passava ao seu lado. — Aquela explosão espalhou pedaços da *Bristol* por toda parte. Vejam... podemos até fazer um batel...

— Coitado do capitão Du Plessis — lamenta Diogo. — Ele que queria passar o Natal no Paraíso... Na Terra Prometida...

Cada um dos náufragos agarra um improvisado salva-vidas, Sanches ajudado por Juniparã, mas não conseguem se manter juntos. As ondas, ainda encapeladas, altas, furiosas, acabam levando para mais distante o espanhol e o mestiço, mas ambos estão flutuando num tronco de madeira, um pedaço de verga da *Bristol*.

Staden e Diogo estão próximos e conseguem se manter boiando, subindo e baixando com violência, e por vezes bebendo água. Estavam exaustos e quase se entregando ao delírio e à morte, o instinto de sobrevivência abalado. Mas o alemão ainda consegue dizer:

— Agüentemos, Diogo, só mais um pouco. Estamos indo para a praia, estas ondas já são as que quebram na areia.

— Graças a Deus... a tempestade está passando... — murmura Diogo.

Ao clarear ligeiramente o céu, Staden nota um estranho vulto à distância, negro contra o negro da noite, e reconhece a *Bristol* que tinha embicado num banco de areia.

— Deus misericordioso... — diz o alemão. — A nossa nau não afundou inteiramente.

Do capitão e demais tripulantes, incluindo Sanches e Juniparã, os dois amigos não conseguem saber de seu paradeiro. Mas Staden e Diogo iriam ainda passar por apreensão e drama incomuns. Uma correnteza de água fria parecia pegá-los por baixo e os afastava um do outro, mas a direção ainda era a praia, que já mostrava a sua linha branca nas proximidades.

— Se chegarmos vivos à terra... ao amanhecer gritaremos um pelo outro — diz Staden, fazendo tremendo esforço para ser ouvido pelo companheiro. — Talvez possamos voltar a ficar juntos.

Perdendo de vista Diogo, o alemão não recebe nenhuma resposta. Agarrado na sua tábua de salvação — "agarre o seu madeiro e siga-me", ele pensa nisso com certo fervor religioso — Staden tenta direcioná-la para aquela ainda longínqua faixa esbranquiçada que se descortina à frente de um colar escuro de palmeiras.

— Uma bela praia ou um monstro marinho? — ele se interroga. — Serei devorado pelos tupinambás ou descerei pela garganta hercúlea de alguma baleia como Jonas?

Mesmo em situação desesperadora, Staden continuava a ironizar o seu destino, como o fizera mais de uma vez ainda a bordo da *Bristol* durante a miséria da fome. As suas incongruências às vezes agradavam ao capitão Du Plessis, que costumava chamá-lo de Monsieur Doloire.

Quando Staden sentiu os pés tocarem em terra firme, tornozelos parecendo duros e inchados, levantou os olhos para os céus e agradeceu a Deus e a Jesus Cristo por ter conseguido chegar até ali com vida.

Cambaleante, atinge algumas pedras limosas e ali descansa um pouco. A tênue claridade parecia crescer um pouco, a intempérie ainda com pequenos rugidos. Ele levanta a cabeça e olha em volta: a estreita faixa de areia branca se estende à sua frente.

— Diogo... — tenta o primeiro grito e a voz sai embargada.

A boca está seca e pegajosa, pois fizera força para não engolir água, os lábios doloridos. Pingos fortes da chuva ainda lhe caem na cabeça. Abre a boca e recebe a água cálida e refrescante.

— Diogo! — grita com mais firmeza. — Onde está Diogo Álvares? — olha em volta e continua falando, como se não quisesse se sentir tão sozinho: — Onde estão meus amigos? Sanches? Juniparã? O capitão Du Plessis? E o curandeiro Xénomanés teria se salvado? — tenta gargalhar, mas sente uma espécie de vertigem.

Com medo de perder os sentidos e cair de bruços em cima de alguma poça d'água, faz um enorme esforço até deixar para trás as últimas ondas. E cai inerme sobre a areia branca. A tempestade está nos seus estertores finais. O dia vai clareando.

Não muito distante em que pisou em terra firme o alemão, em praia pedregosa, cheia de limos e cascas de ostras, Diogo se

arrasta para lugar mais seguro, já longe das ondas fortes. Está sem fala, olhos esbugalhados e ardendo, cansaço até o último alento. Quando atinge lajedo mais seco, desmaia.

SEGUNDA
PARTE

O DRAGÃO DO MAR

As mulheres então despedaçaram o cristão e numa fogueira que haviam feito assaram-no à nossa vista, mostrando-nos muitos pedaços de carne, que comiam em seguida.

Américo Vespúcio

Certa vez, quiseram (os jesuítas) acabar com um festim canibalesco. Os índios reagiram de tal forma que forçaram os missionários a mudar de residência. Conseguiu o grande Mem de Sá, depois, proibir a antropofagia.

Eduardo Tourinho

1

CARAMURU-AÇU

Os presos foram mortos e suas carnes defumadas no bucan (moquém), que era constituído por quatro forquilhas de madeira, à guisa de esteios, onde se colocavam varas para sustentarem a carne dos infelizes.

Lima Figueiredo

1520

Quando o português Diogo Álvares Correia abriu os olhos, encharcado e trêmulo, amargando a boca num misto de medo e confusão mental, estava diante dele, montada num enorme tapir negro, a bela princesa Paraguaçu, da tribo dos tupinambás.

Escondido entre algumas pedras lampidas de vez em quando pelas ondas frias, ainda exausto, pensou que sonhava ou que estivesse num outro mundo, e voltou a desfalecer. "Em seguida, Atena difundiu-lhe o sono nos olhos, para que, cerrando as pálpebras, lhe fizesse cessar, o mais breve possível, a fadiga causada por seus extenuantes trabalhos."

Era costume de Paraguaçu, quando surgia "a aurora do belo trono", descer até a praia de Mairagiquiig para um passeio matutino, junto com suas companheiras inseparáveis, Enorê e Moema, que faziam as vezes de aias da princesa, e mais algumas jovens de sua aldeia.

O todo-poderoso morubixaba Gurupeva, senhor da guerra, a quem Paraguaçu, filha do tuxaua Taparica, estava prometida em casamento, sempre seguia com seus guerreiros à distância das moças, temendo qualquer perigo na floresta. Ele tinha muito ciúme da noiva e seria capaz de qualquer sacrifício por ela.

Chegadas à praia, elas se divertiam dançando e cantando, e era Paraguaçu, sempre graciosa, quem "dirigia o canto e a dan-

ça". Praticamente uma viagem puxada de muitas horas, desde a madrugada até os baixios de Mairagiquiig, montada no seu esperto e manso tapir, para os tupinambás, grandes corredores e andarilhos, a distância da aldeia de Taparica era bem pequena.

Um historiador, entusiasmado com as palavras do frei Jaboatão em relação à beleza selvagem de Paraguaçu, uma verdadeira princesa que reinava (e era guerreiro) na taba de seu pai, disse que ela era "uma ninfa agreste" e que se acompanhava "a casta moça com inúmeras donzelas".

Para Jupiaçu Chaves, foi a deusa Atena, "de olhos brilhantes", quem fez com que Diogo "acordasse e visse a donzela de formoso rosto, que o havia de conduzir à aldeia de seus pais". Os guerreiros de Gurupeva vigiavam as redondezas e já tinham descoberto, a certa distância da praia, a carcaça da nau do capitão Du Plessis. Murmúrios e exaltados brados do morubixaba.

Enquanto isso, após o canto e a dança, a princesa passou a jogar com as companheiras a pela, uma espécie de peteca, e sorriam muito quando alguma delas perdia a sua vez. De repente a filha do tuxaua Taparica "atirou a bola para uma escrava, mas como não acertasse, a bola foi cair num sorvedouro do mar e todas prorromperam em altos gritos".

Diogo Álvares tornou a despertar, esfregou os olhos, apalpou o peito cheio de sargaços, e alegrou-se por estar vivo. "Assentando-se, considerava em seu coração":

— "Que homens habitarão esta terra a que cheguei? Serão violentos, selvagens e injustos, ou hospitaleiros?"

Primeiro ouviu gritos femininos à distância, "como de donzelas" e logo em seguida "a ninfa agreste", que se espanta com a cor branca da pele do náufrago, não de sua nudez. Após a dura refrega do mar e o esforço para se esgueirar entre as pedras dos baixios, Diogo ficara sem roupa, barba negra de vários dias, olhos injetados, sangüíneos.

— Caramuru-açu!

Ele ouve o "timbre mavioso" da voz da princesa da selva, que repete com mais assombro, mas não arreda pé dali:

— Caramuru-açu (Dragão do Mar).

Diogo ainda se esconde entre as pedras, o que faz Paraguaçu aproximar-se dele mais resoluta.

— Che aruãi (Estou alegre) — diz a princesa e bate no belo peito desnudo e aponta para a floresta: — Paraguaçu — repete o gesto: Eori ejó (Vem tu).

— Mosã-iguára? — indaga Diogo, deslumbrado com a beleza da moça. — Mosã-iguára? (Feiticeira?) — ele repete ainda entre as pedras para "esconder suas vergonhas".

— Pemb tupinambá (Guerreiro tupinambá) — diz Paraguaçu e acrescenta: — Che rory gatú nde rurari (Estou muito alegre com a tua vinda) — ela repete a expressão comum entre os tupinambás quando acolhem um hóspede que é bem-vindo.

Diogo ouve certo alarido em volta e olha espantado para os lados, enquanto Paraguaçu, assustada por outras razões, o convida:

— Eori ejó uyrá-ok-usu okarantin (Vem para a aldeia da Pluma Grande).

O pai de Paraguaçu, o tuxaua Taparica, usava longa pena branca de garça, entre duas penas vermelhas de arara, que encimavam o diadema de japu pregado em sua testa. Era o seu símbolo de chefia e marca do nome de sua taba. É provável que Taparica tivesse ascendência sobre outras aldeias do litoral.

Quando Diogo Álvares ouve risos e murmúrios de mulheres mais próximos dele e entendendo que a princesa da selva não se importava com a sua nudez, pois também estava totalmente despida, sai de detrás das pedras. Assim, o náufrago "era obrigado a ir para entre as donzelas de belas tranças, apesar de estar nu, pois a necessidade o constrangia".

Ele estava arranhado e cheio de algas e sargaços pelo corpo, famélico, "horrivelmente desfigurado, por causa da água do mar, e elas, assustando-se, dispersaram-se pela margem". Só a linda filha de Taparica "não fugiu, porque Atena deu ânimo ao seu espírito e tirou-lhe o medo dos membros".

Diogo, trôpego, ébrio de sofrimento, balbucia:

— Tu és deusa ou mortal?

Paraguaçu sorri faceira, como se entendesse aquelas palavras ditas em português. Diogo tenta traduzir alguma coisa para a língua que Juniparã lhe ensinara, algumas palavras e expressões, e diz algo parecido com "meus olhos, na verdade, nunca viram um mortal assim, homem ou mulher. Por isso olho-te com amor".

O guerreiro Jaguara já tendo, mais distante, aprisionado outros náufragos da *Bristol*, toca a inybí-á, alertando o morubixaba Gurupeva, que logo em seguida alcança o lugar onde estavam Paraguaçu e Diogo. Imediatamente o tom amistoso da prin-

cesa se transforma em hostilidade por parte do guerreiro. O náufrago é amarrado pelas mãos e pelo pescoço, sob o protesto de Paraguaçu, que parece reivindicar para ela aquele privilégio. Gurupeva grita com a sua voz de trovão:

— Che remiarusú! (Meu escravo!)

Paraguaçu, elegante, pernas longas, volta a montar no seu pacato tapir, que ela às vezes também chamava de tapiruaçu. Diogo ouve novamente a sua voz, entre cândida e forte, como em protesto de alguma coisa. Voltando-se para ela, o náufrago tenta compreender o que ela lhe diz:

— Estrangeiro... visto que não me pareces mau nem insensato, considera que Tupã distribui a cada um os seus bens, aos bons e aos maus, e por isso deves levar com paciência a sorte que ele te deu. Eu sou a filha do justo Taparica, "que impera e domina sobre estes povos". Sou a princesa Paraguaçu (Mar Grande).

Diogo vê Jaguara se aproximando de Gurupeva. Ele, com mais três guerreiros jovens, armados de ibirapemas (bordunas) e arco e flecha, arrrastam seu amigo Fred Staden, tão desfigurado quanto desnudo, como se Diogo estivesse olhando a própria imagem num espelho, exceção da barba ruiva do alemão, o que deve ter causado espanto aos silvícolas.

"A caminhada até a aldeia tupinambá foi longa e sofrida".

> Os prisioneiros trazidos para a aldeia serão ali regiamente tratados. Cinco dias depois entrega-se ao prisioneiro uma mulher, encarregada de fazer-lhe companhia na rede. O objetivo é engordá-lo até que chegue o dia de matá-lo.
>
> *André Thevet*

Diogo Álvares e Fred Staden continuavam na aldeia da Pluma Grande, nas suas palhoças vizinhas e sendo tratados pelas belas mulheres tupinambás. Por entre as grades, de finos troncos, de sua prisão, os dois podiam se ver e se falar, o que para eles era um alívio e uma grande regalia.

— "Talvez coisa de Paraguaçu" — pensa Diogo.

Só não compreendiam, assustados e temerosos, por que ainda não tinham sido sacrificados como os infelizes companheiros Sanches e Juniparã.

— Talvez coisa de Paraguaçu — Diogo expressa em palavras a sua desconfiança, embora Staden não acredite nisso.

— Pelas minhas contas, amigo Diogo, estamos hoje no nosso quinto dia fatal... Se Paraguaçu e Moema, ou qualquer outra mulher, trouxerem as redes para dormir com a gente... será o belo e prazeroso começo do fim para nós dois.

— Só sabemos o que aconteceu com Pedro Sanches e Juniparã, mas nada sabemos sobre os outros, amigo Staden — diz Diogo. — Talvez estejam ainda vivos... e poderiam nos ajudar.

— Com que armas? Exaustos e mortos de fome... Não, Diogo, o nosso fim será igual ao de Sanches e Juniparã.

— E por que mataram nossos amigos tão rapidamente? No mesmo dia da chegada à aldeia... E o ritual preparatório, a engorda?

— Talvez uma demonstração de força de Gurupeva — diz Staden. — Um exemplo para aterrorizar os inimigos dos tupinambás. Talvez até o morubixaba nos solte... para que possamos contar tudo quanto aconteceu aqui na aldeia de Taparica.

— De irônico a brincalhão — fala Diogo sem entusiasmo. — Doce ilusão, amigo Staden.

De fato estavam se iludindo e nenhum deles poderia prever o que aconteceria no futuro. Os dias eram repetidos com o cuidado das mulheres, Paraguaçu parecendo cada vez mais afeiçoada a Diogo.

Ela gostava de repetir toda vez que se aproximava dele:

— Caramuru-açu che aruãi (Dragão do Mar estou alegre).

— Aikó gatú Paraguaçu (Zombam de mim, Paraguaçu).

Por que eles ainda estavam vivos? Era o que sempre passava pela mente dos náufragos. É que eles, naquela aflição e expectativa, não se lembravam de que Juniparã lhes havia contado que certos prisioneiros dos tupinambás só eram comidos depois de anos de engorda...

Até que uma noite levaram um grande susto. Paraguaçu, Moema e Enorê apareceram diante das duas palhoças carregando algumas redes de tucum. Belas redes de varandas entrançadas para os prisioneiros e suas lindas hospedeiras.

— É o começo do fim... — murmura Staden.

— Se Paraguaçu dormir comigo... morro feliz — diz ironicamente Diogo.

— Me dou por satisfeito com a bela Moema — fala Staden.

Então se deu uma estranha discussão entre a princesa e suas "duas escravas", que pareciam aias ou mucamas que serviam à filha régia de Taparica, mas que por alguma razão ou costume, se sentiam no direito de disputar os prisioneiros.

— Parece que as três querem o Caramuru-açu — diz o alemão.

Ao se sentir ameaçada no seu direito de posse (pensava assim), Paraguaçu ataca com violência as duas companheiras, como se realmente quisesse matá-las. Destra com uma lança, não as fere no entanto, mas as joga por terra e solta um grito de vitória.

— Mulher extraordinária — balbucia Diogo.

Paraguaçu gesticula, as outras duas mulheres ainda no chão, e grita para o centro da aldeia:

— Che maé! Che roák! (O prisioneiro me pertence!)

O guerreiro Gurupeva surge com uma longa lança, bate nos peitos e também grita:

— Che roák! Che roák!

Ele faz com que Paraguaçu se afaste dali, atirando-lhe pelas costas a sua rede de tucum. Moema e Enorê, já refeitas e cheias de resmungos, se encaminham para as palhoças dos prisioneiros.

— Como virgem guerreira e prometida do chefe de guerra, Paraguaçu não pode se deitar com um prisioneiro — explica Staden, baseando-se nas conversas que tivera com Juniparã. — Gurupeva é ciumento e matará por ela se for preciso.

— Se ela me quiser... tenho que me preparar para o maior desafio de minha vida — diz Diogo com convicção.

— Não se iluda tanto, amigo, Paraguaçu talvez queira apenas ter os mesmos privilégios das outras mulheres da sua aldeia.

— Acho que cedo veremos o que acontece...

Diogo vê Moema entrar na sua maloca e armar a rede nos esteios da habitação. Ela faz isso com tanta diligência, como se já tivesse repetido a operação algumas vezes. Enorê, por sua vez, vai para a palhoça-prisão de Staden — livres de Paraguaçu, que de longe as observa com olhar irado e reprovador.

O alemão sorri e levanta os ombros:

— Noblesse oblige...

— Faire la noce... — responde Diogo, já sendo arrastado por Moema para a grande rede de varanda trançada.

Para os dois sofridos e desesperançados náufragos, aquilo foi um despertar estranho e exaltado dos sentidos. Era como comungar com a bravia natureza, o cheiro silvestre dos corpos bronzeados, o morno-quente da carne, a espontaneidade das mulheres ao se entregarem.

Staden e Diogo, quase em delírio como no duro jejum da nau *Bristol*, demoraram a arvorar o pendão do desejo ardente, mas logo excitados na mente pela novidade, sentiam-se pouco a pouco mergulhar num mar de delícias nunca antes imaginadas.

Moema, em situação incomum, surpresa excitante e deliciosa para o jovem Diogo, levantava-se dentro da rede com os braços suspensos nos punhos — os belos seios palpitantes — as compridas pernas torneadas entreabertas, enquanto murmurava para o companheiro:

— Taugé! (Agora!) Taugé!

Diogo a envolve pela cintura, como se estivesse numa cama semi-ajoelhado — a rede larga trêmula com os corpos trêmulos — e Moema se deixa cair para baixo, até que a carne morena e desejável se une em perfeita harmonia com o corpo do Caramuru-açu, nome que Moema agora repete várias vezes, respiração opressa, cheia de suspiros.

Pela madrugada, as duas mulheres, silenciosamente, se retiram das redes dos estrangeiros. Moema ainda sussurra, antes de sair, com o seu hálito quente, perto de Diogo:

— Che rúramo asobaitín che remirekó puéra (Quando voltar quero encontrar o que guardei).

O sol já iluminando a aldeia da Pluma Grande, canto de pássaros na floresta, mulheres e curumins passando para o banho no córrego mais próximo, Paraguaçu aparece com um cesto de frutas para o Caramuru-açu. Parece amuada, séria, e quando Moema e Enorê se aproximam, grita para elas com timbre de voz magoado:

— Seboipép! (Sanguessugas!)

Os dias, desde então, vão se repetir numa monótona cadência, admirando-se Staden e Diogo da disposição das duas mulheres que vão para a rede com eles todas as noites — por

esse lado, a monotonia mormacenta dos dias era substituída pelo ardor das noites cálidas.

— Teremos filhos com elas, Staden? — indaga Diogo.

— As tupinambás moças não menstruam — diz o alemão. — Me contou Juniparã que tomam ervas e ficam estéreis o tempo que quiserem.

O guerreiro Gurupeva, junto com o seu lugar-tenente Jaguara, às vezes aparecia nas proximidades das palhoças, como se estivesse a fiscalizar Paraguaçu. O tuxaua Taparica nunca aparecia e os estrangeiros ainda não o conheciam. Os curumins não se aproximavam daquelas ocas, mas algumas mulheres velhas surgiam de repente como se estivessem avaliando a engorda dos dois prisioneiros...

E eles de fato engordavam e tinham uma "boa vida", o que não lhes assegurava um futuro promissor: sabendo daquela preparação ritualística, Staden e Diogo por vezes até perdiam o desejo de se deitarem com Moema e Enorê. Mas Diogo sempre acentuava, como se fosse uma determinação da qual não mais se afastaria:

— Eu lutaria por Paraguaçu, amigo Staden — vou dizer isso para ela, quero-a como mulher e... como esposa.

— E enfrentaria o brabo Gurupeva?

— Se for preciso. Se for preciso... enfrentarei qualquer coisa. Moema, também bela, desejável, só me fala à carne. Mas Paraguaçu não sei... É diferente... sinto algo por ela... como uma destinação... um carma. Nunca senti isso por mulher alguma. Pode compreender, amigo Staden?

— Não sei, Diogo. O amor é armadilha e liberdade. E se depois, o Caramuru-açu, amante de Paraguaçu, fosse esbarrar como um assado na grelha?

— Staden não deixa esse espírito de galhofa de lado. Sei que é isso o que o sustenta. Sim, iria para o boucã... se tivesse de pagar esse preço de qualquer maneira.

— O pior é a espera, a incerteza. Por que nos conservaram vivos até hoje, Diogo? Naturalmente preparam para nós um ritual mais macabro do que aquele que sacrificou Juniparã e Sanches. E com a conivência (cultural, vá lá) das belas mulheres, de Paraguaçu...

— Não sei, amigo. Acho que é Paraguaçu quem nos mantém vivos aqui. Ela me quer, sinto, nem que seja para as noites

antes do grande banquete... Não viu a briga que teve com Moema e Enorê?

— Sim... Talvez tenha pedido ao pai Taparica uma trégua para os estrangeiros. Um pouco mais de tempo... Mas até quando?

— Quem sabe, amigo Staden? Quem sabe?

> Os náufragos que vez por outra conseguiram aprisionar, eram devorados em tétricos festins, depois de serem os mesmos submetidos a um verdadeiro tratamento de engorda.
>
> *Sérgio Macedo*

À noite, antes de se recolherem às palhoças dos prisioneiros Moema e Enorê, aparecia a sempre graciosa Paraguaçu para cuidar de Diogo. Cabelos negros ora soltos, ora trançados, a flor amarela do jatobá enfeitando-lhe a fronte. Parece que aos poucos ela foi se acostumando com a idéia de Moema dormir com o seu Caramuru-açu. Não há mais discussões, mas não se falam, como se entre ambas tivesse surgido um obstáculo intransponível. O curioso era que Paraguaçu falava alegremente com Enorê.

Então a princesa da selva conta histórias, como se quisesse se fazer compreendida pelos costumes estranhos e ásperos dos tupinambás. Ela tem muita coisa para contar, verve espontânea e harmoniosa.

Fred Staden, mais desenvolto na compreensão daquela língua, traduz para Diogo o que fala Paraguaçu, pois às vezes ele nada entendia do que ela contava.

— Como o tuxaua Taparica não teve filho macho, Paraguaçu foi criada, desde pequena, como um pebkaág (aprendiz de guerreiro) e depois de sua iniciação (rito de passagem) foi considerada um pemb (guerreiro verdadeiro).

Ao pedir Diogo a Paraguaçu que lhe contasse como se iniciou como guerreiro, Staden explica:

— Paraguaçu é também a "memória" dos tupinambás, preparada pelo pajé Djaê, seu avô, para guardar as lendas e histórias de seu povo.

— Memória cultural? — indaga Diogo.

— Sim. Toda essa sabedoria ela passará para os filhos.

Por isso não pode se deitar com um estrangeiro. Não por ser prometida a Gurupeva, de quem não gosta... Estou avaliando o comportamento dela, amigo Diogo. Nessa situação, me sustento pela minha mente. Se escapar vivo daqui, escreverei um livro. Bem, o pai Taparica quer o casamento, mas Paraguaçu adia o quanto pode...

— Creio que o avô Djaê é pai não do tuxaua, que segundo a própria Paraguaçu já é um ancião, mas da mãe dela.

— Sim, os silvícolas vivem muito.

— O que quero dizer, amigo Staden, é que é esse o caminho para a nossa salvação. Paraguaçu... Minha mente também trabalha nessa monotonia e expectativa de vida... ou de morte. De qualquer maneira quero que Paraguaçu compreenda que quero desposá-la, não como parte de algum esperado festim, banquete...

Após ouvir, meio indiferente, o diálogo entre os prisioneiros, que citavam seu nome, Paraguaçu volta a falar atendendo ao pedido do Caramuru-açu, ou seja, quer contar como se transformou num verdadeiro guerreiro, o seu destino de princesa da aldeia da Pluma Grande.

— Paraguaçu não ia pra mata sozinha no começo — diz ela. — Ia com tamãi (avô) Djaê. Só depois de ganhar diadema de japu e braçadeira araviri, tamãi me deixou na floresta por minha conta e risco. Gurupeva era um menino ciumento e teimoso, pois queria receber de tamãi a sabedoria da mata e da guerra. Djaê e che rúb (meu pai) Taparica e che sŷ (minha mãe) Moroti foram, naquela manhã, me deixar na entrada da floresta, quando a aldeia da Pluma Grande ainda acordava. Eu tinha o dia todo pro desafio de sobreviver na mata.

— O amigo Diogo está acompanhando bem a narrativa de Paraguaçu? — indaga Staden, que às vezes traduzia para ele algumas expressões.

— Sim, Staden, deixe que ela conte.

— Não levava comida pra floresta — diz Paraguaçu. — Só levava arco e flecha, arma proibida entre as mulheres tupinambás, mas eu já podia usar e tinha que trazer pra tamãi uma saúva-cortadeira viva.

— Ninguém é capaz de segurar e manter na mão limpa uma saúva-cortadeira — observa Staden.

— Fui me afastando da aldeia da Pluma Grande — continua Paraguaçu. — Fui me afastando. Aí minha mãe Moroti me prometeu, gritando já de longe:

— Quando minha filha Paraguaçu voltar da floresta vai comer marreca-ananaí.

— Me afastei da aldeia, sempre mais e mais, até que a trilha desapareceu. Ouvi ainda o avô Djaê gritar para Gurupeva pra voltar pra casa. Ele queria me proteger... ou me matar? O pai dele era um pajé mau, que fazia mezinha pra matar gente de quem não gostava. Vivia fazendo encrenca. Gurupeva vai puxar ao pai e ao avô, que morreu enrolado por uma sucuriju. Bem, eu não podia perder tempo naquele dia. Procurar saúva-cortadeira nas encostas dos barrancos era o certo, onde chuva não acaba com a casa das formigas. Olhei terreno alto, com pouca vegetação. Mas eram árvores jequitibás que me iam dar sinal de presença delas.

Foi numa trilha de bicho, estreita, que descia para um córrego, que ouvi o primeiro esturro de onça preta, a jaguar-canguçu, a mais feroz. Essa canguçu esturrou porque já sabia que eu era bicho pequeno e fraco e ia ficar logo com medo. Ela estava caçando pra suas crias e tinha sentido o meu cheiro, e já vinha bem atrás de mim, sem se esconder na tocaia, se mostrando. Minhas flechinhas não iam poder fazer nada com a canguçu, nem mesmo arranhar a sua pele. Eu tinha que me esconder logo até passar o perigo, ela ir embora. A onça esturrava mais e mais, satisfeita.

Ela está avisando porque sabe que a caça é pequena e fácil, eu pensava nisso o tempo todo. Com aquele esturro feio, a caça pequena tem medo e se atrapalha, se perde na floresta, e acaba nos dentes da canguçu. Caramuru-açu já ouviu esturro de onça negra?

— Não, Paraguaçu, nunca ouvi. É a primeira vez que me encontro numa floresta. O esturro da onça deve ser ruim e feio.

— Sim, é muito feio, principalmente para um curumim que ainda não é um guerreiro. Então, Caramuru-açu, eu trepei, mais do que depressa, num enorme jequitibá. Mas antes o que fiz? Quando vi pé de pimenta vermelha, lembrei do eikobé (avozinho) Djaê que tinha me ensinado a assustar anta feroz jogando pimenta nos olhos dela e no focinho. E levei comigo, pro alto do jequitibá, na passagem rápida pelo arbusto, um punhado de pimenta vermelha. Ainda tive lembrança de esfregar algumas

no pé do tronco da árvore. O cheiro da pimenta ficou logo ativo e mesmo de longe ardia nos meus olhos.

— E como Paraguaçu, um curumim pequeno, sem experiência da mata, ia poder passar a pimenta no focinho da canguçu? — indaga Diogo, sempre deslumbrado com a faceirice e pureza da jovem tupinambá.

— Ora, Caramuru-açu, não foi assim, não. Não foi como na anta velha, pesada, que quase não podia correr. Sim, lá no alto do jequitibá não ia poder alcançar a canguçu ladina. Mas o que era que eu tinha comigo? As minhas flechinhas. Apenas três. Aí esfreguei pimenta na primeira flecha e deixei as outras duas pra caçar comida pra mim, pois o dia ia ser comprido e eu ia passar todo ele na floresta. Eu tinha que acertar aquela flecha no lombo da onça logo da primeira vez.

Quando a canguçu chegou debaixo da árvore esturrando e miando, rabo levantado, tentou subir logo pelo tronco do jequitibá, mas recuou e ficou espirrando e passando as patas no focinho.

Paraguaçu gargalha e mostra seus lindos dentes brancos, balançando os bastos seios morenos, naquela posição desnuda, sentada no terreiro meio de cócoras — nunca tocava no Caramuru-açu, que por entre as grades de madeira de sua prisão podia ouvir a narrativa da princesa da selva, como ele gostava de chamá-la.

— E a canguçu ficou me procurando no alto da árvore porque, com o cheiro da pimenta, tinha perdido o seu faro. Até achei graça daquilo, escondida lá entre as folhagens e galhos. Mas a bicha continuou embaixo, rosnando sonsa e sovina, cabeça na terra, pro esturro sair mais longo e cheio de ameaça. De vez em quando os seus olhos de tição faiscavam no meu rumo. Mesmo sem faro, ela sabia onde Paraguaçu estava escondida.

Cada qual na sua prisão de varas e cobertura de palha, agora apenas amarrados pelo pescoço, sentados no chão, os náufragos, cansados da rotina dos dias iguais e da comida, apreciavam as histórias de Paraguaçu. Às vezes ela contava durante quase o dia inteiro. À noitinha chegavam Moema e Enorê, lua já alta no céu, e reivindicavam o seu direito de dormirem com os prisioneiros.

Nesta noite clara e cheia de estrelas, elas estavam demorando, o que motivou apreensão por parte de Staden.

— Se as moças não vieram até agora, amigo Diogo, é porque chegou o nosso dia.

— Não, acho que não, Staden — o Caramuru-açu está mais tranqüilo. — Não vimos preparativo algum no terreiro da aldeia. Mesmo acho que os tupinambás preferem o dia claro para mostrar a sua valentia... e com certeza vão convidar tuxauas e morubixabas das aldeias vizinhas para assistirem ao nosso sacrifício.

— Amigo Diogo, preste atenção. Por que não falar de uma vez com Paraguaçu sobre a idéia do casamento?

— Sim, tenho que fazer isso, caro Fred. Ela é o nosso trunfo maior. E estou certo de que terei de enfrentar o guerreiro Gurupeva...

Paraguaçu pára de narrar, enquanto os dois amigos conversam por entre as grades de sua prisão. É neste momento que chegam Moema e Enorê, e gritam com a princesa, linguagem rápida e cifrada, que eles não entendem.

Em seguida surge nas proximidades Gurupeva, que chama por Paraguaçu, voz firme e autoritária:

— Aikó oyekã uyrá-ok-usú okarantin (Sou chefe da aldeia da Pluma Grande).

2

AS PROMESSAS

> Cortadas as raízes da mandioca em rodelas, cozinham-nas em grandes potes e depois que esse alimento esfria, acocoram-se as cunhãs (moças) ao derredor das cubas e mascam as raízes. A salivação tinha por fim dar mais gosto à bebida...
>
> *Estêvão Pinto*

1511

Pelos cálculos de Fred Staden, eles já estavam vivendo num novo ano, tantos dias já se haviam passado desde o começo

da sua prisão. Mas o que os deixavam inquietos eram aqueles passeios pelo pátio da aldeia, os dois amarrados pelo pescoço.

Pelas indicações que lhes dera Juniparã, aquilo não era um bom sinal. Algo de terrível estaria se aproximando. E mais: além de Paraguaçu, Moema e Enorê, outras mulheres da aldeia saíam das ocas e dançavam em torno deles, os curumins levantando a areia do chão por perto.

— Nosso fim está próximo, amigo Diogo — diz Staden. — Lembro-me bem das palavras do infeliz Juniparã: "Um ou dois dias antes das mulheres fabricarem as bebidas, conduzem os prisioneiros uma ou duas vezes ao pátio da aldeia, e passam com eles entre as ocas e dançam em volta." Pois não é isso o que está acontecendo?

— Sim, tem razão, Staden. Como tem ouvido, há dias venho pedindo a Paraguaçu que me leve até seu pai Taparica e ela nada me diz. Desconversa, mesmo depois de dizer a ela que quero desposá-la, quero-a como minha mulher, ainda que tenha de disputá-la com Gurupeva ou outro guerreiro.

— Sei que Paraguaçu entendeu suas palavras muito bem, Diogo, mas falta algo... de sua parte... para convencê-la de sua sinceridade. Paraguaçu é uma mulher muito inteligente.

— Sei disso, amigo Staden. Mas o quê? O que falta dizer a ela?

— Prometa-lhe alguma coisa agora.

— Promessas? Que melhor promessa do que o casamento? Não, acho que Paraguaçu está esperando Gurupeva se afastar da aldeia para falar com seu pai.

— Sim, pode ser isso, Diogo — o alemão ouve certa agitação na aldeia e volta a falar: — Meu Deus misericordioso... Por que não rezamos pela nossa vida, amigo?

— Sim, rezemos, Staden. Estamos entre pagãos... Quem sabe o Deus dos cristãos não nos ouvirá? Temos até agora relegado a sua misericórdia, só pensando em nossa própria pele, em nosso ocasional bem-estar.

Eles ficaram assustados ainda mais quando Paraguaçu, ao regressar às palhoças para lhes dar alimento, disse que os maiorais da aldeia, o tuxaua, o morubixaba, o pajé, estavam convidando parentes e amigos de outras tabas para grande festa e que as mulheres velhas já preparavam o kauím.

— Meu Deus... — sussurra Staden.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

— Quero falar com vosso pai, linda Paraguaçu — insiste Diogo. — Quero dar-lhe muitos presentes bonitos e disputar a mão da princesa da selva. Enfrento Gurupeva ou qualquer um pretendente.

— Presentes, Caramuru-açu? — ela se entusiasma pela primeira vez com a proposta de Diogo. — Que tipo de presentes? — olha em volta, olha os molambos da roupa do náufrago e diz: — Caramuru-açu não tem nada, é apenas um roák (prisioneiro) do chefe de guerra Gurupeva e dos tupinambás. Paraguaçu vai se casar com morubixaba Gurupeva, é desejo do pai Taparica. E desejo de che rúb (meu pai) é uma ordem.

— Presentes? Em que está pensando, Diogo? — indaga Staden.

— Se a gente voltar até o casco abandonado da igaraçu (nau grande) que embicou em banco de areia, Caramuru e Barba Ruiva apanham presentes lá dentro e muitas outras coisas de valor para Paraguaçu e todos os tupinambás — explica o português.

— É isso, amigo Diogo! — exclama Staden. — É isso o que estava faltando para despertar a curiosidade de Paraguaçu. Nem Gurupeva se interessaria tanto. Ela é mulher, não é?

Os amigos sorriem levemente divertidos. Diogo fala:

— Faça isso rápido, linda Paraguaçu. Traga até aqui o seu pai, o valente Taparica ou o seu sábio eikobe Djaê. Quero conversar com eles e falar sobre os presentes que ainda estão na igaraçu.

Alimentados os prisioneiros, quando Paraguaçu vê Moema e Enorê se afastando, senta-se ao lado das ocas para retomar a sua narrativa interrompida no dia anterior. Antes diz com o seu sorriso faceiro:

— Caramuru-açu iporáng gatú (O Dragão do Mar é muito belo).

Por alguma razão, ela, com aquelas histórias, quer mostrar aos prisioneiros o valor da cultura dos tupinambás, o seu próprio valor como mulher guerreira — os estrangeiros já tinham pensado nisso e sempre se dispunham a ouvi-la de bom grado.

— Acho que tocou no assunto certo agora, amigo Diogo — diz Staden. — Os presentes. A idéia de voltarmos ao casco da *Bristol*... Tínhamos esquecido disso. Talvez possamos encontrar armas secas e pólvora na parte que ficou acima do banco de

areia. Os silvícolas sabem que a igaraçu está lá. Não se aproximam porque a temem.

— Sim, Staden. O difícil é convencermos algum chefe da aldeia para voltarmos juntos à praia, esperando que a *Bristol* ainda esteja por lá. Qualquer chuvarada mais forte a levará para o fundo. Com Gurupeva por perto... Como gostaria de conhecer o tuxaua Taparica! Já falamos no assunto da *Bristol* ao morubixaba e ele até que se interessou... lembra-se?

— Sim, Diogo, lembro. E quem nos garante se Gurupeva já não fez isso por conta própria? Vasculhou os porões da *Bristol*?

— Não, não acredito, Staden. Ele ou outros não saberiam o que procurar. Possivelmente teríamos que mergulhar...

Paraguaçu, meio amuada, dá a entender que quer continuar a sua história de iniciação a guerreiro tupinambá. Antes diz algumas palavras e se refere à canoa grande, como se tivesse compreendido o diálogo dos dois.

— Amã (Chuva). Amã-pytu (Tempo chuvoso). Tupã-veráb igaraçu (Relâmpago na canoa grande). A jaguar-canguçu estava me procurando no alto do jequitibá. Caramuru-açu ouviu Paraguaçu falar?

— Sim, bela Paraguaçu, ouvi, meu amigo também, conte a sua história que a gente escuta.

— Bem... Apontei flecha com pimenta vermelha esfregada na ponta. Eu queria lugar maior do corpo da onça pra não errar: o grosso do pescoço ou o lombo. Com força, ia conseguir pelo menos arranhar o couro e a pimenta ia fazer o resto. De vez em quando a bicha tentava subir pelo tronco da árvore. Sol quente já subia no céu, eu precisava me apressar, pois ainda tinha que comer na mata e pegar a saúva-cortadeira. Voltar pra eikobe e pra aldeia da Pluma Grande sem ter comido na floresta enfraquecia o meu desafio. Eu fazia mira na onça, mas a canguçu não parava num só lugar, com muita fome, mas sentindo o focinho e os olhos ardendo, eu sabia, e dali não se afastava, ia e voltava, arrodeando o tronco e tentando subir de qualquer jeito: espirrava, passava as patas no nariz e desistia, e pulava pra me alcançar no galho alto. Se fosse árvore de copa mais baixa, ela tinha me alcançado. Estirei o ybyrapár (arco) e puxei a ponta da flecha bem pro meu queixo, como tinha me ensinado tamãi e como fazem os guerreiros tupinambás. Eu tremia... e assim atirei. A

flecha passou longe da onça. Então achei de repente, ali sozinha naquele jequitibá, que ainda não era um verdadeiro tupinambá, apenas um curumim fraco diante dos desafios maiores da floresta, e meu pai, o tuxaua Taparica, não queria assim. Eu tinha... eu precisava vencer todos os desafios.

— O rito de passagem dos tupinambás — diz Staden. — O que prepara o curumim para ser guerreiro. Só que eu não sabia que uma mulher, menina, poderia também passar por isso.

— Como princesa, filha única de Taparica, esse era o destino de Paraguaçu — observa Diogo.

— Sim. Ela já deu a entender isso. E quer que fiquemos sabendo de tudo. Ou talvez apenas queira se valorizar para o Caramuru-açu...

— A canguçu negra ficou mais braba porque agora podia me ver direito — continua Paraguaçu. — Eu acocorada num galho alto. Preparei outra flecha com a pimenta vermelha. E ouvi, como bem dentro do meu ouvido, a voz bonita do tamãi Djaê:

— "Paraguaçu, minha menina, o que está mais perto é o que está mais escondido."

— Eu já tinha visto muitos macacos coatás naquela árvore, alguns se balançando pelo rabo nos galhos finos, como se o vento mexesse com eles. Era até bonito aquilo, alegre, eu gostava dos macaquinhos. E de novo aquilo no meu ouvido:

— "Paraguaçu, minha menina, o que está mais perto é o que está mais escondido."

— Então pensei: o que está mais perto... Era mais fácil acertar com a flecha um macaco coatá do que uma onça feroz. Era isso. Derrubado um macaco, comida predileta da onça negra, ela ia se entreter com ele e eu podia escapar, ir embora pra completar a minha missão. Mas tive pena de matar o macaquinho, um bichinho tão bonito, todos tão bonitinhos e livres nos galhos da árvore. Aí ouvi de novo a voz do meu tamãi Djaê:

— "Paraguaçu, minha menina, é bom que tenha piedade, mas sentimento de sobrevivência é mais forte."

— Bem... eu tinha ali a minha resposta. A natureza é assim mesmo, um mistério que nunca se revela inteiramente. Tamãi Djaê disse:

— "Quando Paraguaçu estiver sozinha na floresta, vai amadurecer ainda mais, como o filhote saído do ninho pra experiência e o perigo de viver."

— Viver é muito perigoso (Añebé oé) — atalhou Staden.

— "Lembre-se, Paraguaçu" — era ainda meu avô quem falava: — "Lembre-se de que a sua vida está em primeiro lugar. Se tiver de matar e achar que é por razão justa, mate."

— É isso, Diogo Álvares, Caramuru-açu — diz Staden, espantado com as palavras de Paraguaçu, pois nunca vira tanta sabedoria... numa filha da floresta — Sim, Diogo, Paraguaçu pode nos salvar.

— Já tinha ouvido o meu eikobe ali, no presente, e também no passado — continua Paraguaçu. — Quando ele me ensinava o ensino das coisas da floresta. Então atirei no macaco coatá, o mais velhinho, que já tinha procriado, e que estava mais perto de mim. E ele caiu pesado como uma pedra. Os outros gritaram, fizeram algazarra e pularam de galho em galho, e se afastaram daquele jequitibá.

O rosnar da jaguar-canguçu sumiu de repente, pois ela abocanhava o macaquinho com fome ruim. E, como se tivesse medo de outro animal caçador que andasse por perto, saiu correndo e arrastando o bicho entre os dentes para o fundo da floresta. Tudo rápido, sem tempo de pensar.

Fiquei apenas com uma flechinha e tratei de descer da árvore e me afastar dali correndo. Fui logo pro descampado procurar as saúvas-cortadeiras. O sol já descia do seu lugar mais alto. O tempo se acabava para mim. Quase meio dia gasto com aquela feroz canguçu. Andei e andei e logo estava descobrindo uns pés de murici cheios de galhos pelados, sem folhas.

"As saúvas-cortadeiras estão aqui" — pensei. "E estava certa".

"— Eu também tinha boa comida ali e enchi o bucho com o doce murici, mais moles quando ficam na sombra. Muitas frutinhas estavam debaixo de folhas secas no chão. E vi logo muitas formigas saúvas trabalhando, as cortadeiras e as leva-e-traz. Uma bem pertinho, grande, pensei:

"Vou levar esta aqui pro eikobe Djaê".

— Mas como apanhar a bicha viva na mão e levar pra aldeia da Pluma Grande? Tamãi Djaê não tinha me ensinado isso, não. Saúva-cortadeira morde como labareda de fogueira. Tinha de ser levada dentro de alguma coisa. Dentro de quê? O que eu podia usar na floresta?

— Pensei nas cascas secas de alguma árvore, como o jatobá. Pensei em cascas de caramujo, em concha de rio e

córregos. Foi aí que descobri o tuiê taná (beija-flor pequeno). Só este tuiê taná sabe fazer ninho bem forrado e protegido por algas dos igarapés. Algas secas, tudo trançado, forte como teia de aranha.

Já por volta do meio-dia, não tendo mais aparecido Moema e Enorê (o pátio da aldeia continuava movimentado), Paraguaçu indaga de Diogo):

— Ambyasý? (Tem fome?)

— Nachejuruséi. (Não tenho vontade de comer) — ele responde.

Paraguaçu, desenvolta e alegre, continua a sua narrativa, como se não tivesse se importado com a recusa do Caramuru-açu:

— A intenção do tuiê taná é esta mesma: arma a teia de algas pra pegar qualquer bicho que tentar entrar no ninho pra mexer com os ovinhos ou os filhotes: insetos, lagartas, pequenas cobras. E bicho preso, morto, também serve de comida pros passarinhos. Aí pensei: "Uma saúva cortadeira, num ninho de tuiê taná nunca vai escapar, toda enrolada daquele jeito ruim".

— O lindo beija-flor saiu de uma flor de murici e foi pra casa, eu seguindo de perto e com medo que o ninho estivesse longe dali. O tempo passava, passava, e meu avô esperava na aldeia. Mas o formoso ninho do tuiê taná estava perto, lá dentro dois ovinhos vermelhos. Mais uma vez Paraguaçu ia sacrificar a natureza para a sua própria sobrevivência e preparo de guerreira tupinambá valente. Kyreymbáb! (Valente!) Sim, aquilo tinha que ser feito.

— Vou pedir perdão ao criador dos bichos, pensei. Tupã tipoí apó oé iandéve (Staden não conseguiu traduzir). A boca do ninho do tuiê taná era bem apertada. Botei a saúva lá dentro, apertei e fechei a entrada do ninho. A formiga se enrolou logo todinha na teia de aranha e ficou quieta. Ainda reforcei o ninho, por fora, com folhas do murici. Que alívio che rub (meu pai), Paraguaçu estava de volta pra aldeia da Pluma Grande do tuxaua Taparica e do tamãi Djaê.

— O sol caía rápido nas encostas da mata, eu tinha que me apressar. A luz do dia era o meu limite no desafio. Mas ainda me faltava uma coisa importante para ser um pemb (guerreiro verdadeiro): caçar comida por meus próprios meios, nem frutas nem bichos mortos. Caça. Andei, andei, mas já no rumo da al-

deia tupinambá, até que encontrei igarapé grande, fundo, cheio de locas e pedras.

"Vou comer uns peixinhos... Vou pegar e comer", pensei.

— Eu só tinha uma flechinha de resto e segurava ela e o arco com toda a minha força. Me preparei e entrei na água rasa. Cascudos e carás estavam bulindo por ali. Pensei... pensei no eikobe Djaê:

— Se eu usar a minha última flechinha vou ficar sem defesa na floresta.

Então tentei pegar os peixinhos com as mãos. Como as locas do lugar eram fundas, ficou difícil. E passava por ali correnteza solta, forte, os peixes escapuliam quando me aproximava. Aí descobri, perto do igarapé. — "Tupã supre todas as coisas a seu tempo", disse meu avô Djaê — a planta cunambi. Era só esfregar folha numa pedra e jogar na água. Com a rama de cunambi, peixe fica logo tonto e sobe pra superfície. Até mesmo peixe grande. E fiz assim bem ligeiro. Com fome, acendi fogo com pedra vermelha e comi peixe moqueado, como na aldeia. Pronto, che rúb, tudo estava feito, cumprido, no meu desafio. Era voltar depressa a uyrá-ok-usu okarantin.

Restava agora pouco tempo da luz do dia, mas eu já estava perto de casa. Apressei passo. Quando vi tamãi Djaê na entrada da aldeia, ele já segurava na mão o meu diadema de japu e a braçadeira de penas azuis da arara, o araviri.

Eu agora era um verdadeiro guerreiro tupinambá, kyreymbáb. A única mulher guerreira da minha aldeia, pois sou uma princesa, filha do tuxaua Taparica e nasci para a guerra. Sou maior do que o morubixaba Gurupeva e o pajé Djaê. Por isso o morubixaba espera por mim... e não força o casamento. Ele sabe que um dia..."

"Eikobe Djaê me abraçou e disse:

— Paraguaçu fez tudo certo, como verdadeiro guerreiro. Não é mais curumim, somente uma rajýra (filha) de tuxaua. Guerreiro... ainda será grande entre os tupinambás.

E disse mais tamãi Djaê na sua sabedoria:

— Preste atenção, Paraguaçu pemb, só um dia dura a flor da juventude. O sol se levanta e se põe, e com ele cai também a flor".

Paraguaçu se calou, olhos brilhantes, contente por ter contado àquele estranho Caramuru-açu, que tinha vindo das lonjuras

do grande mar, a história dos seus primeiros desafios para atingir a condição ímpar de guerreiro tupinambá.

Diogo Álvares comenta:

— O que o tamãi Djaê disse foi muito bonito e sábio, Paraguaçu. Quanto à bela guerreira, filha da natureza, ainda menina, foi valente na mata e teve muita iniciativa pra sobreviver o desafio de um pebkaág.

— Uma única guerreira entre os guerreiros homens da aldeia da Pluma Grande — comenta Staden, espantado com aquela revelação e com a desenvoltura da narrativa de Paraguaçu. — O valente de coração também não pode deixar de ser bom — volta-se para o amigo e fala mais baixo: — Diogo, temos de agir em relação aos sentimentos nobres de Paraguaçu.

— Linda Paraguaçu, veja se o pai Taparica pode nos receber na sua maloca de tuxaua — diz Diogo, quando vê Moema e Enorê se aproximando.

As duas gritam para Paraguaçu, gesticulam e saem correndo no rumo do pátio da aldeia.

— As mulheres preparam o kauím da morte... — murmura Staden. — Temos que fazer alguma coisa.

Paraguaçu, sempre faceira, ar de inocência, destrança as longas pernas bronzeadas, levanta-se, olha o Caramuru-açu nos olhos e pergunta:

— Mará mbaé soó erejuséi?

Staden traduz:

— Que caça quer comer?

Diogo levanta os ombros, meio desalentado:

— Soó... (Caça). Escute aqui, linda Paraguaçu, escute. Sabemos que o ritual para a festa do nosso sacrifício está sendo preparado. Queremos, eu e meu amigo Orê Ruchichab (Barba Ruiva), falar com o grande tuxaua Taparica. Caramuru-açu faz desafio a qualquer guerreiro que queira desposar Paraguaçu. Compreende isso? Antes, vamos buscar muitos presentes lá na igaraçu, nos baixios de Mairagiquiig.

A silvícola faz estranha indagação e se afasta:

— Nanúri chépe irã mbaé ndébe?

— O que ela quer dizer, Staden?

— Não vou trazer coisas para ti?

— Será que Paraguaçu não compreende que não somos guerreiros da floresta, que têm até orgulho de morrer em tais rituais de antropofagia? — indaga Diogo a esmo, esmorecido.

— Vamos esperar o efeito em Paraguaçu de suas promessas, Diogo. O jogo foi feito, demos as cartas. Presentes, casamento, disputa com qualquer rival... É isso. As mulheres são iguais em toda parte, amigo. Ela só demonstrou um ligeiro interesse, pois é assim que agem...

Staden gargalha e Diogo se conserva sério e preocupado. Pensa:

— Será que para mim, como disse o velho Djaê, só um dia dura a flor da juventude?

3

ENCONTRO COM TAPARICA

Dava-se uma companheira ao prisioneiro que esperava — alguns por longos anos — o momento de ser devorado. Ela servia, alimentava e coabitava com o cativo. Depois, ela também o comia.

Mário Maestri

1511

Os preparativos para a próxima festa antropofágica duraram muitos dias. Morubixabas e pajés de outras aldeias tupinambás começavam a chegar. As mulheres jovens preparavam o moquém para assar a carne, e as velhas a bebida inebriante para os prisioneiros.

Insistindo sempre para que Paraguaçu os levasse ao pai Taparica, um dia, de repente, em mistura com outras falas e histórias, a princesa da selva disse que eles seriam recebidos na granda ocara.

E tem outra revelação surpreendente:

— Morubixaba Gurupeva não quer mais que Paraguaçu alimente Caramuru-açu e conte histórias para os estrangeiros.

Ela espera a reação dos dois amigos.

— E como Paraguaçu, guerreiro entre os guerreiros, linda princesa valente, reagiu a isso? — indaga Diogo.

Ela sorri para o Caramuru-açu e ele percebe um genuíno ar de satisfação em seus olhos. Paraguaçu fala mansa e decidida:

— Bem... como che rúb Taparica não disse nada, continuo a vir aqui com Moema e Enorê.

Ela se afasta, linda e esbelta como uma palmeira. Viera dar apenas aquele recado... De longe, sorri mais uma vez para Diogo.

— Não acredito que Paraguaçu esteja prelibando as minhas tripas — pensa ele e comenta o fato com Staden.

— Tudo depende do nosso encontro com Taparica — diz o alemão. — E se Gurupeva não estiver por perto para atrapalhar. E, estando, precisaria aceitar o desafio do amigo em disputa pela mão de Paraguaçu. Acho que ela já está toda vaidosa por ter um novo pretendente.

— Pressinto, amigo Fred... e já falei sobre isso... que algo irá acontecer e que não seremos sacrificados.

— Deus o ouça, Diogo. E também Tupã?

— Sempre engraçado. Staden, eu me casaria de bom grado com Paraguaçu e viveria aqui neste paraíso primitivo. Ficaria para sempre com ela, teríamos uma família, filhos... e tentaria até mudar alguns costumes dos tupinambás.

— E lutaria luta de morte com Gurupeva, Diogo? É assim que os tupinambás disputam as filhas dos chefes, me contou Juniparã. E parece que Taparica é tuxaua importante.

— Lutaria, já disse, Staden. Lutaria, em primeiro lugar, pelo amor de Paraguaçu. E lutarei pela minha vida. Não irei para o matadouro como Pedro Sanches e Juniparã. É claro que lutaremos juntos, não é, amigo Staden?

— É claro, Diogo. Se chegamos até aqui... depois daquela tremenda viagem e das aventuras pela Europa. Agora penso numa coisa: lembre-se de que Sanches e Juniparã nada puderam fazer. Eles, dopados com kauím, ficaram totalmente dominados.

A audiência com Taparica ainda vai demorar.

Na aldeia da Pluma Grande, a movimentação de todos os dias já se tornara rotina, as mulheres preparando os potes e alguidares para a bebida e a comida... e chefes de aldeias chegando e se alojando na grande maloca especialmente reservada

para eles. Gurupeva, sempre na liderança do seu grupo de morubixabas, ora na caça para abastecer a taba, ora nas igaras fazendo incursões à Ilha Grande e desafiando os inimigos, de vez em quando passava pelas palhoças dos náufragos para lembrar-lhes o seu direito de posse sobre eles.

— Che roák! Che roák! (Meus prisioneiros!)

— E a nossa viagem aos baixios de Mairagiquiig? — às vezes falava o alemão, mas ficava por isso mesmo, ele ia embora.

Afastado Gurupeva para os seus afazeres de morubixaba com outros guerreiros, as mulheres da aldeia já tendo dado banho nos curumins no ribeirão próximo e preparado o alimento para suas famílias, surgia Paraguaçu diante de Staden e Diogo.

— Cada vez mais bela, mais radiante a cada manhã — dizia o português.

As outras silvícolas, Moema e Enorê, que também tratavam dos estrangeiros, só apareciam mais tarde com os seus alguidares cheios de comida. Diogo não perde mais oportunidade de conversar com Paraguaçu, procurando uma intimidade mais franca com ela.

— Linda princesa da floresta — diz. — Caramuru-açu quer ouvir mais suas belas histórias, as histórias de seu povo. Assim tempo passa mais ligeiro até o tuxaua Taparica resolver nos receber.

— Algumas cerimônias são proibidas para as mulheres tupinambás, sob pena de morte...

Algumas flautas, sobretudo as ornadas com desenhos ou gravuras, eram consideradas instrumentos sagrados e tinham poderes mágicos, sendo tabu para as mulheres.

Renato Almeida

— Conte-me sobre isso, Paraguaçu — pede Diogo. — A linda princesa já falou na flauta jakuí, que os tupinambás sabem fazer tão bem. É a mesma que a inybí-á?

— Não, Caramuru-açu. A inybí-á é flauta de guerra. Não ouviu Gurupeva tocar a inybí-á lá nos baixios de Mairagiquiig? Ele caçava perôs (portugueses)...

— Será que o morubixaba pensa que ambos somos portugueses, Diogo? — indaga Staden. — Pela primeira vez Paraguaçu fala nos perôs. Talvez isso vá pesar na decisão de Taparica... Temos que sustentar que somos mairs (franceses).

— Não havíamos pensado nisso, amigo Staden. Como nos disse Juniparã, os tupinambás odeiam os perôs.

— A flauta jakuí é tocada na Casa dos Homens — continua Paraguaçu, meio aborrecida por ter sido interrompida. — Mulher nenhuma, nem Paraguaçu, pode ver flauta jakuí porque ela é sagrada.

Sorri faceira, as longas mãos encobrindo graciosamente o rosto, como se fosse revelar algo que a excitava:

— Existe outra flauta, Caramuru-açu. É a flauta uruá, que é tocada nos casamentos...

— Então mulher tupinambá pode ver flauta uruá? — indaga Diogo.

— Pode. Guerreiro dança com moça que está pra casar, uruá sendo tocada no pátio da aldeia, entram na maloca dos pais da cunhã e na maloca dos pais do guerreiro. — Paraguaçu interrompe a fala, fica pensativa e indaga em seguida: — Caramuru-açu, na sua terra uariníipe osé-pe? (vai à guerra?)

— Sim, Paraguaçu, Caramuru-açu é guerreiro e sabe manejar arma de fogo, e já lutou na terra e no mar. Enfrento qualquer perigo, quer se chame Gurupeva ou jaguar-canguçu.

Staden solta uma gargalhada e Paraguaçu torna a indagar:

— Caramuru-açu iporáng pe retã? (É bonita a sua terra?)

— Pá (Sim), mas não tão bonita quanto a terra de Paraguaçu. Gostaria de viver aqui com a linda princesa.

Ela sorri e diz dengosa:

— Sou prometida de morubixaba Gurupeva. Che rúb Taparica quer isso. É ordem de meu pai.

— Já estou cansado de ouvir isso, Paraguaçu — diz Diogo com certo amargor na voz.

Paraguaçu entende, sente, e se levanta. Mas espera ainda que Diogo volte a dizer mais alguma coisa. Ele indaga:

— E Paraguaçu obedece... mesmo sem gostar de Gurupeva? Voltamos ao mesmo ponto?

— Paraguaçu obedece. Ordem do pai Taparica é comando.

— Tem outros pretendentes ao casamento, princesa? — indaga Staden.

Ela olha para Diogo, que também pergunta:

— Outros guerreiros disputarão a mão de Paraguaçu. É certo, princesa? E posso entrar nessa disputa?

— Não haverá tal disputa — a revelação de Paraguaçu deixa os dois amigos apreensivos. — Sendo princesa, caso-me com o chefe de guerra, e o maior chefe de guerra está na aldeia da Pluma Grande, Gurupeva — sorri e acrescenta: — A não ser...

— A não ser... Paraguaçu? — indaga Diogo, sentindo-se estranhamente trêmulo. Medo? Algum sentimento mais profundo prenunciando a perda de Paraguaçu?

Ela fala mansamente, olhando nos olhos do Caramuru-açu por entre as grades de sua prisão:

— Che... (Eu) Nde... (Tu) Emojy kauín amô (Preparamos algum kauím). E Caramuru-açu kyreymbáb (valente) bebe comigo. Aí guerreiro Gurupeva desafia para um duelo... que ainda não é o duelo para a disputa do casamento. Se Caramuru-açu ganhar... pode lutar por Paraguaçu.

Ela se afasta, deixando os dois amigos mudos e cheios de interrogação. O certo é que admiram cada vez mais Paraguaçu e as suas artimanhas e evasivas de mulher.

— Compreendeu isso, Staden? — indaga Diogo, passando as mãos na longa barba preta, mãos ainda trêmulas.

— Não sei ao certo, amigo Diogo. O que podemos deduzir é que Paraguaçu o quer para marido. Para ela é uma novidade casar com um estrangeiro, que fala diferente e a bajula... E ao mesmo tempo é um desafio ao próprio chefe de guerra Gurupeva, de quem não gosta.

> Entendida no contexto da sua cultura, a tentativa dos tupinambás representou quase um acordo diplomático que pretendia assegurar a soberania dessa formidável nação indígena.
>
> *Wanderley Locante*

A maloca do tuxaua Taparica está preparada para receber os dois estrangeiros. Outros tuxauas e chefes de guerra e pajés presentes, aproveitando o ensejo de um prometido festim. Staden e Diogo só podem atribuir essa regalia à interferência de Paraguaçu junto ao pai, pois de outro modo já teriam sido comidos

com casca e nó, como dizia o alemão, sempre ironizando diante do perigo iminente.

Os dois são levados pelas três mulheres que os serviam e com eles coabitavam, Moema e Enorê, sendo Paraguaçu uma anfitriã privilegiada e tabu para os estrangeiros. Eles ainda estão amarrados pelo pescoço, mas caminham desenvoltos e esperançosos na direção da maloca do tuxaua Taparica. Algumas mulheres os esperam do lado de fora, pintadas e excitadas, fazendo um alarido perturbador.

— Lembra-se delas, Diogo?

— Sim... algumas das mulheres que preparavam o banquete com a carne de Sanches e Juniparã...

— Aquelas duas mais altas foram as que correram em volta das malocas com os membros dos prisioneiros... Pobres Sanches e Juniparã...

— Se nada for resolvido a nosso favor, lá dentro, amigo Staden, elas já estão preparadas aqui...

Antes de entrarem na espaçosa ocara de Taparica, a também bela Moema aproxima-se do Caramuru-açu e lhe diz que seu pai é o guerreiro Xeremimbó, "o de cabelos brancos nos ombros".

— Ela espera que eu a peça em casamento... — murmura Diogo. — Em vez de um... terei dois trunfos?

— Não, Diogo, Moema pode nos criar problemas — diz Staden.

Logo que eles entram na maloca do tuxaua, alguns silvícolas jovens lhes oferecem as inis (redes da hospitalidade). São grandes redes de tucum branco tecido, diferentes das redes onde dormiam os prisioneiros com Moema e Enorê. "Os forasteiros deitam-se nelas."

Os tuxauas e chefes de guerra de outras aldeias estão sentados de cócoras no centro da palhoça e ouvem com atenção o pajé Djaê, o mais velho do grupo. De cima da maloca, por uma pequena abertura, desce a luz forte do sol, iluminando apenas Djaê, como se ele estivesse numa ribalta.

Em suas redes, Diogo e Staden se sentem deslocados, estranhamente recostados na altura dos punhos trançados. Duas mulheres velhas se aproximam e lhes entregam duas cuias com carne moqueada e carimã (bolo de goma de raiz de mandioca).

— Não sei a procedência desta carne, mas vou comê-la e com bastante gosto — diz Staden com um sorriso nervoso.

— Não quero nem pensar que ainda exista alguma sobra de Sanches e Juniparã... — balbucia Diogo. — Deus que me perdoe.

Depois que eles comem — Staden acha que é carne de caça... — as mulheres levam de volta as cuias vazias. No círculo da maloca senta-se o velho Djaê e se levanta outro guerreiro mais jovem, embora maduro, forte e esguio.

— Taparica? — indaga baixinho Staden.

O próprio chefe se anuncia, olhando direto para os dois:

— Os estrangeiros são bem-vindos à ocara de Taparica — ele faz um gesto e Staden e Diogo compreendem que devem se levantar de suas redes. Estas palavras tinham sido apenas um sinal, um gesto de hospitalidade do tuxaua.

Staden acha então que é preferível falarem logo dos despojos (presentes) da *Bristol*, que poderiam ser resgatados para os tupinambás, do que Diogo, intempestivamente, anunciar a sua pretensão de se casar com Paraguaçu e desafiar o brabo Gurupeva.

Fala o alemão, depois de Taparica, em pé, dizer que estava escutando:

— Tirú mbaé tiruã aní apé igaraçu. (Trazemos-lhes tudo que houver na canoa grande.)

Gurupeva se levanta no centro do círculo de chefes tupinambás, gesticula e grita seu costumeiro grito:

— Che roák, tuxaua Taparica! Che roák! (Meus prisioneiros!)

Taparica compreendeu logo, desde o início, a extensão da chegada dos brancos ao seu território. E sentiu como algo irreversível, daí que sempre procurara acordo, reconciliação, em vez de luta e guerra aberta. Agora, demonstra sabedoria e esperteza ao responder ao seu chefe de guerra:

— Tirekó menguã eỹ iande mbbaé rekosára. Não tratemos mal os que têm os nossos bens (presentes).

Taparica dá uma ordem direta e aparecem dois jovens guerreiros trazendo um longo cachimbo de taquara.

— É o cachimbo da paz! — exulta Staden. — O que temos de fazer, Diogo, é ir até a *Bristol* e resgatar alguma quinquilharia.

— Se a *Bristol* ainda estiver lá, montada naquele banco de areia — diz Diogo com pessimismo.

O cachimbo é aceso pelo próprio tuxaua, usando pequeno tição da fogueira central da maloca. E tira longas baforadas, bochechando como se estivesse com a boca cheia d'água. Há silêncio na ocara, mas Diogo nota a inquietação de Gurupeva.

Cumprindo uma espécie de ritual, Taparica "soltou no ar, lentamente, negra baforada". Depois "passou às mãos dos hóspedes". Assim, Staden e Diogo saíam da condição de prisioneiros para a posição de hóspedes dos guerreiros tupinambás.

Gurupeva tenta um novo protesto, algo tardio, a que Taparica e os outros chefes não dão atenção:

— Tuxauas... aikó meoã... (Serei motivo de desprezo...)

Um outro chefe tupinambá interfere e apóia Taparica (deve ser Xeremimbó, pai de Moema):

— Vejamos o que os nossos hóspedes têm a nos dar.

Taparica dá nova ordem e os dois guerreiros mais jovens, sempre à distância — eles não participavam diretamente da reunião — tiram as cordas do pescoço de Staden e Diogo.

— Che rajýra Paraguaçu asenói Caramuru-açu (Minha filha Paraguaçu o chama de Caramuru-açu) — diz Taparica para Diogo. — Esperemos também que tenha poder sobre o mar.

Gurupeva, espumando de raiva e embora resignado diante da atitude dos chefes, retira-se da ocara como sob protesto, e é acompanhado por Jaguara, seu lugar-tenente.

Então Taparica ordena excursão aos baixios de Mairagiquiig. Tuxauas, morubixabas e pajés vão se levantando, enquanto se aproxima dos estrangeiros o velho eikobe de Paraguaçu, o sábio Djaê, que lhes fala manso:

— Toerekoáb mokáb ombaé aé igaraçu *Bristol*. (Espero que tenham suas próprias armas na nau *Bristol*.)

Somente os tuxauas e outros chefes se movimentam da aldeia da Pluma Grande em direção aos baixios de Mairagiquiig.

— Fizemos o nosso jogo e vejamos que cartas o destino nos reserva — murmura Staden.

Ao saírem da maloca de Taparica, livres como dois passarinhos, Staden e Diogo vêm Moema e Paraguaçu, olhos arregalados em sua direção, como se quisessem saber o que se passara lá dentro. Mulheres e crianças ficam para trás, e somente Paraguaçu, já montada no seu tapir, acompanhará os homens. Por

causa disso há protestos por parte de alguns chefes, incluindo Gurupeva, mas Taparica diz com autoridade:

— Che rajŷra Paraguaçu kyreymbáb pemb. (Minha filha Paraguaçu é valente guerreiro.)

Diogo e Staden sentem agora um grande alívio, sem mais amarras humilhantes, sem o peso dos insultos de cunhãs e curumins.

— Se nada conseguirmos na *Bristol*, estaremos em maus lençóis — diz Staden.

— Só espero que os baús de quinquilharias do capitão Du Plessis estejam a salvo. Se não... só nos resta o desafio a Gurupeva.

— Cujo final será imprevisível, amigo Diogo. Gurupeva é um homem forte e conhece a floresta.

— Se conseguirmos uma arma de fogo na *Bristol*... Assim, de alguma maneira, poderia equilibrar as vantagens do morubixaba. Estou decidido a tudo, amigo Fred.

— Seja o que Deus quiser, Diogo. Se estamos vivos até agora...

— Taparica é homem astuto e sábio, e sinto que não somente se interessa pelos possíveis presentes existentes na *Bristol*, mas quer mostrar boa vontade para com os estrangeiros, que ele sabe são poderosos. E se já apareceram alguns, outros virão e outros e outros.

— Sim, Diogo, isso é certo. E é possível que Taparica já tenha presenciado batalha de igaraçus francesas e portuguesas ali na Bahia de Todos os Santos.

— E quem sabe se de fato não desejaria ele que o Caramuru-açu se casasse com a sua bela filha e não com o encrenqueiro Gurupeva?

— Sim, bem pensado, Diogo. E o que Gurupeva lhe teria a dar pela mão de Paraguaçu, se não coisas da floresta que Taparica conhece ou confusão ou ainda representando uma ameaça constante à autoridade do tuxaua?

— Por isso precisamos daquelas bugingangas do capitão Du Plessis.

Bem alimentados, e como não estavam mais sendo arrastados pela floresta e se sentiam fortes, Staden e Diogo acompanhavam o passo célere de nhanduí (de ema) dos tupinambás pela mata. Alguns guerreiros jovens levavam nos ombros esguias

igaras (canoas), que tinham sido cavadas, com arte, no tronco dos pés de jatobá. Taparica sabia exatamente o que estava fazendo, pois seria necessário algum tipo de embarcação para que a *Bristol* fosse alcançada, principalmente na maré alta.

Paraguaçu, sempre encantadora, segue em seu tapiaçu, faceira e falante, ao lado do Caramuru. Diz-lhe coisas triviais e por vezes significativas, como o revelar que Moema é como Gurupeva, ciumenta e mulher má.

— Eu sou como a onça pequena e valente e sei os perigos da guerra afrontar.

4

VOLTA À *BRISTOL*

Como a nau conduzia para a Índia instrumentos militares, saíram entre os despojos muitos barris de pólvora, outros de munição, cunhetas de balas, e algumas espingardas.

Rocha Pitta

1511

Grande alívio sentiram Staden e Diogo quando, já nas proximidades dos baixios de Mairagiquiig avistaram a nau *Bristol*, meio adernada no banco de areia e não muito distante da praia. Eles pularam de satisfação e os jovens guerreiros tupinambás os imitaram.

— Parte do porão da proa está fora d'água, Staden! — exclama Diogo. — Espero que encontremos pólvora seca e alguns bacamartes, e mais aquelas quinquilharias espanholas que o capitão Du Plessis conduzia nos seus baús.

Como já é noitinha, mar encapelado, Diogo diz a Taparica que seria melhor acamparem ali e, pela manhã bem cedo, iriam em suas igaras até o casco da *Bristol*. E apanhariam os muitos

presentes para os Tupinambás, miçangas, tecidos, instrumentos de ferro.

O tuxaua concorda e pede ao chefe de caça, Kanipiré, que apanhe alguma coisa para comerem de noite. Gurupeva, armado de enorme ibirapema (borduna), se esgueira para a mata com Jaguara.

Paraguaçu trata de agasalhar os dois estrangeiros perto do tronco de uma guaparaíba. Com as embaúbas e angelins que a cobrem, ali Staden e Diogo podem dormir com todo o conforto, como num leito de plumas. A princesa bota a pastar o seu tapir gigante, enquanto alguns guerreiros, que levavam nos ombros grandes cofos e logo se livram deles, acendem uma fogueira.

Paraguaçu não perde oportunidade de ficar perto do Caramuru-açu e de lhe lembrar que haviam falado, na aldeia, sobre a flauta do casamento, a uruá.

— Karipiré foi caçar taiaçu (caititu) — diz ela e emenda a sua história da flauta uruá: — É costume... Guerreiro dança com moça que está para casar, uruá sendo tocada. Guerreiro toca o pau que canta, moça acompanha passo por toda a aldeia. Circulam o pátio os dois juntos, no canto da uruá. Aí já têm compromisso certo de casar. Tem que ser feito assim, Caramuru-açu. Depois os dois vão pra casa dos noivos viver juntos uma semana.

— Duvido que o encrenqueiro Gurupeva consinta nisso — interrompe Staden.

— Um momento, amigo — diz Diogo. — Deixe Paraguaçu falar. Ela me quer na verdade... Sei disso agora mais do que nunca.

— É claro que quer... e isso nos salvará — comenta o alemão.

Paraguaçu continua com um sorriso brejeiro, pois parecia ter entendido tudo, embora o diálogo dos dois tivesse sido em espanhol:

— Depois moça e guerreiro vão pra casa dos noivos viver juntos por uma semana — repete. — Tempo passado, tudo bem no viver da floresta, o casamento é feito pelo pajé, avô Djaê, invocando os espíritos bons da mata.

— E se a moça tiver mais de um pretendente, Paraguaçu, como é que fica? — indaga Staden.

— Aí fazem duelo de força, sabedoria e coragem. Como Caramuru-açu não é mais prisioneiro de Gurupeva e sim hóspede de Taparica, o chefe de guerra agora pode desafiar... Os desafios duram mais de uma semana. Tem a prova do tronco e a prova da vespa.

— Como é isso, Paraguaçu ? — indaga Diogo.

— Tronco robusto de árvore tem que ser carregado por meio dia no ombro do guerreiro, tupinambá ou estrangeiro... Esta é a prova da força, da resistência, que diz se o guerreiro pode lutar pela sua esposa e pelo seu povo. A prova da coragem é ainda pior. Um monte de vespas vivas, pregadas na casca do anjico, afiam o ferrão venenoso no peito desnudo dos que se desafiam.

— Me disse Juniparã que poucos guerreiros resistem a esse atroz sofrimento — fala Staden.

Diogo se preocupa com aquilo.

— Bela Paraguaçu... — diz. — A princesa da selva está me mostrando como será duro e temerário tomá-la do guerreiro Gurupeva?

— Eambé rangé! — exclama Paraguaçu e Staden traduz como algo que quer dizer: Espera, por enquanto.

— Estou disposto, linda princesa, a ir em frente no desafio a Gurupeva — volta a falar Diogo. — Ouviu, Paraguaçu?

Ela silencia e Staden indaga:

— E a prova da sabedoria, como é feita?

— Pajé, que é o eikobe Djaê, faz a prova da sabedoria. Ele pergunta aos guerreiros sobre o vento e sobre a floresta.

— Não terei chance alguma nessa prova, amigo Staden — diz Diogo.

— Deixe Paraguaçu falar. Do que se trata a prova da sabedoria? Já viu uma prova dessa?

— Já, Barba Ruiva. Avô Djaê perguntou assim a um guerreiro, o guerreiro Uama Oclo, que ia se casar com Nintu, faz tempo: qual a medida de uma caminhada de três dias pela floresta?

Os dois amigos se entreolham. Paraguaçu indaga:

— Caramuru-açu sabe?

— Preciso pensar um pouco, Paraguaçu. Deve ser até muito simples, como toda coisa sábia... O que acha o amigo Fred?

— Realmente é um teste de sabedoria e tirocínio. Bem... eu não saberia responder assim de repente.

Paraguaçu espera, olhos brilhantes e profundos no rumo do Caramuru-açu. E Diogo sente o seu olhar, como se ele penetrasse por todo o seu corpo. Ela tem um leve e enigmático sorriso nos lábios.

— Deixe-me ver... — murmura Diogo. — Qual a medida de uma caminhada de três dias pela floresta... Deve ser uma fração dessa medida. É isso! Como não sabemos o tamanho dessa medida, que pode ser comprida ou curta, talvez o primeiro passo seja a fração da medida dessa distância.

— Bravos, amigo Diogo! Bravos! — exclama Staden. — Acho que é isso mesmo, não haveria outra resposta.

Os dois olham para Paraguaçu, após Staden traduzir para ela.

— Caramuru-açu, guerreiro sábio, mais sábio do que Gurupeva — diz a princesa com o semblante alegre. — Sim... o pajé Djaê disse que o primeiro passo é a medida pra qualquer distância.

— Tem de fato certa lógica — fala Staden. — Como chegou a pensar nisso, amigo Diogo?

— Iporáng eté mo Paraguaçu. (A linda Paraguaçu me inspirou.)

A silvícola sorri e comenta:

— Mesmo que a gente comece uma jornada de mil dias, o começo é sempre com um passo.

— Certo... certíssimo — diz Staden. — O caso é que a gente fica pensando que a medida da caminhada é a distância inteira, mas não é, pois não sabemos o tamanho de uma jornada de três dias. A medida é, assim, uma fração dessa medida, e a soma delas.

— Muito sábio o avô Djaê — comenta Diogo.

— Eikobe (avôzinho) Djaê disse que a sabedoria é mais forte do que o arco e a flecha, do que o ibirapema (o tacape da morte).

Paraguaçu atiça a boa fogueira perto dos estrangeiros, agora hóspedes do tuxaua Taparica, e se afasta, para trazer-lhe em seguida duas cuias com tarubá.

A bela noite estrelada já desceu sobre o acampamento.

Gurupeva não se aproxima mais dos estrangeiros, mas de vez em quando aparece à distância, junto com Jaguara e outros chefes de guerra, como Pakakuaramby e Uarumá-açu, dois

guerreiros que tinham vindo para a cerimônia da morte dos prisioneiros. Foram eles alguns dos que protestaram na maloca de Taparica quando o tuxaua mandou desamarrar Diogo e Staden.

— Aqueles estão tramando alguma coisa — desconfia o alemão.

— Gurupeva fará tudo para nos matar e ficar com Paraguaçu. Ele já sentiu que ela está passando para o meu lado... — murmura Diogo.

5

OPERAÇÃO SALVAMENTO

> Diogo Álvares ganhou ascendência sobre os nossos silvícolas porque acabou falando correntemente a sua língua, transformando-se em intérprete oficial dos grandes nautas.
>
> *Teodoro Sampaio*

1511

Paraguaçu não quer dormir, quer contar mais uma história para os estrangeiros, como se desejasse mais e mais impressionar o guerreiro branco Caramuru-açu. E como é a "memória" viva dos tupinambás, ela precisa sempre estar relembrando as histórias de seu povo, uma das muitas missões de sua vida.

— Teve um tempo, bem antigo, quando os passarinhos não cantavam, só falavam feito gente — diz ela. — É que Avatsiú, um caçador mau, matador de pássaros, estava com o canto deles guardado no seu corpo. Então aconteceu que um guerreiro da aldeia de Avatsiú brigou com a mulher dele e saiu pela mata muito triste. Ele não queria ser mais gente, queria ser outra coisa para não sofrer...

— Veja, amigo Diogo — interrompe Staden. — Paraguaçu está nos mostrando o sentimento ancestral de alguns homens sensíveis. Isso não aconteceu com Buda? Com Chuang Tzu, que queria ser uma borboleta?

— O ser humano é um só, Staden, em qualquer latitude.

— Quando aquele guerreiro encontrou uma cumã-eikobe (árvore-avó), bem velhinha, disse que queria ser uma árvore — continua Paraguaçu.

— Isso é difícil, meu netinho, não agüenta ser uma árvore", disse a cumã-eikobe. — "É muito difícil. A gente tem que ficar acordado o tempo todo.

O guerreiro foi em frente na floresta até que encontrou uns lindos passarinhos queimando capim. Eles perguntaram:

— O que o guerreiro tupinambá está fazendo por aqui?

— Nada, estou só olhando em derredor, olhando vocês.

Aí os passarinhos convidaram o guerreiro pra sentar e beber fumo (cachimbar). E depois pra visitar a aldeia deles. Na aldeia, quem mais ficou alegre com a chegada do guerreiro foi o gavião-uiraçu, chefe dos pássaros.

O gavião disse logo:

— Aqui ninguém gosta do matador da sua aldeia, Avatsiú. Além de matar os passarinhos que encontra, ele está com o canto da gente. Temos que dar um jeito nisso.

Todos os pássaros reunidos ali concordaram com o gavião:

— É isso mesmo. Temos que dar um jeito nisso, um fim em Avatsiú. Assim não pode continuar, a floresta triste, as árvores e flores, os bichos sem o nosso canto.

O gavião-uiraçu voltou a falar:

— Este moço aqui, o guerreiro Paryá cacá, pode ajudar, pois ele é gente como o tupinambá matador Avatsiú.

Aí os passarinhos tiveram a idéia de fazer do guerreiro um guerreiro voador, pra facilitar a sua tarefa. Pegaram resina de pau, esfregaram no corpo dele e foram pregando as penas. Os braços viraram asas e as pernas um rabo grande. Depois pregaram penas no peito, e ele estava pronto, feito um pássaro até bonito.

E começaram a treinar o moço guerreiro-pássaro, com vôo pequeno e grande, perto e longe, até ele aprender a voar, sabendo planar e recolher as asas como mesmo uma ave. Não bem como uma ave porque era grande e às vezes voava desajeitado, todo torto.

Mas mesmo assim foram tentar. Voaram até a aldeia de Avatsiú, que era a aldeia antiga da Pluma Grande, do povo tupinambá. O tuxaua naquele tempo se chamava Kamárkorê, primo do avô Djaê. Então o caçador mau estava dentro da sua oca, sem saber de nada. O guerreiro-pássaro esperou até que Avatsiú apareceu na porta. E voou na sua direção, mas voou meio errado e foi logo agarrado pelo caçador. Arrastado pra dentro da oca, foi morto sem piedade.

Os pássaros ficaram muito tristes com o acontecido. Então, de volta à sua aldeia, o chefe dos pássaros, o gavião uiraçu, teve uma idéia. Primeiro queria saber se aquele valente guerreiro tinha um filho com a sua mesma coragem. Um passarinho que tinha chegado de muito longe, de nome Mosdah, disse que o guerreiro Paryá cacá tinha um filho. E foram buscar o curumim. Para ele ser atraído pelo pássaro-mensageiro, foi o mais bonito, um vermelho de crista negra, o araraurá. Muito bonito mesmo, Caramuru-açu.

De repente, Paraguaçu é interrompida com a chegada brusca do morubixaba Gurupeva que, em absoluto silêncio, já parecia estar ali há algum tempo, como se quisesse saber o assunto daquela longa conversa da princesa com os estrangeiros.

Mas a sua aparição agora fora bem diferente das outras vezes, quando reivindicava, aos gritos, o seu direito de posse sobre os prisioneiros, sempre demonstrando grande ciúme em relação a Paraguaçu.

Descoberto, ali parado feito uma estátua de bronze perto da fogueira, os músculos dos braços e pernas emoldurados pelas chamas, fez a costumeira saudação tupinambá:

— Goé!

Mas quase que exige que Paraguaçu se recolha junto a seu pai para dormir, deixando também os estrangeiros para o sono. E acrescentou algo que deixou Diogo e Staden espantados:

— Peporoangaó ey̰ che ray oé. (Não sejam maus, meus filhos.)

O alemão comenta:

— Ou ele está sendo sincero ou está imitando o avô de Paraguaçu.

A princesa da selva, comentando que já era tarde, obedece.

Aquele destrançar das longas pernas de Paraguaçu, quando se levanta de perto deles, já é um deslumbre algo erótico para o jovem Diogo, que a deseja para mulher cada vez mais. Ela, sensível e instintiva, parece já fazer gestos e tomar posições com

a indicativa intenção de excitar o iporáng (belíssimo) Caramuruaçu, como o chamou um dia.

Afastando-se a mulher e Gurupeva (ela simplesmente ignorava o morubixaba), o acampamento com apenas o crepitar de algumas fogueiras, o silêncio morno da floresta começa a ser uma canção de ninar para todos. Os guerreiros ressonam alto e alguns roncam, e Diogo pensa em Paraguaçu.

Aquele dia, ao surgir "a aurora do belo trono", foi um dos mais belos, Staden e Diogo cada vez mais esperançosos de escapar do sacrifício de antropofagia dos tupinambás. O mar estava azul e sereno, pequenas ondas se quebrando na praia. A nau *Bristol*, velames rasgados, mastros quebrados, se mostrava mais fora d'água com a maré baixa.

— Ali está, amigo Diogo, o que parecia ser o nosso túmulo e bem que poderá ser a nossa salvação — diz Staden.

— Sim, é hoje, amigo Staden. Vejamos o que nos reservam os deuses dos silvícolas. Temos que encontrar algo na *Bristol* que seja valioso para Taparica.

Depois de um ligeiro repasto, como diria Diogo, beiju e frutas silvestres que os estrangeiros não identificaram, três igaras são conduzidas até as águas pelos guerreiros jovens de Gurupeva e sob as suas ordens.

Taparica e Xeremimó, que parece ser o mais velho dos silvícolas da aldeia da Pluma Grande, e mais o pajé Djaê, tomam assento na proa das canoas. Gurupeva fica na popa da embarcação mais comprida e de lá dirige o trabalho dos remadores.

Staden e Diogo tinham sido conduzidos para a igara onde ficara Taparica e por ordem imposta por ele. Rompida a linha onde se quebravam na praia as ondas, a aproximação da nau *Bristol*, que cresce diante deles, é cheia de expectativa e curiosidade.

"Na manhã tropical, assim orgíaca de alacridades", Diogo e Staden estudam a melhor maneira de abordagem à nau do capitão Du Plessis e de como poderiam entrar no porão, pois parte da embarcação ficara acima do nível das águas, na posição mais saliente do banco de areia.

Na igara célere, Diogo observa a silhueta esbelta de Paraguaçu na praia, montada no seu manso tapir. "Parece uma deusa", ele pensa. "Oh, ardilosa Calipso de belas tranças, filha de Atlante."

Staden tira Diogo de seu devaneio:

— O guerreiro Gurupeva tem a sua aljava cheia de flechas. Se algo sair errado... ele não esperará pelo sacrifício e banquete na sua aldeia. Com o ódio que tem dos estrangeiros, nos devorará aqui mesmo.

— Nada tema, amigo Fred. Taparica está do nosso lado.

— Sim... mas se não receber os seus presentes?

De repente os silvícolas se alvoroçam nas igaras e apontam para um lugar distante nas águas, muito além do casco da *Bristol*.

— Hipupiaras! — gritam — Hipupiaras!

Staden descobre ao longe um cardume de golfinhos e não entende a razão do alvoroço dos nativos. Talvez achem que seja outra coisa, até que Gurupeva, esbravejando, os acalma.

— Eles pensam que são "demônios do mar" — diz Diogo. — Juniparã me falou sobre isso.

As igaras estão chegando perto da *Bristol*.

— Entramos pela escotilha de estibordo — diz Diogo. — Podemos ver daqui que está aberta e pode dar passagem tranqüilamente a um homem que não seja muito gordo.

— Bendita dieta dos tupinambás...

Diogo não consegue deixar de sorrir com a brincadeira do amigo.

— Cavalgaremos o casco da *Bristol* e atingiremos a escotilha — diz ele. — Naquela altura desceremos um pouco abaixo do convés, talvez num camarote ou num corredor. Se for assim, depois atingiremos a escada para a cabine do capitão e o porão.

Os dois conhecem muito bem os compartimentos da *Bristol*, pois foram praticamente prisioneiros dela durante meses.

— Só espero que a escada não esteja debaixo d'água — diz Staden. — Seria um sério transtorno.

— Então teríamos de mergulhar.

— E como traríamos a pólvora e os arcabuzes, amigo Diogo? Debaixo d'água, estariam imprestáveis.

— Daremos um jeito, Staden — diz Diogo cheio de esperança. — Tudo tem que dar certo, tudo... ou eu perderia a linda Paraguaçu e o amigo a própria vida.

— Para o amigo seria uma dupla perda...

— Bem, Staden, se tivermos de mergulhar para chegar à parte seca do porão da *Bristol*, enrolamos os gibões de couro e

as armas de fogo em mantéus... O capitão Du Plessis deve ter tudo isso nos seus baús. Quem não se esquecia nem das galinhas e do galo... Pena que tivéssemos devorado os galináceos logo no começo da nossa viagem.

— Mesmo com fome, o capitão não quis comer o seu galo de estimação. Ele gostava daquele belo canto anunciando a aurora na *Bristol*.

— Precisamos da pólvora e das armas, amigo — enfatiza Diogo.

— Compreendo. Estes tupinambás devem conhecer apenas o troar dos canhões das naus em batalha ao longe. Provavelmente nunca viram de perto uma espingarda em ação mortal.

— Penso nisso também, Staden. Se conseguirmos pelo menos um arcabuz... faremos uma demonstração para o tuxaua Taparica e... o morubixaba Gurupeva, que são os dois chefes mais influentes deste grupo de tupinambás.

— Sim. De qualquer maneira levaríamos vantagem com os arcabuzes em relação às lanças e arco e flechas. Aquela borduna mortal de Gurupeva não valeria nada.

— É, Staden, temos de entrar, de qualquer maneira, nos porões da *Bristol*. Sinto que a nossa salvação se esconde ali. E mais com a influência de Paraguaçu... Deus seja louvado!

— Deus seja louvado!

6

O TIRO DO ESPANTO

Caramuru com sua pesada espingarda de tipo medieval atira para um pato bravo que passava no ar, enquanto os aborígines já regularmente adornados com saias coloridas, enfeites e colares, e uma moça vestida, levantam os braços ao estampido da pólvora seca, enquanto o pato bravo vai caindo, atingido.

Antônio Leite Pessôa

A incursão aos porões da nau *Bristol* foi mais fácil do que os dois amigos esperavam. Encostadas a igaras no casco adernado, com alguma dificuldade por causa das ondas encrespadas, o alemão comunica a Taparica e a Gurupeva que ele e Diogo Álvares vão entrar pela escotilha.

O morubixaba, gesticulando muito, diz que também irá com os estrangeiros, pois nunca tinha entrado numa igaraçu dos *mairs* (franceses), o que deixa os dois amigos espantados.

— Como é que ele sabe que é uma nau francesa? — indaga Staden.

— Foi bom termos falado a Taparica que não éramos *perôs* (portugueses) — diz Diogo.

Agachando-se e se arrastando por sobre o casco adernado da *Bristol*, em direção à escotilha (um rombo a estibordo à vista por causa da maré baixa), Staden e Diogo vencem com facilidade aquela distância. Gurupeva bem atrás deles, firme e decidido, dando assim demonstração de coragem aos seus guerreiros.

Mas logo uma dificuldade vai se entremostrar ao morubixaba. Com os corpos magros e delgados, devido mais às dificuldades dietéticas das últimas semanas, Staden e Diogo entram pela escotilha e passam ao convés da nau danificada.

Gurupeva, corpulento, espadaúdo — os braços eram tão grossos quanto o tronco de jequitibá —, mal colocou uma das pernas pela escotilha e logo estava desistindo. Contrariado, resmungando, diz que não queria deixar os estrangeiros sozinhos, pois um deles não se chamava Caramuru-açu? (Dragão do Mar?)

Numa rápida olhada pelas igaras, que flutuavam ao lado do casco da *Bristol*, Gurupeva grita por Taiaçu, um jovem silvícola que mal passara pelo ritual de iniciação, estando entre os quatorze e quinze anos.

— Tisaáng apó oé marã iandé iru (Experimentemos sua força junto de nós).

Taiaçu, incontinenti, salta para o casco da nau e logo alcança a escotilha. Ele encontra os estrangeiros ainda agarrados, como lagartixas, nos cordames do convés, tentando alcançar o castelo da proa. De lá tentariam chegar à escada que leva às cabines (em especial à do capitão) e ao porão.

— Aikó resá (Estou aqui) — diz o jovem guerreiro.

— Anebé oé (Está bem) — diz Staden.

Do castelo da proa (chamuscado e praticamente destruído), sempre na mesma posição de adernamento da nau, eles descem pela escada de comando para atingir a outra, cujos primeiros degraus, mais embaixo, estão submersos.

— Foi o que pensamos, amigo Diogo. Temos que mergulhar. E depois subimos para sair na parte seca do corredor das cabines.

— Exato. Só espero que na parte mais alta, e sem água, estejam o camarote do capitão e o porão com as coisas.

Eles fazem sinal para o jovem silvícola indicando que vão mergulhar. Taiaçu se assusta a princípio, mas depois bate firme com a cabeça:

— Augé katú teñé (Ora muito bem).

No mergulho, algo profundo, Taiaçu segue os estrangeiros de perto, e de fato, ao subirem à tona, estão na parte seca do corredor das cabines, que leva ao porão.

— Graças a Deus a água não chega até aqui — exclama o alemão.

A primeira cabine está com a porta emperrada. Os dois lamentam que a parte onde ficavam seus beliches esteja submersa. Mas atingem o camarote do capitão Du Plessis. Porta aberta, tudo revirado, Taiaçu atrás deles com os dois grandes olhos negros esbugalhados de espanto.

— Viva! — grita Diogo. — Os baús espanhóis do capitão estão aqui, amigo Fred. E estão cheios.

Os dois se debruçam sobre as enormes malas de couro e as escancaram. Há, de fato, muita coisa ali, desde gibões de couro e mantéus, além de inúmeros colares, miçangas azuis e vermelhas, espelhos, pentes, e pequenos broches de madrepérola.

— Estamos salvos, amigo Diogo! — grita Staden. — Estamos salvos! Isso para os nativos é um manjar dos deuses.

Entusiasmo maior foi quando encontraram, noutro baú, dólmãs militares, calças, meias e até sapatos. E três chapéus de aba larga, tipo europeu.

— Estamos salvos... — repete Staden.

Taiaçu quer logo agarrar alguns colares. O alemão fecha as arcas e diz com voz firme:

— Aspiák-uká irâ ndébe (Depois te mostrarei).

— Como levar estas coisas, tendo ainda que mergulhar para alcançarmos o lugar seco da escotilha? — indaga Diogo. — E as armas? Estamos esquecendo do principal que nos trouxe até aqui.

— É verdade, Diogo, as armas... Temos que chegar à proa do porão, e reuniremos tudo aqui na cabine do capitão. Depois estudaremos um meio de levar o quanto pudermos. De uma, duas, três vezes. Talvez enrolando as armas de fogo e a pólvora nos gibões de couro...

— Já tinha pensado nisso, Staden. Os gibões podem proteger a pólvora e cunhetas de balas, e os próprios arcabuzes, se os encontrarmos.

— Vamos encontrá-los, amigo. Vamos encontrá-los.

Alcançar na parte levantada da nau o porão não foi difícil, só tendo que descer mais alguns degraus daquele corredor semiescuro. Sabem eles agora que têm de aproveitar a bela luz daquela manhã. Logo que o casco da *Bristol* fizer sombra por ali, tudo cairá em tenebrosa escuridão.

No porão tudo estava também revirado.

Diogo, exultante, pega logo um velho arcabuz e lamenta que o seu, que era novo, comprado ainda na Espanha, tenha ficado no seu camarote, junto com outros pertences dele e de Staden.

— Este arcabuz francês está em boas condições — diz.

— Temos aqui, neste embornal, um pouco de pólvora, Diogo. Veja. Fumo de rolo, quem diria... e cartucheiras de cinto... botas. Podemos nos vestir à européia para impressionar Taparica e Gurupeva.

— Sim, Staden, tive este pensamento também. Veja aqui outro gibão de couro. E pelouros... e mais azougues e chumbo... Estamos feitos, amigo. Taparica e Gurupeva vão se sentir homens ricos.

O jovem Taiaçu está mudo e deslumbrado com tudo o que vê.

Os dois amigos continuam nas suas descobertas, impressionados com a quantidade de coisas que levava o capitão Du Plessis.

— Além da pólvora e das armas, veja estas espadas, amigo Staden — exclama Diogo. — O problema mesmo é carregarmos tudo isso para fora, ainda tendo que mergulhar...

— Sim, o que me preocupa é aquele mergulho para sairmos perto da escotilha por onde entramos. E me parece que a maré está enchendo rapidamente.

— E aquela escotilha, Staden, é pequena... e só podemos tirar estas coisas daqui em conta-gotas... a não ser... — Diogo

olha em votla do porão, mais para a extremidade meio escura, e percebe ali uma pequena réstia de luz: — Veja lá no alto, Staden. Se há uma réstia de luz... provavelmente o casco se rompeu naquela parte.

— Sim, amigo Diogo... parece uma pequena passagem para fora do casco. Deus seja louvado. Pequena passagem, mas... madeira molhada, apodrecida... poderíamos alargar o buraco.

— E não mais enfrentaríamos aquele mergulho. A pólvora, os pelouros, os arcabuzes, as roupas, tudo sairia daqui sem molhar.

— Então mãos à obra, companheiro — grita Staden. — Taiaçu nos ajudará com estes facões para abrirmos uma passagem maior no casco.

E da teoria partem para a prática. Levados os baús do capitão para onde estavam, estes acabam servindo de escada para alcançarem a parte rompida do casco da *Bristol*. Ali era de fato a parte mais fina, perto do leme, e em pouco tempo os três (Taiaçu trabalhando com diligência) abrem brecha maior por onde poderia passar o que desejassem.

Antes de saírem e se mostrarem no alto do casco da *Bristol*, Staden e Diogo resolvem se vestir a caráter, para impressionar os silvícolas. E tinham roupa para isso, Taiaçu já cobrindo os ombros com uma peça de seda. Ele estava muito feliz e todo instante gritava:

— Añebé. Añebé. (Muito bem.)

Como descreveu um historiador, "Caramuru veste um traje típico de verdadeiro senhor: dólmã de casimira tipo militar, azul, com botões, calça de bombacha vermelha segura abaixo dos joelhos por dois botões; meias compridas e sapatos de couro com enfeites dourados. Sobre as costas, uma meia capa, estilo mosqueteiro, de veludo, forrada de seda e, sobre a cabeça, um belíssimo chapéu tipo europeu, com plumas de aves do paraíso e enfeites."

Staden trajou-se da mesma maneira.

— Que alívio, amigo Diogo, sair da nudez desses tantos dias de prisão — diz ele.

— É verdade, mas eu até já estava me habituando com os costumes dos nativos e com Paraguaçu...

— Gurupeva e os guerreiros tupinambás vão se assustar com a nossa aparição.

E de fato foi assim.

Taiaçu sai na frente pela abertura na ponta do casco da *Bristol*. Grita e gesticula na direção das igaras e na direção da praia, mostrando alguma coisa que levava com ele:

— Aru itá-yapê (Trouxe espada de ferro), aruá (espelhos) e kybáb (pentes).

Os silvícolas ensaiam um alarido nas igaras e na praia quando surgem o Orê Ruchichab (Barba Ruiva) e o Caramuru-açu, mal os reconhecendo. Staden fala seguido de Diogo, para que soubessem que eram eles. Paraguaçu sorri, salta do seu tapir e chega a entrar alguns metros na água.

— Caramuru-açu! — exclama deslumbrada.

Depois de transportadas as armas (dois arcabuzes e três espadas) para as igaras, um inteiro baú do capitão Du Plessis é retirado da *Bristol*. Um verdadeiro tento dos dois estrangeiros, acham os chefes silvícolas, que murmuram expressões de aplausos.

Para o transporte do baú à praia, eles precisam de duas canoas juntas, e até Taparica e Gurupeva ajudam, os nativos exaltados e alegres. E assim chegam aos baixios de Mairagiquiig com a bela carga do capitão Du Plessis.

Diogo e Staden notam, desde o carregamento nas canoas, que o morubixaba Gurupeva está muito reticente, com pequenas exclamações misteriosas, mas ainda ajuda a levar as coisas até perto de Taparica, Xeremimó e Djaê, que também estão muito curiosos.

Paraguaçu, empunhando uma bela lança emplumada, aproxima-se do Caramuru-açu e elogia a sua indumentária, mas lamenta que daquele jeito ele não possa tomar banho.

— Easoiabóg nde karamemó tasepiák nde mbaé (Abre tuas caixas para que eu veja as tuas coisas) — diz Taparica com voz de comando.

O baú do capitão é aberto e lhe são mostradas roupas e quinquilharias, os silvícolas em volta, murmurando, comentando, todos querendo pegar nas coisas, mas o tuxaua Taparica dá suas ordens:

— Uyrá-ok-usu okarantin (Levar pra aldeia da Pluma Grande) — e fecha o baú, pedindo em seguida que os estrangeiros fiquem com as armas.

Diogo pede licença ao chefe e retira do baú um belo colar de contas azuis e vermelhas, e o coloca no pescoço de Paraguaçu,

resplandecendo o enfeite no belo colo bronzeado da princesa da floresta.

Gurupeva ensaia um protesto, mas recebe duro olhar de Taparica. E o chefe de guerra ouve, estarrecido, Paraguaçu dizer para Diogo:

— Caramuru-açu... Teí rañebé tasenói maé tetiruã ndéve (Seja dito em primerio lugar, entre as várias coisas que te direi): "Outro não temas que me seja amado, tu será senhor, tu só meu dono."

Gurupeva levanta o imenso arco e estira a flecha em direção aos hóspedes e se detém quando Taparica, vendo Diogo limpar um arcabuz e abrir um cunhete (caixote) de balas, ordena:

— Tisaáng apó oé marã iandé iru (Experimenta a tua força junto de nós) — e acrescenta: — Pemb Caramuru-açu (Guerreiro Dragão do Mar).

Diogo levanta o arcabuz na direção de Gurupeva, que retrocede alguns passos. Neste momento passa por cima deles uma coruja branca da praia, com o seu gritar característico, a modo de imitar o gavião de penacho.

O Caramuru-açu não vacila um segundo, levanta a arma à altura do queixo e atira. E a coruja fecha as asas e vem direto cair aos seus pés.

> Preparou-se Diogo Álvares, e fazendo tiros com elas (espingardas), derrubou algumas aves. O fogo, o eco e a queda dos pássaros causaram tal horror aos gentios...
>
> *Rocha Pitta*

Espanto de todos. Silêncio. O marulhar das ondas perto.

Paraguaçu deslumbrada.

Gurupeva larga de lado o seu arco e flecha, avança até um guerreiro que lhe entrega a sua borduna. Mas não é esta arma o que ele quer, e sim uma comprida lança, que arrebata de outro silvícola. Lança de chuço de osso afiado na ponta.

Taparica exclama, abrindo os braços para todos:

— Abatatá! (Homem do fogo!). Abatatá!

— Mará piang pié? (Estais satisfeitos?) — indaga Diogo.

— Oroiko ñé (Estamos contentes).

Gurupeva continua em guarda, lança em punho, como a decidir grande dilema de sua vida. Os outros morubixabas e tuxauas não parecem ligar para ele, exceção de Jaguara, sempre a seu lado.

Mas Taparica sabe o que está acontecendo e diz sabiamente olhando para o chefe de guerra:

— Eu não tenho no peito um coração tal que levianamente se encolerize.

> ...de sorte que todos os gentios de maior suposição lhe deram as filhas por concubinas, e o senhor principal a sua por esposa, conferindo-lhe o nome de Caramuru-açu, que no seu idioma é o mesmo que Dragão que sai do mar.
>
> *Rocha Pitta*

Voltando-se para os estrangeiros, Taparica fala:

— Hóspedes, é preferível a moderação em tudo.

E olha fixo para o Caramuru-açu:

— Oh, pelo pai Tupã, quem dera que tu, sendo assim como és e tendo os mesmos sentimentos que eu, ficasses entre nós como esposo de minha filha e meu genro.

— Oh, tuxaua Taparica, chefe "excelente da mais ínclita grei! É por certo muito bom ouvir a tua voz, que é igual à dos deuses — diz Diogo.

Staden observa Gurupeva e teme uma reação intempestiva do guerreiro.

Paraguaçu aproxima-se de Diogo, seios empinados, arfando de excitação e contentamento, e repete:

— Caramuru-açu... Outro não temas que me seja amado, tu será senhor, tu só meu dono.

Foi demais para o morubixaba Gurupeva.

Gesto rápido e decidido, levanta a lança e a arremessa em direção a Diogo, em meio a um grito agudo de Paraguaçu.

Por coincidência ou por artes do destino, a lança mortal passa rente ao seu pescoço no momento em que Diogo se abaixa para apanhar um pelouro e reabastecer a sua arma.

Tudo muito rápido e cheio de expectativa. Staden pálido e trêmulo, Diogo ainda sem saber o que acontecera.

Há um silêncio mortal entre todos.

Taparica, cenho fechado, arrebata a lança de um guerreiro próximo e a atira em direção a Gurupeva, que se desvia, mas ainda é atingido de raspão no peito largo.

Jaguara é o primeiro a socorrê-lo, o sangue do morubixaba em mistura com as pinturas dos dois corpos. Com outros guerreiros, Jaguara retira Gurupeva dali, internando-se o grupo na floresta que circundava a praia.

O tuxaua Taparica pede desculpas aos hóspedes pelo imprevisto e diz:

— Hoje comeremos o saboroso camurupíaçu (peixe grande) na aldeia dos tupinambás.

7

VOLTA À ALDEIA

> ...na banda austral do Novo Mundo voltada para a África, alguns milhares de portugueses perdidos entre as selvas fundavam os alicerces solidíssimos de um novo imperecível império...
>
> *Carlos Malheiros Dias*

1511

O grupo está de regresso à taba de Taparica. Alguns silvícolas carregam o baú do capitão Du Plessis e outros petrechos, que serão distribuídos somente na aldeia. O tuxaua ordena aos jovens que levem as igaras de volta.

Paraguaçu, sempre radiante de beleza, sentindo-se muito feliz agora com a proeza do guerreiro branco, não sai mais de perto do Caramuru-açu, o grande Abatatá.

— Abatatá... — aquele nome ainda ressoa entre alguns lábios.

— Que tiro salvador, amigo Diogo — comenta Staden já na trilha estreita que leva dos baixios de Mairagiquiig à aldeia

da Pluma Grande. — Não sabia que a sua pontaria já estava tão apurada.

— E não está, amigo Staden. Foi um tiro de pura sorte. Imagine se eu tivesse errado.

— Nem quero pensar nisso. Talvez só os presentes não fossem o suficiente. Com essa demonstração de poder, de força... E aos vossos pés agora está a linda Paraguaçu.

— O Caramuru-açu lutará por ela.

Taparica, saindo do grupo vanguardeiro de tuxauas e morubixabas, retrocede com Djaê para dizer aos seus hóspedes, em sinal de advertência:

— Gurupeva é valente e vingativo. Ele prepara alguma coisa para os estrangeiros — e acrescenta algo que deixa os dois apreensivos: — Ele é amigo de alguns margaiás (maus) e perôs (amargos: os portugueses) que vivem na Ilha Grande. Espera matar tuxaua Ipekutinga para tomar conta da aldeia. Gurupeva deve ter ido se esconder lá com os seus guerreiros.

Sem mais comentários, Taparica volta ao convívio do seu grupo, e Diogo e Staden começam a compreender melhor o relacionamento entre a aldeia da Pluma Grande e os silvícolas da Ilha Grande. E por que Gurupeva fazia, de vez em quando, incursões ao território dos margaiás (chamados assim pelos tupinambás). Ou termiminós.

— Gurupeva está formando o seu próprio grupo na Ilha Grande — comenta Staden. — E depois de matar o tuxaua Ipekutinga, se voltará para Taparica, que sabe de suas intenções.

— E o sábio tuxaua não se deixará matar.

Paraguaçu acompanha Diogo no seu belo tapiraçu e quer acabar de contar aquela história sobre o canto dos pássaros. Ele admira a princesa escanchada no dorso do animal, seguindo-a de perto naquela marcha meio acelerada dos tupinambás.

Vendo que Diogo conversa com Staden, ela fica ligeiramente agastada:

— Che pytupágué nde ri (Estou incomodada por tua causa).

— Ora, linda Paraguaçu, sou todo ouvidos — diz Diogo. — Ouvir a tua voz já é me sentir no paraíso.

Ela retoma a sua história:

— Pousado na aldeia Tupinambá, a mãe daquele curumim, filho do guerreiro morto por Avatsiú, viu logo e disse:

— Que pássaro mais bonito, filho.

O curumim aí pegou o seu arco e flechinhas e saiu no rumo da árvore. Quando chegou perto, o passarinho voou pra outra árvore mais longe e assim foi fazendo, até chegar longe da aldeia. Então o araraurá tirou as penas e virou gente; pra poder falar com o menino.

E foi assim que falou:

Vim buscar o curumim pra ajudar o meu povo a matar o caçador mau Avatsiú.

— Eu vou — disse o curumim. — Eu vou porque o caçador matou meu pai. Mas primeiro vou falar com minha mãe.

A mãe do curumim chorou mas se conformou. E disse:

— Pra pegar Avatsiú tem que ser pelas costas. Ele é sabido. Pela frente não pode. Tem que ser por trás.

Aí o menino foi pra aldeia dos pássaros, onde recebeu as suas penas coloridas, como tinham feito com o pai dele. E todo mundo ficou feliz porque o curumim sabia voar muito bem. Assim ele podia matar Avatsiú.

— O curumim vai conseguir — diziam os pássaros cheios de esperança e já festejando, embora a saudade dos seus belos cantos.

E todo mundo foi pra aldeia do caçador, numa revoada só. Perto da oca de Avatsiú pousaram numa árvore, mas o curumim não gostou do lugar. Avatsiú cantava lá dentro.

— Aqui não serve — disse o curumim. — É bem melhor atrás da oca. Quero ir pra lá.

E foram para trás. Aí os pássaros fizeram grande barulho. E o caçador Avatsiú saiu logo da oca, certo de boa caçada. Apareceu de peito aberto, sem proteção nem nada. O curumim-pássaro retesou o seu arco, puxou a flecha e voou em sua direção. Tinha que acertar da primeira vez quando estivesse perto do matador, bem no seu pescoço.

E foi o que o curumim fez: acertou a flecha da primeira vez, tiro mortal. Avatsiú vacilou e caiu sem vida. Mais do que depressa os pássaros se aproximaram e foram tirando, do corpo morto de Avatsiú, os seus belos e variados cantos.

Todo mundo voltou à posse do seu canto, sabiá, periquito, o galo-de-campina, arara vermelha, o jacamim, a seriema, inhambu, o pica-pau, o uirapuru, o uirá-trovão, e a floresta passou a ser muito alegre de novo. Todos os pássaros tinham agora o seu canto de volta.

Paraguaçu suspirou e sorriu, olhando do alto de sua estranha montaria o deslumbrado estrangeiro.

— Que linda história, Paraguaçu — diz Diogo. — Tudo o que tem me contado é um exemplo da bondade dos tupinambás...

— Mas a seu modo — completa Staden. — Sim, amigo Diogo, e acho que é isso o que ela quer que a gente entenda.

Terminada a história de Paraguaçu, em bom pedaço de caminhada pela mata, os silvícolas acamparam para um descanso, pois viajavam em ritmo apressado como se todos quisessem ver e receber as coisas do baú de couro e as armas.

Diogo e Staden não viram mais Gurupeva e seu grupo, mas por perto deles sempre apareciam Taparica e Xeremimó. E foi o pai de Moema, neste momento de descanso, perto de umas moitas de brejaúvas, que, notando que Paraguaçu se afastava dos hóspedes, chega perto do Caramuru-açu e diz com ar solene, repetindo quase inteiramente as palavras do tuxaua Taparica pronunciadas na praia:

— Oh pelo pai Tupã, quem dera que tu, sendo assim como és e tendo os mesmos sentimentos que eu, ficasses entre nós como esposo da minha filha e meu genro.

E fala mais alto, agora como a se dirigir aos companheiros mais próximos:

— Tijerobiá apó oé ari. (Vangloriemo-nos deles.)

O descanso é curto e logo o bando está retomando a caminhada pelo estreito caminho.

Paraguaçu, sempre cavalgando o seu tapir, volta para perto de Diogo. Desde então, outros guerreiros se apresentam aos dois hóspedes para lhes oferecer as filhas em casamento.

Eles, velhos, outros mais jovens, se identificam e repetem as palavras de Taparica e Xeremimó:

— Eu sou Migan e oh pelo pai Tupã, quem me dera que tu, sendo assim como és e tendo os mesmos sentimentos que eu, ficasses entre nós como esposo da minha filha e meu genro.

Um deles, homem já bem caído em idade, espanta Staden com estas palavras:

— Sou Piravavá e sou pai de Enorê, e oh pelo pai Tupã, quem dera que tu, sendo assim como és e tendo os mesmos sentimentos que eu...

Quando o velho se afasta, o alemão comenta com o companheiro:

— Sim, amigo Diogo, o nosso destino, se não formos grelhados... é casar mesmo com estas lindas mulheres.

— É verdade, Staden. Para que voltar àquela Europa suja e selvagem, com padres vendo hereges por todos os lados? Caramuru-açu e Orê Ruchichab (Barba Ruiva) estão renascendo de parto doloroso...

Desta vez não dormiram na floresta. Bem diferente de quando foram praticamente arrastados e puxados por cordas pelo pescoço. Livres, respirando o ar da natureza selvagem, os dois se sentem, de fato, renascer e com as esperanças renovadas para uma nova vida.

Chegaram já à noitinha à aldeia da Pluma Grande, o gavião uiraçu anunciando a aproximação deles. E logo grandes fogueiras foram acesas ao lado das pequenas que já crepitavam perto das malocas.

Taparica quer a partilha dos despojos da *Bristol* logo na chegada. Quase toda a aldeia fica em volta dos hóspedes, usando agora apenas os calções fofos e as camisas do capitão Du Plessis. Eles são chamados de "ricos" pelos silvícolas, "guerreiros poderosos", e Caramuru-açu é sempre reverenciado como o Abatatá, o Homem do Fogo.

Broquéis, miçangas, contas, colares, braceletes, tudo encantava os tupinambás diante do baú mágico do capitão da *Bristol*. Taparica escolhe um mantéu vermelho, que passou logo a cobrir-lhe os ombros, e mais um gibão de couro e um par de botas, cujo tamanho era a metade dos pés do tuxaua, mas mesmo assim ele guardou com diligência tudo na sua maloca.

O alemão Staden, que não gostava do seu chapéu de plumas, deu-o a Taparica, para que completasse a sua indumentária européia. Xeremimó fica de olhos compridos para o chapéu de Diogo e este o cede como presente para o pai de Moema, que já estava com o pescoço cheio de colares coloridos.

A mãe de Paraguaçu, que raramente se mostrava aos estrangeiros, também ganhou um mantéu de seda, branco. Tendo ficado Diogo e Staden com dois facões, o que sobrou foi dado a Piravavá, pai de Enorê. Não houve avanço nem disputas em relação aos troféus. Mulheres e curumins apenas repartiam entre si espelhos e pentes.

Quanto aos três arcabuzes, colhidos na *Bristol*, eles ficam de posse dos estrangeiros e não houve nenhuma reação dos

silvícolas. Estranho acham Diogo e Staden que Gurupeva, levemente ferido pelo tuxaua, não tenha aparecido para a partilha dos presentes.

— Isso não é nada bom, nada bom — comenta o alemão.

Agora os estrangeiros hóspedes tinham liberdade de ir e vir pela aldeia da Pluma Grande, e podiam conversar com Taparica e Djaê quando quisessem. Em oca mais confortável do que aquela onde viveram como prisioneiros, um dia, pela manhã, "quando apareceu a madrugadora aurora de róseos dedos", Paraguaçu surgiu discutindo com Enorê e Moema. Estas não tinham mais dormido com eles, pois os estrangeiros haviam passado à condição de hóspedes e não mais como prospectivos pratos suculentos de churrasco, como diria Staden.

Pelo que os dois entendem, Moema reivindica também a sua condição de "noiva" do Caramuru-açu, pois seu pai, Xeremimó, a havia prometido, lá nos baixios de Mairagiquiig. Elas simplesmente não queriam o Barba Ruiva como marido, o achavam velho e feio. Caramuru-açu era o Dragão do Mar e o Homem do Fogo, que enfeitiçara a todos.

> Estes (os pajés) não são poetas quaisquer mas sacerdotes, profetas, videntes, isto é, homens que a comunidade crê estarem em relação com os deuses. Quando falam são os deuses que falam por suas bocas.
>
> *Marcel Mauss*

Enquanto as três belas mulheres discutiam, e ainda apareceria a filha de Migan, uma robusta silvícola de seios enormes, os amigos, até divertidos, conversam, embalados nas suas redes de tucum. A tarde é amena e escurece rapidamente. Todos estão recolhidos às suas malocas, exceção do pajé Djaê, que invoca os espíritos benfazejos no pátio da aldeia.

— O tuxaua Taparica me disse que agora podemos trabalhar com a comunidade tupinambá — fala Diogo. — Podemos caçar, pescar e viajar pela floresta para visitar seus parentes.

— E quanto a Paraguaçu? — indaga o alemão.

— O tuxaua se referiu a ela e ao nosso casamento de maneira meio reticente. Talvez seja assim mesmo o espírito tupinambá em certas questões familiares. Ele me disse por alto que

depois da "permissão" de Paraguaçu (como toda mulher faceira, ela se faz de rogada agora), poderei fazer-lhe a corte (dormir uma semana com ela) e disputá-la em desafios e duelos com quantos guerreiros se apresentem reivindicando a sua mão.

— E o guerreiro Gurupeva? Ele é um morubixaba, não é? E Paraguaçu foi prometida a ele pelo próprio tuxaua.

— Taparica não se referiu diretamente a ele — diz Diogo. — Mas me deu a entender que a aldeia da Ilha Grande, dos termiminós (margaiás) está com novos "aliados" e que Ipekutinga corre risco de vida.

— Pelo que entendi, Diogo, Gurupeva, como morubixaba, não precisa disputar a mão de Paraguaçu. Somente em caso excepcional. Com um estrangeiro num duelo de morte.

— Não exagere, Staden.

— Pois é. Se Gurupeva quiser de fato Paraguaçu, como chefe de guerra, pode levá-la e casar-se com ela. Não foi isso o que Paraguaçu nos deu a entender?

— Sim, mas acho que com a nossa chegada à aldeia da Pluma Grande, a coisa toda mudou de figura. Quero compreender que tanto Taparica quanto Paraguaçu desejam descartar Gurupeva dessa jogada. Mas é um jogo perigoso... Agora somos hóspedes dos tupinambás e temos certas regalias e direitos. Quando ele nos convidou a visitar seus parentes é porque já nos considera um pouco tupinambás...

— Talvez seja isso, amigo Diogo. E o Caramuru-açu vai ter mesmo de lutar por Paraguaçu.

— Sim, se eu quiser Paraguaçu terei de lutar por ela. E o sábio Taparica, para não causar dissensão na sua aldeia, não vai descartar sumariamente Gurupeva. Ele não pode casar a filha comigo antes de uma definição de Gurupeva. O morubixaba deve voltar.

— Ele vai voltar, Diogo, isso é certo.

— Então...

— Então voltamos ao que Paraguaçu já insinuou: o estrangeiro bebe kauím com ela e Gurupeva desafiará o Caramuru-açu para um duelo. O vencedor disputaria, afinal, a mão de Paraguaçu com outros guerreiros pretendentes.

— Uma árdua e dura tarefa, amigo Staden, mas estou preparado.

— E com a fama de abatatá... não poderá perder para Gurupeva. Até já pensei em dar um tiro numa ave em vôo... mas

temo que o Homem do Fogo se iguale a um mísero mortal. Uma façanha repetida cairia no lugar comum.

— Parece brincadeira, mas compreendo, amigo. E ambos estaríamos correndo sério risco. Os silvícolas são supersticiosos e surpreendentes. O amigo precisaria fazer outra coisa para angariar mais respeito...

Discussão esmorecida das mulheres, indiferença dos estrangeiros, elas acabam se afastando da maloca de Staden e Diogo. Paraguaçu sempre altaneira e soberba, porte e desenvoltura na fala e gestos, parece que domina a situação como a primeira princesa dos tupinambás.

O acaso, na aldeia da Pluma Grande, vai favorecer, afinal, o alemão Staden junto ao tuxaua, aos morubixabas e ao próprio pajé Djaê.

No mesmo momento em que Enorê, Moema, Paraguaçu e a filha de Migan se afastam, um silvícola jovem, do séquito de Taparica, vem chamar os dois hóspedes, que estranham o convite. Eles não são levados diretamente à ocara do tuxaua, como esperavam, mas a uma choupana quase na periferia da aldeia, do lado Norte, de onde saíam duas trilhas paralelas para a floresta.

Lá, Staden e Diogo encontram o velho pajé Djaê e ouvem logo os gritos agudos, que parecem ser de uma mulher.

— Hohô laialô ahé rakú (Hohô laialô tem febre) — diz Djaê. — É da aldeia de Karnapió. O pajé de lá, Indianakatu, acha que ela tem um sapo velho na barriga.

Os dois entram na ocara e vêem uma menina de uns dez, onze anos de idade, se contorcendo de dores em cima de uma esteira de palha. Staden pede para examinar a mocinha, enquanto o pajé Indianakatu (mais velho do que Djaê) tira longas baforadas de seu cachimbo perto da doente e passa-lhe pelo corpo alguns ramos de arruda.

Indianakatu tenta protestar, mas Djaê o acalma.

— Eikobe de Paraguaçu não acredita que Hahô laialô tenha um sapo velho na barriga, acredita? — indaga Diogo.

Djaê sorri e apenas sussurra:

— É difícil falar na frente de Indianakatu — e acrescenta misteriosamente: — Ipukupukó éi. (É demasiado longo falar.)

Depois de o alemão examinar a barriga da jovem silvícola, Diogo indaga do amigo:

— O que acha, Staden? Seu velho pai não era farmacêutico em Homberg? Esta é a chance que esperava...

— Amigo Diogo... Pajé Djaê... Acho que Hohô laialô o que tem é uma bruta dor de barriga. O que terá comido?

O velho Djaê abre o semblante num largo sorriso e diz, voz firme e convicta:

— Comeu beiju de mandioca mal lavada... Veneno, y-eembyk (água ruim).

— É isso! — exclama Staden. — Às vezes as mulheres das aldeias não lavam muito bem a mandioca, que em estado puro é venenosa.

Enquanto conversam os três, o pajé Indianakatu, ignorando-os, continua o seu "tratamento" (por que permitira que a mocinha fosse até ali, para ser olhada pelos estrangeiros, ninguém sabe. Talvez simples curiosidade). Ele tira de uma cuia com os dedos um pouco de tintura de jenipapo e tabatinga e passa no corpo de Hohô laialô.

— Temos que encontrar algumas ervas que possam provocar o vômito — diz Staden e Djaê concorda. — O velho faz sinal para um jovem tupinambá e este traz um pequeno cofo de palha, de onde Djaê tira as ervas.

Feito o chá, numa pequena fogueira improvisada, Hohô laialô toma a beberagem e logo vomita, bota tudo para fora, e se sente aliviada das dores. Fica de olhos arregalados e sorri para os estranhos.

— Acho que o velho Djaê está nos testando — diz Diogo. — Ele, com a sua experiência e sabedoria, sabe que existem mais coisas reais do que superstições.

O avô de Paraguaçu fala:

— Todo mundo na aldeia de Indianakatu e na aldeia da Pluma Grande vai ficar sabendo da mezinha mandada tomar pelo Orê Ruchichab. E as cunhãs de lá vão ser criticadas pelos chefes e apontadas como mau exemplo por não saberem lavar a mandioca.

— Parece que há um tipo de mandioca que requer melhor lavagem por parte das mulheres — observa Staden.

— Isso mesmo — diz Djaê. — Muitos tupinambás já morreram e o pajé Indianakatu não sabia se vomitando...

O velho tem os olhos brilhantes e matreiros, observando os hóspedes, como se quisesse aprender alguma coisa com eles. Ainda comenta:

— Se a cunhã estiver com pressa pra ir dar banho nos curumins, tupinambá morre envenenado.

8

A CAÇA MORTAL

Estamos aqui anos-luz além da fantasia daqueles missionários que, no século XVI, pensavam que a alma indígena fosse página de uma brancura virgem, onde poderiam imprimir os dogmas do catolicismo.

Antônio Risério

1512

Muitos meses se passaram sem que a situação dos hóspedes de Taparica se definisse. Paraguaçu conta as suas histórias, no entardecer, para o Caramuru-açu e Moema e Enorê a observam de longe. Taparica tem longas conversas com Staden e Diogo, querendo saber como viviam os brancos do outro lado do mar-oceano.

Eles pescam e caçam com a comunidade, e a sua convivência passa a ser de autênticos nativos, o que é observado reticentemente pelo velho Djaê. Como o guerreiro Gurupeva não mais regressara da Ilha Grande ou de outro esconderijo qualquer, reina tranqüilidade na aldeia da Pluma Grande. Quando Diogo indaga da princesa sobre seu casamento, sobre os pretendentes que ele quer desafiar, sobre Gurupeva, sobre duelos e desafios, ela se cala.

Mas recentemente, quando novamente indagada, disse algo que os dois ou não traduziram corretamente ou não entenderam muito bem:

— Sekuái aipó oé nunga angaturáme iporerekó gatú. (É o costume dos que bem cuidam da virtude.)

— Entendeu isso, Staden? — pergunta Diogo.

— Não sei ao certo... Sinto que Paraguaçu e Taparica tramam alguma coisa para impedir que Gurupeva, quando aparecer, não a leve embora.

— Será, amigo?

— Nesses meses todos... nada tem acontecido aqui na aldeia. Nenhuma contenda com os margaiás, nenhum casamento na aldeia. Os chefes e os guerreiros são nossos amigos.

— Mas algo vai acontecer?

— Vai acontecer, Diogo.

Eles pensavam na volta intempestiva de Gurupeva para reclamar Paraguaçu, mas o que vai acontecer estava muito longe de suas cogitações, o que agravaria a situação dos hóspedes de Taparica.

Como era época de caça, Staden e Diogo começam a sair da aldeia para pegar caititu com outros guerreiros. Às vezes um morubixaba (chefe de guerra) os acompanhava, como a querer adestrar alguns curumins na arte da caça e pesca.

Um dia, grande surpresa para o Caramuru-açu. É que Paraguaçu, cada vez mais bela, flor vermelha entre os longos cabelos negros, apresenta-se ao chefe Karipirá, dizendo que caçará ao lado do Dragão do Mar e do Barba Ruiva.

O silvícola concorda e indaga:

— Apó oé imeengára iandéve? (Com nossos benfeitores?)

Paraguaçu usava apenas uma lança de ponta afiada. Staden e Diogo não levam os arcabuzes, temendo que algum nativo aprendesse a manejá-los. Há ainda um clima de mistério e medo em torno das armas de fogo. Armados de arco e flecha, que já manejavam bem, os estrangeiros caçavam em pé de igualdade com os tupinambás.

— A caçada hoje é diferente — diz Karipirá e mostra a sua machadinha de pedra. — Não caçamos caititu com arco e flecha nem com lança, mas sim com machadinha.

Paraguaçu trata de substituir a sua lança e indica que os estrangeiros façam o mesmo, levando-os até uma pequena oca onde estavam guardadas muitas machadinhas.

— É a primeira vez que vejo os tupinambás usarem esta arma — observa Diogo, meio preocupado.

— Os silvícolas, todos eles, ainda estão nos testando — diz Staden. — E especialmente testando o Caramuru-açu. Casar com uma princesa tupinambá, filha de um tuxaua, não é fácil.

— Acha que é isso, amigo Staden?

— Sim, sem dúvida, Diogo. Bem... gostaria de saber agora por que o morubixaba Gurupeva não volta, não aparece na aldeia. Isso me preocupa, e Taparica e Paraguaçu sabem de alguma coisa.

— Talvez Gurupeva esteja de visita a alguns primos, em terras distantes, ou mesmo na Ilha Grande tramando a sua volta. Sei que ele não voltará como um ferido por Taparica e sim como vencedor. Ele vai voltar, amigo Staden. E será então que...

O espantoso para os estrangeiros: a linda Paraguaçu foi à caça montada no seu elegante e manso tapir, e surpreendentemente lépido como um cavalo de corrida. "Aquilo era um deslumbre", recordará Diogo Álvares um dia, "a Vênus da floresta escanchada num misterioso corcel mitológico".

Os jovens guerreiros, comandados por Karipirá, a princesa Paraguaçu e os dois estrangeiros partem da aldeia da Pluma Grande numa bela manhã de maio. Há muito eles sabem que já adentraram um novo ano. O alemão mantém, na oca dos hóspedes, uma espécie de calendário rudimentar, ou seja, corta um esteio com finos traços feitos pelos espinhos do pequi, marcando os meses. Já orientados por Djaê, em relação à lua nova, não fica tão difícil localizarem-se no tempo.

De botas e calções, despidos da cintura para cima, Staden e Diogo podem acompanhar com desenvoltura, na trilha estreita, os silvícolas e a princesa da selva. Ela puxa conversa com o Caramuru-açu e conta histórias dos tupinambás, quase sempre coisas do passado, deixando muitas informações sobre os costumes de seu povo.

— Paraguaçu está me preparando para ser um tupinambá — diz Diogo e se sente bem pensando assim.

— Europeus é que nunca mais voltaremos a ser — diz Staden. — Tenho que convencer Moema a se casar comigo...

Às vezes Paraguaçu dispara à frente do grupo, cavalgando esbelta o seu tapiraçu, e gritando e gesticulando com os dois braços, como a espantar a caça do seu esconderijo.

— Ei, ei, ei... Hu, hu, hu, hu....

De repente os dois estrangeiros perdiam Paraguaçu de vista, mas podiam acompanhar os rastos do animal e dos pés de alguns tupinambás. Por vezes, misturados aos estalidos de cipó e folhas secas, eles ouviam os gritos da silvícola como a orientar-lhes no rumo a seguir.

— Paraguaçu está muito feliz — diz o alemão. — Caça com o Caramuru-açu e com certeza espera que ele seja tão valente e destro na caça quanto o morubixaba Gurupeva.

— Tenho então de fazer alguma proeza — fala Diogo. — Para justificar os meus dois nomes, o Dragão do Mar e o Homem do Fogo.

— Sim, faça isso, amigo, mas não vá se matar. Eu, por minha parte... Vamos usar estas machadinhas de pedra... mas se a coisa apertar usaremos nossos facões de ferro. E assim poderemos, com certeza, sobrepujar estes jovens guerreiros.

Os gritos agudos de Paraguaçu estavam mais distantes agora, quase sumidos no torvelinho da mata, assobios, cantos, farfalhar de árvores, um ou outro coachar prematuro de sapo em algum igarapé.

— Se tiver algum caititu por aqui, Paraguaçu descobre — diz Diogo, cada vez mais empolgado com a presença da princesa.

— E ela deve saber exatamente onde procurar — diz Staden.

— Estou pensando, amigo Fred... Como Paraguaçu abaterá os porcos do mato com aquela simples machadinha? É uma temeridade... Terá de se aproximar deles e os caititus, como sabemos, são perigosos.

A caminhada (por momentos ligeiros passos de corrida) pela floresta é longa. Às vezes ficava difícil para os dois amigos seguirem os gritos de Paraguaçu, alguns jovens guerreiros também tendo dificuldade. Como o morubixaba Karipirá não estava à vista, eles achavam que acompanhava Paraguaçu de perto, correndo atrás do esperto tapir. Mas, na realidade, sentiram que quem liderava aquela caçada era a filha de Taparica.

— Ei, ei, ei... Hu, hu, hu, hu...

Staden e Diogo começaram a gritar entusiasmados e excitados com aquela correria, saltando córregos, quebrando galhos secos, tudo em mistura com os gritos de Paraguaçu e o tropel do tapir, que às vezes fazia a terra estremecer.

Mais adiante, a trilha estreita se abriu em bela clareira ensolarada, circundada por arbustos com flores de variadas cores. Do lado direito de quem saía da trilha levantava-se uma espécie de lajedo, coberto com musgo e vegetação rasteira, podendo-se ver algumas entradas como se fossem cavernas.

Já perto, descobriram os dois que a pedra era enorme e que Paraguaçu já estava lá, dorso nu saindo do lombo escuro do tapir como um centauro tropical. Destra, ela salta da sua montaria e com um grito estridente faz alguns caititus surgirem na boca da caverna maior. Eles vêm em fila, em ataque frontal, como a desafiar o caçador.

— Eles querem derrubá-la pelas pernas... — murmura Diogo, apreensivo com o que possa acontecer com Paraguaçu.

Para espanto dos dois, ela não usa logo a machadinha: desviando-se dos porcos vanguardeiros, com salto de felino, aplica o punho direito fechado em cima do primeiro bicho, quebrando-lhe o espinhaço como se estivesse quebrando um cipó. E faz a mesma coisa com o caititu seguinte, que já se aproximava para ferir-lhe as pernas.

— E faz tudo isso como se estivesse socando milho no pilão de sua aldeia — dirá Diogo.

Espinhaços quebrados, naquele desafio relâmpago de guerreira valente e arisca, os porcos perderam os movimentos das pernas e ficaram estrebuchando no mesmo lugar em que foram abatidos. Um terceiro caititu desvia-se de Paraguaçu e vai em direção a Karipirá, que o derruba com machadada certeira na nuca.

O bando de caititus é grande e, na sua tática de contra-atacar o caçador, eles aparecem em levas cada vez mais simultâneas, como que brotando da boca maior da caverna.

— Paraguaçu e Karipirá não vão dar conta de todos eles — diz Staden, já tentando abater um caititu a machadinha.

— Temos que ajudá-los e rapidamente — diz Diogo ao ver um bando grande de porcos atacar os guerreiros mais jovens.

De repente, os animais, enfurecidos, eram em maior número do que os caçadores. Algo inesperado, assustando os próprios silvícolas. Staden e Diogo, empunhando também os seus facões, começam a agir, talvez tardiamente. Tudo rápido. Eles conseguem abater alguns caititus, mas um deles, maior e mais feroz, com presas salientes por cima do maxilar, atinge o jovem Guarujó.

Direto em suas pernas, consegue derrubá-lo, e com os dentes aguçados tira-lhe tampões e nacos de carne. Guarujó grita e estrebucha, contorcendo-se de dores. Seus gritos fazem outros porcos se desviarem dele, mas já é tarde.

Muitos abatidos por Paraguaçu, Staden, Diogo e pelo chefe de guerra Karipirá, e mais alguns por outros caçadores, o resto da vara de porcos selvagens desaparece no fundo da floresta, deixando a clareira e o sopé do lajedo da caverna cobertos de sangue e dos corpos dos animais. Guarujó, socorrido por Paraguaçu e pelos estrangeiros, ainda vive, mas se esvai em hemorragia mortal nas pernas e coxas.

— Ninguém sobrevive a tantos ferimentos — diz Staden em tom de lamento.

O alemão e Diogo ainda tentam parar o sangue com improvisados torniquetes, mas Guarujó expira em poucos minutos. Paraguaçu, naquele triste transe, sem saber o que fazer ou sabendo exatamente o que fazia lá nos escondidos de suas emoções, monta no seu tapir e cavalga até o outro lado do lajedo, dando o seu forte grito de guerra.

Era como se desafiasse o restante dos caititus, um grito agudo de vitória, no entanto, espetáculo que arrepiou os cabelos da cabeça dos dois amigos, chocados com toda a cena. Na verdade, eles não saberiam dizer se o grito de Paraguaçu seria pelo bom êxito da caçada (tinham carne para muitos dias) ou se era de revolta pela morte do jovem guerreiro, ainda um quase curumim.

— Isso vai criar problemas para nós, Diogo — diz Staden. — Embora o guerreiro Karipirá seja o chefe de caça deste grupo, podemos, como estranhos, ser responsabilizados. Por vezes a mente destes nativos é estranha e complexa.

— Paraguaçu testemunhou que não tivemos nada com a morte de Guarujó — fala Diogo. — A não ser que Karipirá queira se isentar de culpa perante Taparica e Djaê.

— É... isso é possível.

De volta à aldeia tupinambá, muitos caititus são carregados pelos jovens guerreiros, que estão tristes e mudos. O corpo de Guarujó é levado por Paraguaçu em cima do seu tapir.

A caminhada é penosa e lenta, o silêncio envolto no estranho séquito. Paraguaçu não fala, não conta mais as suas histórias. Karipirá tampouco conversa com os estrangeiros.

Logo na entrada da aldeia da Pluma Grande, uma surpresa: alguns silvícolas anunciam que o morubixaba Gurupeva tinha voltado e trouxera muitos inimigos prisioneiros.

— Termiminós margaiás! — grita o anunciante da notícia.

— Gurupeva quer agradar Taparica, mas o velho não vai se deixar enganar — observa Staden.

— Não lhe entregará Paraguaçu... — murmura Diogo.

Gurupeva e seu grupo de guerra tinham feito uma incursão aos domínios inimigos, em mais um desafio ao tuxaua Ipekutinga. Eles traziam quatro prisioneiros para o sacrifício antropofágico.

Tanto a chegada do morubixaba quanto a do grupo de caça de Karipirá, com Guarujó morto, tumultuou a aldeia da Pluma Grande. As mulheres velhas não sabiam se comemoravam a vitória do morubixaba ou se choravam o jovem morto.

Em frente à maloca do tuxaua, Gurupeva, Djaê, Xeremimó, Migan e outros silvícolas mais velhos conferenciam com Taparica.

— Isso vai criar problemas para nós, Diogo — repete Staden.

Paraguaçu, com a intenção provável de interceder pelos estrangeiros, tenta se aproximar de seu pai, mas é afastada pelo lugar-tenente do morubixaba Gurupeva, o agitado Jaguara.

Staden e Diogo esperam à distância, enquanto mulheres mais jovens levam os caititus e os prisioneiros teremiminós para os moquéns. Há gritos de exaltação, lamentos e choros.

O alemão traduz a fala de uma velha debruçada sobre o corpo de Guarujó:

— Que pena ter morrido um tão valente guerreiro e que nos deu tanto prisioneiro a comer.

Paraguaçu insiste em se aproximar do pai e grita de longe:

— Che kaarú asy, che rúb. (Estou triste, meu pai.) Taju neín rubichád. (Venho rogar pelos hóspedes.)

De repente Gurupeva, pintado ainda com as tintas da guerra, destaca-se daquele grupo de chefes tupinambás e dá ordens a Jaguara, que se aproxima, com mais dois guerreiros armados, de Staden e Diogo.

— Vai começar tudo de novo, amigo Diogo — diz o alemão.

Eles são levados, aos empurrões, para as antigas ocas de prisioneiros.

— Paraguaçu não deixará que nos matem — diz Diogo. — Ela já se acostumou com a idéia de ser minha mulher. É só uma questão de tempo e de oportunidade... Sinto isso.

— Que o Deus dos cristãos ouça o Caramuru-açu. Sem dúvida Taparica tem um problema nas mãos. Ou estava esperando Gurupeva para desmoralizá-lo? Prepare-se, Diogo.

— Sim... Algo definitivo quanto à nossa vida vai acontecer agora.

Desta vez, eles ficam livres dentro das cabanas gradeadas, sem cordas nos pulsos ou no pescoço. Das ocas, ainda vêem Paraguaçu tentando dar explicações a seu pai sobre a malograda caça aos caititus. Taparica e Djaê acabam entrando na maloca do primeiro.

Gurupeva faz agora um verdadeiro discurso no pátio da aldeia, convidando a todos para comerem margaiás e estrangeiros... Enquanto isso, as mulheres mais jovens parecem preparar os prisioneiros temiminós para o ritural de antropofagia, enquanto as mais velhas tratam de preparar o cadáver de Guarujó. Ele será "lavado, ungido de mel, pintado e, em seguida, recoberto de fios de algodão e vestido com suas plumas, braceletes e demais adornos".

— Se tudo vai começar de novo, amigo Diogo — diz Staden —, pelo menos teremos o consolo de voltar a dormir com as belas Moema e Enorê.

— E Paraguaçu mais uma vez ficará enciumada...

— O que me assombra agora, Diogo, é que talvez tenhamos de testemunhar a morte destes infelizes teremiminós... assim como assistimos ao sacrifício de Juniparã e Pedro Sanches.

Diogo e Staden estão desalentados e sabem, bem no íntimo, que dificilmente Paraguaçu agora conseguirá interferir em favor deles. Gurupeva voltou e voltou vitorioso com aqueles prisioneiros da Ilha Grande. Está mais forte na aldeia da Pluma Grande e com certeza já cobrou de Taparica a morte dos estrangeiros, que há muito já deveriam ter sido sacrificados.

A esperança... se há alguma, ainda repousa em Paraguaçu, mas acreditam os dois que Taparica e Djaê, os homens sábios e espertos da aldeia, que sabem das pretensões de liderança total de Gurupeva, arranjarão um jeito de neutralizar o feroz morubixaba, afastando-o da aldeia ou o matando.

— Sim, Gurupeva não pode continuar aqui — diz Staden —, pois está se tornando o pulso forte da taba.

— Taparica já nos disse que quer a paz, entre brancos e nativos. E lutará por ela, pois sente que tipo de futuro reservam os civilizados para a nação tupinambá. Se se revoltar agora e se

tornar um líder guerreiro e carismático, como anseia Gurupeva, a coisa será bem pior.

— É verdade isso, Diogo. Se tivermos ainda uma oportunidade de conversar com Taparica e Djaê...

Staden e Diogo se inquietam ainda mais porque até o escurecer daquele dia ruim, triste, Paraguaçu não aparece perto de suas ocas, para lhes dizer alguma coisa. Tampouco aparecem Moema e Enorê, e eles passam o dia praticamente em jejum.

— Aqui estou, linda princesa... — murmura Diogo. — O Caramuru-açu lutará pela princesa da selva e lhe dedicará um amor imortal.

TERCEIRA PARTE

CASAMENTO TUPINAMBÁ

Não se pode imaginar mais castidade do que a companheira de Caramuru, virtuosa Eva de Milton, terna como Hermínia de Tasso.

Olga Obry

O *ethos* indígena cultivava o ócio como supremo valor da vida. O índio via no trabalho um mal e uma desonra; apenas a caça e a guerra lhe pareciam ocupações dignas. O voluptuoso *homo otiosus* se contrapunha ao neurótico *homo faber.*

Décio Freitas

1

O DUELO

E sempre será justo e de acordo com o direito natural que estas pessoas (índios) sejam submetidas ao império de príncipes e de nações mais cultivadas e humanas, de modo que elas abandonem a barbárie e se adaptem ao cultivo da virtude.

Juan Ginés Sepúlveda

1512

Diogo e Staden não assistiram à morte ritual dos prisioneiros termiminós, que foram para a "engorda", mas tiveram de participar do enterro do jovem guerreiro Guarujó.

Depois de lavado e pintado, e cheio de adereços nativos, as mulheres em derredor aos prantos e puxando os cabelos, o silvícola foi levado para a maloca de sua família, onde "abria-se um cova larga, redonda e profunda".

Os estrangeiros foram mantidos a certa distância, sempre vigiados por Jaguara, mas não voltaram a ser amarrados. Taparica presente, Djaê, outros chefes. Uma mulher, ainda jovem, rosto duro e sem lágrimas, se aproxima da cova com uma rede de algodão.

— É Zaluiê, mãe de Guarujó — Diogo ouve Paraguaçu de repente a seu lado, acompanhada de Enorê e Moema.

Os estrangeiros observam que a cova é grande e funda. Zaluiê desce, ajudada por dois guerreiros, e estende lá embaixo a rede. Logo é o corpo de Guarujó que desce à sepultura. Deitado lá embaixo, Zaluiê cobre-o com as "varandas ornadas de mosaicos de plumas".

Três alguidares de cerâmica e uma cuia são entregues à mãe do morto que, metodicamente, ainda lá no fundo da cova,

faz a distribuição ritualística: a cuia cobre o rosto de Guarujó, que ainda é ligeiramente entrevisto por Zaluiê quando ela levanta as varandas da rede; os alguidares com água e kauím ficam à direita e o com comida à esquerda. As armas, arco e flechas, a borduna e a lança, ficam nos pés do morto.

O choro das mulheres carpideiras, não muito alto, não cessa, é uma monocórdia ladainha de tristeza e lamento. Alguns guerreiros aparecem na borda da cova munidos de estacas de madeira e muitos galhos. A sepultura será coberta.

Antes, no entanto, o tuxaua Taparica se aproxima e fala:

— Te ojoaé pororakaá pabén iandéve.

— Taparica está se despedindo do morto — sussurra Staden para Diogo. — E pede-lhe que dê lembranças aos tupinambás que estão dançando nas montanhas.

Zaluiê também diz alguma coisa e é ela quem dá o sinal para os guerreiros cobrirem a cova. Só ela ficará ali, pois os demais tupinambás, inclusive os chefes, se afastam. Os estrangeiros são levados de volta para as ocas onde estão presos. Diogo e Staden tentam falar com Paraguaçu ou com Moema ou Enorê, e nada conseguem.

— Que estranho e sentido funeral — comenta o alemão. — Lembra os egípcios com suas múmias lavadas e perfumadas, a comida e as armas na sepultura.

— É muito estranho que a cova seja na própria maloca da família.

— É... precisamos conhecer melhor o seu canibalismo, antes de chamá-los de selvagens e bárbaros.

Ao entardecer daquele dia aconteceu.

Paraguaçu aparece em frente às ocas dos prisioneiros com duas cuias. Entrega uma delas a Diogo, sem dizer nada, mas seus olhos estão muito brilhantes. O Caramuru-açu bebe e reconhece a bebida kauím.

— É kauím — ele diz para o companheiro.

— Então se prepare que vai acontecer alguma coisa. Ela está desafiando o pai ou o próprio Gurupeva.

Paraguaçu faz gesto para que Diogo bebesse, enquanto ela também bebe. O português interrompeu os goles, arfando, ardor forte na garganta, mas Paraguaçu insiste para que ele continue. Os dois acabam bebendo o kauím sofregamente. Ela olha de lado, o pátio da aldeia vai ficando em silêncio. Paraguaçu aponta para

a maloca de Taparica, no mesmo momento em que o tuxaua aparece com Gurupeva. O morubixaba gesticula muito.

Ambos vão em direção aos prisioneiros. Diogo e Staden estão mudos. Paraguaçu espera com a cuia nas mãos e pede ao Caramuru-açu que faça o mesmo. Quando os chefes estão mais próximos, ela leva a cuia aos lábios, como se ainda estivesse bebendo, e empurra a cuia de Diogo para os seus lábios.

Gurupeva vê aquilo e esbraveja:

— Caramuru-açu mbaé-ñosê — e repete, sem que os estrangeiros possam saber exatamente o que aquilo quer dizer: — Caramuru-açu mbaé-ñosê. (Caramuru-açu veio de lugar ruim.)

— Bebi a bebida de Tupã com o Caramuru-açu, pai — diz a bela princesa e, enfrentando os olhos sangüíneos de Gurupeva: — "Outro não temas que me seja amado, tu será senhor, tu só meu dono, Caramuru-açu".

O morubixaba avança para a oca de Diogo, abre a porta gradeada, e o ameaça com a sua enorme borduna. Mas Taparica interfere, segura o braço de Gurupeva e grita:

— Bebendo com minha filha, o estrangeiro desafiou o morubixaba. Ambos têm que lutar, mas ainda não é a luta pelo casamento.

— Duelo será com arco e flecha — grita Gurupeva.

Seu lugar-tenente se aproxima e entrega a Diogo a arma. Por sua vez, Djaê e dois jovens guerreiros se aproximam de Taparica e o velho lhe segreda alguma coisa.

O tuxaua fala manso, como para serenar os ânimos. Diogo, com a bebida forte, está também algo exaltado, o que levou Staden a pensar:

— "Se ele for lutar com o silvícola nessas condições, com certeza será morto".

E o alemão resolve interferir:

— Sábio tuxaua Taparica — diz. — Por mais destro que o Caramuru-açu seja com o arco e a flecha, levará desvantagem em relação ao morubixaba, que vem manejando a arma desde criança.

Djaê torna a cochichar no ouvido do tuxaua, que dá suas ordens aos jovens guerreiros, que vão correndo na direção da maloca de Taparica. De volta, eles trazem o arcabuz de Diogo, que suspira aliviado. Desde que eles haviam voltado daquela caçada aos caititus, suas armas de fogo tinham sido recolhidas de sua ocara.

Sem que ninguém esperasse por aquilo, pelo menos os dois prospectivos contendores, Taparica entrega o arcabuz ao espantado Gurupeva e diz a Diogo para conservar o arco e a flecha. O tuxaua sorri e diz para Staden:

— Acho que assim a luta vai ser igual.

— Mas tuxaua... sábio Djaê... — diz o alemão. — É certo que Gurupeva não maneja a arma de fogo, mas esta é mais rápida do que a flecha. E suponho que queiram que o morubixaba aprenda pelo menos atirar com arcabuz.

— Orê Ruchichab ensina — diz Taparica e manda soltar o alemão.

Ele obedece e arma o arcabuz para Gurupeva. Diogo já levanta o seu arco, prevenido contra qualquer surpresa. Paraguaçu conserva-se à distância e é ignorada pelo morubixaba e o pai.

— Como será feito, sábio Taparica? — indaga Staden.

Diogo está mudo e parece assustado. De repente resolve falar, dirigindo-se ao velho Djaê:

— Frente a frente, Gurupeva tem a vantagem da rapidez da arma de fogo. Serei morto.

Djaê cochicha ao ouvido do Tuxaua e este diz:

— Nenhum terá vantagem sobre o outro. Duelo será justo e em igualdade de condições.

Gurupeva espuma de raiva, olha a arma a todo instante, e parece não acreditar muito que possa manejá-la. Diogo, após as primeiras efusões causadas pelo kauím, está mais calmo. A surpresa dos dois vem de Djaê, que é quem fala agora:

— Os dois guerreiros, Gurupeva e Caramuru-açu lutarão na Casa dos Homens. Nenhum levará vantagem sobre o outro.

Imediatamente o tuxaua os convida a acompanhá-lo. O grupo continua pequeno e restrito o significado da luta.

Como a noite já havia caído, a escuridão da aldeia, pontilhada de poucas fogueiras, invade tudo.

— Lutaremos no escuro — murmura Diogo para Staden.

— O sábio Djaê sabe o que faz — diz o alemão. — Lá dentro, os dois ficarão por sua conta e artimanhas, as armas perdem a importância.

— Se Gurupeva quiser me agarrar... serei esmagado — diz Diogo. — Tenho que evitar a luta corpo a corpo.

Taparica parece ter ouvido o diálogo dos estrangeiros e fala:

— Nenhum guerreiro tocará no corpo do outro. Só as armas podem falar.

— É um duelo de morte, tuxaua Taparica? — indaga Diogo e fica sem resposta, pois o grupo já tinha chegado à Casa dos Homens. Pequena e baixa porta na frente, as paredes eram trançadas com folhas de paxiúba, tecido denso e apertado.

Djaê manda afastar pequena fogueira que estava nas proximidades.

— Gurupeva levará vantagem sobre mim, Staden — diz Diogo. — Ele está acostumado a ouvir os menores ruídos na floresta. No momento em que me movimentar, Gurupeva atirará na direção do som.

— O amigo fará o mesmo — diz Staden. — É um duelo de paciência e espera. Deixe que Gurupeva se movimente primeiro. Paraguaçu não poderá ficar decepcionada...

— Meu Deus, como sairei dessa?

Os dois jovens guerreiros, do séquito de Taparica, a uma ordem deste, levam os dois contendores para dentro da Casa dos Homens. Gurupeva com uma bala, Diogo com uma flecha. Ao ser fechada a porta, com os lutadores já tendo se afastado um do outro, a escuridão os envolve e é completa.

Embora o escuro como breu da maloca, os dois têm bastante espaço para a sua movimentação. Diogo sente que Gurupeva foi bem para o fundo do aposento, mas não o enxerga. Agora tudo está por conta dos dois.

Taparica pede que todos se afastem de perto da maloca. Paraguaçu continua mais para trás. Parece serena e espera. Nada mais tem a fazer. Staden pensa se seria bom, naquelas circunstâncias, rezar por Diogo e... desejar a morte de Gurupeva.

No silêncio que se fez, as fogueiras mais afastadas crepitando as suas vivas línguas de claridade, o gavião uiraçu solta pequeno grasnar. Silêncio, no prolongamento da espera e da angústia por parte de Diogo e de Paraguaçu. Taparica e Djaê torceriam pelo Caramuru-açu? Parece que o tuxaua e o pajé estão fazendo um jogo para se livrarem de Gurupeva.

— Estão na espreita... — Staden ouve a voz de Paraguaçu. — Como a onça canguçu na caça.

— "Só mesmo um milagre" — pensa o alemão. — "Pois já não é um verdadeiro milagre estarmos vivos até agora?"

"Diogo Álvares é inteligente", continua a pensar Staden.

E demonstrou isso mais de uma vez. Inteligente e audacioso. E bem que poderia se movimentar para fazer Gurupeva atirar primeiro... Vendo a chispa do relâmpago da bala (teria o morubixaba a mesma pontaria que tinha com a flecha?), localizaria o contendor e poderia trespassá-lo...

Staden sente um suor frio na noite morna e parada. Da Casa dos Homens não sai nenhum ruído. Paraguaçu está agora a seu lado e parece apreensiva. Taparica e Djaê impassíveis como duas estátuas de bronze.

De repente um tiro ecoou de dentro da Casa dos Homens. Paraguaçu estremece e chega a tocar no braço de Staden.

> Figura de morena encantada, tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos, envolta em misticismo sexual — sempre penteando os cabelos ou banhando-se nos rios ou nas fontes mal-assombradas.
>
> *Padre Manuel da Nóbrega*

— Gurupeva não pode acertar no escuro — diz o alemão. — Foi o Caramuru-açu quem atraiu o seu fogo...

Staden voltara àquele pensamento temerário: Diogo se deixou atrair para ver o relâmpago do tiro de Gurupeva e assim localizá-lo.

Estaria ele certo? Paraguaçu não entende. Taparica e Djaê se aproximam da porta da Casa dos Homens e tentam ouvir alguma coisa lá dentro. O silêncio continua. O gavião uiraçu voltou a dar sinal de vida.

— O que aconteceu, Orê Ruchichab? — indaga Paraguaçu. — Por que não sai alguém?... O meu Caramuru-açu...

O pequeno grupo está todo agora perto da porta. Não demorou muito e começaram a ouvir uma espécie de roçado na palha da porta, qualquer coisa parecida com um murmúrio ou um gemido.

Paraguaçu se precipita e abre a maloca. Taparica não intervém. Djaê sussurra alguma coisa. Aberta a porta, Gurupeva foi o primeiro a aparecer. A princesa recua com um esgar de horror no belo rosto. Staden sente um frio pelo espinhaço, mas nota que Gurupeva não estava bem, algo indeciso, vacilante.

Quando o morubixaba sai da sombra para uma melhor claridade, todos notam que ele tem um dos ombros trespassado por uma flecha. Gurupeva acaba caindo, desfalecido, sem sentidos: o sangue ensopa o seu largo peito de chefe de guerra.

Paraguaçu não se contém e solta um grito:

— Sób ijarusú... (Folha morta...)

Ela se precipita para a porta da maloca e encontra o Caramuru-açu que saía da Casa dos Homens com um leve sorriso nos lábios. E pela primeira vez os dois se abraçam, se estreitam nos braços, num tácito e prometido himeneu, o primeiro entre um branco e uma silvícola.

Jaguara, mais uma vez, trata de socorrer Gurupeva e o leva, junto com os guerreiros de Taparica, para a sua ocara.

O comentário de Taparica é de franco apoio ao Caramuru-açu:

— Isso já está se tornando um costume... Gurupeva ferido.

— Ele sobreviverá? — indaga Staden a Djaê.

— Sim, o morubixaba sobreviverá e participará dos desafios do casamento.

Taparica ordena que os dois estrangeiros voltem para suas ocas. A condição deles continua dúbia e indefinida.

Staden abraça Diogo e lhe pede que conte como conseguiu aquela grande proeza.

— Gurupeva agora fica de fogo mais baixo.

— A luta foi justa — diz Taparica.

Após os efusivos abraços ao Caramuru-açu, Paraguaçu acompanha seu velho pai.

Recolhidos às suas ocas, depois daquele tremendo susto, a curiosidade de Staden é muito grande:

— O que se passou lá dentro da Casa dos Homens, amigo Diogo?

— Ora... pura sorte, Staden... Pura sorte de novo.

— Mas como foi a coisa? A espera foi longa e chegou a mexer com os meus nervos.

— Não fiz muito esforço, mas estou quebrado — conta Diogo. — Quando Taparica fechou a porta da Casa dos Homens tudo ficou muito escuro. Tinha pressentido, pelo tênue barulho de alguns passos, que Gurupeva tinha ido lá para o fundo. Na espreita, de repente não via nada e não ouvia nada. Só o escuro.

Os meus ouvidos ainda estavam acostumados com o barulho lá de fora. Então esperei, esperei, sem me movimentar. Gurupeva fez o mesmo. Eu só tenho que imitá-lo, pensei. Ele sabe como agir no escuro. Depois, ouvidos já limpos, me concentrei na caça. O morubixaba deveria estar fazendo o mesmo. E, estranhamente, comecei a ouvir as coisas pequenas da Casa dos Homens. Lagartixas, ratos, os gorgulhos comiam os restos de mandioca e as minhocas a terra úmida.

Firme, não me mexia, o escuro era total. "Se algum osso meu estalar, estou perdido", pensei. "Só espero que Gurupeva tenha as juntas duras e barulhentas." Numa situação assim, é bom a gente queimar os pensamentos. O que vou fazer? Gurupeva tem mais experiência do que eu... Meu coração batia forte no peito e meu sangue latejava nas têmporas. "Não vou me apressar", sabia, sentia isso. "Não vou me apressar", dizia para mim mesmo. "Não vou me apressar nem um pouco. Que Gurupeva, com o seu sangue quente, enfezado, se mexa, dê o primeiro passo."

"Estava com o arco e a flecha em posição de tiro, cordame na altura do meu queixo, sentindo o cheiro da madeira da arma. 'Não tenho pressa', dizia para mim mesmo. 'Posso ficar aqui, nesta posição, a noite inteira'. Estranho, mas a bebida que Paraguaçu me dera, além da euforia inicial, depois me envolveu numa grande calma e equilíbrio. Se não fosse isso, Gurupeva teria sido o vencedor e possivelmente teria me matado."

— Paraguaçu sabia exatamente o que estava fazendo. É certo que o pai lhe falara no duelo, para dobrar o morubixaba — observa Staden.

— É provável. Então pensei nas histórias de Paraguaçu, lembrei-me da sabedoria do seu tamãi Djaê. Ele lhe tinha dito um dia que o maior recurso para a sobrevivência era a paciência. Em qualquer situação. "Quem sabe esperar, sabe alcançar o que quiser." E eu ainda contava com a afobação de Gurupeva. De repente ele iria atirar e eu saberia onde estava.

— Foi nisso que pensei, Diogo — diz Staden. — Se Gurupeva atirar primeiro... será localizado pela chispa da bala.

— Sim, eu esperava que ele se movimentasse.

— Não provocou o morubixaba, para ele atirar e se mostrar, Diogo?

— Não, não era esse o caminho. O caminho era a longa espera... a paciência. De tanto ficar na mesma posição, acabei

cansando e quase sem querer troquei o descanso da perna, sabe com é, Staden? Apoiei o corpo na perna descansada. E as juntas estalaram... mas tive o instinto de me abaixar rapidamente, quase que enterrando a cara no chão, ao mesmo tempo que ouvia o tiro de Gurupeva atravessar o espaço, o raio tênue de fogo saindo da arma, e atirei a flecha ainda de joelhos. Quando Gurupeva se arrastou gemendo, vi que o tinha atingido.

— Grande proeza, amigo Diogo. E Gurupeva ficará com o fogo baixo por muito tempo. E Paraguaçu mais apaixonada pelo Caramuru-açu.

2

O TRONCO

Alguns autores mostraram que o pensamento dos selvagens é tão complexo quanto o nosso. Logo, não se pode mais estabelecer uma relação hierárquica entre as raças.

François Dosse

1512

Staden e Diogo, por não terem mais voltado à maloca onde eles marcavam o tempo, com aproximação rudimentar, estavam sem saber quanto tempo passara desde o duelo na Casa dos Homens. A rotina voltara às suas vidas, mas Paraguaçu lhes dizia que seriam soltos, logo que Gurupeva ficasse bom e pedisse a seu pai para marcar o casamento...

Enorê voltara a dormir com o alemão, o que muito o inquietava, mas Paraguaçu não consente mais que Moema durma com o Caramuru-açu. Dos presos termiminós nada sabem. O que sabem é que o morubixaba se recupera na maloca de seus pais.

De repente, um dia, como que saídos do nada ou do mistério da floresta, Gurupeva, Taparica, Djaê e um quarto silvícola estão à frente dos estrangeiros.

— Ou vamos para o matadouro ou para a glória — murmura Staden.

Taparica explica que os tuxauas, morubixabas e pajés que estão de visita à aldeia da Pluma Grande ficarão para o casamento de Paraguaçu e para assistir aos desafios. Ele apresenta a Diogo o quarto silvícola como um novo pretendente à mão de sua filha. É Rahula, um jovem guerreiro, tão forte e alto quanto Gurupeva.

— O tuxaua sabe o que faz — sussurra Staden para o amigo. — Assim evitará uma nova contenda entre velhos inimigos... E Gurupeva será capaz de tudo. Com um novo pretendente, ele se submeterá às provas.

— Acho que Staden tem razão — diz Diogo.

O alemão e Diogo, embora há muitos meses na aldeia da Pluma Grande, só aos poucos vão conhecendo particularidades da vida cotidiana dos tupinambás. Pensando que após a vitória de Diogo sobre Gurupeva perderam a condição de novamente prisioneiros, o alemão indaga do tuxaua:

— Ficaríamos muito honrados se voltássemos a ser hóspedes do grande chefe Taparica. Por algo que não fizemos, voltamos a ser prisioneiros?

O pai de Paraguaçu diz que eles são seus hóspedes e por enquanto ficarão nas ocas pequenas, pois a maior, onde tinham vivido por algum tempo, está ocupada por seus primos de outras aldeias tupinambás.

— Quando começarão as provas... os desafios do casamento? — indaga Diogo.

Djaê se aproxima dos estrangeiros, enquanto Taparica, o mudo Gurupeva (meio cabisbaixo e com cinta de angico no braço ferido) e Rahula se afastam. O pajé os convida a acompanhá-lo. E vão caminhando pelo pátio da aldeia, onde muitas mulheres estão lavando e espremendo a mandioca, alguns curumins pequenos ao lado delas.

— Desafios vão começar logo — diz Djaê.

Eles acabam saindo do outro lado da aldeia, onde vêem, espantados, uma viçosa roça de milho, batata-doce, abóbora e mandioca. Ao lado do que parece ser a roça principal, uma bela plantação de abacaxi, e um baixio com algo que parece cana-de-açúcar.

— Que beleza de plantação, pajé Djaê — diz Diogo. — Isso faria inveja a qualquer branco.

— Nação tupinambá não passa necessidade — diz o pajé em tom de orgulho e acrescenta: — Se os tempos são ruins, defenda primeiro a sua gente.

Mas o que o velho queria dizer mesmo chegou a estarrecer os dois estrangeiros, que não esperavam por tal explicação.

— Comemos os nossos inimigos porque um dia seremos comidos pelos deuses da floresta, que vivem sob a guarda de Tupã. Assim, damos valor à nossa própria carne... para podermos ser devorados por eles. Depois, a partir dos ossos, tupinambás terão uma nova vida.

— Entendeu isso, Diogo? — indaga Staden. — Djaê, o sábio, nos fala de um canibalismo divino, como para valorizar a própria antropofagia dos silvícolas.

— É... ele sabe que repugnamos aquilo.

Os dois, caminhando com Djaê, encontraram alguns jovens guerreiros preparando os arcos pretos e, como a aldeia estava perto de alguns cursos d'água, viram várias igaras feitas de casca de jatobá.

E Djaê terminou por mostrar aos estrangeiros as compridas flautas uruás, feitas de taquara. Estas flautas, explicou o pajé, ao contrário das flautas jakuí, as mulheres podem ver, pois as moças prontas para casar dançam com os noivos sob o toque sonoro das uruás.

— Caramuru-açu vai tocar para Paraguaçu.

Staden e Diogo, que já consideravam a aldeia da Pluma Grande uma taba rica, ainda encontram uma bela plantação de algodão, de onde os tupinambás tiravam o fio para a tecelagem de redes e alguns adornos corporais.

No dia seguinte, após o banho das mulheres e curumins, Djaê reúne toda a tribo no centro da aldeia e anuncia que Paraguaçu se casará com o guerreiro que a merecer. E, olhando para os silvícolas mais jovens indaga em altos brados:

— Apoó mbaé ri jajerobiá?

— Djaê quer saber quem são os pretendentes — explica Staden.

Houve silêncio por um pedaço de tempo.

Mas logo se destacou, do grupo dos morubixabas, o encrenqueiro Gurupeva, que estava mais agitado agora e gritou para todos que era pretendente a se casar com Paraguaçu.

E acrescentou olhando para Taparica, que formava um pequeno grupo à parte com anciãos:

— Timarangatú apó oé pé. (Ela já me pertence por direito.)

— Devo falar agora, Staden? — pergunta Diogo.

Talvez por uma questão de hospitalidade para com os estrangeiros, é o próprio Taparica quem anuncia que o Caramuru-açu é um "prometido" de sua filha. E ele, seu pai, fizera isso nos baixios de Mairagiquiig.

O jovem Rahula, meio sem jeito, voz quase inaudível, aponta significativamente para o coração e diz que quer Paraguaçu para esposa e que se submete aos testes.

E então Djaê, como um sacerdote, diz que as provas da força, da coragem e da sabedoria começarão imediatamente. Antes de se desafiarem os pretendentes teriam de dançar com Paraguaçu, empunhando e tocando a longa flauta uruá. A princesa seguiria atrás de cada um em volta da aldeia, passo a passo, sob o ritmo sonoro. Primeiro com o Caramuru-açu, depois com Gurupeva e Rahula.

Paraguaçu, já preparada pelas mulheres, se apresenta ao avô Djaê. Estava linda e fez Diogo se encher de orgulho e coragem. Usava apenas um fino cinto de casca de pixiúna e um vistoso colar de conchas cor-de-rosa. O resto do corpo fora pintado com um belo desenho cerimonial, variando as cores do urucum, jenipapo e tabatinga.

Não foi difícil para Diogo, também despido e com algumas pinturas pelo corpo (preparado inesperadamente pela mãe de Paraguaçu) tocar a flauta uruá e ser acompanhado, mão esquerda no seu ombro direito, pela princesa da selva. Os outros dois pretendentes cumpriram o mesmo ritual, mostrando Paraguaçu, visivelmente, o seu enfado quando acompanhou Gurupeva.

Três enormes troncos já estavam em frente a Djaê, que disse que a prova da força ia durar o resto do dia. Cada pretendente com um tronco às costas teria de se afastar da aldeia até o sol ficar a pino (meio-dia, e depois, sem descanso algum, voltaria à taba. Para que tudo fosse cumprido à risca, os participantes do desafio seriam seguidos de perto por alguns jovens guerreiros.

Caso algum pretendente chegasse à aldeia depois do sol se pôr, seria eliminado. Os três levantam, em uníssono, os troncos e os colocam nos ombros. Diogo, por momentos, acha que não vai conseguir. Paraguaçu destaca-se entre as mulheres à sua frente e ele se sente reanimar.

— Tudo por ela... — murmura.

Staden fala em tupinambá, dirigindo-se ao amigo:

— Ensenói uyrá ichébe. (Seja rápido como as aves.)

Djaê dá o sinal para que os guerreiros comecem o desafio. Gurupeva sai à frente algo resoluto e raivoso. Nos primeiros instantes, Diogo fica para trás, mas logo está ao lado de Rahula. Os dois se equivalem em altura e robustez.

Staden é convidado por Djaê e Taparica a irem para a maloca do tuxaua. Ali, o alemão come algo que nunca comera na aldeia: enormes ovos de tracajá. Taparica, sempre curioso, quer saber se o Barba Ruiva nasceu na mesma aldeia que o Caramuru-açu. Staden explica-lhe como é a Europa, as muitas nações e aldeias, as grandes igaraçus cruzando os mares.

— Por que europeus não ficaram lá? — indaga o tuxaua.

— Difícil responder a isso, sábio Taparica. Talvez porque o homem-humano (bi'de) queira sempre se movimentar, descobrir coisas novas.

— E virão para cá... construir suas aldeias?

— Sim, tuxaua, acho que será assim. Aos poucos e aos montes eles chegarão... para ficar.

— E viveremos todos em paz?

Staden sente um amargor na pergunta de Taparica e nota que o velho Djaê tem os olhos brilhantes. O alemão olha para a porta da maloca e se preocupa com o amigo Diogo.

— Caramuru-açu vai estar bem, Orê Ruchichab — diz Djaê.

Para passar o tempo e despreocupar Staden, o velho Djaê conta uma história da tradição de seu povo, enquanto Taparica acende, calmamente, o seu longo cachimbo de taquara.

— No tempo antigo, muito antigo — começa o pajé — viviam em aldeia tupinambá duas belas irmãs. Mulheres trabalhadoras e meigas, filhas do pajé Mogore, poderoso feiticeiro. Ele não fazia questão de receber presentes dos futuros genros, como já foi costume, mas queria que eles passassem por provas de verdadeiros guerreiros.

As provas que o pajé Mogore impunha eram duras e ruins de fazer. Os pretendentes das filhas nunca saíam vencedores. Aí

apareceram dois irmãos, Caçanunga e Tironé. Eles acreditavam que poderiam superar qualquer desafio, uma vez que eram alunos do feiticeiro Nutapá, pajé da aldeia vizinha.

O velho Mogore, pai das moças, deu a primeira.prova para os jovens: eles, juntos, tinham que trazer à aldeia um tronco-vovô da seringueira, a árvore mais velha do lugar. A árvore tinha que ser trazida inteira, da raiz à copa. Os dois moços foram logo pra floresta. E a tarefa não foi difícil, trouxeram a árvore, mas um deles, pelo esforço, ficou torto.

A segunda prova era mais difícil. Os dois guerreiros tinham que trazer a Mogore duas piranhas vivas. Caçanunga e Tironé foram pro córrego e ficaram olhando os cardumes de peixes. De repente surgiu um cardume de piranhas.

— Como levar um bicho desse vivo, pro pajé? — indagou Caçanunga.

Como estavam estudando pra feiticeiros, foram pedir ajuda a Nutapá. E ele ensinou como fazer. Os dois foram atrás do leite da mangabeira e se cobriram com ele. A pele ficou grossa como borracha, como couro. E entraram no igarapé. As piranhas atacaram, mas ficaram com os dentes pregados na borracha-pele dos moços, sem atingir o corpo deles. E assim, com as piranhas dependuradas, foram e mostraram a Mogore.

— Prova de coragem está cumprida — ele disse — falta a prova da sabedoria.

Os dois estavam alegres, já se sentindo vitoriosos. Aí o pajé Mogore tirou a alegria deles, ao anunciar:

— A prova da sabedoria é esta: eu quero comer mel da abelha tataíra. Podem ir pro mato.

Ora, a abelha tataíra é a mais valente e de ferrão mais quente do que o fogo. Foram andando e andando e reparando as árvores. Até que chegaram num pé de pequi e descobriram a colméia.

— Como vamos tirar o mel? — perguntou Tironé.

— Bem... lembra do conselho do pajé Nutapá? A gente só tem que observar a natureza, que é quem ensina tudo — disse Caçanunga.

E ficaram parados perto da árvore pequi, com medo de que o cheiro deles atraísse as abelhas. Elas atacavam, eles sabiam, quando sentiam qualquer cheiro diferente do pequizeiro onde moravam.

Então, Caçanunga e Tironé começaram a observar umas andorinhas, que voavam em torno do pequizeiro.

— Elas estão caçando abelhas tataíras — disse Tironé.

— E como fazem isso, sem serem atacadas?

— Preste atenção, Caçanunga.

Aí eles viram as andorinhas, de volta do rio, salpicarem água em cima da colméia. Por instantes o cheiro do pequizeiro se diluía, e qualquer cheiro em volta, por causa da ação da água. E assim as abelhas podiam ser devoradas pelas andorinhas, que estavam a salvo do seu ferrão.

Mas aquela colméia era alta. Como se aproximar para molhar a casa das abelhas e tirar o mel? Aí pediram ajuda às andorinhas, que logo voltaram a molhar, com mais água, a colméia. E foi fácil trepar na árvore e tirar o mel, as tataíras meio tontas, sem saberem o que estava acontecendo.

O velho Mogore ficou alegre e disse que o mel das abelhas tinha sido o melhor presente dos noivos das suas filhas. E permitiu o casamento. Mas aquele feiticeiro tinha muito ciúme das moças e ainda reservava uma prova ruim pros guerreiros.

Na primeira noite do casamento, já os casais na esteira nupcial, as moças revelaram aos dois maridos:

— Não podemos ter relação porque o nosso pai botou piranha na nossa vagina (che rapypy).

Os dois guerreiros não acreditaram naquilo. Queriam uma prova das mulheres. Elas ficaram envergonhadas e não quiseram mostrar as piranhas. Então os moços recorreram de novo ao feiticeiro Nutapá.

— Chamem os macacos-pregos — falou o pajé. — Eles são doidos por mulher donzela.

E foi o que eles fizeram. Os macacos-pregos vieram e tentaram possuir as moças. Mas saíram logo gritando, com o pênis (rakuãi) dilacerado e sangrando.

— Coisa difícil — disseram os guerreiros. — E agora? Como é que a gente faz? — eles estavam desejando as moças.

Então, ainda por instrução do pajé Nutapá, recorreram aos segredos da natureza. Eles sabiam, por exemplo, que o jaburu guardava o segredo de matar peixe, ele mesmo um grande pescador. Foram ao jaburu, que ensinou a usar o cipó timbó pra matar as piranhas que estavam dentro das moças. O sumo do cipó foi introduzido nelas e as piranhas morreram. E os guerreiros se alegraram e consumaram o casamento.

Mas as mulheres ficaram com uma coisa esquisita, por artes do pajé ciumento Mogore. Uma piranha, bem pequena, se escondeu dentro das moças e ficou morando lá. De vez em quando elas mordem as mulheres e elas sangram, e os guerreiros ficam com medo de ter relação.

Quando acontece ser assim, eles dizem:

— A piranha está zangada de novo.

Terminada a sua história, o velho Djaê espera uma palavra do Barba Ruiva, que diz:

— Sábia natureza e sábios os tupinambás que aprendem com ela.

Staden olha para fora da maloca e nota que o sol já está declinando, aparecendo sombras no pátio da aldeia.

— Caramuru-açu vai estar bem, Orê Ruchichab — repete Djaê, como se de fato estivesse torcendo por Diogo.

O velho pajé se levanta da esteira de palha, onde estavam os três, e é imitado por Staden, que está nervoso. Taparica, impassível, fuma em silêncio seu cachimbo. Só quando Paraguaçu aparece na entrada da maloca, ele também se levanta.

O tempo custa a passar para o alemão, que pensa no companheiro, pela mata afora, lutando pelo amor de Paraguaçu. Ainda bem que ele tem os guerreiros fiscais da prova ao lado para guiá-lo. Mas tudo pode acontecer na mata, Gurupeva é poderoso, tem influência forte na aldeia da Pluma Grande.

Paraguaçu serve uma nova refeição ao Orê Ruchichab. Ele, Taparica e Djaê, comem perto do moquém maior da taba. Staden olha em volta e se indaga do destino daqueles prisioneiros termiminós. Mas sabe que aquela carne tenra, meio escura, é dos caititus caçados por eles.

Enquanto o alemão olha apreensivo o sol se pondo atrás das maiores árvores que circundam a aldeia, alguns velhos e outros guerreiros de tabas vizinhas se aproximam de Djaê e esperam. Eles sussurram algo e apontam para a entrada da aldeia.

— Caramuru-açu aikó gatú, Orê Ruchichab — Paraguaçu repete as palavras do avô e acrescenta: — Che aruãi. (Estou alegre.)

É Taparica quem convida a todos para irem para a entrada da aldeia. Staden descobre Jaguara com outros guerreiros jovens no grupo, mas ligeiramente afastados do tuxaua e do pajé.

Havia silêncio agora entre todos. Nenhum comentário, mas Staden podia notar certa apreensão no rosto de Paraguaçu.

De onde estavam dava para ver boa parte da trilha reta que saía da aldeia e se aproximava da floresta mais densa. Por ali, os três guerreiros deveriam surgir com os fortes troncos às costas, quase um dia inteiro de esforço. Poderiam chegar no mesmo passo ou um atrás do outro, não importava. O que importava era que tinham de entrar na aldeia antes do sol sumir no horizonte — Djaê aponta para um serra azulada e diz que ela é o marco. De fato o sol se aproximava do seu cume.

De repente os velhos se movimentam na entrada da aldeia e sussurram alguma coisa.

— Gurupeva e Caramuru-açu estão chegando — diz alguém perto de Staden.

Paraguaçu tenta se aproximar do pai, mas é contida por Djaê.

— Espere, os velhos têm que ver primeiro — diz.

Os anciãos, então, praticamente fecharam a entrada da aldeia, tapando a visão de quem estava atrás em relação à trilha.

Paraguaçu está ao lado de sua mãe e parece se incomodar com as pinturas de seu corpo. Coça-se e tem tiques nervosos: Staden admira a sua beleza selvagem. Ela não agüenta a expectativa e indaga do alemão:

— Caramuru-açu e Gurupeva estão chegando juntos?

— É o que parece.

De repente os velhos abriram passagem entre eles e surgiram, resfolegando e suados, Diogo e Gurupeva, ainda de troncos nas costas. Foram ainda até o centro da aldeia onde se livraram do pesado fardo do seu primeiro desafio.

O velho Djaê se aproximou deles e disse:

— O sol ainda não desapareceu por trás da grande montanha. Caramuru-açu e Gurupeva são guerreiros tupinambás de mesma força.

E indaga:

— Mas terão a mesma coragem?

O gavião uiraçu, chefe dos pássaros, na entrada da aldeia grasnou alto por algum tempo, como se estivesse compreendendo o que se passava por ali.

E Djaê anuncia a próxima prova:

— Amanhã é o desafio das abelhas.

3

AS TATAÍRAS

Uma sociedade de cristãos-novos, liderada por Fernão de Noronha, arrendou o país de 1501 a 1516. Foi a primeira empresa comercial brasileira e exportadora de pau-brasil. Além disso, a Inquisição tratou de "limpar" Portugal mandando judeus à nova terra.

Julio José Chiavenato

1513

Um fato novo e curioso vai adiar a segunda prova a que se submeterão os pretendentes ao casamento com Paraguaçu. Diogo suspira de alívio, pois estava quebrado, exausto, carregando aquele tronco em pé de igualdade com o morubixaba Gurupeva.

— Ele tentou me derrubar várias vezes durante a caminhada — conta Diogo para o amigo Staden. — E os jovens guerreiros que nos acompanhavam apenas sorriam.

— Podemos contar isso para o pajé Djaê, Diogo. Ele parece ser o árbitro dessa disputa.

— Não, Staden, vou agüentar a coisa toda. Pelo menos Gurupeva mostrou que tem certo respeito pelos termos da contenda. Ele poderia ter me matado...

— Sim, mas não sabemos o que fará de agora em diante, Diogo. Quando se considerar perdido...

— Pelo que sabemos, as duas provas seguintes serão aqui na aldeia. As provas da coragem e da sabedoria. Gurupeva não tentará nada nas barbas de Taparica e Djaê.

Quando dos preparativos para a segunda prova, ou seja, os dois contendores — o jovem Rahula só chegara tarde da noite e já sem o tronco às costas — tinham que enfrentar os ferrões das abelhas tataíras, pregadas na casca do jatobá e aplicadas no seu peito desnudo, alguns guerreiros que pescavam nos baixios de Mairagiquiig chegaram com a notícia inquietante:

— Igaraçu, de grandes velas de gaivota, está ao largo da praia e desembarca igara com perôs.

Gurupeva foi o primeiro a reunir o seu grupo de guerra e as mulheres da aldeia tratavam de esconder seus curumins. Taparica chama Staden e Diogo e lhes pede que façam o contato entre os brancos e os tupinambás.

Era a nau *Bretoa*, de Fernão de Noronha, que estava à vista na Bahia de Todos os Santos. Seu capitão, o próprio todo-poderoso Noronha, o primeiro arrendatário das terras dos brasis, como se elas não tivessem dono.

Descendo do esquife, com uma guarda de arcabuzeiros e lanceiros, Noronha se espanta por encontrar europeus nas terras dos tupinambás. Disse logo a Diogo e a Staden que tinha um documento assinado por D. Manuel I outorgando-lhe posse comercial da colônia e que precisava completar a carga da sua nau com pau-brasil, além de precisar de víveres e água fresca.

O tuxaua Taparica e Djaê, presentes ao diálogo, dizem que concordam em fornecer a Noronha água fresca e alguns cocos, mas não a madeira, pois sabem que em muitos locais da costa a floresta está sendo reduzida a tocos de árvores mortas.

Noronha sorri e fala algo enigmático, enquanto Taparica dá ordens a alguns guerreiros para fazerem uma vistoria na nau dos perôs:

— O tuxaua parece que não sabe que nós, portugueses, temos o direito de posse da terra pelo descobrimento...

Só aos poucos Staden e Diogo vão compreendendo que Taparica tem o seu próprio séquito de guerreiros, como se fosse para contrabalançar com o grupo de Gurupeva. Assim, os tupinambás do tuxaua pegam algumas canoas e vão em direção à nau *Bretoa*.

Fernão de Noronha fica impaciente, mas Diogo e Staden explicam que se trata de um costume dos tupinambás, mais levados pela curiosidade. Convencido de que só levará dali cocos e água fresca, o arrendatário das terras dos silvícolas acaba confessando aos europeus que tem tido muitos prejuízos com o seu negócio e em breve não voltará mais à nação dos brasis.

— Meus sócios italianos estão descontentes — diz ele. — Não tenho podido cumprir o contrato do envio de seis naus para escambar com os silvícolas. Muitos são arredios e hostis.

O que os guerreiros de Taparica constataram: que havia muitos termiminós na coberta da *Bretoa*, amarrados, entre eles muitas mulheres. Além de macacos e papagaios em número enorme. Embora fossem inimigos, o tuxaua se inquieta com aquilo e levanta seus guerreiros contra Noronha e seus soldados.

— Temos que fazer alguma coisa ou haverá um massacre por aqui — observa Diogo. — Gurupeva também prepara seus guerreiros.

Staden acaba convencendo Taparica a deixar o capitão partir com o que já tem, com a promessa de nunca mais voltar. Noronha tenta um protesto, mas vê que seus homens são em menor número.

— Senhores Staden e Diogo Álvares... essa conquista é irreversível — diz ele. — Depois de mim virão outros... e outros...

O que os documentos históricos registram é que Fernão de Noronha levava, daquela vez, 35 silvícolas e cinco mil troncos de pau-brasil, cada qual pesando cerca de 25 quilos. E mais sagüis e papagaios de variada espécie.

"Depois de mim virão outros... e outros..." dissera em tom de ameaça o comerciante. E de fato, não muito tempo depois, a nau *La Pélerine* era abordada por marujos portugueses, que lá encontraram 300 toneladas de pau-brasil, 300 macacos, 600 papagaios, algodão e muitas peles de onça.

Aquele fora um dia cheio e exaltado para os tupinambás e os europeus residentes na aldeia da Pluma Grande. Paraguaçu, inquieta, lembra ao pai que os desafios do casamento devem continuar com o Caramuru-açu e o morubixaba Gurupeva.

Taparica, talvez tentando proteger Diogo de um desgaste maior, espera mais um dia para anunciar, através de Djaê, a segunda prova do casamento. Embora tivesse tomado banho no córrego da aldeia e pescado com o Caramuru-açu e o Orê Ruchichab, Paraguaçu aproveita a mansidão de uma tarde morna para contar uma nova história.

Antes de começar, surge perto das ocas dos estrangeiros Enorê e seu pai, o bem velho Piravavá, que já tinha dado a filha para Staden. Ela, com certa cerimônia, pede licença a Paraguaçu para dizer ao Orê Ruchichab que se afastara dele por causa do pai, que estivera doente.

O velho Piravavá aproveita a ocasião para repetir o que dissera nos baixios de Mairagiquiig, dirigindo-se ao alemão:

— Sou Piravavá e sou pai de Enorê, e oh pelo pai Tupã, quem dera que tu sendo assim como és e tendo os mesmos sentimentos que eu, ficasses entre nós como esposo de minha filha e meu genro.

Staden, entusiasmado, diz que lutará pela bela Enorê. Pai e filha se afastam. De longe, Enorê volta-se e diz para o alemão:

— Orê Ruchichab pemb aikó tevê. (Barba Ruiva é meu único guerreiro.)

— Vamos construir duas belas famílias, amigo Diogo — diz Staden. — Talvez comecemos aquela nação com que sonha o sábio Taparica.

Cruzando as pernas com faceirice, Paraguaçu se senta perto de Diogo e conta:

— É a história do nosso gavião uiraçu, que vigia a aldeia da Pluma Grande. Um dia, dois velhos amigos foram à floresta tirar ninho de gavião. Caminharam até encontrar a árvore pequizeiro, onde se escondia, entre os galhos mais altos, um vistoso ninho de gavião.

— 'Lá está um ninho de gavião uiraçu — disse Dié-tu.

— Então vamos tirar — falou Ipanitê.

Então fizeram uma corda de cipó e Dié-tu subiu. Lá em cima da árvore ele falou logo:

— O ninho está aqui e tem um filhote de gavião.

— E como é este filhote de gavião? — perguntou Ipanitê.

— É pelado como a "coisinha" da tua mulher — disse Dié-tu e sorriu'.

'Aí Ipanitê não gostou daquilo e tirou a corda de cipó da árvore. Dié-tu ficou lá em cima sem saber o que fazer. Não encontrava nem jeito pra escorregar pelo tronco, que era alto. E ficou lá em cima dias e dias. Até que o gavião velho, pai, voltou ao ninho trazendo um pedaço de preguiça pro filho. Dié-tu já tinha passado fome, sede e picada de mosquito'.

'Vendo o gavião pai, ele se escondeu com medo, mas o gavião descobriu Dié-tu quando foi dar o pedaço de preguiça pro filho.

— O que está fazendo aqui? — perguntou o gavião.

— Eu vim tirar o teu filho do ninho — disse Dié-tu. — Mas quando falei ao meu companheiro que o gaviãozinho era

pelado como a "coisinha" da mulher dele, Ipanitê ficou brabo e tirou a escada de cipó por onde subi'.

'O gavião gostou daquela história e riu, riu muito e perguntou:

— Quer dizer que tem raiva de Ipanitê, não é?

— Tenho muita raiva dele, ora.

— E quer se vingar? — perguntou o gavião.

— Quero me vingar, sim. Sofri muito aqui nesta árvore. Passei fome e sede, e não pude dormir por causa dos cupins e carapanãs. Mas primeiro eu quero comer um pedaço desta preguiça'.

'O gavião uiraçu deu a carne para Dié-tu e combinou com ele:

— Pra se vingar de Ipanitê, tem que virar gavião. Chegue aqui mais perto que posso fazer isso.

Dié-tu ficou com medo.

— Gavião uiraçu quer me comer — disse.

— Nada disso — falou o gavião. — Chegue mais perto de mim, não tenha medo.'

'Dié-tu foi, já interessado noutro pedaço de preguiça. Aí o gavião sacudiu as penas dele em cima de Dié-tu. Sacudiu muitas penas até virar uma ave de bico torto.

— Está pronto — disse o gavião uiraçu. — Agora já pode se vingar de Ipanitê. Dê um vôo até aqui, pra ver se está bom mesmo'.

'Dié-tu deu uma volta em torno da árvore e ficou satisfeito. E combinaram ir agarrar Ipanitê.

Disse o gavião:

— Vamos voar por cima da aldeia de Ipanitê, bem alto, e soltando o nosso grito. Ele vai ouvir e sair no terreiro e aí a gente ataca com as nossas garras'.

E foi o que fizeram. Voaram por cima da aldeia, grasnando alto, até que viram Ipanitê com o seu arco-flecha pronto pro tiro. Mas os dois gaviões caíram em cima dele de bicadas e unhadas, e acabaram levando o corpo de Ipanitê pro ninho do gavião uiraçu, pois era isso o que ele queria'.

'Foi morte ruim, pois o terreiro da aldeia ficou cheio do sangue de Ipanitê, com pedaços de tripas e miolos. Os tupinambás nunca tinham visto uma morte tão violenta. E resolveram pegar aquele gavião que se parecia com gente. Foram ao feiticeiro Tandav-u e perguntaram quem era aquele gavião uiraçu grande.

O feiticeiro Tandav-u disse logo:

— É o guerreiro Dié-tu, que ficou assim pra se vingar de Ipanitê por uma coisa à-toa, que não merecia nem uma poãpê (unhada). Dié-tu é mau e vai continuar encantado toda a vida. Mas precisa ser preso, pra não continuar matando. Vão lá na árvore pequi e agarrem Dié-tu, e prendam numa gaiola, de onde não deverá sair nunca mais'.

'E assim eles fizeram.

O gavião uiraçu, o verdadeiro, já tinha levantado vôo com o seu filhote, depois de comerem Ipanitê. O mau Dié-tu participou também do banquete e é por isso que aquele gavião só gosta de comer carne crua'.

— Quer dizer, Paraguaçu, que este gavião aqui da entrada da aldeia da Pluma Grande é Dié-tu'? — indaga Diogo.

— É ele mesmo, Caramuru-açu. Dié-tu não pode ser solto, porque ataca a gente. Tem que ficar naquela gaiola. De qualquer maneira, ele avisa quando vê perigo por perto. É muito velho e ainda paga pelo passado. Tamãi Djaê me contou a sua história.

A noite mais profunda já envolvera toda a aldeia tupinambá.

Era hora de dormir.

O dia seguinte esperava o Caramuru-açu e Gurupeva para a prova da coragem, mais dura e dolorosa.

> A História, tal como os homens a escrevem, é o mais das vezes como um processo pleiteado por interesses contrários, que varia de arrazoado segundo o intento e a dialética dos advogados.
>
> *Gonçalves de Magalhães*

Logo cedo, ainda bem o sol não tinha se levantado, os velhos da aldeia da Pluma Grande, tendo à frente o pajé Djaê, se reuniram no pátio central.

As cascas de jatobá foram preparadas, as abelhas tataíras presas pela cintura nelas — toda a sua parte traseira ficava livre com o seu imenso e ameaçador ferrão. Elas estavam pregadas em fileiras de dez, formando uma espécie de peneira (arupemba), por causa de alguns buracos vazios, que iriam servir para drenar o sangue dos guerreiros.

As duas cascas de jatobá, com as abelhas pregadas, seriam aplicadas diretamente no peito dos pretendentes à mão de Paraguaçu (os tupinambás usavam termo semelhante em relação aos noivos: Mobyr resenó ichépene) e amarradas nas costas com o cipó embira.

Caramuru-açu e Gurupeva estavam prontos no terreiro da aldeia. O morubixaba não encara Diogo, mas tem um inusitado olhar de ternura para Paraguaçu à distância. Antes de se despedir do alemão, Diogo lhe dissera que tinha um recurso mental para suportar a dor dos ferrões das tataíras.

— Pensarei em minha mãe, na sua bondade, nas coisas que me disse quando ainda me embalava nos braços e depois... e depois... Ou o filho aventureiro teria que passar por isso para forjar a sua alma? De qualquer maneira estou pronto, amigo Fred.

Foi o velho Djaê quem colocou as cascas de jatobá no peito dos dois guerreiros, ajudado por dois jovens que as amarraram às costas. Ato contínuo, eles passaram a se contorcer de dor.

— Não podem gritar — disse o pajé.

Nenhum grito, nenhum murmúrio ou queixume. Tinham que sofrer a grande dor em silêncio. Djaê olhou para o sol da manhã e marcou, no seu antigo relógio do tempo, as quatro horas de duração para a prova de resistência e coragem.

As mulheres da aldeia não tiveram permissão para assistir ao desafio dos guerreiros: Paraguaçu foi a última a se retirar, olhando com ar de orgulho para o seu Caramuru-açu. Quanto aos curumins, só os que já tinham vencido as provas do ritual de passagem permaneceram no local.

Paraguaçu, na maloca de sua mãe, já preparava os ungüentos para passar no peito do Caramuru-açu após a prova. Logo que ele se livrasse da casca de jatobá, receberia por cima das feridas o óleo perfumado e macio da almiscareira, uma das plantas cultivadas na roça dos tupinambás.

Aquele óleo tinha o poder de afastar logo as dores da carne dilacerada e cicatrizar as feridas — os ferrões de alguma abelhas, por acaso entranhados no peito do Caramuru-açu, poderiam ser tirados com o espinho do pequi.

A indagação de Staden, enquanto esperava e admirava a coragem do amigo Diogo, era se Paraguaçu iria também tratar das feridas de Gurupeva. Ou ela poderia demonstrar interesse, abertamente, por algum deles? Mas ele teve a resposta quando

viu uma jovem, de nome Pajapati, fazendo os mesmos preparos de Paraguaçu.

Djaê explica:

— Noiva pode ter preferência por hóspede, se assim quiser... Parente, irmã, cuida de Gurupeva.

Os minutos passavam e o sofrimento dos dois parecia ser insuportável, cheios de caretas, contorções de corpo, ambos no entanto não se afastavam dos círculos de pedras em cujo centro estavam. Diogo olhava para o alto e por vezes parecia contar as nuvens brancas que matizavam o azul infinito.

A manhã estava cada vez mais quente.

De vez em quando o gavião uiraçu dava sinal de vida na entrada da aldeia e um ou outro pássaro cantava na floresta.

Djaê, que está perto de Staden, lhe diz:

— Velho deu segredo ao Caramuru-açu para suportar as dores.

— O que, pajé? Ou não posso saber?

— Ali, bem embaixo dos pés de Caramuru-açu, está enterrado o sábio e forte Itagiba, o tupinambá de braço de pedra.

— E o que o Caramuru-açu tem que fazer, pajé Djaê?

— Pensar que é forte e corajoso como ele e que as raízes de seus pés estão em cima dos seus ossos.

— Mas isso requer um longo aprendizado... — murmura o alemão meio descrente. — Gurupeva é valente e é capaz de suportar a dor tanto quanto o Caramuru-açu.

— Sim, Orê Ruchichab, mas dei ao Abatatá um suporte para se manter afastado...

A espera por aquelas quatro horas foi penosa para todos.

O sol parecia não sair do lugar.

— "O que estará pensando Diogo?" — se indaga Staden — "Será que o forte Itagiba, por artes de Djaê, poderia ajudá-lo?"

Ao observar Diogo, o alemão ficava mais nervoso, pois parecia que a qualquer momento o amigo fosse soltar um berro atroz. Gurupeva apenas franzia o semblante, como se já estivesse se habituando com as dores. Diogo continuava a olhar para o alto, mas tinha as pernas trêmulas e por algumas vezes chegou a roçar com os pés as pedras do círculo em torno dele.

A respiração de ambos é opressiva e acelerada. "Eles estão nas últimas resistências", pensa Staden.

De repente, para alívio de todo mundo que presenciava a cena, o velho Djaê levantou o braço direito, olhou para o sol, e gritou:

— Desafio cumprido, prova feita pelos dois valentes guerreiros, Gurupeva e Caramuru-açu. Os dois empataram de novo na disputa.

E ordenou que lhes tirassem as abelhas tataíras do peito, o que foi feito imediatamente pelos dois que haviam colocado neles as cascas de jatobá.

Staden ouve Taparica murmurar:

— O estrangeiro e o tupinambá são homens valentes. Gurupeva tem um rival à altura.

— Nenhuma mulher mereceu tanto sacrifício — diz Staden.

Ao se livrarem das cascas de jatobá, o morubixaba soltou um urro de fera ferida, como a dar vazão a todos os berros contidos durante aquelas horas. Paraguaçu vai ao encontro de Diogo e o leva correndo para a maloca de sua mãe, onde o espera o óleo refrescante. Observa Staden que o amigo continua com a respiração apressada, mas não grita, embora deixe cair dos olhos sentidas lágrimas.

— Como se sente, amigo Diogo? — indaga o alemão.

— Bem... Estou bem...

— Caramuru-açu pemb uyrá-ok-usú okarantin (O Dragão do Mar é o guerreiro da aldeia da Pluma Grande) — diz a princesa tupinambá, peito estufado de orgulho.

— E agora o que acontece, pajé Djaê? — indaga Staden. — Eu mesmo estou cansado e sofrido com tudo isso.

— Estes desafios, Orê Ruchichab, significam mais do que a posse de Paraguaçu. Principalmente para o estrangeiro...

— Sei o que quer dizer, sábio Djaê. Por isso o tuxaua e o sábio pajé desejam, no fundo do coração, que o Caramuru-açu saia vitorioso.

O velho sorri tranqüilo e diz:

— Agora vem a prova da sabedoria. O Caramuru-açu é um homem sábio? Já demonstrou isso na... na Europa?

— Diogo Álvares Correia, o Caramuru-açu, é um homem esperto.

— Veremos... Nesta prova não há empate.

— Pajé Djaê... Não levaria Gurupeva vantagem se o teste de sabedoria for sobre a natureza? Ele é um homem da selva e Diogo um homem da cidade.

— Numa encruzilhada, qualquer caminho que o caçador tomar... segue o seu destino. Gurupeva e Caramuru-açu levam a mesma vantagem.

Os dois guerreiros passaram o resto do dia descansando e tratando dos seus ferimentos.

4

O ENIGMA

A terra inculta e ameaçadora não era convidativa para as mulheres brancas que não fossem mais ou menos perdidas e nem para os homens que não pertencessem à elite da mais ínfima ralé: viciados e corruptos, degredados e criminosos.

Mário Martins de Freitas

1513

Staden teve permissão para entrar na maloca de Paraguaçu, onde já encontra o amigo sob os cuidados da princesa e de sua mãe, que tratam dele com o maior desvelo. Diogo sorri e está mais calmo, o óleo da almiscareira fazendo um verdadeiro milagre no peito do guerreiro branco.

— Acho que já passou o pior, amigo Staden — diz ele. — A prova da sabedoria não depende da força nem da coragem.

— Sim... mas ninguém sabe o que reserva o velho pajé Djaê.

— Se já o conheço bem... ele será justo.

Paraguaçu não diz nada e continua a passar o perfumado óleo pelo peito do Caramuru-açu. Só em cheirar aquela resina, Staden se sente mais tranqüilo, confiante.

Derreado com conforto numa esteira de tucum, as sombras da tarde já entrando pela porta estreita da maloca, Diogo não se cansa de admirar a beleza de Paraguaçu, como uma verdadeira ajudadora, esposa. Staden sente aquilo e comenta:

— Qual a mulher que não vai se dedicar a um homem, pela vida inteira, depois de tanto sacrifício por ela?

Embora tenha falado em espanhol, a princesa da selva fala como se tivesse compreendido tudo. E suas palavras, como quase sempre, são expressas de uma maneira poética, que o alemão muito aprecia:

— Paraguaçu sób ijarusú Caramuru-açu (Paraguaçu trata do Dragão do Mar como de uma folha caída da árvore).

— Mulher extraordinária... filha de um povo extraordinário — comenta Staden. — Vamos dizer aos europeus como os tupinambás costumam falar de seus amigos: tijerobiák apó oé ári (vangloriemo-nos deles). Felizes os portugueses se de fato conquistarem, com amor e pacificamente, esta bela terra.

— Sim, amigo Staden, Paraguaçu... Sei agora que o coração humano pode se abrigar lindamente no peito de um silvícola. Sabe o que me disse a mãe dela? Que Paraguaçu, para amar o estrangeiro, tem sofrido mais dor do que a dor sofrida pelo Caramuru-açu com as abelhas tataíras no peito.

— Compreendo, amigo Diogo. Ela ama um estrangeiro, não alguém de seu próprio povo. Isso talvez tenha um alcance muito profundo, em que já pensaram o tuxaua Taparica e o pajé Djaê. Da união dos dois dependerá o futuro dos tupinambás.

— Temos aprendido grandes lições aqui, amigo Fred. Veja estas provas a que me submeti: embora violentas, duras, é como se tivessem um componente de inocência, de pureza. Não, nunca mais trocarei o conforto sujo da civilização por esta paz. A nudez dessa gente é literal e simbólica. Tudo é feito às claras, sem hipocrisia. O morubixaba Gurupeva é o que é... porque o coração humano, em qualquer parte, por vezes tem o dualismo das contradições.

— Afinal, Diogo, naquele momento de atroz sofrimento, o Caramuru-açu pensou em quem ou em que? Na terrinha distante de Viana do Minho ou no sábio e forte Itagiba?

— Sim, pensei em minha terra, na minha meninice, em minha mãe, que me deu forças... E pensei, sim, na natureza forte de Itagiba, ali meus pés enraizados nos seus ossos sagrados... A vida é um grande mistério, amigo Staden, e estas duas provas me fizeram envelhecer dez anos.

A prova da sabedoria ainda vai demorar alguns dias, pois é lento o restabelecimento dos dois contendores. Mas a rotina

não voltou inteiramente à aldeia da Pluma Grande. Um dia, pela manhã, o guerreiro Piravavá, acompanhado de sua filha Enorê, e mais o pajé Djaê, aparecem à porta da maloca dos estrangeiros, onde Diogo continuava em repouso, e diz que o Orê Ruchichab deve tocar a flauta cerimonial uruá para Enorê, o que anuncia o seu casamento.

O alemão fica contente e sabe que se casará no mesmo dia do casamento de Paraguaçu com Gurupeva... ou com o Caramuru-açu. Preocupa-se por este lado ainda obscuro daquele desafio nupcial, mas tem esperança de que o amigo saia vencedor da última prova.

Diogo, ainda meio fraco e amparado por Paraguaçu, assiste à cerimônia da flauta uruá tocada por Staden. O Orê Ruchichab e Enorê percorrem todo o terreiro central da aldeia, ele tocando e ela o acompanhando, mão esquerda no ombro direito do guerreiro branco.

Como Enorê era uma moça comum na aldeia, iria logo em seguida, com Staden, para a Casa dos Noivos, onde passariam juntos uma semana, antes do casamento oficial. Paraguaçu, por ser princesa, filha do tuxaua e ainda "memória" dos tupinambás, não passaria por esta experiência prévia: o intuito, algo "civilizado", era saber se os dois se dariam bem, após uma prévia lua-de-mel.

Restava o terceiro desafio entre Caramuru-açu e Gurupeva. O pajé Djaê espera ainda alguns dias, como se quisesse que o Orê Ruchichab assistisse à prova. Já gostando de Enorê desde quando Staden era uma prospectiva iguaria tupinambá, dormindo juntos na rede perfumada de ervas silvestres, coabitando, sendo servido por ela, aquela semana juntos só serviu para consolidar a união. O que quer que Enorê tenha pensado a respeito do Caramuru-açu, ou sentido, já estava ultrapassado. Moema, não, continuava arredia e naturalmente com muito ciúme de Paraguaçu.

Um dia, apareceram no pátio da aldeia muitos anciãos — ia começar tudo de novo.

Eles estavam, mais uma vez, sentados em belas esteiras de buriti, trançadas, e já tinham providenciado a vinda dos guerreiros contendores. Eles ficaram em frente aos velhos, em silêncio. Gurupeva tem os braços cruzados no peito e Staden observa que ele aperta algo na mão direita. "Não pode ser uma

arma", pensa. "Se ele tentar algo violento contra Diogo, Taparica o mata".

Só a esta prova, a da sabedoria, toda a aldeia tupinambá tem o privilégio de assistir.

Paraguaçu aproxima-se de Staden, que está ao lado de Enorê, como se de fato ela já fosse sua esposa, e indaga apreensiva:

— O Caramuru-açu vai ganhar, não vai, Barba Ruiva?

— Sim, vai, não se preocupe.

O alemão não quer nem pensar na possibilidade de Diogo ser derrotado pelo feroz morubixaba, que aparenta maior tranqüilidade. Perdida Paraguaçu, Gurupeva partiria para hostilizar ou até matar os estrangeiros, e Taparica não lhe seria obstáculo. Ao lado da princesa, ele, jovem guerreiro, reivindicaria o seu direito de tuxaua da aldeia da Pluma Grande.

O velho Djaê se levanta, com alguma dificuldade, se adianta um pouco na direção dos guerreiros, e pergunta:

— Gurupeva e Caramuru-açu têm força, têm coragem, mas serão homens sábios?

Os dois continuam em silêncio.

Djaê prossegue, lançando agora a prova da sabedoria;

— Planta coité nasceu na roça do tupinambá. Como se sabe, a planta coité estraga a roça e faz mal ao seu dono. Mas não pode ser cortada nem ser tirada. Não se toca nela. O que faz então o dono da roça pra se livrar do agouro da planta coité?

Estava lançado o enigma.

Silêncio.

O gavião uiraçu apenas pia. O farfalhar das folhas da floresta parece mais baixo. O sol forte esquenta os corpos pintados para aquela cerimônia. Paraguaçu sente um calafrio e toca ligeiramente no braço de Staden. Enorê olha-a de cima para baixo, reprovando-a.

Diogo estava mais uma vez olhando para o alto. Teria lhe dado o sábio Djaê outra indicação? — se interroga o alemão. Gurupeva, impassível, apenas olha para os curumins agarrados às suas mães no centro do terreiro da aldeia. Os velhos e Djaê, que se conservava em pé, esperam.

Paraguaçu olhava impaciente para o Caramuru-açu. Staden pensa numa resposta para aquele enigma e não a encontra.

Depois de algum tempo, o pajé Djaê acrescenta:

— Só existe uma resposta certa.

Staden sente o coração acelerar mais rápido quando olha para Gurupeva e acha que o morubixaba está mexendo com os lábios para falar. "Meus cabelos da cabeça se arrepiaram", dirá mais tarde.

— "E se eles disserem que não sabem da resposta?" — se interroga o alemão. — "A tortura pelo desenlace continuará..."

Ele olha para Paraguaçu e sussurra, como se quisesse obter uma resposta:

— Uma planta, que faz mal à roça e ao seu dono. Mas não pode ser cortada nem tirada. O que fazer?

Paraguaçu tem os olhos brilhantes e respira forte. Piravavá murmura alguma coisa para a filha Enorê. Moema não está por perto, pelo menos ao alcance dos olhos de Staden.

— "Comumente a resposta para esses enigmas é muito fácil" — pensa o alemão. — "Algo simples e lógico. Mas não consigo pensar em coisa alguma".

Todos os olhos da tribo estavam na direção dos dois guerreiros. Alguns curumins brincavam em volta do terreiro, de vez em quando aquietados por suas mães. Staden teme que o pajé Djaê dê a prova por terminada:

— "Ele nem pestaneja. Torcerá pelo Caramuru-açu?"

O alemão, após aqueles angustiantes minutos, se surpreende por ver o amigo Diogo aparentemente tranqüilo. Olhar sempre à distância, no alto, muito além daquela simples aldeia ou da própria floresta. "O que lhe terá dado, desta vez, o pajé Djaê?"

Os minutos se escoavam, lentos, como se o relógio do tempo houvesse parado. Quanto duraria a prova da sabedoria? Djaê não dissera.

De repente Diogo Álvares mexeu os lábios e disse, voz forte, para que todos ouvissem:

— Avô Djaê... vou lhe dar a resposta. Se a planta coité não pode ser cortada nem ser tirada, o dono da roça, pra não sofrer agouro, muda a roça de lugar.

Todos olham cheios de expectativa para o velho Djaê.

Para Staden, a resposta de Diogo era lógica e verdadeira. E simples, como já intuíra.

Djaê demora a se manifestar.

Gurupeva se agita e grita:

— Añemosaenã... Caramuru-açu ar-aíb! (Não posso... Caramuru-açu é o próprio agouro!)

— O que o morubixaba está dizendo? — volta-se Staden para Paraguaçu, que sorri.

Por fim fala o velho pajé:

— Caramuru-açu deu a resposta certa. É isso mesmo, ganhou a prova e a esposa Paraguaçu. Caramuru-açu mostrou sabedoria.

Os silvícolas do séquito de Taparica levantam os arcos e flechas em sinal de alegria e aprovação. Gurupeva se afasta com Jaguara e mais alguns guerreiros de seu grupo. O morubixaba tinha sido derrotado definitivamente pelo estrangeiro e perdera o seu maior trunfo para um dia ser o tuxaua da aldeia da Pluma Grande.

Mas a reação de Gurupeva, planejada e fria, daí em diante, vai ser dura e sangüinária — ele novamente desaparecerá da aldeia por algum tempo, enquanto são feitos os preparativos para o casamento de Paraguaçu e Caramuru-açu.

5

A CERIMÔNIA

> Os jesuítas conseguiram vencer nos primeiros colonos a repugnância pelo casamento com as índias. Os mais aqui tinham índia de muito tempo de que tinham filhos e tinham por grande infâmia casarem com elas. Agora se vão casando e tomando vida de bom estado.
>
> *Padre Manuel da Nóbrega*

1514

Staden acha que estão no alvorecer do ano de 1514. Paraguaçu e Enorê se preparam para a cerimônia do casamento, é o que presumem Diogo e o alemão, pois elas só aparecem de longe em frente à maloca deles. Enquanto isso, os estrangeiros são convidados a participar das atividades cotidianas da taba.

Caçam, pescam e tomam banho coletivamente. Paraguaçu por vezes não fica de todo longe do Caramuru-açu. Passa perto dele, com alguidares e peneiras, e lhe sorri faceira. Enorê faz o mesmo em relação a Staden, como se ambas quisessem reafirmar que eram noivas dos guerreiros brancos.

Diogo está muito satisfeito por ter sido o campeão daquele árduo torneio, "tudo por Paraguaçu", como pensa. Ainda tem o peito marcado e não de todo fechadas as cicatrizes causadas pelas ferroadas das abelhas tataíras. Staden, curioso pela resposta certa dada pelo amigo, decifrando o enigma do pajé Djaê, pede-lhe que lhe conte como tudo aconteceu.

— O amigo teve alguma dúvida quando decidiu dar a resposta?

— Nenhuma dúvida, Staden. No começo pensei que a solução era agüentar o agouro da planta coité, até ela afinar, como muitos arbustos, e morrer. Mas talvez fosse muito tempo de espera, a roça abandonada. Então me lembrei das palavras do velho pajé Djaê...

— Ele mais uma vez o ajudou?

— Sim. Antes dos velhos se reunirem no terreiro, Djaê me acompanhou, aqui da maloca — pode muito bem se lembrar disso, Staden — e foi me dizendo umas coisas, mas de maneira que ninguém percebesse o que me dizia.

— "Quando o Caramuru-açu não puder vencer uma coisa, nem se livrar dela, deixe a coisa no seu lugar"— falou o velho sábio. — "Se estiver sendo atacado na sua máloca e não descobrir a razão do ataque, mude a maloca de lugar. Lembre-se sempre disso: a árvore grande resiste ao vento forte porque se inclina, se curva, até passar a tempestade".

— Velho esperto o tamãi de Paraguaçu — comenta Staden.

— Grande cabeça, grande sentimento. Estaria pensando o velho, por acaso, em traição a um dos tupinambás? É evidente que ele me deu uma pista para a resposta.

— Sim, amigo Diogo, mas Djaê e Taparica sabem e sentem que o nosso casamento é algo simbólico para o futuro dos tupinambás. Se a árvore forte não se curva...

— E Gurupeva? Vai sumir por algum tempo e voltará... para matar Taparica e os estrangeiros e ficar com Paraguaçu. Não tenho medo dele, Staden. Sei que lutaremos juntos por elas... e pela paz aqui na aldeia da Pluma Grande.

— Tive uma idéia agora, amigo Diogo. Voltemos ao casco da *Bristol*, para apanharmos o resto de pólvora ou armas de fogo ou facões. E com a licença dos morubixabas de Taparica, podemos até treinar os jovens.

— Sim, Staden, faremos isso. Gurupeva perdeu a prova que é a mais respeitada aqui. Vai sumir por algum tempo, sim. Mas estaremos preparados para ele e seu grupo de guerra, e sabemos que Taparica e Djaê nos apoiarão.

No raiar de uma bela manhã, os tupinambás acordaram alvoroçados e alguns jovens guerreiros foram buscar os estrangeiros para o que disseram ser "o começo da cerimônia". Foram pescar e colheram todo um cardume de aracus, o que foi de fato o início da festa do casamento de Diogo e Staden.

— Alguns primos caçam uma anta — ordena Taparica — e as mulheres apanham cocos e frutas nos baixios de Mairagiquiig. A aldeia deve ter fartura por vários dias.

Já pela tardinha, o velho Djaê instrui Diogo e Staden a preparar a flauta cerimonial uruá, que seria novamente tocada ao lado de sua noiva.

Paraguaçu e Enorê estão resplandecentes de beleza. A casca de pixiúna agora usada é de cor avermelhada, no formato do fino cinto que lhes desce pelas ondulantes ilhargas na direção do sexo (rapypy), onde se estufa como uma flor. O colar da princesa não é mais de conchas, mas de dentes de onça. Ambas com enorme flor vermelha nos cabelos negros e longos.

Os noivos, embora despidos da cintura para cima, ostentam calções fofos juntamente com as botas de cano longo que lhes servem de amparo. Cinto de couro e aldraba em forma de bainha do lado direito, que guarnece a longa espada. Djaê lhes diz que, sendo guerreiros, poderiam usar as suas armas.

Já com as flautas uruás sustentadas pelas duas mãos, Paraguaçu e Enorê vão ao encontro deles. Cada uma das mulheres ficou atrás de seu noivo, mão esquerda no ombro direito, com alguma distância entre os dois corpos.

O som da flauta uruá, que não era mais estranho a Diogo, reboou por toda a aldeia, varou os espaços e penetrou na floresta — as duas mulheres na cadência certa, acompanhando o ritmo dos passos dos guerreiros. O som das flautas era uma espécie de lamento, de choro nostálgico, para quem estivesse escutando aquilo pela primeira vez. Mas, depois de algum tempo, a música das uruás passava pelos sentidos como terna canção,

naturalmente invocando o amor e a paz naquele lugar tranqüilo e abençoado por Tupã.

Os casais deram várias voltas em torno do pátio da aldeia e os estrangeiros, compenetrados e felizes como dois noivos tupinambás, se sentem algo incomodados com a pintura de urucum que lhes desce dos cabelos. A coisa toda durou mais de meia hora. Aquilo era também uma prova de resistência para as mulheres, que agora teriam encargos mais duros na comunidade.

Logo após a cerimônia da flauta uruá, os noivos ouviriam uma espécie de sermão do sacerdote Djaê, e depois iriam morar na Casa da Mulher, ou seja, junto dos parentes de Paraguaçu e Enorê. Os homens armariam a sua rede num canto da maloca familiar e ali viveriam com as esposas.

Então, Djaê falou aos noivos no centro do terreiro da aldeia:

— O amor não é ciumento — começou assim. — Não tem raiva. Tem alegria na verdade e na justiça, e suporta tudo. Amar é bom, porque o amor dentro da gente faz a gente amar todas as coisas. Mesmo só, se tem amor dentro — ele apontou para o coração — a gente está amando. Se brigarem os dois, a primeira coisa a fazer é rir, porque nada é muito sério. A gente pode até rir da nossa dor. Falou o velho e sábio Itagiba: perca-se no riso e será feliz. O tupinambá sorri porque ama e é feliz. Essa é a maneira certa de viver: amando e sorrindo. Disse ainda o velho Itagiba: se você acordar rindo, logo sente que problemas da vida são pequenos, mas seja testemunha de tudo o que está acontecendo. Só não se aborreça, porque aborrecimento não leva a nada. Agora digo eu, pajé Djaê: se tudo isso se tornar difícil, levantem os braços e gritem, hoo! hoo! hoo! até se cansarem. E os gritos se tornem dança e alegria, e carreguem a alegria pra toda parte e para o amor. Celebrem a sejam gratos à natureza por isso. A vida não é tão séria, é quase uma brincadeira. A alegria é brincalhona. Escolham a felicidade, decidam ser felizes. E se o amor está dentro, a gente está vivendo e amando, fluindo a vida e o amor. Tudo o que representam, representa sua vida. Não procurem o significado total, o sentido total dos desígnios de Tupã, porque vão se perder e ficar tristes. As formigas taocas passaram por essa experiência. Como?

— Que velho extraordinário — sussurra Staden, encantado com as palavras do pajé. — Gostaria que alguns doutos filósofos da Europa estivessem aqui para ouvir isso.

— Sim, quando forem escrever sobre este paraíso, tudo já estará perdido — comenta Diogo.

— Um dia, pela manhã cedo, as formigas taocas saíram pra catar alimento — continua Djaê. — Ainda o sol não estava quente e as folhas se cobriam de orvalho. Então as formigas começaram uma discussão: de onde veio o orvalho? De onde vieram estas gotas? Qual a sua origem? Umas poucas formigas disseram: as gotas do orvalho são daqui mesmo da terra, se juntaram uma a uma, assim: ojepé, mokõi, mosapyr, oioirundy, ekombó. Outras formigas afirmaram: as gotas de orvalho vieram das grandes águas. E assim, por causa da discussão, as formigas de dividiram e estavam pra entrar em guerra feia, quando o sol começou a esquentar, a manhã se firmando clara e bela. E, quase que de repente, aquelas gotinhas de orvalho foram sumindo. As formigas começaram a notar que elas se elevavam no ar e pareciam ir em direção ao sol.

— As gotinhas estão voltando pra casa — disse uma formiga mais sábia do que as outras. — Estão subindo ao sol.

'E acabou a discussão porque elas viram que os dois lados estavam errados e quase tinham se matado por causa daquelas gotinhas de orvalho. Não seria melhor apenas apreciar uma das belezas da natureza? Paraguaçu e Caramuru-açu... Orê Ruchichab e Enorê... Valorizem as coisas que parecem não ter utilidade. Tupã, que fala grosso nos céus, disse que o mundo é a sua brincadeira. Ele mesmo brinca com as nuvens lá por cima. Como é muito poderoso, por vezes a sua brincadeira parece uma ameaça. Então por que acolher a dor e a tristeza numa brincadeira? A vida é tudo e nada em especial. O amor é tudo.'

O velho Djaê se calou e encarou os dois casais à sua frente. A taba permanecia em silêncio. Até o gavião uiraçu se aquietara. As palavras belas do pajé pareciam ainda ressoar por todo o pátio da aldeia, fugindo para distante como as gotinhas do orvalho, para se irmanarem aos mistérios da floresta.

Djaê deu a cerimônia por terminada e cada casal foi para a sua casa. E praticamente ficaram por três dias trancados nas malocas. Diogo e Staden, a partir de então, iriam cada vez mais se integrar à comunidade tupinambá. Por vezes poderiam achar a vida parada na aldeia, mas sempre havia o que fazer, de dia ou de noite. Quando não era o trabalho comunal, eram as longas conversas ao pé do fogo, visitas às malocas, trocas de presentes,

pedido de favores entre as famílias, e as histórias dos velhos — tudo isso feito sem alarde, pois Taparica já estava moldando aquela feição guerreira dos tupinambás. Pendente, no entanto, estava a presença algo distante e ameaçadora do morubixaba Gurupeva.

Os amigos, como se as respeitassem, pouco falam de suas intimidades com as suas mulheres. Mas comentam que "elas são grandes amantes".

— Só agora Enorê se revelou uma mulher de fato — diz Staden. — Antes, eu era apenas um "aperitivo" para um banquete.

— Depois de ouvir Djaê, compreendo agora as brincadeiras do amigo — diz Diogo. — "A vida não é tão séria, é quase uma brincadeira." Sim, assim podemos suportar tudo.

— E Paraguaçu, Diogo?

— Mulher extraordinária, em todos os sentidos. Como me viu desajeitado na rede, arranjou uma esteira de palha e foi ali que nos amamos por algum tempo. Depois ela me levou de volta à sua rede perfumada, e acabou por me ensinar uma técnica... e ficamos os dois enrolados como se estivéssemos num casulo. Por momentos às vezes apenas trocamos nossa energia, o calor do nosso corpo, e a paixão vem por acréscimo... como saborear um ananás após dias de sede.

As mulheres saíam cedo da aldeia para a coleta de cocos e castanhas, e os homens ensinavam aos curumins a arte da pesca e da caça. Os mais velhos, sentados, meditando, na porta das malocas ou dentro da casa, colhendo aquele tipo de sabedoria que o pajé Djaê tinha dado ao Caramuru-açu e a Paraguaçu, ao Orê Ruchichab e a Enorê.

Um dia, o tuxaua Taparica disse que Paraguaçu queria construir a sua própria maloca, onde abrigasse a sua própria família.

— Os filhos de Paraguaçu serão os tuxauas, os morubixabas e os pajés dos tupinambás — disse ele, desenvolvendo na prática o seu plano de desenvolver uma nova nação.

Taparica convocou três jovens guerreiros para ajudarem Paraguaçu e Diogo na construção da sua maloca. Staden também se dispôs a ajudar. Mas, dando ordens com naturalidade e aceitando sugestões, quem iria dirigir tudo era a princesa da selva.

Acreditamos que a morada primitiva de Caramuru estivesse localizada a princípio naquela aldeia selvagem à entrada da Barra. Os franceses chamavam de Pointe de Caramourou.

Alberto Silva

Primeiro, perto da entrada da aldeia da Pluma Grande, o terreno foi limpo, sendo tirado algum mato que ainda existia por ali: a casa de Caramuru-açu e Paraguaçu se localizaria numa das pernas de grande arco de malocas que convergia para a saída.

Depois algumas árvores sucupira foram derrubadas (os tupinambás, em ritual tocante, pediram desculpa e licença à floresta) já com machados do homem branco. Os troncos serviriam de esteios para a maloca. Também cipós grossos e finos foram cortados.

A casa foi se levantando, larga, espaçosa, uma só entrada, baixa, na frente, o que conservaria o frescor de dentro. Galhos mais finos foram entrelaçados pelas paredes e teto, Diogo e Staden, mais do que aprendizes, viram competentes artesãos.

Paraguaçu, contente e feliz com o trabalho dos estrangeiros, às vezes comentava inocentemente:

— Pemb caraíba oú reté henoín imé. (Guerreiros brancos vieram para ficar.)

Para o Caramuru-açu, explicou um dia:

— As cascas do jatobá vão fechar as paredes. Na cobertura vamos botar as folhas da palmeira mais bonita, a palmeira canará. A palmeira paxiúba fica nas paredes de lado e atrás. E a palmeira açaí fecha a frente.

A intenção de Paraguaçu era clara: usaria uma variedade de tonalidades das palhas, entre o verde mais intenso e o amarelo queimado; secas, as palmas se tornariam uma bela pintura da natureza, exibindo a princesa a maloca mais bonita da aldeia.

Djaê, com um gesto fraterno, manda chamar o pajé Indianakatu, da aldeia vizinha, de Karnapió, para ajudá-lo a "limpar" a maloca nova dos maus espíritos. Eles fumam seus cachimbos de taquara e percorrem, envoltos em fumaça, todos os recantos da casa. Depois é a vez dos familiares de Paraguaçu trazerem, para o novo casal, panelas, tipitys e igaçamas.

Agora era cuidar da roça da nova família. Taparica concede ao Orê Ruchichab fazer com o Caramuru-açu uma roça

comunal. Ali teriam muita coisa, frutos e hortaliças. Para proteção, uma paliçada em torno, menor do que a forte paliçada de jequitibás que circundava a aldeia.

Quando se mudaram Paraguaçu e Caramuru, a princesa deu de presente para ele um lindo colar de dentes de caititu, dos mesmos porcos que eles haviam caçado naquele dia da morte de Guarujó. Ato contínuo, despiu o marido dos calções fofos à moda européia que usava e colocou ligas largas de algodão, que lhe desciam da cintura até a região pubiana. E mais "umas braçadeiras de penas miúdas de arara-vermelha", que lhe serviram de enfeite na altura dos ombros. Nos tornozelos do seu amado, Paraguaçu colocou "enfeites de penas azuis e amarelas da cauda da arara-canindé".

Já com o corpo bronzeado pelo forte sol dos trópicos, Diogo Álvares Correia podia ser confundido agora com um autêntico tupinambá. E podia viver tranqüilamente com a linda Paraguaçu, "e colher em seus lábios o beijo, que ali viçava entre sorrisos, como o fruto na corola da flor". Podia amá-la e sugar desse amor o mel e o perfume".

Tupã já não tinha a sua virgem na terra dos tupinambás.

Aquele período de tranqüilidade, na aldeia da Pluma Grande, no entanto, não vai perdurar por muito tempo.

QUARTA
PARTE

O ALMIRANTE BASTARDO

Tomé de Sousa era bastardo, porém de grande estimação entre a nobreza pelos seus serviços prestados no Oriente, e por "ser um homem sério", coisa pouco vulgar naquele tempo entre os homens de menos esmerada educação.

João Ribeiro

...e capitão-geral de todo o Estado a Tomé de Sousa, por nascimento ilustre e por prerrogativas benemérito da confiança que fez de sua pessoa para um governo grande e novo... e não se arrependeu aquele monarca da escolha...

Rocha Pitta

São tantos os selvagens que nunca conseguiremos terminar com todos eles, nem mesmo que tenhamos que cortá-los em matadouros.

Tomé de Sousa

1

OS USURPADORES

Para este gênero de gentes (os silvícolas) não há melhor pregação do que espada e vara de ferro.

José de Anchieta

O Brasil era além disso um asilo, couto e homízio, garantindo a todos os criminosos que aí quisessem morar, com a exceção única dos réus de heresia, traição, sodomia e moeda falsa.

Oliveira Martins

1516

Foram dois anos de relativa tranqüilidade ainda, embora a ameaça do morubixaba Gurupeva à distância. Sabe-se na aldeia da Pluma Grande que ele e seu grupo de guerra já mataram o tuxaua Ipekutinga e tomaram a chefia da Ilha Grande e de Ilhéus.

— Mais cedo ou mais tarde, Gurupeva vem reclamar Paraguaçu — de vez em quando lembra Fred Staden.

— Sim, mas antes ele deseja derrotar Taparica e tomar conta também desta aldeia — diz Diogo.

Paraguaçu e Caramuru estão muito satisfeitos porque lhes nasceu o primeiro filho. O pai deu-lhe o nome cristão de Gaspar, mas a mãe, vendo-o pequenino e desprotegido, chamou-o de Jupuaí (ave pequena). Staden e Enorê, que também vivem bem e unidos, ainda esperam pelo primeiro filho.

Os guerreiros brancos voltam ao casco da nau *Bristol*, na tentativa de recolher mais pólvora e armas de fogo: eles mesmos, com a aquiescência de Taparica, são elevados ao posto de

morubixabas e designados para a fortificação da aldeia e o treino militar dos jovens tupinambás.

No casco encalhado do navio, eles ainda conseguem algumas espadas, machados, pequeno barris de pólvora e mais dois arcabuzes. Como parte da estratégia de defesa da aldeia da Pluma Grande, os estrangeiros mantêm um posto avançado de vigilância nas cercanias dos baixios de Mairagiquiig. Taparica e Djaê, este exercendo sempre um poder moderador junto ao pai de Paraguaçu, e mais o tuxaua da aldeia vizinha, Karnapió, conversam com os brancos no sentido de nunca deixar os tripulantes de naus portuguesas ou francesas se assenhorearem totalmente das riquezas da terra.

— Ou faremos trocas compensadoras ou os expulsaremos daqui — diz Taparica.

— Daremos o ibirapitinga somente por armas de fogo — diz Caramuru. — Temos de nos resguardar de Gurupeva.

Muitas naus de perôs e mairs têm passado ao largo da Bahia de Todos os Santos. Um dia, identificando pela bandeira três naus espanholas, Staden e Diogo acham que em breve terão problemas para deter os estrangeiros cada vez mais em maior número.

Saberão mais tarde que se trata de algumas naus desgarradas da expedição do espanhol João Dias de Solis, que já vinha cortando o pau-de-tinta em regiões mais ermas. Perseguido pelo português Cristovão Jacques, as embarcações remanescentes serão destruídas à vista dos tupinambás nos baixios de Mairagiquiig.

Era uma expedição guarda-costas, e o seu comando foi entregue a Cristovão Jacques, que tinha fama de intrépido e de valente até a loucura, além de excelente navegador.

Sérgio Macedo

É certo que o português Cristovão Jacques percorreu as costas brasileiras durante alguns anos, a princípio liderando "expedição guarda-costas", e outras vezes transformando a sua atividade no que alguns historiadores chamaram de "expedição mi-

litar", o que queria dizer pirataria no mar (o alvo eram os navios franceses) e hostilidade em terra.

É certo também que fundou alguns fortes e feitorias de Sudeste ao Sul, mas quando chegou à Bahia de Todos os Santos, final de perseguição aos navios do capitão Solis, resolveu fazer uma parada estratégica, para saber que tipos de "habitantes clandestinos" (já ouvira falar em Caramuru) estavam na região.

Saqueadas e queimadas as naus espanholas, Cristovão Jacques manda três batéis à terra com soldados e alguns presentes para os tupinambás. Seu porta-voz é um muçulmano de nome Abd-el-Kader, que entra logo em contato com Staden, Caramuru e Taparica. Os guerreiros mais jovens, todos na praia, formam uma espécie de guarda protetora dos chefes da aldeia da Pluma Grande.

Taparica recebe os presentes e elogia a ação guerreira que testemunhara no mar, mas não quer falar com Abd-el-Kader e sim com o capitão daquela armada: e que ele venha apenas com um batel e poucos soldados, pois os tupinambás não estão em guerra com os portugueses.

Por sugestão de Staden e Diogo, o tuxaua Taparica tem agido sempre assim em relação aos estrangeiros, preservando a autonomia da nação em terra. O alemão ainda usa a sua longa barba ruiva e, embora despido como os silvícolas, pode mais facilmente ser identificado como um branco do que Diogo Álvares, queimado de sol e com algumas pinturas pelo corpo.

O árabe Abd-el-Kader, um aventureiro assassino, intenta dizer que as três naus à vista do capitão Cristovão Jacques dispõem de 50 bocas de fogo e que é desejo do súdito do rei D. Manuel (o Venturoso) estabelecer também uma feitoria nas proximidades dos baixios de Mairagiquiig.

A um sinal de Taparica — era a sua resposta à afronta do muçulmano — seus jovens guerreiros, que se postavam em dois planos do terreno, orientados por Staden e Diogo, levantam os arcos e flechas e disparam uma sibilante rajada por cima dos soldados portugueses.

— Conversaremos com o capitão Cristovão Jacques — diz o tuxaua e convence o já irascível Abd-el-Kader, que retorna à nau-capitânia.

Na praia da baía, a expectativa continua por toda a noite. O que sempre temiam os chefes tupinambás: que num momento

desses, que serão mais freqüentes de agora em diante — navios piratas ou não na espreita das riquezas da terra —, Gurupeva se aliasse aos estrangeiros para combater Taparica, ainda de olho em Paraguaçu e na aldeia da Pluma Grande.

Por isso não serão muito rígidos de agora em diante, como o foram com Fernão de Noronha alguns anos atrás. Staden, Diogo, Taparica e Djaê têm conversado muito sobre isso. Ainda agora, enquanto Cristovão Jacques decide se vai à terra ou não, eles discutem sobre uma aliança entre os navegadores portugueses para combater Gurupeva, adiantando-se estrategicamente a este.

Mas a reação do capitão, "valente até a loucura", é intempestiva e surpreendente. Na calada da noite, pequeno grupo de espadachins, comandado por Abd-el-Kader, vai até a praia e seqüestra dois homens da guarnição do tuxaua Taparica, entre eles o Caramuru-açu. Pela manhã, Staden descobre o que acontecera.

Taparica despacha mensageiro para avisar Paraguaçu e que ela poderia descer aos baixios com as suas cunhãs-guerreiras. Outros jovens são instruídos para que tragam mais igaras da aldeia. As naus de Cristovão Jacques não estão em posição de tiro com seus inúmeros canhões, mas em fila, proa no rumo da praia, o que desconserta Staden, Taparica e Karnapió.

— Talvez o capitão queira negociar — diz o alemão.

Paraguaçu, quando chega com as suas guerreiras, Moema e Enorê no meio delas, não quer saber de esperar por alguma conversa com o capitão Cristovão Jacques. Ela está grávida de três meses de seu segundo filho, mas continua esbelta e bonita. Pelo seu Caramuru-açu fará qualquer coisa e Moema pensa que terá mais uma oportunidade para também mostrar o seu amor pelo guerreiro branco.

Taparica e Staden se vêem às voltas com a decisão de Paraguaçu, que embarca as suas mulheres em duas canoas e se faz ao mar. O alemão espera ordem do tuxaua e organiza uma espécie de pelotão de cobertura e lidera, também em igaras velozes, com remadores fortes, os guerreiros tupinambás que estavam na praia.

Sem que Staden e Paraguaçu percebessem, o capitão português começa a manobrar a estibordo e quase que repentinamente dispara os seus canhões. Surpresa entre os silvícolas, mas

as naus, descobrem logo, não atiram contra eles, e sim enfrentam uma pequena frota de navios franceses que se aproxima da entrada da baía.

Os franceses respondem ao fogo, aproximando-se rapidamente. De repente, Paraguaçu e Staden, com seus guerreiros, se vêem no meio de uma batalha naval. Forma-se logo tremenda confusão, velas pegando fogo, mastros sendo estilhaçados pelos tiros de canhões, os gritos de soldados e tupinambás. Paraguaçu, em pé e de lança em punho na proa da igara — tamacuera no ombro direito com algumas flechas e o grande arco preto —, está agora ao lado da canoa de Staden, que lidera o outro grupo.

— Arú nenerúpe Caramuru-açu! — grita a princesa da selva. — Trazer o Caramuru-açu!

Quando as naus francesas e portuguesas se encontram a poucos metros de distância, começa a abordagem pelos soldados do capitão Cristovão Jacques e a luta corpo a corpo se desenrola, cruel e selvagem, nos navios da França. Staden e Paraguaçu levam seus guerreiros para a proa da nau-capitânia, que praticamente está parada, apenas com a bujarrona a meio mastro.

As cunhãs-guerreiras de Paraguaçu sobem rápidas pelo casco, como se estivessem galgando as grandes árvores da floresta. Armadas de afiadas lanças, espetam os soldados-sentinelas que as enfrentam, atirando-os ao mar. Staden vem atrás com uma segunda leva de guerreiros, mas é Paraguaçu quem abre caminho. Como a batalha naval está se travando nos navios franceses, a resistência na nau-capitânia portuguesa é pequena.

Staden, que conhece bem as embarcações daquele tipo caravela, indica a Paraguaçu a direção da escada que leva aos porões, mas neste momento a filha do tuxaua vê o Caramuru-açu, ao lado de outro branco: eles estão em rota de fuga e duelam com as suas espadas. Mas um maior número de mercenários se concentra nos dois prisioneiros e aos poucos eles recuam para os primeiros degraus da escadaria que leva às masmorras. É neste momento que Paraguaçu, com a cobertura no convés de Staden e seus guerreiros, começa a usar as suas flechas.

Caramuru e Rodrigo de Acuña, o espanhol que está com ele, vêem cair, um a um a seus pés, os soldados que os enfrentavam. Vendo aquelas flechas certeiras, algumas enfeitadas com penas vermelhas de arara, Diogo se desconcentra um pouco da

luta e descobre Paraguaçu, serena e corajosa, empunhando o seu grande arco de guerra. E descobre também Staden.

Alguns mercenários restantes, dos que haviam ficado a bordo, acabam se jogando ao mar, enquanto Paraguaçu e Caramuru se estreitam num comovente abraço.

Diogo exclama para a sua mulher:

— Moy robyeté hepiák ipónéỹ! (Nunca tive visão tão bonita desde que estou aqui!)

Surpreso, ele vê, ao lado de Paraguaçu, as também belas Moema e Enorê. Abraça o amigo alemão, que diz:

— Esta nau está à deriva... Podíamos tomar conta dela, Diogo, e a armaríamos como posto avançado de defesa da Bahia de Todos os Santos.

Uma nau francesa, avariada e parecendo desgarrada, vem em direção à capitânia do capitão Cristovão Jacques, que ainda está atarefado com os seus mercenários na abordagem dos navios inimigos.

É Paraguaçu quem dá ordem de retirada e todos saltam a amurada para alcançar as igaras. A operação-salvamento do Caramuru-açu estava feita e com positivo resultado. Unidas as igaras em direção à praia, enquanto a batalha no mar continuava, Staden verifica que pelo menos duas canoas dos tupinambás tinham sido postas a pique. Alguns silvícolas conseguem alcançar as igaras do alemão e de Paraguaçu. Com remadores fortes, em breve alcançam a praia.

— Não vimos o famigerado árabe Abd-el-Kader — diz Staden para Taparica, que os recebe com muita alegria. — Mas o Caramuru-açu, graças à princesa, está salvo.

E apresenta o novo estrangeiro:

— Tuxaua, este é Rodrigo de Acuña, que também ajudou Diogo a fugir.

— Augebé (Muito bem) — diz Taparica. — Rodrigo de Acuña será nosso hóspede.

Uma dúvida tinha ainda Diogo:

— Como foi que Paraguaçu e Staden foram direto à nau onde eu me encontrava?

— Ela... por puro instinto... — diz o alemão. — Eu racionalizei a coisa: se Cristovão Jacques queria barganhar com os prisioneiros, eles só poderiam estar na nau-capitânia.

— Tivemos também muita sorte — diz Diogo. — Infelizmente tenho a relatar ao poderoso Taparica a morte de Potiri,

que foi seqüestrado comigo. Logo que eu e Rodrigo nos desvencilhamos das amarras, Potiri foi atingido por uma bala de arcabuz.

O grupo de guerreiros ainda na praia ouve apenas um ou outro canhão ao longe. E podem observar que o capitão Cristovão Jacques saiu vencedor daquela batalha. Os navios franceses foram a pique e deles só restam os mastros mais altos, que acabam por mergulhar no oceano. Embora com as naus bastante avariadas, o capitão português, vendo que acabara por molestar os tupinambás, em terra e no mar, resolve voltar a Portugal. Ele, afinal, está satisfeito porque leva muitos prisioneiros franceses e alguma carga que conseguira saquear.

"Vendo o capitão que tinha molestado muitos indígenas, ao destruir os navios franceses, se fez ao largo. A Portugal regressou levando seus troféus de guerra, espadas, lanças e muitos prisioneiros, que iriam padecer e morrer nos calabouços portugueses."

"A notícia do combate naval travado em águas da Bahia estourou na França como uma bomba, irritando o rei Francisco I, que imediatamente enviou uma embaixada a Portugal, protestando contra os atos de Cristovão Jacques e reclamando justiça do monarca português."

A Espanha também reclamou das atividades "do demônio Cristovão Jacques", enviando embaixada diplomática à corte de Lisboa. Mas os reis não faziam caso dessas reclamações e continuavam a armar seus navios de guerra. E muitos historiadores reconhecem "que foram as façanhas de Cristovão Jacques" que levaram Portugal a encarar com seriedade a colonização do Brasil, "temeroso de ter de abandonar o país às represálias ou à cobiça dos franceses".

2

A MORTE DE MOEMA

Vivendo (Caramuru) entre os selvagens, amansou-lhes um pouco os costumes e casou com uma jovem bugre, filha de um dos principais morubixabas.

A. Souto Maior

Caramuru, o dragão do mar, um português que naufragou na Bahia nos primeiros anos do descobrimento, exerce grande predomínio sobre os selvagens; à sombra e proteção dele é que se coloniza a Bahia.

João Ribeiro

1526

As incursões às costas da Bahia de Todos os Santos nunca mais iriam cessar por parte dos europeus. O cerco aos tupinambás e aos seus fiéis amigos brancos cada vez se aperta mais. Paraguaçu e Caramuru vão para o seu quarto filho homem, e ele e o avô Taparica ficam felizes e envaidecidos.

A linda princesa e o Dragão do Mar já têm Gaspar (Japuaí), Marcos (Karaí), Manuel (Manén) e esperam João (Momboré, que quer dizer trombeta). Alega Paraguaçu que João já esperneia e chora como uma momboré na sua barriga. Nestes poucos anos, Gurupeva fez algumas tentativas de surpreender os habitantes da aldeia da Pluma Grande. Certa vez chegou a raptar umas poucas mulheres e saqueou o pequeno posto de vigia dos baixios de Mairagiquiig.

Taparica e Djaê sabem, juntamente com seus amigos brancos, que enquanto viver Gurupeva, tanto eles na aldeia quanto os europeus que se acercam da baía bem-intencionados, não sossegarão. E sentem que já não podem protelar mais o escambo e a aliança com os tripulantes das igaraçus estrangeiras.

É naquele posto de observação na costa que Staden e Diogo, agora ajudados por Rodrigo de Acuña, constroem uma espécie de fortificação, futura feitoria para trocas e afinal vila, onde se instalará o futuro donatário da Bahia, Francisco Pereira Coutinho, "o antigo vencedor dos Runes e Malabares da Índia", mas que acabará sob o tacape da morte de Gurupeva.

Rodrigo recebe muitas propostas de casamento por parte dos pais das moças casadoiras da aldeia da Pluma Grande, mas ele, contrariando as expectativas racionais do amor, só tem olhos para a bela Moema, que continua solteira, solitária e triste. Com a sucessiva gravidez de Paraguaçu, Moema passa a liderar as cunhãs-guerreiras, e já esteve novamente em combate quando da perseguição de algumas igaras do morubixaba Gurupeva.

Quase todos os meses, agora, os tupinambás viam passar ao largo alguns navios de mercadores, contrabandistas e corsários europeus. Após a aparição tempestuosa do capitão Cristovão Jacques passou, no rumo de Pernambuco, o flibusteiro francês Jean Duperret. O rei Francisco I queria uma colônia nas costas atlânticas, "possivelmente em Pernambuco, a terra mais saliente a Oeste da Europa".

Fruto da ação devastadora do pirata Jean Duperret é a decisão de D. João III de enviar uma frota colonizadora às terras dos brasis. Antes, no entanto, os tupinambás receberão a visita de um francês mais comedido e educado, o capitão Jacques Cartier, que comanda também frota de três naus armadas e um bergantim com uma carga de pau-de-tinta recolhida em algum ponto da costa nordestina.

Ele também fica muito admirado por encontrar europeus, "casados e com filhos" entre os tupinambás. Como trouxe presentes e não exigiu nada de volta, Taparica o acolhe bem e o considera hóspede, pois Staden e Diogo dizem confiar no capitão Jacques Cartier.

Ou por simples nostalgia do passado ou por curiosidade, o espanhol Rodrigo de Acuña quer voltar à Europa com o capitão francês e acaba convencendo Caramuru a ir com ele junto com Paraguaçu. O alemão Staden acha temerária a viagem, por ser muito longa e imprevisível, e certamente a princesa da selva não se daria bem por lá. Mas é a própria Paraguaçu quem incentiva o marido a fazerem tal excursão. E diz inteligente e significativamente:

— Che ñyã neín kaáguára. (Meu coração não é habitante do mato.)

Diante da ação avassaladora e incontrolável dos europeus, os indígenas não tinham muito a escolher: fugir para a mata ou aceitar os menos ruins

Benedito Prezia

Preocupa-se ainda Staden com o fato de que a viagem de Diogo e a mulher é para a França e não para Portugal "e certamente D. João III se encherá de ciúmes", o que foi comprovado por Martim Afonso de Sousa quando alguns anos mais tarde chega à Bahia.

Afinal a viagem com o capitão Jacques Cartier será feita. Diogo Álvares veste-se à européia com o remanescente das roupas tiradas dos porões da nau do capitão Du Plessis e Paraguaçu enverga um lindo vestido de seda, presente do capitão francês: levam mais um baú com outras vestimentas. Enorê e Staden se prontificam a cuidar dos filhos pequenos de Caramuru, enquanto Moema, sumida, omissa — muitas vezes ficava dias pela floresta —, na verdade não sabe o que está acontecendo.

O historiador Rocha Pitta, baseando-se no frei Vicente do Salvador, dá uma versão diferente para o embarque de Caramuru e Paraguaçu. Teria Diogo Álvares, que vivia muito bem com sua mulher e os tupinambás, fugido a nado para pegar um navio francês que se acercara da Bahia. Paraguaçu descobrira a fuga do amado e também sai a nado atrás dele. Um batel os recolhe a meio caminho "e os conduziu ao navio; era francês, e os transportou àquele reino".

E vem mais uma informação errada, equivocada, do douto historiador: "Dominavam a França Henrique de Valois, segundo do nome, e Catarina de Médicis, reis cristianíssimos"... Tão cristãos que ela é responsável pelo massacre da noite de São Bartolomeu, quando foram assassinados muitos protestantes.

"Informados do sucesso e qualidade dos hóspedes, os receberam com real agrado e despesa, dando em soleníssimo ato, com assistência de muitos príncipes, a ela o sacramento do batismo com o nome da rainha, e a ambos o matrimônio, sendo-lhes em um e outro padrinhos os reis, que lhes conferiram honoríficos títulos"... Não era Henrique II quem reinava na França à época e sim Francisco I, embora a concubina fosse a mesma... Diana de Poitiers. Tampouco Paraguaçu recebeu no batismo o nome da rainha.

Quem se espanta e pensa que o Caramuru-açu está indo embora é a tristonha e desiludida Moema. Ao voltar de solitária caminhada pela floresta, recebe a informação de que ele embarcara na igaraçu do capitão Jacques Cartier. Moema não vacila um só segundo e se lança a nado atrás da nau. A bordo ninguém toma conhecimento da cena, mas Staden e Enorê tentam, numa rápida igara, alcançar Moema para dissuadi-la de tamanha loucura. A nau-capitânia se afastando, Moema enfrentando as ondas revoltas, a canoa de Staden e Enorê no seu encalço.

Na praia, alguns tupinambás e o próprio Taparica vêem tudo. Moema há muito ficara para trás. Faltam-lhe as forças e

ela de vez em quando afunda nas ondas. Enorê e Staden gritam por ela, até que Moema desaparece — ao longe a nau *S. Gabriel* já quase some no horizonte. A mãe de Moema, que estava ao lado de Xeremimó, começa a choramingar. Piravavá, pai de Enorê, não desprega os olhos da igara onde está a filha com o Barba Ruiva. Naquele trecho de praia, nos já históricos baixios de Mairagiquiig, a tristeza é profunda e lamentosa.

Santa Rita Durão, no seu poema *Caramuru*, preocupado com a "fidelidade histórica", segundo Antônio Cândido, descreve Paraguaçu "de cor tão alva como a branca neve". Ainda com a sua "boa informação das coisas", Durão retrata uma Moema se sentindo vítima de ingratidão e de traição por parte de Paraguaçu. Mas é certo que a princesa filha de Taparica tudo fará por Caramuru, "quero o batismo teu, quero a tua igreja / meu povo seja o teu, teu Deus meu seja".

Alguns anos depois da viagem de Caramuru e Paraguaçu à França, o cosmógrafo e frei André Thevet conta a Nicolau Durand de Villegagnon o que de fato se passara por lá àquela época. Ao lado de Thevet está Le Testu, seu velho companheiro de aventuras no mar.

O diálogo entre os navegadores foi o seguinte:

— Gostaria de encontrar-me com ele, Diogo Álvares, o Caramuru — diz Villegagnon. — Sei que esteve na França com a mulher índia, Paraguaçu. Foi na época da minha campanha com Carlos V na Argélia... É verdade que eles desembarcaram em Rouen e depois foram a Paris?

— Não, Excelência — diz Thevet. — Caramuru e Paraguaçu desembarcaram em Saint Malo e lá ficaram na casa do capitão Jacques Cartier, o descobridor do Canadá. Como amigo chegado do comandante Cartier, sei da verdadeira história, senhor.

— Então nos conte, frei Thevet — pede Villegagnon. — Tudo o que diz respeito a ele me interessa. Sei que Diogo Álvares Correia é um homem admirável, um espadachim, um arcabuzeiro de primeira ordem. Caramuru poderá nos ajudar, em algumas circunstâncias, mesmo estando na Bahia.

É certo que o vice-almirante da Bretanha estava pronto para partir para o Brasil, onde sonharia com uma França Antártica. Já tinha o apoio de gente importante como do próprio rei Henrique II, do almirante Gaspar de Coligny, do cardeal de Lor-

raine e dos Guises. E tal viagem fora preparada sob rigoroso sigilo.

Conta o franciscano André Thevet:

— A mulher do capitão Jacques Cartier, Catarina des Granches, acolheu a bela Paraguaçu e seu marido com todas as honras. Preconceituosos, preocupados com o falatório da corte, acabaram batizando Paraguaçu com o próprio nome da mulher de Cartier, Catarina. A homenagem, na verdade, era dupla, porque a esposa d'El-Rei D. João III também se chama Catarina.

— Coisas da política e dos preconceitos provincianos, suponho — observa Villegagnon.

— Isso mesmo, Excelência. Os franceses, de qualquer maneira, temiam alguma insatisfação dos portugueses diante da visita de Caramuru — continua Thevet. — Só mais tarde é que o casal foi levado a Paris. Paraguaçu, já cristã — ela sempre disse que seguiria o marido em todos os seus caminhos —, aceitou orar na Notre-Dame e na Saint-Chapelle. Os dois ficaram na modesta hospedaria Hostellerie de l'Ange.

— O rei Francisco I os recebeu, sem dúvida — diz Villegagnon.

— Sim, comandante, e toda a corte ficou deslumbrada com a beleza da princesa Paraguaçu. E ela ficou espantadíssima com aquela guarda suíça de cem infantes que acompanhava o rei para todos os lados, e mais com aquele mundo ostentador de damas e cavalheiros.

— Frei Thevet esquece-se de que também conheci a corte do rei Francisco I... — observa Villegagnon, sentindo nas palavras do franciscano uma certa ironia ou crítica.

— Sim, Excelência, refiro-me ao que causou espanto aos íncolas... Bem, Diogo Álvares, o Caramuru, teve um encontro importante em Paris (os portugueses, a essa altura, estavam de fato com ciúmes por ter Caramuru, um português, súdito fiel até prova em contrário, preferido visitar a França). Ele conversou com o Dr. Diogo de Gouvea, amigo de D. João III, e teria pedido para o nobre convencer o rei a colonizar o mais rapidamente possível o Brasil, praticamente abandonado desde o descobrimento por Pedro Álvares Cabral.

— É certo que Caramuru teria conversado também com o futuro bispo Pero Fernandes Sardinha — lembra Le Testu. — E o bispo acabou sendo devorado pelos tupinambás.

— Sim, o mesmo erro que cometeu o donatário Francisco Pereira Coutinho — explica Thevet. — Hostilidade contra os nativos. Sob esse aspecto, creio que Caramuru fechava os olhos... e não interferia como genro do tuxaua Taparica. Bem, a princesa Paraguaçu acabou adoecendo da barriga e o casal teve que voltar à Bahia.

— Se Caramuru trouxe a mulher à França, é certo que tem alguma simpatia ou preferência pelos franceses — diz Villegagnon. — Gostaria muito de entrar em contato com Diogo Álvares quando chegar ao Brasil, frei Thevet.

— Sem dúvida, Excelência, podemos mandar um mensageiro à Bahia. Caramuru pode ter envelhecido, mas ainda está ativo, bem como a mulher, guerreira no passado e hoje matrona respeitável. Suas filhas estão casadas com fidalgos e homens ilustres. Seus filhos são cavalheiros da Casa Real e sertanistas famosos.

— É verdade que Caramuru tem ajudado o bastardo Tomé de Sousa... que diz abertamente que índio bom é índio morto?

— O que mais ele poderia fazer, Excelência? Os portugueses já se instalaram, como eles próprios dizem, de mala e cuia. A frota do Primeiro Governador Geral, chamada de A Armada do Brasil, foi a maior expedição já saída do Tejo com "mil homens de peleja". De qualquer maneira poderemos atrair Caramuru para a nossa causa, almirante.

— Sim, frei Thevet, por que não?

3

A MORTE DE STADEN

Na Bahia de Todos os Santos, Martim Afonso de Sousa encontra o português Diogo Álvares Correia, o Caramuru, a quem recorre e de quem recebe auxílio.

Luís Fernando Mercadante

Por amor exclusivamente a Diogo Álvares, Catarina Álvares esqueceu o seu deus, pre-

ferindo o novo Deus do seu esposo. E abandonou, deste modo, o Tupan das selvas primitivas pelo Jeová dos altares estranhos.

Alberto Silva

1529

— "Que vos parece, Martim Afonso, passarmo-nos para o Brasil?" — indaga D. João III a um dos "fidalgos da sua privança".

Depois de Álvares Cabral, Gaspar de Lemos, Américo Vespúcio, Fernão de Noronha, Cristovão Jacques, chegara a vez de Martim Afonso de Sousa. O rei, que sempre elogiava o Brasil ao Papa Júlio III ("o Brasil é uma terra muito grande em que se pode fazer um grande serviço a Nosso Senhor"), preocupa-se, principalmente, com os piratas franceses, que continuavam "a forragear o nosso litoral".

Ambicioso, capaz, beirando os trinta anos de idade, Martim Afonso era um grande admirador de Cabral: tendo nascido no mesmo ano do descobrimento do Brasil, achava o fidalgo que havia nesse fato algo que o predestinava a grandes feitos. Estivera, em 1520, em Santarém, visitando o túmulo do navegante, na igreja da Graça. Naquela ocasião achara estranho que a inscrição na tumba exaltasse mais os méritos da mulher de Cabral, Isabel de Castro, "camareira-mor da infanta Dona Maria", do que os do descobridor.

Martim Afonso passou quase um ano nos preparativos da sua frota e D. João III não tinha mãos a medir com as despesas. Três naus e duas caravelas: a capitânia *São Jerônimo*, as naus *São Miguel* e *São Vicente*, e as caravelas *Princesa* e *Rosa*, e mais "trabalhadores de várias profissões formaram o grupo de quatrocentas pessoas".

Um detalhe a favor do esmero com que D. João III tratava Martim Afonso, é que tinham sido amigos de infância e o jovem fidalgo e militar já tinha escoltado, em viagem perigosa, tanto a mãe do rei, Dona Leonor, quanto sua futura esposa, Dona Catarina.

Antes de partir, Martim Afonso recebe o título de Conselheiro da Coroa e é nomeado capitão da esquadra colonizadora.

Os poderes do ilustre fidalgo eram quase ilimitados: teria plena jurisdição sobre as pessoas e assim, com o direito de justiça, podia até aplicar a pena de morte. E mais: devia "colocar marcos indicadores de posse" e a seu bel-prazer doaria terras e poderia "nomear tabeliães e oficiais de justiça, instalando no Brasil a administração portuguesa".

Completam o grande aparato do capitão, padres, fidalgos, soldados, incluindo navegadores de larga experiência, como seu irmão Pero Lopes de Sousa e mais Pero Lobo Pinheiro, capitão do galeão *São Vicente*, Heitor de Sousa, capitão da nau *São Miguel* e Diogo Leite, encarregado das caravelas *Princesa* e *Rosa*. Com eles viajam os fidalgos e aventureiros Paulo Dias Adorno e Custódio Rodrigues.

A meta primária de Martim Afonso foi Pernambuco, à época a região mais assediada pelos piratas franceses. E é ali mesmo, em batalha naval rápida e eficiente, que ele incorpora à sua esquadra dois barcos, dando-lhes o nome de *Nossa Senhora das Candeias* e *Santa Maria do Cabo*. As naus francesas estavam abarrotadas de pau-brasil. Destino da tripulação sobrevivente: o mar e os tubarões.

— Não podemos manter prisioneiros — explica Martim Afonso. — Nosso destino é o Sul e temos ainda muito que navegar.

Em Pernambuco, ele encontra o fortim erguido por Cristovão Jacques destruído. Deixa alguns colonos com armas e sementes. A madeira apreendida dos franceses é enviada imediatamente a Portugal numa das caravelas cujo capitão é um dos seus oficiais imediatos, João de Sousa. A caravela restante e mais uma nau, Martim Afonso despacha para o Norte, comandadas respectivamente por Diogo Leite e Baltazar Fernandes.

"Prosseguindo viagem em direção ao Sul, Martim Afonso de Sousa arribou à Bahia, aí permanecendo vários dias."

Durante sua estada na Bahia de Todos os Santos, os portugueses tiveram ocasião de assistir a um combate travado entre índios do continente e da Ilha Grande.

Sérgio Macedo

Quando Diogo Álvares e Paraguaçu regressaram da França (Rodrigo de Acuña os acompanhou de volta), encontraram o

velho tuxaua Taparica muito doente. Staden e Djaê tratam dele, mas praticamente ele já passou o comando ao seu primo Matarapuá.

Gurupeva continua como uma sombra negra ao lado da Bahia de Todos os Santos: mais radical, não quer saber dos estrangeiros e ainda almeja ser o tuxaua da aldeia da Pluma Grande e o marido de Paraguaçu. Assim é que Diogo, de volta, resolve, junto com os amigos Staden, Rodrigo de Acuña e a aquiescência de Taparica e Matarapuá, pedir ajuda à primeira frota que encostasse por aquelas bandas. Ajuda para liquidar de vez com Gurupeva e seu cada vez mais forte império.

Ainda vai se passar algum tempo até a chegada de Martim Afonso. Franceses, espanhóis e holandeses ao largo, roubando o pau-brasil, Paraguaçu tendo mais filhos e por fim o casamento, com o dissabor da morte de Moema, de Rodrigo de Acuña com a filha de Migan, que morrerá logo de parto. Enquanto o casal Caramuru é bastante prolífero, Staden e Enorê nunca tiveram filhos, o que desagrada sobremaneira o alemão.

Após os quatro filhos homens, Paraguaçu passou para as mulheres, e já teve duas, Felipa (Jaceí-Tatá-açu/Estrela da Manhã) e Ana (Jaceí-Tatá-miri/Estrela Pequena). Seu velho tapiaçu ainda vive e entre uma gravidez e outra, ela acompanha o marido e os filhos homens nas caçadas e pescarias. Gaspar e Marcos, os mais velhos, já usam muito bem o arco e a flecha (matam os caititus também com machadinhas) e o jekeá na captura dos peixes.

A vigilância nos baixios de Mairagiquiig, naquele simulacro de feitoria e forte criado por Diogo e Staden continua, com mais o reforço de Rodrigo de Acuña. Diogo chama o lugar de vila e ela irá crescer e receber o donatário Pereira Coutinho e depois Tomé de Sousa e se desenvolverá na futura cidade de Salvador.

Numa bela manhã do dia 13 de março de 1530 chega à Bahia a frota de Martim Afonso de Sousa. Perôs ou mairs, chegara a hora da decisão quanto à aliança dos tupinambás com os brancos e a sua conseqüente união para a luta contra Gurupeva.

Os primeiros a pisar a terra firme são os fidalgos e aventureiros Paulo Dias Adorno e Custódio Rodrigues. Eles vieram em esquife precursor, pedindo licença aos tupinambás para abastecer as naus do capitão Martim Afonso de Sousa. Não se fala

ainda em expedição colonizadora, mas cedo o tuxaua Matarapuá e os estrangeiros que vivem com os silvícolas sabem das verdadeiras intenções do navegador.

A Vila que Caramuru e Staden haviam construído, nas proximidades da praia, abriga os hóspedes ilustres: era uma maneira sábia de não levar os usurpadores estrangeiros para a aldeia da Pluma Grande. Rodrigo de Acuña e sua mulher tupinambá já moram lá. O fato é que o Caramuru-açu e o Orê Ruchichab desejavam o melhor para os silvícolas, mas sem radicalizarem a posição de nada quererem com os "descobridores" de suas terras. E nisso estavam há muito de acordo o tuxaua Taparica e o pajé Djaê, que é agora quem orienta Matarapuá.

Martim Afonso, muito bem recebido, manda desembarcar de suas naus utensílios agrícolas, foices, machados, pás e mostra as sementes que trouxera e mudas de plantas. O capitão faz uma visita de cortesia ao tuxaua Taparica e conhece a mulher e os filhos do Caramuru-açu. Felipa e Ana ainda são meninas, mas descobrem logo algo de especial, nelas, os fidalgos Paulo Dias e Custódio Rodrigues.

Os dois ficam deslumbrados com a vida paradisíaca do lugar e ajudam a construir novas palhoças na Vila do Caramuru, onde morarão. Fidalgos, soldados, se prontificam logo a combater Gurupeva quando Diogo e Staden pedem ajuda a Martim Afonso.

O capitão não vai deixar muitos colonos no lugar porque, como alegou, já fizera isso em Pernambuco e o repetirá nas feitorias que pretende construir no Sul. Mas deixa com Dias e Rodrigues meia dúzia de soldados, bem armados com arcabuzes, lanças e espadas, "para servirem ao posto da colônia da Bahia de Todos os Santos".

Diogo e Staden insistem para que Martim Afonso de Sousa, antes de partir para o Sul, dê cobertura de artilharia, com os canhões de suas naus, ao ataque que os tupinambás pretendem fazer à Ilha Grande e Ilhéus, à procura, principalmente, de capturar o morubixaba Gurupeva.

O capitão diz que fará isso, "uma salva de tiros" em cima da aldeia Itaparica e logo seguirá para o Sul.

— Os senhores, vassalos e súditos d'El Rei D. João III, que se arranjem, e muito ganharão se levarem a cabo o intento de destruir tal morubixaba encrenqueiro.

Promete que todos os anos enviará naus de abastecimento "e soldados colonos, pois quero ver esta Vila crescer e prosperar". Ele diz ainda a Diogo e a Staden que ficou muito bem impressionado com a organização política e social da aldeia da Pluma Grande, e satisfeito por ver europeus em pleno congraçamento com os silvícolas, "na terra nova que será nova nação, grandes jardins e pomares que não me lembro haja visto pano de rás tão belo".

O ataque à Ilha Grande e a Ilhéus é preparado. Como demanda para o Sul, Martim Afonso atacará primeiro a ilha e pela costa passará ao largo de Ilhéus, daí seguindo viagem. Isso foi o combinado, mas ele assistirá ainda à luta corpo a corpo em terra.

Staden, Diogo, Piravavá, Xeremimó, Karnapió e outros tupinambás de destaque comandam grupos de igaras com os remadores e flecheiros mais fortes da aldeia. A estratégia de ataque é ditada pelo alemão, que muito aprendera, junto com Diogo, Sanches e Juniparã, na Academia de Guerra do capitão Du Plessis.

Eles sabiam que não iriam surpreender Gurupeva e Jaguara porque, mesmo desembarcando na parte Sul da ilha, os morubixabas mantinham ali forte aparato de defesa e contavam com muitos guerreiros. O que esperavam, no entanto, para o sucesso do ataque, era que a artilharia do capitão Martim Afonso danificasse bastante as aldeias e fizesse os silvícolas se internarem no continente.

Dois jovens guerreiros, por sugestão de Djaê e concordância do moribundo Taparica, que não se levantava mais da sua rede, foram encarregados de uma missão importante e arriscada. Eram eles Tekuara-ubuí e Ariconte. Eles desembarcariam também na ilha, mas evitariam a luta para não chamar a atenção sobre si: se infiltrariam pelas fileiras com um único objetivo: alcançar, com suas certeiras flechas, Gurupeva e Jaguara.

Decepada a cobra de duas cabeças, os tupinambás daqueles lados concordariam com uma aliança com Taparica e Matarapuá. Isso era o que todos esperavam que acontecesse. Staden e Diogo ainda dariam cobertura aos dois jovens guerreiros, abrindo, com suas afiadas espadas, caminho entre os contendores.

Quando eles ouviram o troar dos primeiros canhões de Martim Afonso, partiram com as igaras no rumo da Ilha Grande. Levas de cinco, com quinze guerreiros em cada canoa. Os

flecheiros desembarcam em primeiro lugar, atingindo os primeiro termiminós do posto avançado de Gurupeva. Logo atrás, os lanceiros espetam os silvícolas que escaparam das nuvens de flechas. Pouca resistência por ali. Staden, Diogo e Rodrigo de Acuña vêem passar ao largo as naus de Martim Afonso, no rumo de Ilhéus e logo em seguida começam a descobrir os estragos feitos pelos seus canhões na aldeia Itaparica.

Numa outra ponta de lança, "em pinça", desembarcam, comandando seus tupinambás, Paulo Dias e Custódio Rodrigues, espadas em punho. Eles tinham partido antes das levas de igaras de Staden e Diogo, pois desembarcariam pelo Norte. Lá, também esperaram pelo barulho dos canhões das naus portuguesas.

No ardor da refrega, já adentrando a aldeia termiminó, Staden comenta com o amigo Diogo:

— Até agora não vimos Gurupeva ou Jaguara — volta-se para Tekuara-ubuí e Ariconte e diz: — Espalhem-se e procurem pelos morubixabas.

Já no centro da taba, eles constatam que Gurupeva, como se tivesse sido avisado do ataque, retirara das malocas mulheres e crianças. Muitas palhoças estão destruídas pela ação dos canhões e a resistência também ali é fraca.

Reunidos os chefes de guerra no centro da aldeia, concordam em partir imediatamente para Ilhéus, ao Sul, que já estava também sendo bombardeada por Martim Afonso. O resto das malocas foi incendiado e os tupinambás não quiseram fazer prisioneiros, ou não tiveram tempo para tal. Todos, feridos ou não, foram golpeados por bordunas ou atingidos por flechas e lanças.

Diogo e Staden que viam agora, partícipes e aliados, os tupinambás em ação de guerra pela primeira vez, ficaram admirados com a coragem e a desenvoltura dos jovens guerreiros. Tekuara-ubuí e Ariconte estavam algo decepcionados porque não haviam ainda cumprido a sua missão. A estratégia de Gurupeva fora perfeita: temendo os soldados das tripulações das naus portuguesas, aliados aos tupinambás, se retirara, preservando assim a sua liderança, para ocasião mais propícia. E assim muitos termiminós foram sacrificados, para que o morubixaba continuasse vivo e atuante.

Em Ilhéus aconteceu a mesma coisa. Pouca resistência, malocas abandonadas e destruídas, e por fim incendiadas. As naus de Martim Afonso já quase desaparecem no horizonte.

— Está feito, mas não conseguimos grande coisa... — murmurara Staden. — E Gurupeva vai nos procurar por isso.

— Mas hoje estamos melhor preparados para ele, lá na aldeia da Pluma Grande ou nos baixios de Mairagiquiig — diz Diogo.

Os fidalgos-soldados Paulo Dias e Custódio Rodrigues, espadas ainda tintas de sangue, sugerem uma busca pelas redondezas de Ilhéus, numa tentativa de encontrar Gurupeva e Jaguara.

— Seria suicídio, amigos — diz Staden. — Gurupeva conhece todos os buracos deste sertão. Erramos quando não insistimos com o capitão Martim Afonso para que nos cedesse pelo menos um batalhão de soldados. Só assim poderíamos nos arriscar a ir atrás do morubixaba. A meia dúzia de soldados que nos deixou...

— Só restam dois feridos — informa Paulo Dias.

Estão todos de volta à aldeia de Pluma Grande, meio decepcionados, meio descontentes, mas, pelo menos, haviam dado uma demonstração, se não de grande força bélica, pelo menos de disposição para enfrentar Gurupeva e seus termiminós.

A retirada é comandada por Paulo Dias e Custódio Rodrigues, que seriam os últimos a embarcar. Temem eles que pudessem sofrer ataque de algum grupo de silvícolas escondidos nas proximidades da praia. E eles tinham razão. Quando os guerreiros já praticamente imobilizados nas igaras, muitos tendo trocado as flechas pelos remos, um alarido medonho surgiu da borda da mata e perto de cem termiminós avançaram como raios mortíferos.

— É Jaguara quem os comanda! — grita Staden, e foi a última coisa que o alemão disse.

Três certeiras flechas, disparadas pelos termiminós que estavam ao lado de Jaguara, atingem Staden no pescoço, no peito e numa perna. Diogo e Acuña amparam o alemão, esvaindo-se em sangue e já sem vida, enquanto Paulo Dias e Custódio Rodrigues marcham para cima de Jaguara e seu grupo. Alguns tupinambás que já estavam nas igaras recebem ordens de Piravavá e Xeremimó para se lançarem ao ataque.

Tekuara-ubuí e Ariconte tentam abrir caminho até o morubixaba: recebem ferimentos leves mas vão em frente. Abandonam as flechas e empunham as longas lanças. Paulo Dias e

Rodrigues dão-lhes cobertura, enquanto Diogo e Acuña levam o corpo de Staden para uma canoa. Há muitos feridos dos dois lados e os termiminós começam a recuar a uma ordem de Jaguara: já bem perto dele, Tekuara-ubuí e Ariconte intentam dar o golpe final no morubixaba, que ainda tem alguns guerreiros de sua guarda pessoal. Ariconte é logo abatido, mas Tekuara-ubuí, soltando um grito de guerra tenebroso, consegue atingir Jaguara bem no peito e é imediatamente morto.

Os termiminós se retiram levando o corpo do morubixaba. Xeremimó dá o grito de retirada dos tupinambás, que embarcam, levando os feridos leves, nas igaras. E partem de volta. Diogo está acabrunhado, bastante sentido com a morte de Staden e lamenta também a perda dos jovens Tekuara-ubuí e Ariconte. Felizmente estão vivos os veteranos Piravavá, Xeremimó e Karnapió. O pai de Enorê é outro que também lamenta a morte do alemão, seu genro.

— De qualquer maneira demos uma lição ao morubixaba Gurupeva — diz Custódio Rodrigues. — Covarde, teve medo de nos enfrentar... Mas voltaremos, voltaremos...

As igaras desfilam em várias filas na direção dos baixios de Mairagiquiig. Há agora silêncio soturno entre silvícolas e europeus. O Barba Ruiva, o Orê Ruchichab dos tupinambás está morto. Na praia, velhos, mulheres e crianças esperam, e uns poucos guerreiros jovens que ficaram para lhes dar proteção. Matarapuá está com eles.

Paraguaçu e Enorê estão impacientes e assim que vêem as igaras de guerra se lançam a nado na direção delas. Caramuru fica preocupado, pois sua mulher está esperando o sétimo filho, que será uma filha, Genebra, que se casará com Vicente Dias de Beja e deixará ilustre linhagem, culminando com o Robério Dias de *As Minas de Prata*.

Enorê fica inconsolável com a morte do Barba Ruiva e ali mesmo lança-se de volta às águas, intentando suicidar-se. É salva por Rodrigo de Acuña que a acomoda na sua igara. Há muito choro e exaltação guerreira na aldeia da Pluma Grande. E para tristeza maior de todos, o velho tuxaua Taparica, pai de Paraguaçu, está morrendo.

Ele ainda indaga dos guerreiros recém-chegados:

— Ere jupê? (Chegaram?) Ereicobépe? (Estão bem?)

Dá a mão a Paraguaçu e pende a cabeça sobre o peito.

4

A DEGLUTIÇÃO DO DONATÁRIO

> Já aí encontrava um núcleo de homens livres que se assenhorearam da terra (Caramuru e outros). Foi feito prisioneiro de guerra (Francisco Pereira Coutinho) e morto e devorado pelos canibais, segundo a terrível usança.
>
> *João Ribeiro*

> Os tupinambás pouparam Caramuru porque ele não só era amigo, como também porque sua mulher, Paraguaçu, Grande Rio, era filha de seu chefe mais poderoso.
>
> *Errol Lincoln Uys*

1534

Taparica e Orê Ruchichab tiveram as mesmas regalias e homenagens no seu funeral. Enorê fez questão de preparar Staden, não para sepultamento em cova larga e sim na cerimonial igaçaba (pote de barro), assim como Taparica foi amarrado, de cócoras, por Paraguaçu. Os dois enormes potes baixaram à sepultura em meio a choros e longos lamentos, as mulheres carpideiras se cobrindo de areia e puxando os cabelos. Dia triste na aldeia da Pluma Grande, os estrangeiros presentes, pacíficos e integrados à comunidade silvícola.

Taparica, chefe e sábio conselheiro, ficou ao lado do forte Itagiba, no centro da aldeia, e Fred Staden repousou na maloca da família de Enorê. O gavião uiraçu ainda vive, embora mais calado. Diogo quis soltá-lo um dia, mas se convenceu de que a ave, após aquele longo período de prisão, não teria mais condições de sobreviver na floresta. Ele sentiu a morte de Taparica e grasnou muito naquela tarde sombria, como se anunciasse outra morte iminente: a do pajé Djaê, bastante velho; este seria substituído por Karnapió.

A ainda bela Paraguaçu deu à luz Genebra (Suarã/Vagalume, talvez por causa de seus olhos claros) e Apolônia

(Guaraitá/Ave miúda). Num ligeiro período de remanso e paz, enquanto não voltavam à terra da utopia os usurpadores europeus e o morubixaba Gurupeva se mantinha nos seus domínios, a aldeia da Pluma Grande e a Vila do Caramuru prosperaram. Novos roçados, novas malocas, muralhas duplas de estacas pontiagudas protegendo os dois povoamentos.

O espanhol Rodrigo de Acuña, viúvo, acaba se casando com Enorê, após esta passar por um luto choroso e prolongado, em que sempre recordava o seu Orê Ruchichab. Como também não tem filhos do novo marido, continua como uma espécie de tia mais velha dos filhos de Paraguaçu, sempre esbelta e bonita, sempre ajudante do seu Caramuru-açu.

Os estrangeiros moram na Vila e Diogo Álvares é tido ali e reverenciado como um verdadeiro tuxaua. A eles, casados, em breve estarão se juntando Paulo Dias Adorno e Custódio Rodrigues, que já fazem a corte às filhas, quase mocinhas, de Paraguaçu, as lindas Jaceí-tatá-açu e Jaceí-Tatá-miri.

Gaspar, Marcos, Manuel e João, filhos mais velhos de Diogo Álvares, crescem amando a floresta e os bichos e a sabedoria da natureza. O primeiro, no entanto, desenvolve atitudes de um verdadeiro fidalgo, admirando as roupas européias de Paulo Dias e Custódio Rodrigues. Marcos é um sertanista nato e só quer saber de incursões à floresta. Ao saber da morte do "tio" Staden, jurou acabar com Gurupeva e Jaguara. Assim é que sempre quer saber do pai quando os tupinambás voltarão à Ilha Grande.

— Talvez com a vinda de uma nova esquadra portuguesa — diz Diogo.

Os dois mais novos, Manuel e João, aprendem com Rodrigo de Acuña a arte de lutar com a espada e se destacarão, no futuro, em guerra em Porto Seguro (os termiminós de Tatuassu, filho herdeiro do rebelde Gurupeva, já se retiram para o Norte) e é lá que assistirão à morte de Fernão de Sá, filho do governador Mem de Sá.

À distância, lá na Europa, o rei D. João III continuava a se preocupar com a colonização do Brasil. Fizera um gesto com Cristovão Jacques e uma afirmação com Martim Afonso de Sousa, que colocara na nova terra "marcos do domínio português". Quando este capitão-fidalgo estava na Índia, por volta de 1532, recebeu do seu rei uma comunicação, que achou bastante

promissora: D. João III iria fazer doações de terras, "lotes de cinqüenta léguas de costa e pela terra-dentro até a linha de demarcação".

— Com açorianos ou não, com reinóis ou não; temos que fincar pé definitivamente no Brasil — disse o rei.

Quinze lotes e doze donatários, as capitanias (cada uma dada a um capitão-mor) eram hereditárias e seus donos tinham poderes praticamente absolutos. Algumas delas não serão nem visitadas, mas umas poucas prosperarão. Os fidalgos privilegiados e donos de tais glebas podiam "cobrar dízimos, escravizar o índio, retalhar as terras em sesmarias e não responder de tudo quando fariam senão ao rei e em pessoa".

Martim Afonso de Sousa, amigo de infância de D. João III, ganhou dois lotes, e se destacará na sua capitania de São Vicente o ousado Braz Cubas. Duarte Coelho, com o lote de Pernambuco, seria o mais bem-sucedido dos colonizadores. As capitanias que ficaram para os lados do Maranhão, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte nunca foram colonizadas. A Bahia foi dada a Francisco Pereira Coutinho, conhecido como Rusticão. Era de Viana de Caminha e, como outros fidalgos aventureiros, estivera na Índia e vencera muitas batalhas. Mas, com tal cabedal, como disse um historiador, veio perdê-lo no Brasil.

Recebera Coutinho o "foral" do próprio rei e largou-se para a Bahia com grande aparato, sete naus, muitos soldados, colonos e munição "de armas de fogo e de boca". E "acompanhado de gente nobre para a habitar, e de guerra para a defender, a veio conquistar" a terra que já tinha donos. Pretendendo instalar engenhos de açúcar e outras lavouras, o Rusticão veio com toda a sua força para usar os silvícolas no trabalho escravo.

> Levantaram-se (os índios) contra Francisco Pereira Coutinho, apesar dos esforços de Diogo Álvares e sua gente no sentido de acalmar os ânimos.
>
> *Sérgio Macedo*

Tentando preservar o máximo possível a aldeia da Pluma Grande da influência dos estrangeiros, colonos ou aventureiros,

Diogo e Rodrigo de Acuña, e mais os genros de Caramuru, que agora faziam parte de seu grupo mais restrito, instalam Francisco Pereira Coutinho e sua gente na Vila à beira-mar, onde também já estavam Fernão Dolores e Francisco Azevedo. Novas construções foram feitas.

Matarapuá, Piravavá, Xeremimó e mais o ainda vivo Karnapió foram à Vila dar as boas-novas ao donatário, certos de que seriam amigos e ajudariam os perôs no que fosse possível. Os silvícolas ficaram muito espantados quando viram os monjolos que Coutinho trouxera para triturar cana: eles receberam sementes de outras plantas e as roças foram reforçadas com novas qualidades de milho, feijão, amendoim e cará, além da cana-de-açúcar, mais robusta e com mais sumo.

— Enguaguaçú... Enguaguaçú... — exclamou o pajé Karnapió, e seu companheiro, que lhe tomaria o lugar na aldeia da Pluma Grande, Nanaí-tá, quer saber como funcionam os monjolos.

Há ali, na antiga Vila do Caramuru e desde já Vila do Pereira — o próprio donatário se referia à povoação assim —, um ligeiro e primário congraçamento entre tupinambás e estrangeiros, arrefecido o fervor guerreiro e antropofágico dos primeiros tempos, por via da orientação do falecido Taparica e do ainda atuante tuxaua Matarapuá.

Os filhos de Caramuru, presentes àquela reunião, espantam Pereira Coutinho pela "esbelteza da raça mesclada, que aponta para uma nova nação luso-tupinambá". Mas entre Gaspar, Marcos, Manuel e João, está um jovem sobrinho de Matarapuá, o guerreiro, legítimo tupinambá, Tukã-açu, destro no golpe do ibirapema e flecheiro admirável. Ele é uma mistura de rebelde como Gurupeva e sábio como Taparica e Djaê. Cresceu com os filhos do Caramuru-açu e recebeu deste muitas instruções sobre a irreversível invasão dos brancos. Mas quer preservar os costumes dos tupinambás a todo custo e um dia falou a Diogo e Rodrigo de Acuña:

— Temos todo o sertão... para nos retirarmos caso a coisa fique feia demais.

E é isso o que ele acha agora, muito estrangeiro, muito falatório em língua esquisita e de vez em quando ainda perpassa pelos seus lábios a primeira e inquisitorial indagação de Taparica:

— Com que direito eles estão aqui e tomam nossas terras?

Os filhos de Caramuru, também instruídos pelo pai — a situação deles é mais difícil do que a de Tukã-açu —, sentem que não podem ficar divididos, pois jamais se voltariam contra Paraguaçu ou qualquer um outro tupinambá, rebelde ou não. A saída, reconhecem, era a união a qualquer preço.

Francisco Pereira Coutinho vai começar uma política hostil, reconhecida por muitos historiadores, em relação aos silvícolas e aos próprios portugueses residentes na Bahia de Todos os Santos. Com mão de ferro e com os seus verdadeiros capitães-do-mato, dá início às suas roças de cana-de-açúcar, preocupado em mandar uma boa produção para o reino no menor espaço de tempo.

Os tupinambás que viviam na aldeia da Pluma Grande e na Vila do Caramuru, a princípio ainda felizes e regalados com os presentes do donatário e seus prepostos, trabalham de bom grado na lavoura e na construção de muitas casas. Diogo Álvares chama logo a atenção de Coutinho quanto ao tratamento que deve dar aos silvícolas, sensíveis a qualquer ato de opressão ou prepotência.

O jovem Tukã-açu, o mais atilado e consciente guerreiro tupinambá nessa fase, vendo a situação em que seu povo estava e ainda preocupado com os velhos chefes que pareciam perder o pulso em relação à situação, exige um dia do Caramuru-açu e dos outros estrangeiros, seus genros e amigos, que demarcassem um limite para a ação já predadora de Coutinho.

Para alguns, o donatário era um "homem já de idade, doente, tardo e irresoluto" e deixou se envolver, aos poucos, pelos seus lugares-tenentes, mercenários sem escrúpulos, que já assediavam as moças tupinambás e destruíam a floresta. Diogo e os seus mais chegados conversam com Coutinho que diz que tem poderes para convocar força bélica do reino se se sentir inseguro, mas o que fará agora é a distribuição de sesmarias, uma em especial para o Caramuru-açu, que sabia ter grande influência entre os silvícolas. E outros seus vassalos se transformariam também em sesmeiros, pretendendo com isso dar certa unidade administrativa àquele núcleo.

A doação da sesmaria de Diogo Álvares foi escrita "em pergaminho limpo e sem nódoa, nem borradura nem entrelinhas que lhe dúvida fizesse", no dizer pitoresco de Clemente Nigra. Eram "quatrocentas varas de terra de largo e quinhentas de

comprido", e naturalmente com isso Coutinho desejava amansar o Caramuru-açu e trazê-lo de volta inteiramente para o lado dos portugueses.

Enganou-se o donatário, no entanto. E mais. Sabedor da existência sempre hostil de Gurupeva e os seus termiminós, arma por iniciativa própria uma incursão aos domínios do morubixaba. Tanto Diogo quanto Rodrigo de Acuña, Paulo Dias e Custódio Rodrigues são contra, incluindo Matarapuá e Tukã-açu. A discussão é acirrada.

— Se Gurupeva está quieto no seu canto, é melhor deixá-lo para lá — é a opinião de Diogo.

— E nem sabemos se ainda vive — diz Acuña. — E uma ação de guerra agora só serviria para alimentar velhas rixas.

— É... estamos numa paz relativa — fala Paulo Dias. — Nossa comunidade cresce, temos bons acordos com os portugueses...

O jovem Tukã-açu diz algo preocupante e enigmático como às vezes são os pronunciamentos dos silvícolas:

— Quando chegar o momento, os tupinambás continuarão inimigos ou aliados dos margaiás... Com Gurupeva ou Tatuassu decidiremos a última batalha ou a retirada.

Coutinho faz ouvidos de mercador e declara suas reais intenções: negócios, o pau-de-tinta para encher duas de suas naus e mandá-las de volta a Portugal. Como há reação contra a extração da madeira na Bahia, ele tentará tirá-la das proximidades de Ilhéus, enquanto seus soldados deixarão os termiminós à distância.

— Pereira Coutinho pensa que é fácil — murmura Diogo, contrariado com a atitude prepotente do donatário. — Ele levará meses para encher duas naus com o carregamento do ibirapitinga.

> O navio está, sob a coberta, carregado de pau-brasil e na coberta está cheio de rapazes e raparigas comprados. Pouco custaram aos portugueses, porque o povo de lá pensa que seus filhos vão para a terra prometida.
>
> *Rodolfo Schuller*

Nas reais intenções de Pereira Coutinho havia um corolário: ele precisa de braços para as suas lavouras de cana-de-

açúcar que já estão perto de produzir. Já se ressente contra a dita ociosidade dos tupinambás e o desinteresse, por parte dos estrangeiros "casados com índias", por fazê-los trabalhar. E jamais entenderá e aceitará os costumes dos donos da terra que quer espoliar. Devido à reação encontrada na Vila e na aldeia da Pluma Grande, o donatário adia por pouco tempo os seus planos.

Enquanto isso, sem notícias positivas e sem as esperadas "prebendas" das capitanias, o que D. João III recebe em Portugal são informações alarmantes, como a de Duarte Coelho, "o mais hábil dos colonizadores". O espantoso, para a época, é que ele tinha informações sobre outras capitanias que não estavam dando certo: "No Brasil se passam coisas mais para despovoar o povoado que para povoar o despovoado. É necessário dar conta a V. A. de algumas outras desordens que cá cuidam e se usam por estas outras terras e capitanias de mim para baixo, para o Sul, ao qual não sei se lhes chame povoadores ou se lhes diga e chame de salteadores."

Luís de Góis escreve de Olinda: "Se com tempo e brevidade V. A. não socorre a estas capitanias e costa do Brasil, ainda que nós percamos a vida e a fazenda, V. A. perderá a terra." E seu irmão Pero Góis escreve da Paraíba: "O que mais sinto é ter a terra ao presente em condições de se perder se lhe não acodem, o que tudo nasce da pouca justiça e de pouco temor de Deus e de Vossa Alteza quem em algumas partes desta terra se faz e... perder-se-á todo o Brasil antes de dois anos."

O rei chega a saber também que há grande descontentamento na capitania de Francisco Pereira Coutinho e que tanto colonos quanto silvícolas não o querem mais por lá. E acaba reconhecendo que o sistema de donatarias é um inteiro fracasso, mesmo que tenha sido recomendado por "pessoas provectas de seu Conselho régio".

Paraguaçu não gosta de morar na Vila do Pereira e fica lá mais por causa do marido e de seus amigos. Tem uma fieira de filhos e filhas. Os homens acabam se casando com lindas tupinambás e vão engrossar o povoamento das duas aldeias. A ainda bonita princesa, hoje "rainha de um só rei" como costuma dizer, tem mais duas filhas, Grácia (Taté-guaçu/Fogueira, porque tinha os cabelos e olhos claros) e Madalena (Pira-miri/Peixe pequeno). Elas se casarão, respectivamente, com Antão Gil e Afonso Rodrigues, e terão "descendência copiosa".

Tukã-açu, com a morte de Matarapuá e do pajé Karnapió — a aldeia ficou de luto durante muito tempo —, assume a liderança da taba da Pluma Grande e se designa Morubixaba-açu, chefe de todos os tupinambás. E com a sua ascensão, Pereira Coutinho, que já colhe a cana-de-açúcar e movimenta os seus monjolos, vê diminuírem os homens que trabalham na lavoura. Então os colonos brancos são obrigados a um esforço maior e o descontentamento acaba sendo geral.

Chegara a hora, pensa Coutinho, de executar seu plano, há muito acalentado, de uma incursão à Ilha Grande e Ilhéus. Como uma das capitanias, Ilhéus praticamente não existiu: Jorge de Figueiredo Correa nunca ia por lá e um tal de Francisco Romero, se fez aliança com os silvícolas, nunca se soube. O que se sabe, à época, é que Gurupeva e o filho Tatuassu ainda dominam toda a região. E Tukã-açu, sempre a repetir, que deseja ser mais aliado deles do que seus inimigos.

Assim, o Rusticão, herói de Runes e Malabares, parte para a sua última e temerária aventura, sem a concordância dos habitantes da Vila e da Aldeia. Leva seus próprios soldados-colonos e uns poucos mercenários que haviam permanecido na terra.

Não se sabe realmente como tudo aconteceu. O que se sabe é que tanto Gurupeva quanto Tatuassu, que às vezes pareciam desaparecer estrategicamente, estavam com as suas afiadas hostes guerreiras esperando Pereira Coutinho e seus soldados. O donatário, que parecia estar mais doente da cabeça do que do corpo, consegue, em região mais erma, ludibriar alguns silvícolas jovens, uns curumins, e algum pau-brasil, e enche uma de suas naus. Ele tinha que dar satisfação positiva a Portugal.

Em seguida esteve com as suas duas naus na Ilha Grande (as outras há muito tinham ido para as Índias ou regressado a Lisboa), desembarcou e foi ferreteado pelos termiminós, Gurupeva e Jaguara à frente. Recua e tenta novo desembarque em Ilhéus, as longas igaras dos silvícolas em soberba formação perto da costa. Gurupeva e Jaguara chegam mesmo a matar muitos soldados ainda embarcados nos batéis.

Sabe-se que Coutinho se refugia no navio que estava mais leve e manda o capitão da nau carregada de madeira e indígenas

se abrigar na Bahia de Todos os Santos. Ele não desiste, mas tem a má fortuna de seu barco atropelar um arrecife e começar a ir ao fundo. Confusão a bordo: a tripulação não sabe se salta nas águas, apinhadas de igaras e seus flecheiros, ou se solta os poucos batéis ainda nas suas amarras.

Os termiminós findam por abordar a nau danificada, matando violentamente os seus ocupantes. Pereira Coutinho é amarrado e levado para terra na canoa do morubixaba Gurupeva. A vitória dos silvícolas é completa, ainda com o saque da nau que afunda lentamente.

Gurupeva mostra a todos que está em plena forma e é imbatível nos seus redutos. Não tem se metido com a Vila do Pereira nem com a aldeia da Pluma Grande porque sabe da existência lá de guerreiros brancos, que as fortificaram. A vitória sobre o donatário português, preposto todo-poderoso do morubixaba-açu branco, lhe é um grande trunfo.

O capitão da nau que se abriga na baía, um tal de Antônio Covanca, conta tudo o que presenciou na Ilha e é obrigado por Tukã-açu, Caramuru e os demais fidalgos que viviam na Vila, a devolver os "rapazes e raparigas" que tinham embarcado. Feito isso, deixam que ele leve a carga de madeira para Portugal, mas com a promessa de nunca mais voltar àquelas paragens.

— Gurupeva nunca preparou um festim tão requintado, pois comeu um donatário e fidalgo dos mais famosos — diz ironicamente Rodrigo de Acuña.

— Que sirva de lição ao rei D. João III — diz Paulo Dias.

A lição é amarga, mas o rei se recupera imediatamente. Na visão de dois historiadores, temos a reação emocional e política de Sua Alteza:

Estava D. João III posto em sossego na sua câmara régia, talvez "meditando nas coisas do Brasil", "quando recebe uma notícia surpreendente: Francisco Pereira Coutinho, donatário da Donataria da Bahia, perecera lastimosamente às mãos dos selvagens da Ilha Grande".

Após o choque, acha que tem resolvido um grande problema: ainda pensando naqueles mortos, "outros mal vivos", "todos comidos pelos gentios habitadores daquela ilha", e certo da morte do donatário, "tomou el-rei esta providência", elegendo a Bahia de Todos os Santos "cabeça do Estado, e mandando-a de novo povoar".

5

A ARMADA DO BRASIL

...era nomeado Tomé de Sousa primeiro governador-geral, tendo desembarcado na Bahia com 300 homens de armas e 400 degredados, sem mulheres, que deveriam ser arranjadas entre as índias, como de fato aconteceu até a vinda das mais ou menos perdidas...

Mário Martins de Freitas

A nova cavalaria do oceano, beata e atroz, é ao mesmo tempo mística, religiosa, fanática e cruel; em todas as regiões, e em toda parte o seu escopo é *dilatar a fé*, mas não sem antes *dilatar o império*.

João Ribeiro

1549

No povoado que já se chamou do Caramuru e do Pereira, este, após a malograda donataria, deixara um simulacro de igreja, pequena capela e oratório, que Paraguaçu aprovou, pois, talvez pela influência do marido ou das lembranças de seu batizado na França, está agora mais para o lado de Jeová do que de Tupã. Ela espera que venham para a terra padres, sacerdotes, pois quer batizar os dez filhos.

Diogo Álvares, embora não fosse um católico legítimo, naquela concepção do apóstolo Paulo, com fé e obras, achava bom que Paraguaçu, Catarina Álvares, agisse assim, pois facilitaria a integração da comunidade tupinambá — pelo menos dos silvícolas que viviam na Vila — com os colonizadores.

Rodrigo de Acuña também quer batizar seus filhos com Enorê, que afinal nasceram (dois) após algum tempo de casados. Ela ainda cuida dos filhos menores de Paraguaçu, que, sempre disposta e corajosa, ajuda o Caramuru na administração da

Vila. Tukã-açu mais e mais se isola na aldeia da Pluma Grande com os tupinambás mais fiéis aos costumes de seus ancestrais. Ele já soube da morte do morubixaba Gurupeva, contam que atacado por uma negra canguçu, e quer se aproximar do seu filho Tatuassu. Ainda não fez isso — a intenção dele é juntar todos os tupinambás da região e emigrarem para o Norte — porque se considera amigo dos estrangeiros bons que vivem na Vila. Mas com a chegada de Tomé de Sousa e as atitudes draconianas do almirante logo ao desembarcar, a sua decisão se concretiza.

Os historiadores que sempre tratam os silvícolas de selvagens, gentios e bárbaros, talvez não tenham se horrorizado com o assassinato dos três tupinambás na boca dos canhões, ordem sumária do "homem sério" e de "nascimento ilustre", mas se exaltam com a esquadra, a Armada do Brasil do Primeiro Governador Geral, "uma das maiores expedições saídas do Tejo".

Além das seis naus, duas eram de armadores particulares. Tomé de Sousa comandava a frota da capitânia, de nome *Nossa Senhora da Conceição*, e era o seu próprio piloto por ser "experimentado timoneiro". Entre os seus "auxiliares mais graduados" está o padre Manuel da Nóbrega e os capitães Antônio Cardoso de Barros, Cristovão Cabral, Francisco Silva, Braz Alcoforado e Duarte Lemos, este "herói de grandes feitos na Ásia e posteriormente donatário de Porto Seguro".

Pois esta armada trazia "a nossa terra um Governo organizado", "constituído de personalidades de escol", "homens darmas" e "operários especializados", além naturalmente de degredados, todos orientados por "um fidalgo de grandes partes". Com ele vinham ainda um "juiz retíssimo", outro "fidalgo muito honrado" e mais um "da Casa-Real", um "mestre de pedrarias", um tesoureiro, um físico, um boticário, um almoxarife, escrivães e "um protegido de Tomé de Sousa", Garcia d'Ávila, descendente "em linha reta dos memoráveis Garcias Fernandes, Condes de Castela, natural de Sintra". Ele vai ser nomeado Feitor e Almoxarife da Cidade do Salvador e casará sua filha, Isabel, com um neto de Caramuru, Diogo Dias, filho de Genebra e Vicente Dias.

> A miscibilidade, mais do que a mobilidade, foi o processo pelo qual os portugueses compensaram-se da deficiência em massa ou volume humano para a colonização em larga escala e sobre áreas extensíssimas.
>
> *Gilberto Freyre*

O sociólogo tem razão. Com Tomé de Sousa vieram os primeiros "moradores casados" e, como já vimos, fidalgos de destacado "coturno" e mais os degredados, gente de fato ralé e que faria parte dessa mixórdia que constituiria "de logo o tronco da grande árvore genealógica baiana". Historiadores chamaram os degredados de "abortos do vício" e Duarte Coelho quis mandá-los matar sumariamente.

Desde mesmo a viagem, que se faz "próspera", da Armada do Brasil, os jesuítas de bordo tratam das confissões e dos sermões, uma espécie de treinamento para o ministério em terra, e as lições sobre a vida dos santos são as mais apreciadas. Nos intervalos, "os soldados, os marinheiros, os operários cantarolam fados minhotos ao saudoso desgarro das suas violas". Simão de Vasconcelos assinalaria as proximidades de "os ares claros, os ventos serenos, as águas de prata" da costa brasileira.

Todos ficam encantados a bordo das naus colonizadoras. "Aquela gente da frota lusa extasia-se diante do imprevisto panorama que se desdobra, de súbito, aos seus olhos piscos de alegria e derramados de deleitosa curiosidade". Em breve os batéis cheios de fidalgos, soldados e degredados estão alcançando a terra, incluindo as "pessoas principais" como o próprio Governador Geral, seus auxiliares mais chegados e o Maioral da companhia de Jesus. Embora a beleza paradisíaca do lugar, acham a Vila do Pereira feia e com casas de palha sem arrumação citadina. O desembarque, no entanto, foi "o melhor que se pôde e em sossego" e "saltou gente com tal arte e disciplina militar que muito impressionou o ânimo dos bárbaros". E se impressionaram de fato ao "ver a majestade com que se entrou e ficou".

Os 40 ou 50 moradores da beira da praia e mais a "bugrada surpresa e curiosa" receberam "com muita alegria" e "com muito gosto e alvoroço", no dizer de Nóbrega, as pessoas "estranhas e ávidas de cabedais". À frente Caramuru e seus familiares, filhos e filhas casados, família grande, e o tuxaua Takã-açu. E mais, ao lado de Diogo, uma figura curiosa, Gramatão Teles,

que levara ao Caramuru a carta de D. João III pedindo-lhe ajuda para o seu grande capitão e governador.

O padre Manuel da Nóbrega ostenta "uma grande e formosa cruz" para "indicar que eram gente de paz", mas ao seu lado estão "soldados armados de lanças e piques". Nìnguém saberia descrever o ânimo dos tupinambás nem dos jovens que haviam nascido na região, filhos da "miscibilidade" imponderável, tampouco dos estrangeiros há muito integrados naquela comunidade: se não era mais a utopia sonhada, o paraíso, pelo menos gostariam de ter permanecido isolados e em paz.

Gilberto Freyre, talvez ironicamente, cunha aquele termo, "miscibilidade", em vez de miscigenação, querendo indicar, naquelas circunstâncias dramáticas, o estado de "mistura" e de "miserabilidade" de que já padeciam, em penúria, os primeiros mestiços da nova nação. Com a vinda, em breve, das mulheres negras africanas — "Introduzidas as mulheres africanas no Brasil dentro dessas condições irregulares de vida sexual..." — a coisa toda se ampliou, como muito bem situa o historiador Mário Martins de Freitas: "Como a necessidade não conhece lei e era preciso povoar a terra, o colono embarcou com carta branca do rei e licença do Bispo de Funchal para fazer filhos a torto e a direito, em índias e negras, sem ligação matrimonial."

Então, aquele "longo préstito" se dirigiu "ao sítio fronteiro da Povoação do Pereira". Tomé de Sousa está pronto para a sua demonstração de força e de crueldade, "uma tão espantosa mostra" que deixou "os gentios sem ação" e com "muito temor do que parece lhes prognosticavam aqueles levantados estandartes".

> Confessávamos alguma gente da terra que não entende a nossa fala, nem nós a sua, e também escravos dos brancos e os novamente convertidos, e a mulher e filhas de Diogo Álvares Caramuru, que não sabem nossa fala.
>
> *Padre Manuel da Nóbrega*

Dois dias depois do desembarque do Governador Geral e do crime contra os termiminós, na "quarta dominga da quadragésima", é rezada uma missa solene "ao Espírito Santo" para

inspirar Tomé de Sousa "no melhor e no mais acertado". Os soldados e alguns colonos, que ainda dormiam nas naus, enquanto acomodações eram providenciadas em terra, foram confessados pelos jesuítas.

Leiga e religiosamente, "asselava-se, portanto, a posse da terra destinada à sede do Governo Geral, estabelecido no Brasil". Agora, os desbravadores e posseiros só têm "por ganhar a vontade dos bárbaros e escolher o sítio para a nova cidade que queriam fundar".

Tomé de Sousa vai seguir à risca o documento de Almeirim para a fundação de uma cidade que seria a sede do Governo Geral do Brasil. É na casa de Caramuru, na Vila que depois será Vila Velha, que se trava a discussão sobre o melhor ponto para a construção de casas e ruas. Entre Cardoso de Barros, Pero Góis, Luís Dias, Garcia d'Ávila, Moniz Barreto, Pero Borges, os mais familiarizados com o lugar eram os genros de Diogo Álvares e ele próprio.

E são Caramuru e Paulo Dias, e mais Rodrigo de Acuña que dão a sugestão: parte baixa da praia com porto natural, água doce em derredor, "ares salutíferos e muita madeira para construção". Agora era cair no trabalho duro para levantar um "recinto fortificado contra qualquer ataque de surpresa da bugrada traiçoeira".

O almirante bastardo, todo emproado, pergunta a Caramuru se poderia contar com "os índios domesticados", porque qualquer tupinambá que não se submetesse seria varrido das redondezas, e para isso contava com os seus arcabuzes e bombardas. Os empreiteiros de obras estavam prontos, os pedreiros, carpinteiros, serralheiros, calafates, cavouqueiros, tanoeiros, caieiros, telheiros, carvoeiros, e "atacou-se tudo quase ao mesmo tempo". Os jesuítas trataram de construir logo "a sua ermidazinha da Ajuda", de onde lançavam bênçãos e louvores ao Senhor.

A cidade do Salvador estaria situada onde hoje começa a Rua da Misericórdia, na Praça Municipal, e o fim da Rua Chile, já perto da descida da Praça Castro Alves. O próprio Tomé de Sousa, para dar o bom exemplo, arregaçou as mangas e caiu no trabalho. "Não deixava ele o meio dos operários com os quais se confundia na tarefa pesada a que se devotara" e ainda "mostrando-se a todos companheiro afável".

Numa das primeiras noites em que já se concretizavam os planos da construção da cidade — Tomé de Sousa fora dormir

na nau-capitânia com os seus imediatos e soldados-colonos-trabalhadores —, Rodrigo de Acuña e Enorê entram na casa de Caramuru e Paraguaçu e os convidam para uma pequena incursão até a aldeia da Pluma Grande. É que o tuxaua Tukã-açu quer se despedir dos amigos, apenas deles dois, pois não quer fazer alarde de sua retirada dos belos e ainda paradisíacos campos de seus ancestrais.

O espanto maior do casal Diogo Álvares foi quando souberam que Rodrigo e Enorê, e mais seus dois filhos, iriam com o chefe tupinambá.

— Fiz acordo com Tatuassu, da Ilha Grande, e retiramos toda a nossa gente para o Norte — diz Tukã-açu. — Não conviveremos com os perôs (os amargos) e compreendemos a situação do Caramuru-açu.

Diogo estira-lhe a mão, à moda do branco, e o abraça.

— Sem ressentimentos, grande chefe Tukã-açu — diz. — Eu, minha mulher e meus amigos, também compreendemos a situação do tuxaua.

— Iremos nos juntar aos tupinambás do Caeté — continua Tukã-açu. — Nossos primos potiguaras também nos receberão bem. Juntos seremos mais fortes e vamos resistir ainda por algum tempo... Enquanto pudermos caçar suasú, tajasú, agutí, pág, tapiti, jakú, mutú, makakuá, inhambú, pykuí, não sairemos da floresta...

Afastados os tupinambás mais rebeldes e revoltados da cena, pôde o Governador Geral prosseguir, com mão de ferro, a construção da sua cidade. É certo que Catarina Álvares, "como senhora dos gentios desta província", ajudou no que pôde, pois tinha poder "sobre estes seus bárbaros vassalos". Os tupinambás que prefeririam ficar na Vila, no entanto, não podiam mostrar moleza no seu trabalho, pois de vez em quando "foi preciso a Tomé de Sousa introduzir-lhes com as armas a obediência".

Esse "varão impoluto", com todo o seu entusiasmo e sangue guerreiro, com um ano de Bahia estava pedindo ao rei que o levasse de volta: "Por amor de Deus me mande ir que eu não sei outras palavras por onde peça". E depois insiste: "Outra vez peço a V. Alteza por amor de Deus me mande ir, por uma mulher velha que tenho e uma filha moça." D. João só vai atender ao "fidalgo de minha casa" em 1553, quando envia D. Duarte da Costa para substituí-lo.

As homenagens, aos homens ilustres, às vezes tardam um pouco. Nas poucas semanas de construção da cidade do Salvador, já há ruas, sete que se entrecruzam e uma praça, "um largo pequeno", que seria sucessivamente batizado de Praça da Cidade, Praça do Mercado, Praça da Parada, Praça da Constituição, Praça do Conselho, Praça Rio Branco, Praça Municipal... e por fim Praça Tomé de Sousa. "Nos tempos de festas corriam nela muitos touros".

A cidade, primeiro "burgo civilizado" do Brasil, está pronta e em breve se transformará num enxame racial, as raízes culturais da nação tupinambá inteiramente apagadas. São muralhas e igrejas, baluartes e castelos, amplo casario, praças, largos para as feiras. A Vila Velha, do Caramuru e do Pereira Coutinho, é coisa do passado, cuja memória emagrece a cada passo. Lá ainda vegetam alguns tupinambás, reduzidos a "operários" ou "agricultores" ou tocadores de engenhos de açúcar: eles não sabem mais quem são.

Caramuru e Paraguaçu (ela faz questão de ser chamada de Catarina Álvares), Paulo Dias Adorno, Custódio Rodrigues, Vicente Dias, João de Figueiredo, Antão Gil, Afonso Rodrigues, e mais alguns portugueses e franceses referem-se em tom de nostalgia ao "outono dos tupinambás", mas se dizem relativamente felizes por ter o tuxaua Tukã-açu levado a aldeia da Pluma Grande para bem distante dali.

— Morrerão com dignidade, pelo menos... — murmura Diogo Álvares.

— Sim, e não morrerão na rede, como se diz... — comenta Paulo Dias. — Seremos responsabilizados por isso? O que dirá a História?

— Dirá que fomos honestos — fala Diogo. — Tivemos, pelo menos, as chamadas boas intenções... Casamos com mulheres tupinambás, convivemos com eles... mas sempre estivemos num beco sem saída...

— Ou um beco de pequena fresta... para o que está aí a nossos pés — diz Antão Gil. — Temos as nossas belas mulheres, os nossos belos filhos, mas a coisa toda foi horrenda.

— Sim, é verdade — concorda Afonso Rodrigues. — De qualquer maneira retirou-se e sobreviverá feliz como um autêntico tupinambá Tukã-açu, e os seus da aldeia da Pluma Grande, até que Tupã lhes acene com a misericórdia ou o nada...

— Estamos ainda diante de Tukã-açu como se estivéssemos diante de um oráculo que nada mais nos falará — diz Paulo Dias.

Os filhos de Caramuru e Paraguaçu, presentes àquela conversa, nada dizem, estão cabisbaixos e tristes, pois sentem os contrastes da História na própria pele. Mas todos, com um certo sentimento de velada vingança, terão em breve notícias de Tukã-açu.

6

A DEGLUTIÇÃO DO BISPO

> Avulta, então, Catarina Álvares nos horizontes da nossa nacionalidade como um símbolo de congraçamento racial, doadora de religioso templo que encheu de mimos a ordem beneditina.
>
> *Pedro Calmon*
>
> Obrou, assim, ação de heroína, fazendo com que os índios sem a menor repugnância se sujeitassem ao domínio português quando ela (Paraguaçu) com seu marido auxiliaram o Governador Tomé de Sousa, que haviam recebido como seu hóspede.
>
> *José Álvares do Amaral*

1553

Duarte da Costa é o novo Governador e Capitão-geral da Bahia de Todos os Santos, das demais donatarias em fins de liquidação e do inteiro Brasil. Também ilustre homem d'armas, tinha "antepassados no sangue", armeiro-mor de profissão. Mais iracundo do que Tomé de Sousa, quer acabar com os resquícios de "índios rebelados" na região e, ao lado dos "soldados de Cristo", "continuou as conquistas e favoreceu as missões, crescendo umas e outras asseguradas nas vitórias que alcançou de muitos gentios, uns ainda incultos, e outros, depois de sujeitos, rebelados".

A coisa toda horrenda a que se referiu o genro de Caramuru, Antão Gil, podia ser traduzida a que estava reduzida Salvador, "com uma população chucra e mesclada": operários, funcionários públicos, jesuítas, soldados, "escravos de Guiné e índios mansos das aldeias convizinhas". Os negros já haviam chegado para as lavouras de cana e, segundo alguns, "se adaptavam muito bem ao novo estado".

É na futura Praça Tomé de Sousa que os escambos são feitos, uma mistura de escravos, índios, senhores de engenho, pequenos lavradores, cada qual apresentando os seus produtos, que Teodoro Sampaio sintetiza como sendo "panelas, louça de barro, potes, alguidares, cuscuzeiros, cachimbos, cachos de coco, rosários de nicuris, farinha da terra, tapioca, cariman, goma, batata, cará, milho, legumes, açúcar, vinho de mel, frutas diversas, caça grossa e miúda, peixes secos, mariscos, penas de cores vivas, papagaios, pássaros diversos, colhidos na mata, algodão alvo descaroçado, cordas de embira e de tucum, rolos de cipó, torcidas para candeias, cera da terra, bálsamo de copaíba, raízes medicinais, mel silvestre, peles de cobra, almíscar de jacaré..."

Em meio a esse povaréu de autêntica cidade "civilizada", algumas mulheres tupinambás (a maioria mestiça: as filhas casadas de Caramuru por vezes ostentavam os bustos desnudos) expunham "as suas vergonhas num primitivismo inconsciente e bárbaro". E o padre Manuel da Nóbrega e seus jesuítas se incomodavam com isso. De vez em quando ele fazia ao Governador "algum peditório de roupas" para "cobrirmos estes novos convertidos, ao menos uma camisa a cada mulher pela honestidade da religião cristã".

Mas quem mais se escandalizava com o povaréu e a nudez de algumas mulheres era o também irascível bispo D. Pero Fernandes Sardinha, ele um "dos bolsários de D. João III". E vai cometer o mesmo erro e ter o mesmo destino do donatário Francisco Pereira Coutinho, pois "procedia o bispo com rigor contra alguns moradores". Elevada à categoria de bispado, ele estava na Bahia de Todos os Santos para assumir o seu posto na diocese. E vai trombar com o Padre Nóbrega, com o Governador e com seu "filho invicto" D. Álvaro da Costa, companheiro do pai nas

poucas sortidas contra "os gentios desta província". E por tal empenho, tal filho vai ganhar uma sesmaria de "quatro léguas de costa e dez de sertão".

Além dos sermãos veementes, escrevia constantemente ao Reino o primeiro bispo do Brasil, ora queixando-se do Governador e de seu filho, ora contando como tirava a própria roupa para vestir "negros e índios", todos iguais no "bárbaro costume".

Nóbrega já fizera isso, talvez os dois imitando gesto longínquo de Tomé de Sousa, que tirou a própria capa de veludo para cobrir a bela nudez de uma tupinambá. O certo é que o bispo Sardinha levava tão a sério as suas reclamações, que "os homens passaram a usar calções até os joelhos e uma camisa curta que vinha à cintura; as mulheres, a tipóia, isto é, uma espécie de saco grosseiro tecido de algodão, com três aberturas no fundo por onde se enfiavam cabeça e braços, atado à cintura por uma fita de embira que o adaptava ao talho".

Embora o rei não apreciasse as constantes reclamações do bispo, fez-lhe ainda um regalo na época: mandou que construíssem na cidade a Casa do Bispo, pois não era justo que esta não existisse quando já funcionavam a contento a Casa dos Governadores, a Casa da Câmara, a Casa da Fazenda, a Casa da Alfândega, a Casa da Pólvora, a Casa das Ferrarias, a Casa dos Capitães, a Casa do Carcereiro, a Casa do Alcaide, a Casa do Açougue.

As discussões entre o bispo Sardinha e o filho do Governador já eram públicas, pois achava o clérico que o jovem D. Álvaro da Costa era um libertino e não respeitava nem as negras nem as índias, ou "as mulheres mais ou menos perdidas" que tinham vindo de Portugal. E seu pai, D. Duarte da Costa, era um mau administrador, o que resultaria "em grandes enfermidades ao corpo político, quando as cabeças não têm as inteligências tão conformes e semelhantes como as de Gerião". Em suma, Rocha Pitta queria que os administradores do Brasil tivessem três cabeças e três troncos como o gigante da mitologia... que acabou sendo morto por Hércules.

De tanto se queixar ao rei D. João III, o bispo Pero Fernandes Sardinha é chamado a Portugal para dar explicações sobre o seu comportamento. Embora "filho dileto da Igreja", na expressão de Ignácio de Loyola, o soberano teme pelo sucesso

do ainda novo empreendimento colonial. O que poucos sabiam era que o rei, com aqueles gastos em material e pessoal, desde mesmo Tomé de Sousa, está endividado e já com poucas esperanças de pagar os seus débitos aos banqueiros flamengos e italianos.

Armou-se então, com alguma sofreguidão, a nau *Nossa Senhora da Conceição*, veterana dos mares, que fora capitaneada por Tomé de Sousa e trouxera ao Brasil o segundo Governador Geral, D. Duarte da Costa. Já levara para Portugal, entre 1550 e 1555, muitos carregamentos de pau-de-tinta e se aprontava para levar para o Reino os primeiros carregamentos de açúcar.

> No litoral alagoano, perto da foz do rio Coruripe (da vingança), a nau naufragou e os que ela conduzia foram aprisionados pelos ferozes Caetés que os trucidaram a todos.
>
> *Sérgio Macedo*

> Não deixou na terra (o bispo Sardinha) sepulcro em que se guardem respeitadas as suas cinzas, mas tem nas nossas atenções depósito em que estão vivas as suas memórias.
>
> *Rocha Pitta*

Além do bispo, descontente e incomodado com tal viagem, embarcam na nau *Conceição* alguns "trânsfugas e reinós" que não tinham se adaptado ao clima e à situação social da Bahia, como no caso alguns assessores imediatos do primeiro Governador Geral, que haviam se casado com silvícolas e tentado a vida na colônia. Deixaram suas mulheres e filhos Luís Dias e Fernão Dolores. O tesoureiro da cidade, Gonçalo Ferreira, também se foi. E mais Martim Rodrigues, que tinha sido um dos pilotos de Tomé de Sousa, e muitos trânsfugas, como disse o historiador, degredados viciosos e degenerados.

Caramuru e seu pequeno grupo da Vila Velha ficam satisfeitos com aquele êxodo, embora a já madura Paraguaçu tenha pedido ao bispo que a confessasse antes de partir, "sentimento

religioso só explicável, numa mulher selvagem, pela sua longa convivência com os cristãos ou por sua conversão ao catolicismo", como observa Teodoro Sampaio. Mas o ponto principal, sem que talvez o historiador tenha percebido, é que Paraguaçu sempre quis agradar ao marido e seguir, como dizia, todos os costumes de sua raça. Tanto é assim que batiza os filhos cristãmente, desde mesmo numa improvisada capela ao tempo de Francisco Pereira Coutinho. E fará isso novamente com o padre Manuel da Nóbrega. "Confessamos alguma gente da terra... e a mulher e filhos de Diogo Álvares Caramuru, que não sabem nossa fala."

A nau *Conceição*, como toda embarcação à época, sai costeando na direção Norte. A intenção tradicional do seu piloto, Coimbra Dantas, é atingir Pernambuco e de lá adentrar profundamente o Atlântico. Ele tinha ainda a intenção de arrebanhar, de sociedade com Jorge Valadares, algum pau-brasil, animais vivos, peles e se possível algum bugre para mostrá-lo na Europa, como era usança naqueles tempos.

A falta de sorte ou o castigo, para alguns, foi que os trânsfugas foram à terra tirar o pau-brasil e caçar, exatamente perto da foz do rio São Francisco, entre Sergipe e Alagoas. Há muito estavam ali os tupinambás do Caeté, a comunidade que recebera tupinambás e termiminós, o tuxaua Tukã-açu e o morubixaba Tatuassu.

Viviam em relativa paz, com a tática de sobrevivência dos chefes, ou seja, evitar, o quanto possível, um confronto com perôs ou com mairs. Naquela encruzilhada do mundo, eles continuavam a ver, às vezes de bem perto, as engalanadas igaraçus dos conquistadores brancos. Quando podiam se infiltravam mais pelo sertão, mas dependiam do mar para a sua alimentação básica e mesmo não queriam trocar os grandes espaços pelo escuro e úmido da floresta.

Por isso estavam ali, em novo passo de espera, na intermitência que se fará na grande e última caminhada para o Norte, o outono da raça cada vez mais se acentuando. E dificilmente, acreditavam, seriam acossados na sua própria aldeia de Serigipe (Siri). Mas isso vai acontecer com os flibusteiros de Coimbra Dantas e Jorge Valadares, no afã de cortar madeira e de caçar os animais da mata. Fazendo inesperado contato com dois jovens caetés, os caçadores os matam e se retiram para os seus batéis.

Eles voltarão no dia seguinte, mas o bispo Sardinha desaprova nova incursão à terra, e faz ver ao capitão-piloto que tem pressa em se encontrar com D. João III. Discussão acirrada, o bispo invoca a sua posição de chefe da Igreja do Brasil.

Aquela noite é escura e cheia de maus presságios. Um terral úmido e quente traz da floresta um forte cheiro de raízes e ervas. Velas escorridas nos mastros, a nau *Conceição* começa a balançar com as ondas que são cada vez mais fortes. E a tempestade, chuvarada, trovões e relâmpagos, se abate sobre ela sem tréguas.

Arrastada pelas correntes violentas, o já frágil casco da *Conceição* se parte em dois, não dando tempo a passageiros e tripulantes de baixarem os escaleres. O bispo é amparado por Jorge Valadares e mais dois homens, talvez pensando que protegendo um homem santo teriam as graças também do Senhor. Há gritos, murmúrios e imprecações. O clérico reza em altos brados invocando a misericórdia de Nossa Senhora da Graça.

A noite é escura, o vento sempre forte e as ondas altas. Por breve momento D. Pero Sardinha se sente amparado, mas de repente está sozinho, e grita em desespero. Novamente invocando os santos da sua Igreja, sente-se arrastar por uma enorme onda — bebe muita água e se engasga, tosse convulsivamente e por fim, com grande alívio, põe os pés em terra: à sua frente a nesga branca da praia. Ao se afastar um pouco das águas é atacado por horríveis câimbras e cai por terra desfalecido.

O despertar do bispo Sardinha é cheio de alvoroço: há passos e gritos perto dele. Ao levantar a cabeça vê um enorme grupo de silvícolas abatendo, com as suas bordunas, o que ele identifica como os tripulantes da nau *Conceição*. Suas roupas estão molhadas e pesadas e, na ânsia daquela angústia, apalpa as ilhargas e tenta encontrar um pequeno crucifixo que sempre levava num dos bolsos de sua batina.

Nada consegue e se sente levantado do chão por mãos poderosas: à sua frente dois guerreiros com as suas pinturas de guerra. Um deles, de nome Tatuassu, levanta a borduna para esmagar o crânio daquele perô, mas o outro, de nome Tukã-açu, faz um gesto para o companheiro, interrompendo-lhe o golpe mortal.

— Mosã-iguára karaíba (Feiticeiro branco) — diz Tukã-açu. — Tupã uyrá ok-usú Itaparica. (Tupã se alegrará se o comermos na aldeia.)

E assim D. Pero Fernandes Sardinha não morre pelo tacape da morte de Tatuassu, mas será regiamente preparado para ser chamuscado no moquém e depois comido pelos tupinambás do Caeté. Talvez seja esta uma das últimas vinganças cerimoniais daquela nação já historicamente derrotada.

No governo de Duarte da Costa, que vai até 1558, houve ainda muitos conflitos entre colonos, remanescentes brasis e mestiços, de cambulhada os negros escravos da Guiné. O capitão-do-mato para acabar com todos os incidentes e revoltas era seu filho Álvaro da Costa, que já estava usando nas suas milícias o cavalo e cavaleiros treinados, os seus infantes incendiários. Para alguns historiadores ainda há na região muitos tupinambás rebeldes, mas o certo é que já havia, entre as tropas lusas, peões, "a escravaria armada e os tupinambás aliados". "A agonia da sociedade americana adubava a economia escravista colonial."

A MORTE DE CARAMURU

Afinal o seu homem, o único que poderia avaliar em toda extensão o seu destino singular, jaz agora inerte diante dela. Paraguaçu chora, então, ruidosamente à maneira tupi, acompanhada pelas velhas servas que conhecem os costumes fúnebres ancestrais.

Olga Obry

A derrota tupinambá modificara radicalmente a correlação de forças no Recôncavo. Na capitania da Bahia não se opunham mais dois poderes, o lusitano e o tupinambá.

Mário Maestri

Este ano foi crucial e dramático para a colonização do Brasil. D. João III, reconhecido por inúmeros historiadores como mola-mestra do desenvolvimento da nova nação, um mês após nomear Mem de Sá como o Terceiro Governador Geral, entra em coma "naquela noite de 11 de junho". Ainda precisaria de tempo, com "seu zelo íntimo e sua preocupação", para consolidar "a Cidade do Salvador a sua existência".

Enquanto Mem de Sá, formado em Direito e poeta nas horas vagas (era irmão de Sá de Miranda) viaja para o Brasil, numa viagem lenta que durará oito meses, na Vila Velha da Bahia de Todos os Santos, Diogo Álvares Correia, o Caramuru-açu, vive os seus últimos dias. Por morte também do filho herdeiro do rei, João Manuel, Portugal passa para as mãos de uma criança de apenas dois anos de idade, D. Sebastião. Os regentes do trono são sua avó, D. Catarina, e seu tio-avô D. Henrique.

Duarte da Costa, antes de entregar o seu cargo, tem ainda duas preocupações, que as acabará deixando para o seu sucessor: uma rebelde termiminó, Araribóia (Cobra da Tempestade), que emigrara para o Sudeste quando do êxodo de Tukã-açu, e Tatuassu, e um vice-almirante francês, Nicolau Durand de Villegagnon, que se estabelecera no Rio de Janeiro com feitoria e forte de guerra.

Araribóia, curiosamente, vai "incorporar", um pouco mais tarde, o mesmo destino de Paraguaçu: já adotara um nome cristão, Martim Afonso de Sousa, e construiria também uma igreja. E ele adotou um cacoete lingüístico, que o repetia a toda hora:

— Índio não se mete em guerra de branco.

Já tem alguns meses que Mem de Sá viaja no rumo do Brasil. Ele se preocupa porque até então fora um homem dos livros, não da guerra, com carreira universitária e um pouco conhecimento da administração. Há quem diga que era "grande soldado como católico". E não "parecia mais capitão que religioso", sendo que com tais "qualidades alcançou muitas vitórias dos gentios inobedientes".

Mas reconhece Rocha Pitta que o capitão-geral, ao defender os "feudatários" para que tivessem "liberdade do cativeiro", o que era uma necessidade administrativa e econômica, acabou adotando tal regime "por tirania". E "publicou gravíssimas pe-

nas, que a ocasião fazia parecerem rigorosas, mas o tempo mostrou que foram úteis e não puderam deixar de ser necessárias".

Mem de Sá ainda se encontra em alto-mar, nos comecinhos de outubro, quando Diogo Álvares e três de seus filhos, Marcos, Manuel e João deixam a Vila Velha para uma caçada de caititus. O já encanecido Caramuru nunca deixara de adestrar os filhos e até as filhas, porque ele sempre dizia que os tempos "eram difíceis e duros de manobrar".

Aquela caminhada, no alvorecer do dia quatro, fora mais uma viagem, sem Diogo saber, de recordação do passado e nostalgia pelos belos primeiros e agitados tempos em que viveu com Paraguaçu. Nostalgia sentida, porque a aldeia da Pluma Grande não mais existia. Em seu lugar, uma tosca vila de negros cativos e mais alguns mestiços que não queriam se envolver diretamente com os portugueses da Bahia.

Parados numa pequena elevação de terreno, olhando para as miseráveis cabanas, Diogo diz para os filhos, na língua de sua bela Paraguaçu:

— Uyrá-ok-usú okarantín... Tirú mbaé, y-eté, tatá, pirá, ybák, kuaracy, jasy, amã...Tupã... (Aldeia da Pluma Grande... Aqui tive tudo, água, fogo bom, peixe, céu, sol, lua, chuva... Tupã...)

Armados de machadinhas, como no passado, pai e filhos investem contra uma imensa vara de porcos-do-mato. Marcos é um exímio caçador e quase não deixa caititu vivo para os irmãos. Caramuru se ressente de uma corrida em terreno irregular. Caído com as mãos no peito e arfando como se estivesse sendo sufocado, é socorrido pelos filhos e levado de volta para sua casa.

O percurso de volta é relativamente grande e Diogo Álvares entra em coma. Na Vila, um jovem pajé, filho de Karnapió e o físico de Tomé de Sousa, que vivia na Bahia, Jorge Valadares, nada puderam fazer. Um jesuíta, remanescente das hordas de Manuel da Nóbrega — este e José de Anchieta já tinham ido para São Vicente —, completa o triunvirato de "feiticeiros" que tentam salvar o Caramuru.

Ao faltar-lhe o esposo, naquele magoado 5 de outubro de 1557, sentiu Catarina Álvares profunda dor.

Alberto Silva

Olga Obry diz que Diogo Álvares Correia foi sepultado no Mosteiro de Jesus, o caixão levado pelos amigos e parentes, um verdadeiro cortejo de saudade e dor, Paraguaçu "envolta num véu à moda portuguesa acompanha o féretro apoiada nos braços da filha..."

Desde então, Paraguaçu "entregou-se ao culto nobre da sua pungida recordação" e nunca mais se casou. Ainda bela na sua idade provecta, "ereta como uma bela palmeira dos trópicos", não foram poucos os fidalgos, os "feudatários", capitães e até flibusteiros que lhe quiseram fazer a corte. O interesse dela, naquele "magoado" dia, era construir uma bela igreja, onde pudesse repousar, para sempre, ao lado do amado. E assim é erguida a ermida de Nossa Senhora da Graça, "junto à Barra que é farol e guia aos mareantes", e sintetiza Clemente Nigra, "feita por uma índia das do Brasil".

A igreja, por outro lado, ficaria perto da residência do casal primevo da colonização do Brasil, e também próxima às moradias de seus parentes mais chegados: "perto da casa fortificada do Caramuru moravam os seus dois genros; à direita, isto é, na região da atual Praça da Vitória, Afonso Rodrigues, casado com Madalena Álvares; e à esquerda, isto é, perto da atual Ladeira do Campo Santo, Paulo Dias Adorno, casado com Felipa Álvares. Assim o nosso Caramuru estava bem situado, pois os dois caminhos, que davam acesso à sua residência, estavam protegidos por estes dois postos avançados".

O novo governador assume o posto em 1558 e vai encontrar uma colônia viciada e viciosa, trambiqueiros, agiotas, a corrupção geral dos costumes. E sabe que ainda há selvagens pelos arredores e mestiços, em mistura com velhos degredados das primeiras levas portuguesas, e de cambulhada os negros que conseguiam fugir do trabalho mortal dos engenhos de açúcar. "Usando toda a autoridade, Mem de Sá conseguiu que os preguiçosos trabalhassem e abandonassem dados e baralhos."

Os jesuítas ajudavam o Governador com a sua catequese, "ensinando aos pequenos índios rudimentos de retórica, humanidades e gramática". A referência histórica relaciona-se com os núcleos de São Vicente e Piratininga, pois no recôncavo baiano já não existiam "pequenos índios" puros para serem domesticados.

Com o açoite e a veemência laboriosa de Mem de Sá, já em 1558, a Bahia produzia mil e duzentos quilos de açúcar por

ano. Mas os negros eram poucos e o braço nativo era incerto e por vezes rebelde. O governo já importava os escravos, mas agora vai passar para as mãos dos senhores de engenho a vil tarefa, "pagando como imposto, em vez de metade, apenas um terço dos direitos de importação". O que era um autêntico maná em relação a incentivos fiscais... E a colônia prospera... e o Brasil vai dominar o mercado mundial do açúcar.

Sem ser um homem de guerra, mais dado aos "exercícios espirituais", Mem de Sá não vacilou em reduzir a cinzas o reduto do francês Villegagnon, na Guanabara, atingindo fundo os tamoios (tupinambás dissidentes) e conglomerados silvícolas do Espírito Santo e São Vicente. Isso porque "nem todos os bugres se curvaram ante o poderio e a organização dos brancos". E numa dessas missões, o próprio filho do Governador perece flechado. Fernão de Sá lutara bravamente ao lado de dois jovens mestiços, Manuel e João Álvares, filhos de Caramuru. Para estes dois, era a definição concreta que dizia de que lado estavam. Saudosos do pai e respeitosos quanto à mãe, agora "viúva mui honrada", que alguns mestiços e colonos não mais chamavam de Paraguaçu, mas de Guabímpará (Grande Velha), eles se juntariam aos outros irmãos e cunhados, para a preservação do que já parecia consolidado.

Nunca desmerecendo o lado espiritual da colônia, após a deglutição de D. Pero Fernandes Sardinha, o Brasil já tem o seu segundo bispo, D. Pero Leitão. Cansado, exaurido, Mem de Sá passaria dez anos pedindo ao governo de Portugal que o mandasse de volta. "Eu sou um homem só"... dizia. Afinal D. Sebastião nomeia o Quarto Governador Geral do Brasil, D. Luís Fernandes de Vasconcelos.

Mas o nobre fidalgo não chegaria ao Brasil, tendo destino dos mais estranhos. Pela época, dois flibusteiros franceses espalhavam o terror pelo Atlântico e costa da América, Jacques Sore, que usava um gancho de ferro no lugar da mão esquerda, e Jean Capdeville. A frota de D. Luís Vasconcelos, de seis naus, era um acepipe de grande atração. Não propriamente pela carga que estaria levando para o Brasil, mas pelas embarcações mesmas, modernas caravelas que ostentavam inúmeras bocas de fogo. O espanto dos piratas, no entanto, foi grande quando encontraram a bordo nada menos do que quarenta jesuítas, que acabaram sendo "os quarenta mártires do Brasil". Todos foram jogados aos tubarões.

Quanto a D. Luís de Vasconcelos, para a satisfação patriótica e colonial de alguns, "morreu o governador combatendo de espada na mão, antes de tomar posse do governo da terra que lhe fora confiada".

Mem de Sá que há muito se dizia cansado e desesperançado, com um filho e um sobrinho mortos no Brasil, e outro filho, o jovem João Roiz, morto na África, a mulher já falecida, toma da pena e escreve o seu testamento: "Se eu morrer no Brasil, quero ser sepultado no Mosteiro de Jesus da cidade do Salvador, sob uma pedra de seis palmos de largura e oito de comprimento, com uma inscrição que diga que sob ela eu estou sepultado."

Só por pouco tempo a sua vontade é respeitada, pois seus restos mortais acabam viajando a Portugal. Extinguia-se o período dos Governadores Gerais.

8

A MORTE DA UTOPIA

> Dei de armação para o sertão dois negros e uma escopeta e seis libras de pólvora e doze de munição, e o mais necessário que há mister, com o partido de que, trazendo remédio (índios), partir a metade comigo.
>
> *Antonia Ribeiro*

> Faziam aposta sobre quem, de um só golpe de espada, fenderia e abriria um homem (índio) pela metade, ou quem, mais habilmente e mais destramente, de um só golpe lhe cortaria a cabeça.
>
> *Bartholomeu de Las Casas*

1572

D. Sebastião vai dividir novamente o Brasil, agora em dois governos, uma sede na Bahia e outra no Rio de Janeiro. O "rei"

do Norte era D. Luís de Brito, e o "rei" do Sul era D. Antônio de Salema. Para azar dos baianos e brasis, "D. Luís de Brito foi antes de tudo um preador de índios". Com as suas "guerras justas", inspiradas nas campanhas violentas de Tomé de Sousa, criará animosidade mesmo entre os portugueses. Mas o tal governo dual não vai dar certo e D. Sebastião volta ao Governo Geral, nomeando D. Lourenço da Veiga.

1575

Os tupinambás do Caeté ainda estão resistindo em Serigipe. Mas o matador de índios, D. Luís de Brito, está atrás deles, sem trégua. Tukã-açu ainda está vivo e, junto com um filho de Tatuassu, morto em combate, empreende novo êxodo, desta vez no rumo do Maranhão.

1578

O rei D. Sebastião ainda alimenta uma fixação extravagante: em mais uma Cruzada religiosa, combater os mouros no Norte da África. O cardeal D. Henrique, seu tio, não consegue demover o sobrinho de tamanho disparate. Achava o cardeal que seria muito mais interessante cuidar dos negócios no Brasil, reforçando a frota mercantil e bélica. A avó do rei, D. Catarina, é também contra aquela campanha tão distante. Ele desembarca com 18 mil homens armados e empreende uma marcha forçada, exaurindo seus soldados antes de qualquer batalha. E esta foi travada em Alcácer-Quibir, contra as experimentadas tropas de Muley-Moluco. Os portugueses simplesmente foram esmagados como moscas e D. Sebastião, para alguns considerado "um louco onipotente", acaba sozinho entre as lanças dos sarracenos e desaparece para sempre.

1580

O tio-avô de D. Sebastião (este vai virar fantasma e aparecer a muitos portugueses), D. Henrique, fora aclamado rei de Portugal, mas o país passa a ser controlado politicamente pelos espanhóis, num duro golpe para o brio patriótico dos lusos. Os franceses continuam, por toda a costa brasileira, a "namorar"

com os silvícolas, ora sendo seus aliados, ora criando, para eles mesmos, problemas com os colonizadores portugueses. Com a morte do cardeal-rei, D. Henrique, o rei espanhol, Filipe II, através de "suborno, ameaças militares veladas e entendimentos diplomáticos", tenta se apossar do trono português, afinal de contas ele era neto de D. Manuel. Há, no entanto, vários candidatos ao posto, como Catarina de Médicis e outra Catarina, também neta de D. Manuel, duquesa de Bragança. Por fora, o prior do Crato, D. Antônio, personagem curioso da História, deseja o trono de Portugal desde quando D. Henrique estava vivo. A sua origem é bastarda, pois é filho natural de um irmão de D. João III. Empolgado se faz proclamar rei e vai enfrentar Filipe II, que invade Portugal e o derrota. Mas, sempre inconformado com a "união das monarquias ibéricas", tenta voltar e acaba morrendo na França. Os espanhóis vão ficar senhores de Portugal durante 60 anos e Filipe II e os outros Filipes, III e IV, vão manter a draconiana política portuguesa no Brasil. É a era das bandeiras e da penetração do sertão, tempo de "novas cruzadas contra os gentios". Manuel Teles Barreto é o novo Governador Geral do Brasil.

1586

Não se sabe ao certo o ano da morte de Catarina Álvares, a sempre bela Paraguaçu. Para alguns, teria falecido em 1582, mas Serafim Leite dá notícias de um pedido dela a Roma, quando solicitara "uma indulgência para o dia da festa de Nossa Senhora do O", e isso se deu em 1584. Olga Obry dá a data de 1586 para o trespasse de Paraguaçu, enquanto Borges de Barros dá o ano de 1583. Frei Jaboatão, um "especialista" em Caramuru, diz que "não se acha o ano em que ela faleceu". Para o pesquisador Alberto Silva, "Catarina Álvares faleceu depois de 16 de julho de 1586 e antes ou durante o ano de 1589". Documentos antigos dão conta de que Paraguaçu morreu ainda morando na Vila Velha, talvez na mesma casa construída ainda por Caramuru. Na sua lápide mortuária, existente na igreja de Nossa Senhora da Graça (para onde foram também os restos mortais de Diogo Álvares), está escrito: "Sepultura de Catarina Álvares, Senhora dessa Capitania, a qual ela e seu marido Diogo Álvares Correia, natural de Vianna, doaram aos Senhores Reis de Portugal; fez e deu esta Capela ao Patriarca de S. Bento, Ano de 1582".

1594

Os últimos tupinambás, os legítimos, originários da Bahia de Todos os Santos e vizinhanças, estão no Maranhão. Os franceses começam a assediá-los. Um comandante francês, Jacques Riffaut, escamba com os silvícolas e deixa com eles Charles de Vaux.

1612

Talvez tentando imitar a ação religiosa dos jesuítas, os franceses levam para o Maranhão quatro frades capuchinhos, nobres e... soldados. Em breve estão ocupando as ilhas de Ypaunmiri e Ypaun-açu (ilha de São Luís). Nesta, constroem um forte e uma vila. No ano seguinte os portugueses vão reagir, atacando as naus dos franceses. A meta é afastá-los do Maranhão. Jerônimo de Albuquerque, conhecido como o "Adão Pernambucano" por sua vasta estirpe, vai dar alguns guerreiros para acabar com as rebeliões indígenas. Pois é o Jerônimo de Albuquerque, "O Mameluco", quem vai combater e derrotar no Maranhão franceses e tupinambás. Ele tinha um espião, Martim Soares Moreno, que virou personagem de José de Alencar e marido de Iracema.

1615

Forte esquadra portuguesa, comandada pelo capitão-mor Alexandre de Moura, com nove navios e 600 homens, quer assegurar rendição incondicional dos franceses em São Luís. Os tupinambás do Caeté ainda estão atuantes, tanto é que atacam, no ano seguinte, a expedição de Pedro Teixeira, que vinha ao Maranhão, procedente do Pará, pedir ajuda aos portugueses.

1619

Com a presença cruenta dos portugueses no Maranhão, com criação de vilas e fortes, o tuxaua dos tupinambás, de nome Aracaen, tenta ainda se refugiar nos confins do Pará. Acampados próximo à antiga cidade de Belém, eles fazem um levante desesperado, quando conseguem matar quase 300 portugueses, mas as suas baixas são bem maiores.

1621

No dito litoral do Grã-Pará e Maranhão, depois de guerrilhas e batalhas, europeus mercenários e portugueses do Reino, é a epidemia que acomete a todos. Os tupinambás, sem as resistências naturais, morrem como moscas levados pela varíola. Doze mil silvícolas mortos, contam os historiadores. Sem mais mulheres, poucas crianças cheias de vermes, era o fim da orgulhosa nação tupinambá.

"E assim, a costa norte era dos portugueses."

Fechava-se o pano sobre o palco da tragédia.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

OUTROS ROMANCES HISTÓRICOS DE ASSIS BRASIL

Nassau, sangue e amor nos trópicos
Assis Brasil, um dos raros escritores que em nosso país vivem do ofício de escrever, acaba de lançar um fabuloso romance histórico, *Nassau, sangue e amor nos trópicos*, que traz uma nova visão da Invasão Holandesa.

Maria Thereza Cavalheiro (SP)

Nassau, sangue e amor nos trópicos tem uma abordagem original dos registros oficiais, um tratamento peculiar dos personagens e uma interferência singular do ficcionista nos eventos históricos.

Ubiratan Teixeira (MA)

Villegagnon, paixão e guerra na Guanabara
Mesclando fatos históricos com ficção, o autor consegue demonstrar que a atuação do aventureiro e espadachim francês Villegagnon foi tão importante para o desenvolvimento do Brasil, como nação, quanto o papel desempenhado pelo príncipe Maurício de Nassau.

Mário Margutti (RJ)

Assis Brasil é um grande romancista. *Villegagnon, paixão e guerra na Guanabara* é um romance mil vezes melhor do que *Agosto*, de Rubem Fonseca.

Francisco Miguel de Moura (PI)

Tiradentes, poder oculto o livrou da forca
A trama é digna de um argumento escrito por Garcia Márquez para Hitchcock filmar. Mas não se trata do delírio de um

ficcionista e sim de uma hipótese série e escandalosa ao mesmo tempo: Tiradentes fora substituído na forca no dia 21 de abril de 1792.

Moisés Liporage (RJ)

O novo livro de Assis Brasil traz farta documentação sobre as pistas que o levaram a se convencer de que Tiradentes fora substituído na forca.

J. Carlos (AL)

Jovita, missão trágica no Paraguai
Assis Brasil resgata Jovita, do Piauí, um misto de vidente e soldado, que pode se ombrear com Maria Quitéria, Joana Angélica, Ana Néry, Maria Úrsula, Bárbara Eliodora, entre outras.

Roberto Carvalho (PI)

Assis não somente apresenta o drama da vida do personagem, como entra no mérito político e social da Guerra do Paraguai, revelando muita coisa desconhecida pelo grande público.

Nertam Carneiro (AL)

Você precisa ler
A História do Brasil
sobre todos os aspectos.

Impresso na
GRAPHOS
Rio (021) 223-1272
com filmes fornecidos.

307

Rio Fundo Editora
Av. Nilo Peçanha, 50, grupo 2018 – Rio de Janeiro RJ – CEP 20020-100
Tel./Fax: (021) 220-3193 / Tel.: 284-6891

308

Vivendo com os tupinambás, faz pactos com os tuxauas mais sábios, mas a utopia sonhada acaba à deriva. Ele, que fugira da civilização, é novamente atropelado por ela.
Em suma, Paraguaçu e Caramuru - Paixão e Morte da Nação Tupinambá nos dá uma lição soberba da História do Brasil, sem as amarras dos preconceitos da casta dos vencedores, empolgantes páginas que tentam, mais uma vez, resgatar a dignidade do ser humano.

Os tupinambás pouparam Caramuru porque ele não só era amigo, como também porque sua mulher, Paraguaçu, Grande Rio, era filha de seu chefe mais poderoso. ***(Errol Lincoln Uys)***

Vivendo (Caramuru) entre os selvagens amansou-lhes um pouco os costumes e casou com uma jovem bugre, filha de um dos principais morubixabas. ***(A. Souto Maior)***

Obrou, assim (Paraguaçu), ação de heroína... quando ela com seu marido auxiliaram o Governador Tomé de Sousa, que haviam recebido como hóspedes. ***(José A. de Amaral)***

À feição daquela Donzela de Orleans, Paraguaçu conduziu também o nosso povo ao triunfo completo das suas aspirações; foi o seu grande símbolo, o seu melhor estímulo. ***(Pedro Calmon)***

Não se pode imaginar mais castidade do que a companheira de Caramuru, virtuosa Eva de Milton, terna como Hermínia de Tasso. ***(Olga Obry)***